



O BEIJO DE CHOCOLATE

UMA HISTÓRIA DE MAGIA,
RIVALIDADE E PAIXÃO

LAURA FLORAND

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



LAURA FLORAND

TRADUÇÃO:
Marsely De Marco Martins Dantas

ÚNICA
editora

DIRETORA
Rosely Boschini
GERENTE EDITORIAL
Marília Chaves
EDITORAS
Carla Bitelli e
Carolina Pereira da Rocha
EDITORA DE PRODUÇÃO EDITORIAL
Rosângela de Araujo Pinheiro Barbosa
CONTROLE DE PRODUÇÃO
Karina Groschitz
TRADUÇÃO
Marsely De Marco Martins Dantas
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Balão Editorial
REVISÃO
Vero Verbo Serviços Editoriais
CAPA
Aila Regina
ILUSTRAÇÃO DE CAPA
Aila Regina
PRODUÇÃO DO E-BOOK
Schäffer Editorial

Única é um selo da Editora Gente.

Título original: The chocolate kiss
Copyright © 2013 Laura Florand
Publicado por acordo com Kensington
Publishing Corp. NY, NY USA.

Todos os direitos desta edição são reservados
à Editora Gente.

Rua Pedro Soares de Almeida, 114
São Paulo, SP – CEP 05029-030
Telefone: (11) 3670-2500

Site: <http://www.editoragente.com.br>

E-mail: gente@editoragente.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Florand, Laura

O beijo de chocolate / Laura Florand ; tradução Marsely De
Marco Martins Dantas. -- São Paulo : Única Editora, 2015.

Título original: The chocolate kiss.
ISBN 978-85-67028-71-2

1. Ficção norte-americana I. Título.

15-03341

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813.5

Para Mia,

Que sua vida possa ser cheia de magia.

CAPÍTULO I



ERA UM BOM DIA para princesas. A chuva as trouxe para dentro. Uma chuvinha divertida, com dedos longos e finos, anunciando a aproximação do inverno e fazendo as pessoas temerem os ventos nos castelos.

E Magalie Chaudron, mexendo chocolate na cozinha azul do salão de chá, estava orgulhosa de estar abrigada no coração e na alma de todo aquele calor, sem vagar pelas ruas molhadas à procura de um lar.

A tia Aja sorriu para ela com seu jeito quieto, a longa trança preta balançando sobre a seda marrom-dourada da túnica *salwar kameez* enquanto preparava um chá. A tia Geneviève pegara seu guarda-chuva gigante e saíra a passos largos, apenas para provar que aquela chuva não podia confiná-la, independentemente do que causasse a qualquer outra pessoa. Aquilo foi ótimo, porque, sempre que a tia Geneviève começava a se sentir confinada, a cozinha encolhia até ficar do tamanho de um alfinete e os outros ocupantes não eram angelicais o suficiente para dançar em torno uns dos outros.

No minúsculo *salon de thé* na Île Saint-Louis, a primeira “princesa” do dia, uma executiva de cabelo castanho-claro e liso, sentou-se debaixo dos chapéus cônicos que preenchiem três altas prateleiras de madeira nada firmes que ocupavam toda a sala. Sobre a cabeça da executiva, havia um chapéu de palhaço, uma pilha de três coroas minúsculas de papel de festa preto e dourado do Ano-Novo de 2000, e um chapéu no formato da Torre Eiffel que um dia apareceu em uma caixa de correio

com um bilhete de um cliente: “Quando vi isto, não resisti em enviá-lo para você. Obrigado por seu belo refúgio. Ele me trouxe mais prazer do que pode imaginar”.

– Obrigada – a mulher de cabelo castanho disse ao homem de terno em frente a ela quando Magalie levou uma bandeja para madame Fernand, cuja poodle estava (situação rara) enrolada aos pés da elegante senhora idosa e lambendo migalhas em vez de tentar atacar a mesa de todos os demais.

Antes de sair, no momento em que viu madame Fernand aproximar-se da loja, Geneviève tinha espalhado diversas migalhas sob aquela mesa. A grande dama de 80 anos levava o animal a todos os lugares a que ia havia décadas, uma vez que ainda podia se agarrar a provas físicas de seus dias de rainha da beleza e treinar seus cães para se comportarem.

– Isto é perfeito – a mulher de cabelo castanho disse. Tinha um forte sotaque norte-americano, mas falava francês. – Exatamente do que eu precisava.

– Achei que fosse gostar – o homem disse com um sorriso. Ele era velho o bastante para ser pai dela e usava uma aliança de casamento tão pesada e grossa que Magalie ficou surpresa de ele conseguir usá-la. – É uma pausa agradável nas reuniões, não é? Apesar de que elas não devem usar o seu chocolate, Cade.

– Ninguém na França usa nosso chocolate – Cade disse em tom de lamentação. – Esse é o problema. Mas isso... – Ela suspirou e coçou a nuca. Então sorriu e disse: – Se eu algum dia fugir para juntar-me a um circo, este será o circo ao qual vou me juntar.

Circo? Aquele centro completamente estável do mundo? Magalie olhou friamente para a tal Cade enquanto servia madame Fernand. A bandeja de madeira e laca continha uma porção generosa do chá da tia Aja em uma bela chaleira de ferro fundido; uma xícara delicada, antiga e florida com um biscoito minúsculo no pires; e uma fatia de torta de rosas, uma das contribuições de Magalie às receitas do *salon de thé*. A receita de torta foi herdada da avó paterna, e a rosa foi inspirada no perfume de madame Fernand.

– É só um modo de falar – disse a executiva-circense-sonhadora. Elas apelidavam a maioria das clientes de princesas, referindo-se às mulheres que toleravam problemas que não sabiam resolver. No entanto, Magalie estava surpresa com aquela. Ela *parecia* uma mulher forte. – Dá para imaginar? Fazer chocolate excelente à mão em vez de usar máquinas enormes... todo o mistério e magia? Você se sente uma feiticeira. Não é de estranhar que os proprietários chamem esta loja de A Casa das Feiticeiras. Deve ser maravilhoso encantar as pessoas o tempo todo.

O executivo do lado oposto fitava-a com um olhar inexpressivo. A mulher – Cade – percebeu e ajustou a postura, sorrindo pesarosamente, e seu sonho logo afundou dentro de si, escondido sob uma calma profissional e assertiva.

Magalie olhou para ela com desprezo. De que adianta ser assertiva se você está passando por cima de *si mesma*? Na cozinha, olhou com firmeza para a panela de chocolate e, apesar de saber que estava sendo tola e que aquilo não trazia magia de verdade às pessoas, independentemente do que as tias fingiam que acontecesse, desejou presença de espírito para a outra mulher enquanto mexia a panela três vezes com a concha. “Que você possa perceber a própria liberdade.”

Em seguida, bateu outra xícara para o executivo, porque a última coisa de que uma pessoa que usa uma aliança tão grande precisa é “perceber a própria liberdade” ao sentar-se à mesa com uma mulher jovem o suficiente para ser sua filha.

– Dê isso a ela também. – A tia Aja colocou uma chaleira na bandeja quando Magalie começava a sair da cozinha com a xícara. O aroma daquele chá era mais marcante que o de rosa e lavanda de madame Fernand, mais aventureiro. – Algumas nozes são mais difíceis de quebrar do que outras.

Os olhos da executiva pareciam assustados quando inspirou os aromas do chocolate e do chá deslizando diante dela. Estendeu a mão e tocou a xícara de chocolate – grossa, sem asa, com um motivo africano preto-serra –, passando o dedo ao longo da borda.

O sino de prata sobre a porta soou com tamanho encanto que Magalie olhou para ela assustada. Talvez a chuva lhe tivesse deixado de bom humor. As duas mulheres que entraram com o barulho do sino

deviam ser mãe e filha, e a mais jovem era ágil como se estivesse em constante movimento – dança, talvez? O cabelo dourado estava preso por uma fivela descuidada, como o de uma dançarina entre ensaios. A mãe era muito mais robusta, a maquiagem era forte, talvez medo demais de imperfeição, e o corte de cabelo profissionalmente maternal de uma mulher que há muito decidira viver apenas para a filha.

– Ah, *olhe* para isto, querida – ela disse, em inglês norte-americano. – Este não é o lugar mais fofo que você já viu? – Magalie daria a *ela* uma xícara de chocolate que lhe passasse um senso de estética. O lugar não era *fofo*. – Dá para acreditar quanto do mundo você está conseguindo ver?

A filha fechou as mãos, massageando os tendões.

– Hum – ela murmurou. A jovem parecia cansada. Contudo, seu olhar passeou pela loja com curiosidade e uma fome que pouco a pouco era despertada naquele olhar. Foi um olhar que Magalie, depois de ter trabalhado na loja durante todo o tempo da universidade e em tempo integral depois da formatura, viu mais vezes do que conseguira contar. – Não me importaria de ver mais, mãe.

– Bem, nós *veremos*. Meu Deus, querida, você vai fazer uma turnê pela Nova Zelândia e Austrália no mês que vem. Com uma parada em Honolulu! Não deveríamos fazer o noivado no Japão? É um tempo adequado para a viagem de volta. Você gostaria de fazer assim? Não fomos mais lá desde os seus dezesseis anos, não é?

– Eu fui com um grupo da escola para uma apresentação enquanto estava na Julliard – a filha a lembrou.

– Ah, é verdade. Seu pai havia passado pela cirurgia, e eu não pude ir.

As duas mulheres deslizaram para os assentos de uma das mesas na minúscula sala frontal, ajeitadas entre o antigo piano vertical e a vitrine: uma casa de chocolate amargo no meio de uma floresta ameaçadora de árvores de chocolate amargo, enormes e esculpidas rusticamente; a casa estava coberta de violetas, folhas de menta e laranjas, todas cristalizadas, que tornavam impossível não esticar o braço para pegar só um pouquinho. A filha olhou fixamente para o mostruário da vitrine, mas dobrou as mãos, ainda esfregando a ponta dos dedos nos tendões.

Se mais algumas princesas tivessem espinhos, seria ótimo para elas, pensou Magalie com irritação e, de volta à cozinha, balançou a cabeça sobre o chocolate enquanto o mexia. “Que você possa amar sua vida e agarrá-la com as duas mãos.”

A tia Aja retirou a bandeja e, bem no momento em que saiu da cozinha, o sino de prata sobre a porta da frente emitiu um som tão agudo e verdadeiro que atingiu Magalie direto no coração. Ela colocou as mãos sobre os ouvidos para tentar abafar o som, com a concha tinindo no balcão, espalhando o chocolate.

No entanto, o som continuava a vibrar dentro de seu corpo, e ela acabou manchando as botas duas vezes antes de bater no balcão para fazê-lo parar.

Uma voz cálida, não alta, mas tão cheia de vida, que encheu toda a loja, elevou-se em torno de Magalie, chamando sua atenção, e deixando-a nervosa, sentindo o choque da indignação contra a ânsia de estremecer de prazer.

– Que lugar maravilhoso – a voz dourada e cheia de vida pelo riso disse à tia Aja. – La Maison des Sorcières. A Casa das Feiticeiras. Vocês enfeitam todos os que passam por aqui ou encantam apenas as crianças?

Magalie inclinou o corpo para trás, apenas o suficiente para ultrapassar a soleira da pequena porta em arco que levava à cozinha. Pelo segundo arco, aquele que separava a minúscula sala dos fundos da igualmente minúscula parte da frente da loja, ela percebeu os ombros largos e os cabelos pretos. Era uma sensação tão maravilhosa que um pavor repentino apossou-se dela. Se ele desse de ombros, a loja inteira estouraria com eles, como as ripas de um barril explodindo.

Contudo, ele controlava perfeitamente todo aquele tamanho. Nada em torno dele corria perigo, nem mesmo o carretel de chocolate pendurado sobre a caixa do mostruário especificamente para oferecer o perigo de bater na testa de alguém que se inclinasse demais.

Agora *havia* alguém que não precisava da ajuda dela. Ela sorriu para a concha quando a recolheu. O que poderia desejar para um homem tão cheio de vida e poder? “Que todos os seus sonhos mais maravilhosos se tornem realidade.”

O sino de prata soou de novo, desta vez dramaticamente. Era a tia Geneviève que voltara, reservando um tempo para sacudir com energia o guarda-chuva na rua, antes que ele pudesse trazer a chuva para dentro. Agora, duas pessoas de personalidades fortes dominavam o ambiente da loja e, por um segundo, Magalie sentiu-se como um *marshmallow* sobre o qual acabara de se sentar um elefante.

– Não, desculpe, nada para mim – disse a voz cálida para as tias. – Eu apenas precisava espreitar. Da próxima vez, virei realmente aqui. – Ele riu, e Magalie finalmente deixou-se levar e tremeu de prazer de forma extravagante. – Prometo que ficarei e deixarei vocês me enfeitarem.

O sino de prata soou de novo, desta vez mal-humorado.

Magalie saiu da cozinha, apressando-se para os arcos na sala frontal. Entre as árvores sombrias de chocolate, ela notou olhos azuis vívidos olhando em direção à loja. O dono dos olhos não conseguia vê-la fitando-o, escondida como estava pelo ângulo da luz. Gotas de chuva caíram na cabeça dele, que se sacudiu como um leão que brada o próprio nome, dizendo algo ao homem de terno à frente. Então avançou a passos largos.

A tia Geneviève arqueou as sobrancelhas, desfilando a túnica em sua silhueta de um metro e oitenta centímetros para dominar ainda mais o espaço quando ela se virou para olhar para ele com interesse.

Magalie voltou à cozinha com todo o corpo relaxado de alívio. Ela não sabia o que quase tinha acontecido ali, mas, graças a Deus, não tinha acontecido. Absorta, ela pegou a xícara de chocolate que estava preparando para o homem--leão, embalando-a nas mãos enquanto bebia dela.

O calor da xícara desceu até ela.

– Sabe, eu deveria ter-lhe emprestado um guarda-chuva – murmurou vagamente. Alguns dos guarda-chuvas que as princesas se esqueciam de levar consigo ao sair eram realmente muito bons.

– Se você entregar alguma coisa àquele homem, é melhor que seja um presente, porque, se ele gostar, não vai devolver – disse tia Geneviève, escorando o guarda-chuva preto contra o arco da cozinha. Mesmo dobrado, ele chegava ao ombro de Magalie. Geneviève era a relação de sangue de Magalie com as tias (era irmã de sua mãe), mas

ninguém diria isso pela diferença de altura. – De uma forma ou de outra, é bom que gatos como ele se molhem de vez em quando – Geneviève murmurou.

CAPÍTULO 2



MAGALIE ESTAVA ENCANTANDO as crianças com pedaços de sua casa de chocolate amargo duas semanas depois quando o portador de más notícias chegou abruptamente.

Era o vendedor de brinquedos da loja quixotesca, quatro portas abaixo.

– Vocês ouviram quem virá à ilha? – Claire-Lucy suspirou.

Magalie manteve a calma e continuou a quebrar pedaços da casa e entregá--los às crianças. Mesmo que o próprio Super-Homem parasse para dar autógrafos, a ilha no coração de Paris e o lugar de Magalie nela permaneceriam os mesmos. E isso era o que importava.

As tias queriam um pouco do crédito pela casa de chocolate, mas foi Magalie quem projetou a vitrine de setembro. Era de chocolate amargo puro, claro. Na verdade, elas não *faziam* chocolate ao leite em La Maison des Sorcières. No entanto, Magalie tinha revestido os caixilhos das janelas com fitas longas de casca de limão cristalizada e o teto, com casca de laranja cristalizada. Por todas as paredes da vitrine, ela trançou delicadezas como videiras que floriam, feitas de folhas de menta cristalizadas e pétalas de violeta, ambas pessoalmente açucaradas pela tia Aja, uma tarefa delicada e difícil, que envolvia cobrir repetidas vezes com um pincel minúsculo centenas e centenas de folhas de menta e frágeis pétalas de violeta com clara de ovo e açúcar. Só a tia Aja

conseguia fazer aquilo. Geneviève e Magalie logo começavam a arremessar coisas.

Alimentar as crianças pequenas e facilmente impressionáveis com aquelas delícias muito elaboradas era um dos momentos favoritos de Magalie a cada início de mês. A tia Aja confessara que, as primeiras poucas vezes que ela e Geneviève tinham projetado vitrines elaboradas como aquela, eram jovens e se recusavam a desmontar o trabalho, deixando que o tempo se encarregasse de desfazê-lo com a floração de marrom pálido no chocolate. Naquele ponto, o chocolate não era nem remotamente delicioso como poderia ter sido. A lição, de acordo com a tia Aja, era reconhecer a transitoriedade. No entanto, Magali detestava a transitoriedade e por isso apresentou a questão de outra maneira: as pessoas sempre devem saber quando entregar magia às mãos das crianças que querem devorar a vitrine.

Dessa forma, elas passaram a refazer a vitrine a cada três ou quatro semanas, e, de toda a Île Saint-Louis e das terras do interior de Paris, apareciam crianças na primeira quarta-feira de cada mês – dia em que saíam cedo da escola– arrastando os pais ou as babás pela mão para comer o doce das bruxas.

Na frente da casa de chocolate da vitrine de setembro, perdida numa floresta de troncos de árvores de chocolate amargo, uma galinha preta minúscula alimentava-se em um pequeno jardim. A galinha preta tinha sido elaborada em um dos moldes pesados do século XIX da vasta coleção de tia Geneviève, formada durante uma vida inteira dedicada ao mercado de pulgas. Embaixo e por entre os troncos de árvore de chocolate havia também um cavaleiro de chocolate sobre um cavalo de chocolate branco: um príncipe aproximando-se, talvez para perseguir a galinha preta e ser amaldiçoado, quem sabe para implorar uma benção. Magalie e suas tias nunca contavam a história; apenas iniciavam os sonhos de seus visitantes.

Magalie deu um pouco de videira feita com violeta para Coco, de três anos, que havia implorado por ela, e analisou o portador de más notícias. O dia-de-comer-a-vitrine-das-bruxas de La Maison des Sorcières era o dia de maiores vendas de Claire-Lucy no mês.

– Vocês não ouviram quem vai entrar no lugar de Olives? – Claire-Lucy insistiu. A boca macia estava redonda de horror, e todo o cabelo castanho encaracolado tinha muitos fiapos, como de costume. – É Lyonnais! – Ela olhou fixamente para as tias e Magalie, esperando que se despedaçassem com a reverberação do nome.

Lyonnais.

O mundo aconchegante da loja de chá de Magalie não era cristalino nem frágil, e por isso não se despedaçava sozinho. Era mais como se uma enorme e espalhafatosa bota tivesse chegado chutando a porta e escancarado tudo para a entrada do sol impiedoso.

Magalie estava errada. Muito errada. Talvez o Super-Homem pudesse passar e deixar o mundo dela intocado. Lyonnais, porém...

Ela olhou horrorizada para as tias. Elas também olharam para ela, sobranceiras arqueadas de surpresa ao ver sua consternação.

– Lyonnais – ela disse, como se o nome tivesse esticado os braços e tentado estrangular-lhe o coração. Magalie arregalou os olhos para tia Geneviève. A tia era forte e falava grosso, sendo prática a seu modo. Ela sabia como consertar uma torneira que não parava de pingar sem a ajuda de um encanador. Ela era cabeça-dura. Contudo, não parecia compreender o que se passava ali, e as sobranceiras se erguiam à medida que o desalento de Magalie parecia aumentar em vez de diminuir.

– Lyonnais! – disse Magalie com força, olhando para tia Aja.

A tia Aja tinha uma voz macia e flexível, como um eixo fino de aço temperado. Os dedos arredondados poderiam curar a pior das dores nas costas. Pessoas mal-intencionadas não tinham espaço com ela. A força gentil parecia espremer esse tipo de pensamento para fora da existência, não por destruí-lo especificamente, mas pela própria expansão, até que a loucura não tivesse mais espaço. A cabeça estava sempre tão empinada para a frente que a pior malevolência não conseguia virá-la. No entanto, olhava para Magalie agora com uma preocupação firme, que enrugou o terceiro olho vermelho no meio da testa. Inquietação não porque Philippe Lyonnais abriria uma nova loja logo abaixo na rua, mas porque ela não entendia a reação de Magalie à situação.

– Philippe Lyonnais! – disse Magalie ainda mais alto, como se pudesse forçar a compreensão. – O chefe confeitiro mais famoso do mundo!

Aquele chamado de *Prince des Pâtissiers!* – A ficha delas não caía?

Tia Geneviève bateu o dedo indicador no queixo e começou a se lembrar.

– Aquele jovem que andou misturando coisas com os *macarons* que ele mesmo faz?

Ela falou a palavra *macarons* com carinho, do jeito que qualquer parisiense diria. Sem nenhuma semelhança com o *macaron* norte-americano, que é grudento e recheado de coco. Os sanduíches celestiais de ar e as delícias que eram os *macarons* parisienses eram o teste de qualidade de qualquer chef confeiteiro. E, de acordo com todos os relatos, Philippe Lyonnais os fazia melhor que qualquer outra pessoa no mundo.

– Aquele que veio aqui uma semana destas? – continuou tia Geneviève.

O quê?

– Você não estava por aqui quando ele entrou, Magalie? – ela perguntou. – Ele me pareceu um pouco rude, como se não tivesse tempo para nós. E certamente ocupa muito espaço em qualquer lugar – acrescentou não inteiramente desaprovando, mas também sem intenção de reivindicar o próprio espaço. – Mesmo assim, é bem legal. Se ele conseguir melhorar os modos, você vai acabar gostando dele.

Ela fitou a sobrinha especulativamente. De início, Geneviève ficou confusa ao perceber que Magalie tendia ao sexo oposto em suas preferências, pois sua visão de trazer a sobrinha como aprendiz não tinha incluído nenhum acessório masculino, porém ela já havia se resignado a isso. Talvez o tenha feito mais depressa ainda porque Magalie não saía com homens com muita frequência.

– Hum – a tia Aja emitiu um som longo que queria dizer que ela via problema onde a tia Geneviève via diversão. – Havia muito de leão nele. E ele é um príncipe – ela avisou tia Geneviève apologeticamente, odiando ter de indicar isso.

– Ah – Geneviève parecia desapontada.

Magalie lançou-lhe um olhar sarcástico. Em toda a história do mundo conhecido, nunca houve menção de uma união romântica entre um

príncipe e uma bruxa. Muitas batalhas, muitos membros arrogantes da realeza reduzidos a sapos, mas não muito amor perdido.

O que havia funcionado muito bem com Geneviève. No entanto, dada a insistência da sobrinha pelo gênero masculino para seus afetos românticos, irritava-a que qualquer membro desse grupo, mesmo um príncipe, se considerasse acima de Magalie.

– *Philippe Lyonnais*, o chefe confeitiro mais famoso *do mundo*, está abrindo outra filial da Lyonnais bem aqui na nossa rua. – Magalie tentou dizer a frase em pequenas palavras para ver se ajudava.

Geneviève começou a franzir as sobrancelhas.

– Sabe, isso é meio enervante – ela disse para Aja. – Ele podia ter mais respeito pelo nosso território. *Eu* não abriria um *salon de thé* bem do lado *dele*.

Bem... sim, Magali pensou. Aquela era uma boa maneira de pensar sobre as coisas.

– Mas não acho que isso o tenha deixado nervoso – o realismo forçou-a a admitir em voz alta. – Não creio que isso o deixou mais nervoso do que pisar em um inseto que ele não tenha visto.

Aja alisou a túnica comprida cor terra de siena queimada sobre a calça *salwar*. As sobrancelhas arquearam-se.

– Por que ele *não* nos viu?

Tia Geneviève finalmente encontrou o foco. Ela arregalou os olhos para Magalie com muita indignação:

– Você não acha que abrir uma loja em *nosso* território não o deixou *nervoso*? Você não acha que ele teve de ter coragem? Você acha que ele fez isso sem nem mesmo nos notar?

Magalie acenou com a cabeça:

– Eu acho que ele provavelmente analisou todas as outras lojas na ilha e sua clientela e decidiu que não havia ameaça para ele aqui.

A boca de Geneviève fechou-se com um estalo e, no completo silêncio, Magalie quase podia ver a cabeça da tia explodindo.

Tia Aja acariciou os bordados da túnica suavemente.

– Eu não *ameaçaria* ninguém, é claro – ela disse. – Não desejo nenhum mal a ele. Entretanto, talvez seja melhor, para um príncipe,

aprender logo que olhar onde pisa é uma atitude básica de autopreservação.

Geneviève riu de uma maneira que envergonharia Boris Karloff.

– Eu também não vou “ameaçá-lo”, ele não merece esse aviso.

Magalie respirou com dificuldade. Nenhuma das mulheres parecia ter notado que ele as havia tratado como insetos porque *podia* fazê-lo. Ele poderia roubar toda a clientela delas simplesmente abrindo outras lojas. Não teria de *competir* com elas. Com cinco gerações de *chefs* confeitores atrás dele, Lyonnais se posicionou contra a herança da própria família e contra todos os outros *chefs* confeitores de Paris desde que nasceu, competindo com o *mundo inteiro*, e foi melhor que todos.

– Eu vou falar com ele.

Poderia também ser ela. Pelo menos ela entendia muito bem o que estava acontecendo para estar brava com a coisa certa.

Ambas as tias franziram a testa para ela.

– Por que você quer avisá-lo? Espero que não esteja amolecendo, Magalie – disse Geneviève. – Não é porque ele é fofo, é? Não vejo nada de bom em permitir que um homem, especialmente um príncipe, tire vantagem sobre você só porque ele é atraente.

– E sem ameaças também, Magalie – disse a tia Aja gentilmente. – Lembre--se do ditado: “Você colhe o que planta”.

Tia Geneviève bufou:

– Se alguém tentar lançar como um bumerangue uma ameaça de volta contra Magalie, estou segura de que podemos fazê-lo arrepender-se. – A tia Geneviève acreditava em carma da mesma forma que acreditava em balas de revólver: elas podem existir para as outras pessoas, mas se afastariam dela com toda a certeza.

Aja olhou para ela com ar de reprovação.

– *Enfin*, Magalie pode fazê-lo se arrepender – Geneviève repudiou rapidamente. – Eu só vou... ajudar.

Claire-Lucy juntou as mãos macias e indagou:

– Posso assistir?

CAPÍTULO 3



NA MANHÃ SEGUINTE, Magalie penteava o cabelo em seu quarto todo branco bem acima do chão quando um corvo bateu a cabeça na janela. Ele se sacudiu no peitoril, olhou para ela através da vidraça de forma acusativa e voou dali para queixar-se com uma gárgula na ilha seguinte. Como se ela já não soubesse como seria o dia sem que aquilo tivesse de acontecer para avisá-la. Teria de enfrentar aquelas gárgulas quando cruzasse as pontes em direção ao restante de Paris também.

Ela puxou os metros da cortina etérea branca transparente fechando toda a janela para evitar encontrar quaisquer outros corvos, e foi se vestir. O amanhecer que estivera contemplando não era nada além do mais pálido rosa-amarelado no horizonte de Paris. Era uma das coisas da cidade que a deixava saudosa de seu lar anterior. No sul da França, quando a aurora pairava sobre um campo de lavanda coberto de orvalho, preenchia o coração de qualquer pessoa com beleza suficiente para durar até o fim do pior dos dias. Contudo, a Provença era o local de sua mãe e lá havia cicatrizes demais para Magalie. Ela precisava de seu próprio lugar e foi assim que chegou àquela ilha minúscula no Sena.

Vestiu uma calça preta reta estilosa que acariciava o bumbum e abraçava as coxas, mas mostrava uma linha crespa e clara em volta dos tornozelos. Colocou uma blusa de seda azul esvoaçante porque sabia da importância de um detalhe suave por entre a armadura preta que estava usando. Magalie escorregou para dentro da jaqueta de couro estilo

aviador, lustrosa e curta, que se amoldava a seus seios e a seus braços quase tão bem como uma blusa de tricô. Calçou botas até o tornozelo, sugerindo ser roqueira em seu visual toda de preto e em seu salto alto, porém um pouco grosso, de dez centímetros, uma base maior de poder do que seus outros sapatos de salto alto poderiam lhe dar.

Ela começou a trançar o cabelo fazendo um coque, mas deu uma olhada no espelho e o desfez. O look tinha um ar de romantismo. Ir à cidade com um traço de romance era como ir à guerra com um buraco na armadura bem sobre o tórax. Ela refez o cabelo sem a trança e então desconstruiu o coque o suficiente para parecer casualmente sofisticada, em vez de preocupada demais com a aparência. Magalie sempre gostou da ironia de puxar tufo aqui e ali para dar uma aparência descuidada ao cabelo, mas de modo que ficasse perfeito.

Quando estava de saída, roubou uma pequena bruxa de chocolate da loja para que a ajudasse nas dificuldades.

Descendo as ruas de paralelepípedos da Île de Saint-Louis, caminhava com confiança familiar, sem que os saltos se enroscassem no pavimento entrecortado, encostando-se uma ou duas vezes sobre a calçada para dar espaço à rara passagem de um carro pela rua – o de um habitante rico da ilha a caminho do trabalho ou o de um dono de loja que morava fora da ilha e estivesse chegando naquele momento. Thierry, o florista da ilha, estava colocando buquês do lado de fora da porta. Ele acenou com rosas para ela como uma donzela faria com um lenço de seda ao ver seu cavaleiro partir e prometeu-lhe o buquê mais bonito quando voltasse.

Ao deixar a ilha, um violinista de pé no centro da ponte tocou para ela, que colocou alguns euros no chapéu do jovem para dar-lhe sorte. Ambos os lugares de onde ela viera eram muito menores do que Paris. Mesmo depois de cinco anos, uma parte de Magalie sempre sentia, quando saía da ilha, que estava entrando em um campo de batalha onde suas armas poderiam não ser suficientes.

Ela passou pelos pilares voadores da catedral e cruzou a grande praça em frente, ficando bem longe das gárgulas da Notre-Dame. Era justamente o tipo de manhã em que poderiam derrubar-lhe alguma coisa na cabeça.

Os pombos passavam próximos aos seus tornozelos enquanto ela andava, mas mantinham distância suficiente para mostrar algum respeito. Suas botas e seu caminhar ainda eram bastante firmes ali, pelo menos; nenhum pássaro tinha a expectativa de conseguir migalhas de pão dela. Em um muro baixo de pedras na praça, a mulher dos pombos estava sentada com os braços estendidos e coberta de pássaros, enquanto pessoas de tênis tiravam fotos e jogavam trocados em seu chapéu. Magalie lhe acenou com a cabeça respeitosamente. A mulher sentava-se em silêncio em um lugar de enorme poder e deixava os pássaros comerem sobre seus braços em meio a todos os flashes das câmeras. Nunca valeria a pena ser rude com alguém assim.

Magalie apegou-se à sua singularidade tanto quanto conseguiu enquanto cruzava a Île de la Cité, a ilha irmã, apesar da presença crescente de carros e pedestres. Ela trocou um último olhar firme com o rei verde sobre o cavalo no meio da grande ponte de pedra no fim da ilha, então virou à esquerda e avançou, cruzando mais água em direção à cidade.

O som dos saltos de suas botas batendo no chão começou a se perder no som dos saltos de outras botas antes mesmo de ela acabar de cruzar a ponte. Árvores que farfalhavam com folhas de fim do outono estendiam-se ao longo do rio, formando a fronteira entre Paris e o que ela gostava de considerar o coração da cidade, as ilhas no meio do Sena. Ela deixou a ponte mais velha da cidade, passando pelas sombras manchadas das árvores e então afastou-se do rio e de suas ilhas, indo em direção ao movimentado Boulevard Saint-Germain. Ela queria se aconchegar na jaqueta, mas não o fez. Deixou-a aberta, como era a moda, mantendo o queixo alto e dando à sua marcha um ritmo poderoso e longo de saltos contra o concreto.

Mesmo assim, apesar de seus maiores esforços, quanto mais se afastava da ilha, mais se sentia diminuída. Longe de sua base de poder, Magalie se tornava apenas outra parisiense tentando ao máximo ser a mais brilhante, a mais afiada, fazendo seus saltos baterem mais vivamente, mas perdendo-se entre os milhões que faziam isso igual ou melhor, que tinham mais dinheiro para a moda mais refinada ou pernas mais longas, que não tinham ideia de que ela fazia *chocolate chaud* pelo

qual qualquer um venderia a alma. De verdade. As tias tinham um título assinado pela alma de um ator famoso atrás da caixa registradora de 1920 entre moldes de chocolate, como lembrança do poder de uma *sorcière*.

Em torno dela as pessoas se moviam vivamente, apressadas para fora da cama pelo tempo e dirigidas por ele ao trabalho no meio de uma semana tensa, caminhando com ferocidade. De vez em quando, um turista perturbava o fluxo, ansioso e com brilho nos olhos, na rua já pela manhã bem cedo para absorver toda a cidade, com jornais e câmeras a tiracolo. Diferentemente dos turistas, Magalie não se destacava. De modo nenhum.

No espelho de seu banheiro ela estava excelente, perfeita, exatamente o efeito que queria produzir. Na ilha, buquês de rosas a saudaram com afeto e respeito. Ali, porém... ali ela era somente outro par de botas de salto estalando na calçada.

Quando chegou à loja de Philippe Lyonnais em Saint-Germain, ela era apenas uma mulher de 24 anos com orçamento limitado demais para permitir--se o gosto por moda em uma cidade grande, tensa, educada e sexy.

Ele, contudo... Seu poder estava em todo lugar. O nome de sua família estava na Champs-Élysées, na rue Faubourg Saint-Honoré, ali em Saint-Germain: todos os centros de poder da cidade. Enquanto ela e suas tias seduziam em segredo no coração de Paris, ele estampava sua supremacia sobre toda a cidade e fazia as pessoas o bajularem. Seu brasão de armas era o letreiro banhado a ouro sobre sua vitrine. As linhas requintadas do século XIX da frente de sua loja refletiam as glórias da história de família. Ele vinha de uma longa linhagem de soberanos do paladar parisiense.

A porta da loja proclamava que só abria depois das dez horas. Ela franziu as sobrancelhas e ficou surpresa quando a porta deslizou abrindo-se e deixando-a entrar em uma loja vazia. Esse era o tipo de coisa que acontecia quando *Geneviève* franzia as sobrancelhas a respeito de algo.

O interior era de tirar o fôlego. Painéis de madeira acetinada e afrescos estavam encravados nos botões de rosa entrelaçados, que eram parte da decoração Lyonnais desde que a primeira loja fora aberta, um

século e meio antes. Cabeças de leões rosnavam na moldura em cada canto do teto. Pilares de mármore verde elevavam-se até acima dos mostruários de vidro cintilantes, cujos conteúdos eram mais tentadores do que os da sala do tesouro de qualquer rei e tinham mais cores e riqueza que um porta-joias. As mesas e as cadeiras pareciam vir de um tempo em que as mulheres usavam vestidos suntuosos de vinte metros de seda e os homens inclinavam-se sobre as mãos delas.

A pele dela estava coçando. Ela quis dar meia-volta e ir embora. Alguma presença, nem que fosse de um funcionário, podia ajudar, alguém que pudesse tentar repreendê-la e assim colocar seu orgulho para cima. No entanto, a perfeição opulenta estava vazia.

Alguma coisa lhe congelou no estômago, espessa e doce demais e enjoativa, quando ela percebeu a loucura. Ali, fora de sua ilha, ela era pequena e sem poder. O glamoroso, o famoso Philippe Lyonnais olharia para ela incrédulo. Ele a dispensaria imediatamente. O território dela era uma caverna pequena de um *salon de thé* em uma ilha diminuta. A doutrina dele se estendia por toda a cidade e sua influência alcançava o mundo todo.

Ela colocou os ombros firmemente para trás e para baixo e abriu a porta dos fundos do salão. E entrou em um mundo alienígena.

Era a primeira vez que entrava em uma cozinha de confeitaria profissional ou *laboratoire*. A quantidade de metal surpreendeu-a: as frentes dos armários e dos refrigeradores embaixo de balcões de mármore. Grades de resfriamento em metal. Formidáveis batedeiras de aço. Prateleiras e mais prateleiras cheias de caixas de plástico em cima de caixas rotuladas com os conteúdos. Homens vestidos de branco e umas poucas mulheres movimentavam-se entre paredes de azulejos brancos e pisos também brancos, curvando-se intencionalmente sobre bandejas de metal imensas. Uma mulher marcava vários círculos com uma fôrma em um pedaço de papel vegetal ajustado em uma assadeira de chapa metálica enorme. Ao lado dela, um homem espremia porções de merengue perfeitamente combinadas, fileira após fileira, sobre papel vegetal marcado de forma similar. Outra mulher movia conchas de *macaron* de uma bandeja para um suporte sobre um balcão cheio de suportes.

Múltiplas cores preenchiam aquele fundo de metal: conchas de *macaron* verdes saborosas, algumas de pêssego, outras de romã. Alguém apertou ganache de um saco de confeitar nas conchas viradas para cima. Um adolescente magricelo retirava a polpa de abacates com competência hábil, empilhando as cascas vazias em uma pequena torre.

Parecia que havia uma mistura de piadas e muita concentração, e alguém passou com uma belíssima panela fumegante gritando:

– *Chaud, chaud, chaud!*

Um homem alto riu de repente com o sorriso largo de um leão, a juba jogada para trás, as mãos completamente cobertas com um creme cor de damasco. Um saco de confeitar havia explodido.

O riso dele preencheu toda a sala, abraçando tudo e todos com aquela energia. E o sino da loja dela tocou de novo, puro e claro, penetrando-a até o coração – que doía como o *diabo* – e mantendo-a ali, pálida, para o prazer de outra pessoa.

Philippe Lyonnais. Ela podia não tê-lo notado em sua loja, mas ali o reconheceu na hora.

Mesmo que Magalie nunca tivesse visto o rosto de Lyonnais em centenas de artigos de revistas e entrevistas na televisão, teria reconhecido o governante daquela selva.

Ela fixou o olhar desafiante nele, mesmo sentindo-se pequena e teimosa em sua seda e couro. *Dieu*, havia centenas de *macarons* espalhados por ali, todos perfeitos. Uma vez ela tentou fazer *macarons*, perdeu horas tentando o perfeccionismo e acabou jogando o resultado murcho e seco no lixo. E ela não tinha nem ideia do que seria feito com aqueles abacates. De repente, porém, surgiu-lhe um desejo intenso de experimentar seja lá o que seria feito com eles.

As habilidades dela eram rústicas e primitivas. Ela fazia chocolate quente delicioso. No entanto, certamente qualquer um o faria também, caso se dedicasse a isso. Não era difícil. Puro chocolate Valrhona, leite e creme, ou às vezes água, uma pitada de tempero... e aquele sorriso lento que surgia nela quando mexia... Não era nada difícil.

Estava irritada por ter ido como uma pedinte humilde ao palácio de um tal príncipe. Não sabia fazer o papel de pateta.

Ela imploraria um benefício para *e/e*? Para o grande e vívido senhor de tudo o que via? O riso era profundo como o ronronar de um leão, preenchendo a sala com aquelas vibrações. Os pelos do braço dela se arrepiaram, o que não era nada bom.

Mais uma vez, quis abotoar a jaqueta e fechar o couro sobre a cinta da túnica de seda fina para proteger seus pontos fracos. Entretanto, novamente, o gesto de optar pela autodefesa em prejuízo da moda seria admitir a própria vulnerabilidade, de modo que levantou o queixo e recusou.

Lyonnais a avistou no momento em que Magalie levantou o queixo. Apanhados no meio do riso, os olhos azuis brilharam de alegria ao encontrar os dela. As sobrancelhas se levantaram e ele pegou uma toalha para limpar o creme de damasco. Ele a olhou de cima a baixo e depois focou seu rosto – focou atenta e *vigorosamente*. Ela reconheceu aquele olhar. Já conhecera alguns homens que quiseram se aproximar dela. Na verdade, diversos homens desde que se mudara para Paris. Esses encontros apenas lhe indicaram que ela não era muito feia e estava em idade de casar.

Ele se virou e todos os demais, que tinham talvez pensado em perguntar o que ela queria lá, saíram de cena. Voltaram às suas tarefas, aguçando o paladar de Magalie em segui-los em um concurso de sabores. Aquelas coisas redondas douradas se tornariam *macarons* de caramelo, ou de manga, ou...?

– Posso ajudá-la? – Com essa pergunta, Philippe Lyonnais deixou clara a propriedade daquele mundo e o direito de deixá-la passar ou de levá-la para fora. Ou de permitir sua entrada e então fechar as forças em torno dela e nunca mais deixá-la sair.

Magalie estava bem longe de seu território e ele nem tinha notado que esse território existia. Lyonnais teria feito seu grande ganhão branco pular sobre as cercas dela e cavalgar sobre o jardim sem notar que teria matado a galinha preta que ela amava.

É claro que ele não iria ajudá-la. Uma sensação de raiva tomou conta dela: raiva de Lyonnais e de si própria, por estar ali, humilhando-se por nada e diante *dele*. E a vida intensa daquele homem preenchendo aquele lugar notável e movimentado. A disciplina e a intensidade que

arrancavam elogios de todos os cantos do mundo. Magalie achava que as fotos das revistas exageravam o apelo sexual dele, com maquiagem e iluminação e poses.

Todas aquelas fotos não eram *nada* em comparação com a realidade. Eram apenas imagens estáticas, pálidas e em pose. Ele nunca foi fotografado sorrindo.

Ela não se sentia como Magalie Chaudron, uma feiticeira da Île Saint-Louis que tinha nas mãos a magia das bebidas de chocolate. Ela estava se sentindo como a Cinderela no baile, consciente de que seu lindo vestido era, na verdade, um monte de trapos cobertos de cinzas e fingimento, e ansiosa para escapulir antes que o príncipe a visse.

Ela *odiava* aquele sentimento.

Contudo, ela *era* Magalie Chaudron, mesmo que não se sentisse assim, e por isso falou com firmeza e calma. E também com um pouco de frieza para puni-lo pelo efeito Cinderela.

– *Monsieur* Lyonnais?

Ele estendeu a mão. Isso a surpreendeu. Ela não esperava cortesia nem contato. Principalmente quando o contato mandava lampejos de calor pelo braço, lampejos rápidos demais para que ela reunisse suas defesas. Os lampejos percorriam todo o corpo dela, e as defesas tentavam alcançá-los com dificuldade, gritando *pare, pare, pare*, em vão.

– *Oui*. – O aperto de mão era forte e delicado ao mesmo tempo. O quê? Ela parecia tão pequena no mundo de Lyonnais que ele achava que devia ser *delicado* com ela?

Ela olhou para a própria mão depois que ele a soltou. Certamente aquela mão já estivera completamente coberta antes. Por que ela nunca percebeu? Magalie ainda estava sentindo os calos da mão de Lyonnais em suas articulações. Parecia que o calor ainda estava lá, e sua mão esquerda congelada se contraiu de ciúmes.

Ele a acompanhou até os fundos, para um escritório minúsculo se comparado ao espaçoso *laboratoire*. Havia pilhas de livros por todo lado, amontoados sobre a escrivaninha, nas prateleiras ao redor: eram livros excelentes de cafeteria, cheios de fotos bonitas de arquitetura e minúsculas brochuras impressas com nomes como Prévert e Apollinaire. O *laptop* estava deslocado para um lado da mesa e bem no centro estava

o que parecia ser um manuscrito impresso, com uma caneta deitada no meio e pequenas marcas que corrigiam detalhes na folha. Aromas do *laboratoire* enchiam o ar: morango, damasco, açúcar quente e manteiga. O estômago roncou de fome, com a bruxa de chocolate que ela tinha comido reduzida a nada.

Ele se virou, ficando no mesmo lado da escrivainha onde ela estava, tornando a sala ainda menor. Mesmo sobre saltos de dez centímetros, ela mal alcançava os ombros dele.

Lyonnais tinha ombros largos. Ele não era apenas alto, era grande. Amplos ombros e pulsos fortes e mãos grandes e quadradas. A jaqueta de corte reto de *chef* escondia o restante de seu corpo, e ela tentou fingir que a folga na jaqueta ocultava a barriga. Aquele homem tinha um maxilar limpo e forte demais, não combinava com barriga.

De súbito, ela teve vontade de desabotoar a jaqueta dele. Só assim poderia saber com certeza o que havia por debaixo dela. A sala era tão *pequena*, e ele a fitava com tanta atenção.

Magalie se firmou nas botas de salto alto e no próprio corpo com orgulho:

– Eu sou Magalie Chaudron.

Ele sorriu para ela. O ardor daquele sorriso deu aos olhos dele o azul do céu, que parecia percorrer o corpo dela como a língua de um gato lambendo creme.

– *Enchanté, mademoiselle* Chaudron.

Ele falou como se realmente estivesse encantado.

– De La Maison des Sorcières – ela disse.

Demorou um segundo, mas ele entendeu.

– Ah! – Ele estendeu espontaneamente a mão com vigor e apertou a dela de novo. Sem querer, a mão direita dela contorceu-se de deleite. A esquerda seguia dobrada com indiferença sobre a coxa. – Então seremos vizinhos.

Os olhos de Lyonnais brilharam aliviados com aquele pensamento e sutilmente, bem depressa, passearam por todo o corpo dela de novo antes de voltarem para o rosto. No entanto, todo o corpo dela sensibilizou-se. Uma curiosidade vaga e ardente insistia em permanecer

em lugares como os mamilos contra a seda e, pior, o ponto de pressão entre o sexo e a costura da calça. “O que ele viu quando olhou para ela?”

– Espero que não – disse ela categoricamente, e a expressão quente de Lyonnais se desfez.

– *Pardon?*

Magalie não conseguia falar como se implorasse uma dádiva. Em vez disso, ouviu a si própria dizendo fria e claramente:

– Acho que você está cometendo um erro ao tentar mudar-se para a ilha.

Ele não alterou a postura, mas algo lhe percorreu o corpo e toda a percepção da força dele naquele espaço pequeno mudou. Os olhos até então quentes lançaram-se sobre ela de maneira diferente: avaliando e descartando um desafio insignificante.

Isso a fez arder de raiva.

– Você acha? – ele disse com indiferença.

Indiferença e insignificância. A ira cresceu nas mãos, fazendo-as coçar para fechar os punhos e socar contra a crença de Lyonnais de que ela era insignificante. Magalie cravou as costas das mãos sobre as coxas.

– Acho que você não percebe como somos bem conhecidas lá. As pessoas vêm da cidade toda, do mundo todo, para o nosso *salon de thé*. É... especial. – Como fazê-lo perceber quanto era especial se ele não via e não sentia aquilo por si próprio?

– Que coincidência fascinante – ele disse com frieza. A cabeça dele estava alta com aquela bela juba de leão castanho-clara encaracolada na nuca. A arrogância aparava e polia as palavras, exibindo seu berço privilegiado. – As pessoas fazem o mesmo comigo.

Ela cravou as costas das mãos com mais força sobre as coxas, forçando-se a ser racional.

– Exatamente. É por isso que seria melhor para todos os envolvidos se você buscasse outro território.

Muito bem. Aquilo soou bem neutro, não é? Não o estava mandando embora nem implorando que ele não fosse para lá. Era um ponto difícil de negociar e ela não queria resvalar para o lado da humildade. Não queria mesmo.

Lyonnais arqueou as sobrancelhas e pareceu muito aristocrático: sua alteza, o senhor da selva.

– Você está dizendo que eu posso não ter sucesso a algumas quadras de você?

Ela desejou isso.

– Acho que você vai competir com uma clientela bem estabelecida.

As pontas afiadas dos dentes de Lyonnais apareceram um pouco.

– É o que eu geralmente faço.

Como naquele ditado: *Onde eu estou, não tem para ninguém.*

Os olhos de Magalie se comprimiram, e a raiva agora não era apenas um punho fechado, mas pontas cortantes que sabiam exatamente onde apunhalar.

– Se você acha que pode entrar lá e tentar nos tirar do negócio, eu o aconselho a reconsiderar.

Ele inspirou fundo, como se ela tivesse tocado num ponto provocador.

– Você está me *ameaçando*? – ele perguntou com um sorrisinho torto e prazeroso. Um sorriso que dizia: *Ah, Deus, o camundongo minúsculo foi rude. Agora tenho de comê-lo de aperitivo.*

– Não – Magalie tentou mentir. Ela prometera à tia Aja que não ameaçaria. No entanto, o sangue de tia Geneviève impôs: – Você não merece ser avisado.

Os olhos de Lyonnais se comprimiram e as pupilas se dilataram. Ele mordeu o lábio inferior com as pontas dos dentes como se a estivesse provando.

– É *mesmo*? – A última palavra saiu como uma carícia com fome. *Camundongo minúsculo, é muito gentil de sua parte oferecer-se ao meu paladar entediado.*

– Minhas tias estão lá há quase quarenta anos – ela disse com a raiva chicoteando. – Nós chegamos primeiro.

Lyonnais inclinou a cabeça. Os dentes eram muito bonitos, afiados e brancos, e pareciam poder cortar qualquer coisa.

– Que consideração a sua vir me dar as boas-vindas na vizinhança.

Ela rangeu os dentes. Poderia ser bem trabalhoso lidar com ele, mas Magalie poderia acabar com ele também se pusesse isso na cabeça.

– Você não é bem-vindo. Se insistir em vir para o *meu* território, sem nem mesmo pedir licença, vou tratar para que você se arrependa.

Ele deu um passo à frente. Os olhos brilhavam, varrendo o rosto dela de cima a baixo até a garganta. De súbito, sentiu-se exposta demais. Contudo, não conseguia abaixar o queixo. Naquele escritório tão pequeno, a distância entre eles certamente permitiria que Lyonnais a agarrasse com aquelas mãos grandes. Alguma coisa nos olhos dele deixava isso bem claro.

– *Seu* território? Você está me dizendo que eu deveria *pedir sua permissão* para abrir uma loja lá?

Ela deu meio passo na direção dele. Magalie gostaria de ter dado um passo maior, mas, dado o tamanho do escritório, era tudo o que podia fazer sem encostar nele.

– Certamente haveria maneiras melhores, mas para você isso seria negado.

Ele balançou a cabeça com força. O olhar voltou à garganta dela e depois para os olhos.

– Você se apresentou, mas talvez eu devesse ter feito o mesmo. Eu sou *Philippe Lyonnais*.

Ela não conseguiu evitar o escárnio, pois a incrível arrogância no modo como ele disse o próprio nome não permitia ser tomada passivamente.

– Ah, então devo me curvar em reverência agora?

Eles se entreolharam de forma intensa. Por um momento, não havia mais nada na sala, além da guerra dos olhares intensos e uma sensação de que, caso qualquer um dos dois perdesse, seria... delicioso. Devagar, com cuidado, ele inspirou profundamente e chacoalhou os ombros, realinhando os músculos.

– Talvez estejamos tendo um mau começo.

A colocação ficou tão hilária naquele contexto que um meio sorriso abriu caminho bem no meio da zombaria dela.

Lyonnais olhou pasmado e vacilante para o rosto dela e apareceu em seus lábios uma insinuação de um grande sorriso, ainda que de esguelha. Ele a pegou pelo cotovelo abruptamente e a levou para fora do escritório. Um cavalheiro acompanhando uma dama para a carruagem ou um

segurança afastando um bêbado?, ela pensou secamente. A mão dele transformou a armadura de couro maleável da jaqueta de avião em um monte de nada entre seus corpos.

Ele parou ao lado do balcão de mármore comprido no qual estava trabalhando quando Magalie entrou. O saco de confeitaria que explodira sobre ele ainda estava onde o tinha deixado. Aparentemente, os funcionários sabiam que ele cuidava das próprias bagunças e não esperava que alguém fizesse isso por ele. Ali perto estavam os *macarons* que Lyonnais estava finalizando.

Ele afrouxou o cotovelo dela apenas o suficiente para recolher uma das metades de suspiro de pêssego ainda quente e fazer um sanduíche dela com a metade inferior, que já estava recheada de ganache de damasco com minúsculos pedaços de damasco ainda visíveis. Com uma mão hábil e rápida, ele salpicou pistache picado tão fino que parecia poeira de contos de fada.

– Posso? – Ele ofereceu a ela na palma da mão, um tesouro para uma princesa, com um repentino sorriso largo, brilhante e confiante. Os olhos dele se acenderam com prazer naquela oferta, com a certeza do deleite.

Quem não tinha ouvido falar dos *macarons* de Philippe Lyonnais? Críticos e blogueiros de gastronomia, revistas, apresentadores de televisão... todos eles sempre deliravam sobre seus famosos doces. Certamente o sabor seria como se houvessem permitido a Magalie usar três mordidas de sua vida no paraíso. Era como se a essência de damasco tivesse vindo beijar um pistache tímido e os dois tivessem decidido sair juntos e abraçar-se.

Se ela mordesse aquilo na frente dele, Magalie se derreteria como uma poça de água a seus pés.

E ele nem notaria. Se Lyonnais tivesse um vestígio de criança dentro de si, poderia aproveitar a aguaceira nos sapatos quando pisasse nela.

Magalie levou o olhar daquela promessa de paraíso para os olhos dele, quentes e intensos.

Ele achava que era *tão* bom? Que tudo o que ele tinha de fazer para roubar a *vida* de três pessoas era oferecer-lhe um de seus doces premiados?

– Não, obrigada – ela disse friamente. *Fria, fria, fria*. Extraíndo toda a força e o aconchego de sua cozinha azul lá longe na ilha, mantendo o calor daquela cozinha próximo e forte dentro de si, Magalie deu-lhe o oposto disso tudo. Sua rejeição.

Ela olhava diretamente nos olhos dele quando falou. E o viu piscar, viu suas pupilas contraírem-se até se tornarem pontos pequenos.

Enfim, tinha encontrado um modo de influenciá-lo.

Ele olhou para o *macaron* e de novo para ela.

– Você não... quer? – Ele soava como se estivesse procurando palavras em uma nova língua que não tinha significado.

Ele não conseguia acreditar no que Magalie tinha feito.

Ela havia recusado *aquilo* que ele segurava na mão, que era o trabalho de toda a sua vida.

O rosto de Lyonnais ficou duro à medida que a frieza dela se instalava, e os olhos azul-escuros pareciam empalidecer com o gelo. Ele colocou o *macaron* de damasco e pistache de volta no papel vegetal precisamente no lugar de onde saíra. E esfregou os dedos devagar, limpando fragmentos de pistache.

Se ele fosse qualquer outra pessoa, ela teria se sentido culpada por causar aquela feição em seu rosto.

Magalie manteve os olhos nos dele e sorriu. Depois, deu as costas para o que era provavelmente a coisa mais deliciosa que jamais encontraria na vida e caminhou para a saída.

E teve a satisfação de ouvir os saltos *tique, tique, tique* em silêncio absoluto atrás de si.

CAPÍTULO 4



PHILIPPE ESTAVA TENDO um bom dia até ser amaldiçoado por uma bruxa. E estava em choque, ainda incapaz de se recompor.

Não acreditava que Magalie tinha rejeitado um de seus *macarons*. Ele o oferecera fresquinho das próprias mãos. Não era apenas a sua receita, mas havia sido *feito pessoalmente por ele*. E ela o recusou.

O *Désir*. Damasco beijado por pistache, com o quadradinho secreto de pralinê de pistache escondido dentro, como um ponto G. Bem, ele não o chamava *le point G* em seus cadernos de marketing, mas, sempre que criava algo, Lyonnais sabia o que estava fazendo: todo doce tinha de ter o próprio orgasmo, o ápice de prazer que chegasse totalmente de surpresa. Era isso o que fazia os olhos de quem os mordida tremerem fechados de deleite.

Seus clientes mais expressivos começavam a fazer pequenos gemidos de prazer já desde a primeira dentada. Ele adorava isso.

Lyonnais gostaria de apossar-se da ira intensa e apaixonada de Magalie Chaudron e fazê-la gemer de deleite. Parecia o mínimo que podia fazer, dado que sua mera existência a enfurecera.

Ela entrou desafiante. Sua armadura de couro estava aberta, mostrando a seda e a fineza por baixo, provocando-o a tocar seus pontos vulneráveis. Como uma isca para fisgá-lo. O queixo levantado e seus olhos marrons tão quentes e tão frios ao mesmo tempo. Como se ela tentasse transformar em uma arma seu desejo ardente de atacá-lo.

Então venha me pegar, ele se lembrou de ter pensado, com o queixo alto e os ombros para trás. *Venha me pegar e veja o que acontece*.

No entanto, ela só tinha atacado com palavras. E palavras não eram justificativa para agarrar a cintura dela por baixo do couro e por cima da seda para, digamos, proteger-se do ataque.

É possível agarrar uma mulher estranha para se proteger se ela o pegar pelo pescoço. Assim daria para sentir o toque daquela seda que cobria músculos, costelas e maciez.

Se ele lhe arrancasse aquelas botas barulhentas, ela não alcançaria nem os ombros dele.

Hum. E ele poderia levantá-la e...

A mente de Lyonnais ia de uma ideia à outra sobre o que poderia fazer enquanto voltava ao trabalho, preenchendo com quantidades precisas de ganache de damasco casquinhas ordenadas sobre uma bandeja. Trabalhando, porém, ele fitou os *macarons*, pela primeira vez em muito tempo, com insatisfação. Havia pensado que aquela receita era perfeita.

Contudo, ela conseguiu recusá-la.



– *Tudo* o que estava em seu poder? – a tia Geneviève perguntou com prazer. – Você disse isso? *Tudo o que estava em seu poder* para fazê-lo arrepender-se?

As três mulheres estavam trabalhando na nova vitrine, que prometia ser impressionante: a cabana sem janelas e apoiada em pés de galinha de Baba Yaga, a famosa velha bruxa dos contos eslavos, completa com uma paliçada de crânios com olhos luminosos – uma dúzia de príncipes decapitados que ousaram opor-se a uma feiticeira. Nas histórias, um crânio tinha caído de uma estaca da cerca de forma que um príncipe astuto podia esgueirar-se para dentro, mas Magalie não pretendia deixar nenhuma abertura. Assim, Baba Yaga poderia mover-se sem problemas para a geração mais jovem, pois era uma bruxa que sabia muito bem como se proteger.

Magalie ficou um pouco temerosa de que a vitrine pudesse assustar as crianças, mas Aja, que crescera com visitas regulares aos templos da Índia, coloridos e às vezes bizarros, olhou para ela com um olhar sem expressão, enquanto Geneviève esfregou as mãos alegremente e acrescentou detalhes ainda mais apavorantes.

– É outubro – ela dissera. – As crianças já vão ter assistido a filmes sangrentos de Hollywood. Então podemos lhes mostrar algo realmente aterrorizante.

Magalie refletiu sobre seu encontro com Philippe Lyonnais e disse:

– Algo assim. Acho que não fui muito conciliadora.

– Espero que não – Geneviève disse. Sobre o calor do aquecedor que estava perto delas na vitrine, ela amoleceu a ponta de um poste de chocolate e grudou um crânio com os olhos brilhantes com pedacinhos de casca de laranja cristalizada que Aja tinha colocado com cuidado. – Conciliadora! Com alguém que está entrando em nosso território sem ao menos pedir permissão?

– Não creio que alguém como ele mereça conciliação ou ameaças – disse tia Aja, balançando a cabeça com firmeza. – Ambas são ruins para você.

– É verdade. Você deu a ele um aviso bem significativo – Geneviève disse descontente. – E não se pode dizer que ele merecia. A não ser pelo fato de ser fofo. Você caiu nessa?

Ela se preocupava muito com a sobrinha. Magalie sabia que toda aquela suscetibilidade a príncipes inquietava a tia, porque ela não compreendia essa fraqueza e a tinha visto derrubar muitas mulheres excelentes.

– Não se preocupe. – As narinas de Magalie dilataram-se de desdém. – Ele não faz meu tipo.

– Você tem um tipo? – Geneviève indagou com excitação, porém de forma distraída. – Pode descrevê-lo para mim? Dizer como ele precisa ser?

– Humilde – Magalie respondeu com firmeza.

Geneviève franziu as sobrancelhas, perplexa. E não surpreendia, pois, mesmo para Magalie, aquilo soou como uma mentira. Os humildes eram

no máximo inquietantes. Toda aquela falta de determinação. Era uma moleza só. Era como conversar com um purê de batatas.

– Você está tentando arranjar um homem para ela ou mandá-lo embora? – Aja perguntou secamente à companheira. Naquele dia, a túnica dourada combinava exatamente com os olhos reluzentes dos crânios da vitrine.

– Não há nada de errado em ser um filtro – disse Geneviève à sua parceira. – Principalmente um filtro como eu. Eu peneiro bem fino. Não sobra problema depois.

Magalie acenou para um menino, um de seus *habitués*, que tinha obrigado a babá a parar e agora estava com o nariz tão grudado na vitrine quanto o máximo permitido pelas boas maneiras severamente ensinadas, ansioso por vislumbrar a próxima vitrine em construção. A babá, uma jovem portuguesa, aparentava estar bastante animada também. Ah, Deus, ela estava tirando a câmera da bolsa.

Magalie lançou-lhe um olhar severo e a mulher (pouco) mais jovem pôs o aparelho ofensivo de volta na bolsa, cheia de culpa. Uma coisa era tirar fotos das vitrines acabadas – isso elas já esperavam –, outra era pegar Magalie com o traseiro para cima, tentando se agachar para fazer três cascas grossas de laranja cristalizada se parecerem um pé de galinha.

– Mas você disse “tudo o que estava em seu poder” ou você disse “algo assim”? – perguntou Geneviève.

Magalie suspirou:

– Acho que só disse que me certificaria de que ele se arrependesse.

Aja e Geneviève entreolharam-se.

– Eu gostei do “tudo em seu poder” – Geneviève disse com melancolia. – Tinha uma aura boa. Como se ela finalmente tivesse percebido que *tem* poder. E pelo menos assim soa mais como promessa do que aviso.

– Talvez – disse Aja. – Não acho que devemos lidar com ameaças de jeito nenhum, mas, se vamos fazê-lo, não há razão para colocar *tentativas* nisso. Você tem de admitir que algumas pessoas usam a frase “tudo em meu poder” para se limitar. Depois, elas podem simplesmente dizer que não estava em seu poder.

Geneviève pareceu ofender-se:

– É da minha sobrinha que estamos falando.

Aja não disse nada. Magalie suspeitou de que estava guardando pensamentos só para si, como sempre fazia. Aquelas duas mulheres, que prosperaram na cidade e em seus *marchés aux puces* e outros mercados e lojas quixotescas, havia tempos começaram a expressar preocupação de que Magalie parecia não se sentir à vontade nas outras áreas de Paris. Elas lhe davam todas as tarefas que tinham de ser feitas fora da ilha e sempre comemoravam em silêncio – ou, no caso de Geneviève, às vezes em voz alta – quando a sobrinha saía para comprar roupas. Entre o amor pela moda e as tarefas, Magalie era fisgada para fora da ilha pelo menos duas ou três vezes por semana. Ela se fartava de buscar roupas na cidade.

No entanto, era verdade que sempre parecia deixar um jardim seguro e pacífico para dirigir-se à guerra lá fora.

Ela começou a trabalhar no segundo pé de galinha com os dedos pegajosos e contemplou com atenção o número crescente de crânios.

– Ele pareceu pensar que eu era alguma camponesa em que poderia mandar – Magalie murmurou como um cão com o osso entre os dentes.

Geneviève balançou a cabeça severamente.

– E ele parecia um jovem muito bom também. Se gosta desse tipo de coisa. Camponesa! Sabe, acho que não devemos deixar *nenhuma* estaca sem crânio.

– Sempre deve haver uma estaca sem crânio – Aja indicou. – Deve-se deixar uma entrada, caso o príncipe seja esperto o suficiente para encontrá-la. Essa é a história.

Geneviève bufou:

– Só porque Baba Yaga ficou descuidada quando envelheceu, não significa que *nós* temos de fazer o mesmo.



Era outubro, Philippe lembrou a si próprio, olhando a vitrine de La Maison des Sorcières. Talvez ele estivesse enganado ao tomar aquela

vitrine de modo pessoal. Um piscar de olhos e um aceno de cabeça para o Halloween norte-americano poderiam explicar os crânios de chocolate nas estacas de chocolate, os pedacinhos minúsculos de casca de laranja cristalizada, que faziam os olhos dos crânios brilhar, os pés de galinha de casca de laranja projetando-se debaixo da casa de chocolate, imitando toras de madeira, sem portas e sem janelas, protegidas pelas estacas e pelos crânios.

Aquela casa das bruxas, o *salon de thé*, encantou-o no momento em que o viu e tinha sido um fator importante na escolha da localização da nova loja. A Île Saint-Louis foi uma escolha natural, uma ilha luxuosa no centro de Paris à distância sedutora de apenas uma ponte de uma das maiores atrações turísticas da cidade, a Notre-Dame. A loja dele sempre constou de todos os guias como um dos dez melhores lugares para visitar em Paris; como um gesto educado, ele podia tornar melhor a vida dos turistas de fim de semana e não forçá-los a escolher entre ele e a Notre-Dame. Afinal de contas, aquela velha catedral já passara por muita coisa, de revoluções a guerras mundiais, e ele não queria que ela se sentisse ainda pior.

Contudo, aquela ilha parecia tão pacífica e bem-aventurada. Toda a tensão de seus músculos relaxava sempre que ele entrava ali, como se o tempo o tivesse libertado e ele tivesse ido para um mundo idealizado do século XVII, em que todos tinham dinheiro, tempo e os confortos da eletricidade. Mesmo com todos esses fatores, porém, ele pesquisou outros lugares, antes de comprar o espaço ali; a área dos Jardins de Luxemburgo foi um apelo. Depois, caminhando por aquela rua, viu a vitrine das bruxas.

E se apaixonou por ela. Tão diferente do glamour que o rodeava, mas tão encantadora. Lyonnais gostou da ideia de estar na mesma rua, logo abaixo de La Maison des Sorcières. Sim, apenas o nome dele seria suficiente para dar a uma rua como aquela toda a distinção necessária. No entanto, aquele lugar peculiar e encantador era como a essência de um perfume, como algo que se descobria mais tarde e que conferia riqueza à vizinhança, tornando-a um lugar em que as pessoas vinham para ficar. E *e/le* queria ficar lá.

Nunca lhe ocorrera que as *sorcières* não iam se entusiasmar com sua chegada. Magalie Chaudron não tinha nem ideia dos benefícios que o nome dele lhe traria.

Magalie Chaudron... Seda, botas e couro, queixo em ângulo e olhos quentes e castanhos, e tudo isso em um pacote que ele podia levantar quase sem esforço, o que era bom, porque, quando ele a beijasse, teria de levantá-la, e ele não ia ficar lá muito tempo.

Entretanto, primeiro ela teria de lamentar o momento em que desdenhou seus *macarons* e lhe deu as costas. Ele a faria desejá-lo antes.

Lyonnais olhou com cuidado as estacas com os crânios e deu um sorriso de satisfação rápido e lúgubre. Em um canto impossível de ver de dentro da loja e difícil de localizar do lado de fora, um dos crânios tinha quebrado o selo de chocolate que o prendia à estaca, e rolado para um canto da cabana de madeira.

Sua mãe, a psicóloga junguiana que se apaixonou por um conto de fadas real, que era o pai dele, adorava ler histórias para ele e sua irmã quando eram crianças. Com isso, Lyonnais sabia o que um homem pode fazer com um crânio que falta na barricada de Baba Yaga.

Encontrar o caminho para entrar.

Um sininho prateado soou quando ele abriu a porta e entrou.

Ele encontrou coisas estranhas ao mover-se pela loja vazia. Só podiam ser coisas estranhas, disso ele tinha certeza. E ficou um pouco surpreso por elas não estarem voando em direção à sua cabeça.

Entretanto, não: ele entrara sem ser anunciado e até agora nada, nem ninguém, o estava bombardeando. Lyonnais pôde deter-se por um momento e observar coisas que não havia visto antes. A balança cor-de-rosa antiga em cima do mostruário minúsculo. A natureza das receitas de *tartes au chocolat* dentro dela, um pouco puídas e caseiras, como se tivessem vindo diretamente da cozinha da mãe de alguém. Não de sua mãe, pois as sobremesas deles apareciam quase por magia das cozinhas profissionais Lyonnais, feitas por seu pai ou por um de seus *chefs*. Pela mãe mítica de alguém, porém, uma mãe que certamente existia, o tipo de mãe que deixava os filhos assistirem a filmes da Disney sem pedir uma análise comparativa deles com *les frères Grimm* depois.

Um cavalo marinho gigante de chocolate estava pendurado no teto, girando devagar como se o estivesse convidando a dançar. Um arranjo de moldes prateados de outro século preenchia as prateleiras atrás da vitrine. Um arco torto levava da área de entrada para uma sala adiante.

Uma voz disse:

– *Une minute!* – de algum lugar nos fundos.

Ele sentiu o peito apertar. Alguma coisa tinha acontecido com sua respiração, pois naquele momento tinha de se concentrar para continuar inspirando. Lyonnais quase reconheceu aquela voz. Exceto pelas boas-vindas amigáveis.

Ele passou pela segunda salinha e o espantoso arranjo de chapéus cônicos, incluindo chapéus velhos de papel do Ano-Novo de 2000, um chapéu de aniversário de princesa, um chapéu de uma dama medieval e, claro, alguns pretos com abas largas. Ele olhou para tudo aquilo tentando compreender com o que estava lidando, mas não podia hesitar. Algo o pressionava a alcançar aquela voz e a dona dela, passando pela última porta.

Ele parou bem perto de um arco pequeno que conduzia a uma cozinha minúscula. Três casacos pendurados à esquerda da porta bloqueavam parcialmente a passagem. Magalie Chaudron estava de pé trabalhando no balcão de pastilhas azuis minúsculas que o teriam enlouquecido. Como conseguia manter limpo o rejunte entre as pastilhas? O que ela fazia quando queria abrir alguma massa? Será que estendia um pano todas as vezes? E quão frias as pastilhas ficavam? Como alguém conseguia trabalhar com qualquer coisa que não fosse mármore, ele não sabia. Granito, *à la limite*. Pastilhas azuis pequenas?

Ela estava com duas assadeiras de torta em cima do balcão e passava uma colher sobre o chocolate, com o qual certamente devia ter recheado as tortas. Sem perfeição. Ele teve de se segurar na ânsia de pegar uma toalha branca e passá-la por toda a borda das assadeiras para limpar os excessos da crosta. Ele titubeou um pouco quando viu alguns daqueles excessos de crosta derramarem-se na própria superfície de chocolate. A qual ela não tinha feito de forma perfeitamente lisa. Ela deixara o ganache esfriar demais antes de espalhá-lo e tinha deixado a rota da colher visível. As palmas das mãos dele coçavam tão forte que teve de

enfiar os dedos nelas para evitar agarrar a colher e ensinar o trabalho a ela, uma aprendiz desajeitada.

Atrás dela e tão perto a ponto de, se fosse ele quem estivesse no lugar dela, bater o cotovelo a cada vez que se virasse, havia uma panelinha de chocolate sobre um bocal na posição de fogo mínimo. O aroma partia da panelinha e se enrolava nele. *Chocolat chaud*. Quando foi a última vez que ele tomou *chocolat chaud*? O frio estava chegando, as folhas ficando marrons e a ideia de se aconchegar com uma xícara daquele chocolate quente era muito convidativa.

Magalie estava trabalhando sem sequer usar avental, sorrindo um pouquinho. O cabelo estava penteado novamente com aquela perfeição descuidada que ele vira no outro dia, outro par de botas pretas aumentando-lhe a altura em dez centímetros e ajudando os jeans ajustados a modelarem o quadril. Uma blusa de lã de uma mistura de azul da meia-noite com preto pendia bem sexy de um ombro.

Lyonnais inspirou profundamente o cheiro do *chocolat chaud*, olhou para o quadril dela e depois fixou os olhos na clavícula. *E você queria ensinar o trabalho a ela, uma aprendiz desajeitada? Reveja suas prioridades, Philippe.*

Ela ainda não o tinha visto, pois estava concentrada no chocolate. O peito dele estava apertado a ponto de ter de se esforçar para respirar, e ela não tinha nem notado que ele estava lá?

Ele caminhou para o vão da porta fazendo sua presença preenchê-lo. Ele dominava cozinhas trinta vezes maiores que aquela durante a maior parte do dia. Então, apenas ficou parado no vão da porta como se fosse o patrão.

A resistência dela o surpreendeu pela forma como gradualmente deixou o chocolate. À medida que Lyonnais se fazia presente na sala, o sorriso dela se aprofundou e ficou mais secreto. Magalie levantou a cabeça e um calafrio percorreu-lhe o corpo, como alguém que está com frio e entra em um lugar quente.

Ela olhou devagar para ele, como se acordasse de um sonho bom.

E estremeceu fazendo a colher lambuzar de chocolate a borda da assadeira.

– Permita-me. – Ele não conseguiu se conter. A *tarte* estava a apenas um passo dele. Lyonnais pegou um lenço de papel de uma caixa, que era o que mais se aproximava das toalhas brancas de um profissional, e limpou a borda da assadeira. Uma varredura circular e rápida por toda a borda, eliminando não só o chocolate lambuzado mas também aquelas crostas malditas.

Ele poderia se render à ânsia de agarrar a colher e alisar o chocolate corretamente, porém, ela o olhava como se quisesse bater nele com o utensílio. Lyonnais esfregou o pó esverdeado das migalhas dos dedos e viu os olhos furiosos dela.

Qualquer traço de sorriso em Magalie tinha desaparecido. Ela estava praticamente enfeitando-o apenas com o olhar.

– Que diabos você pensa que está fazendo?

O passo que ele deu até a *tarte* tinha deixado seus corpos muito próximos: o bíceps dele nos ombros dela, a cintura dele nas costelas dela, a coxa dele na cintura dela. Não havia espaço que ela pudesse lhe dar naquela cozinha minúscula. Ele tinha certeza de que Magalie não daria nem um passo para trás, mesmo que houvesse lugar. A inabilidade dela em se afastar deixou-o muito excitado.

– Isso é damasco? – Sobre um bocal apagado atrás do *chocolat chaud* havia uma mistura cor de laranja que tinha uma aparência e aroma suspeitos, como geleia de damasco fresca.

Damascos. A crosta verde de *pistache* moído. Ela havia feito uma massa de *pistache* e recheio de *damasco*. Eram os exatos sabores do *Désir* que ela recusara na semana anterior.

Será que ela havia pensado no que aconteceu? Um sorriso vingativo brotou-lhe nos lábios. Ela se arrependera tanto do que havia recusado a ponto de tentar fazer algo com os mesmos sabores por conta própria?

Se tentou, estava ofendida por ele ter descoberto.

– O que... acha... que... está... fazendo... na minha cozinha? Fora!

A excitação o agitou por dentro. Ele não deveria ter interferido na cozinha dela, isso era inquestionável, pois é a etiqueta mais básica. No entanto, agora que já ocorrera, agora que seus corpos estavam se tocando e ela estava tão brava, Lyonnais teve um desejo irresistível de pressioná-la um pouco mais para ver o que faria. Um sentimento o

dominava, cutucando-o com suas garras por dentro dele, empurrando-o a agir.

– Então, *bonjour* para você também, *mademoiselle* Chaudron. Um dos crânios caiu da estaca.

Ela franziu as sobrancelhas olhando com dificuldade para a vitrine a duas salas dali, completamente escondida pelos ombros dele. E as garras dentro dele riram e tentaram fazê-lo ir adiante. Ele gostou do fato de que seus ombros bloquearam a visão dela. E também gostou de que seu tamanho dominava por completo aquela cozinha. Era perturbador de quanta autodisciplina ele estava precisando para manter algum nível de comportamento civilizado. A autodisciplina era uma de suas maiores forças, de forma que ele não estava acostumado a ter de pensar nisso para fazê-la atuar.

Magalie cruzou os braços, apesar de que isso a fez bater nele de forma agressiva, e levantou o queixo.

– Você veio para pedir desculpas?

Ele ficou boquiaberto:

– Se *eu* vim pedir desculpas? Por quê? Por você ser tão rude?

Ela inspirou com dificuldade e os olhos dele correram sobre o peito de Magalie. Então *ele* teve de inspirar com dificuldade. Talvez sua autodisciplina estivesse fora de forma, pois era pouca e fraca ante aquele leão feroz que estava ficando cada vez mais forte dentro dele.

– Você abre uma loja bem do lado da nossa, como se nem estivéssemos aqui. Entra na minha cozinha e tenta *tomar conta*, como se soubesse fazer isso melhor que eu.

Ele olhou para a *tarte*, incrédulo. Ele não conseguia se conter. Lyonnais *sabia* fazer aquilo melhor do que ela. *Havia* algo atraente na *tarte* dela, é verdade, como uma infância com uma mãe mítica que ele não teve, dado que a mãe dele só punha o pé na cozinha para beijar o pai. Ele não se importaria em chegar em casa do trabalho e aconchegar-se confortavelmente para ver que lhe ofereciam uma fatia daquela *tarte*. Ele se sentiria... amado. Contudo, as *tartes* de chocolate *dele* tinham uma superfície tão lisa que se podia ver o reflexo do próprio rosto nelas.

Os lábios dela se comprimiram diante daquele olhar, um rubor cobriu-lhe a face e os olhos brilharam.

– Você pensa que sou rude porque não fui cortês quando você forçou a entrada? Porque não agradei sua alteza por fazer seu garanhão branco cavalgar sobre o trabalho e a vida de outra pessoa?

O quê? Ele não agiu daquela forma. Ele agiu daquela forma? Ela realmente o via daquele jeito? Lyonnais cruzou os braços com o cuidado de não bater naquele queixo orgulhoso, pois era bem maior que ela.

– Acho que você é rude – ele disse friamente. – Pois você é rude. Mesmo que tenha problemas comigo, poderia se expressar de uma maneira mais correta. Pelo menos você poderia ter aceitado a oferta de paz que fiz.

Ela levantou as sobrancelhas. Apesar de o queixo arrogante estar pouco acima dos braços cruzados, ela mantinha as botas firmes e o corpo endireitado, como um boxeador recusando-se a ceder. O sangue rugia nas veias dele, um rugido de selva genuíno, morrendo de vontade de ser libertado.

– Aquele *macaron*?

Ela disse a palavra com tanto desdém que a cabeça dele quase explodiu. Um xeique de Dubai tinha mandado um jato particular para levar algumas caixas daqueles *macarons* para que seus hóspedes pudessem comê-los o mais frescos possível, isso naquela mesma manhã. Vários astros de Hollywood recebiam-nos via aérea uma vez por semana. As pessoas experimentavam o *Désir* e depois postavam cinco páginas delirantes sobre ele na internet. No próximo fim de semana, ele faria aquela sobremesa para uma festa do presidente da França e nem estava preocupado com isso. Aquilo era *corriqueiro*. Ele era *Philippe Lyonnais*.

No entanto, ele já dissera isso a ela.

– Você se acha muito bom, não é?

Ah... sim.

– Vir intrometer-se território dos outros, tentar roubar os clientes e oferecer um pouquinho de açúcar para acertar as coisas?

– *Un petit peu de sucre?* Um dos *meus* ... – Ele se segurou, mas infelizmente não havia volta. Ele não tinha como retornar e tirar a ênfase da palavra *meus*. O olhar zombeteiro dela o deixou incomodado. – Oferecê-lo a você foi bom para mim. Foi um dos *meus*... quero dizer – ele

truncou a frase e tentou de novo. – Eu fiz aquele com *minhas próprias mã...*

Ela curvou os lábios numa careta.

Ele cravou os dedos no próprio bíceps para evitar colocá-los nos bíceps *dela* e levantá-la do chão. E pensar que ele era conhecido pelo temperamento calmo na cozinha. O *chef* estrela pé no chão.

– Sabe... – Ele respirava sem fazer ruído, sentindo que a voz estava ficando quase gutural. – Você deveria ter experimentado. Apenas uma mordida poderia ter valido mais a pena do que você pensa.

Os olhos dela piscaram fundo. *Sim*. Finalmente ela estava considerando, pelo menos um pouco, se não tinha de fato deixado de experimentar algo incrível.

Ele pensou em dar-lhe outra chance. A pressão estava enorme na sala naquele momento, o choque de dois titãs em um espaço do tamanho de um elevador. Bocais quentes do fogão de um lado, nenhum espaço para erro, e o aroma de chocolate loucamente poderoso, dominando tudo.

No entanto, se ele conseguisse fazê-la provar um de seus trabalhos de arte, então tudo se dissolveria diante dela com exceção dos sabores dele em sua língua? Todos os músculos do pescoço esticado de Magalie relaxariam em êxtase? Aqueles olhos castanhos calorosos se revirariam? Ela o olharia, depois de ter se recuperado da primeira mordida, com os lábios entreabertos e os olhos implorando por mais?

Ela sorriu de súbito. Ele estava tão concentrado em sua visão que demorou um segundo para perceber que Magalie não podia estar sorrindo em relação a algo em que Lyonnais estivesse pensando, porque não havia provado suas iguarias ainda. Ele começou a ficar desconfortável. Havia algo muito perturbador naquele sorriso.

Ela se virou e foi para a panelinha de chocolate quente. Virar-se poderia ser uma rendição, certo? Podia indicar consciência física, pelo menos, e uma necessidade de sair dela.

Lyonnais olhou para a cabeça inclinada dela, o cabelo preto acetinado e o sorriso pequeno no rosto. Ela parecia muito concentrada no chocolate. A mão bem cuidada pela manicure, as unhas, de uma cor

rosa-champanhe, combinavam com o lustro sutil dos lábios, e ela mexia a panela com uma colher de madeira.

Era estranha a fome que ele sentiu com aquela visão. Sem dúvida, já comia bastante açúcar apenas provando o próprio trabalho. E quase com certeza seu trabalho era melhor, pensou com arrogância.

Ela levantou a colher na qual se prendia o chocolate cremoso. Espesso e puro, provavelmente rico em creme e chocolate amargo de alta qualidade, o líquido deslizava pelo cabo da colher. O aroma prometia bem-aventurança. Chocolate e creme e... o que era aquela especiaria? Tão estranha que ele não conseguia reconhecer. Ele sabia identificar se a canela vinha do Sri Lanka ou de Madagascar só pelo cheiro.

– *Enfin, bon* – ela disse. – Se você acha que eu devo pedir desculpas pela *minha* rudeza, talvez seja *eu* quem deva lhe oferecer algo.

Ela mexeu a panela exatamente mais três vezes, mergulhou uma concha e a verteu sobre uma xícara pequena sem asas.

Magalie lhe ofereceu a xícara com um sorrisinho.

O coração dele batia forte, como um tambor que lhe avisava de algo. Ele olhou da xícara para ela. Por que sentia que, se bebesse aquilo, seria transformado em um sapo?

Que bobagem, é claro.

Ele começou a levantar a mão. E levantou-a o suficiente para sentir o calor que emanava do fundo da xícara.

Um pouquinho de açúcar, ela dissera do *Désir* dele. *Aquele macaron?*, com escárnio. E pior, muito pior, aquela dispensa gelada, indiferente, quando ele o oferecera a ela. *Non, merci*. Dispensando casualmente... tudo. E virando-se para sair com os saltos das botas soando como se estivessem pisando nele.

Ele abaixou a mão para longe do calor.

– *Non, merci* – ele disse facilmente, como se aquela xícara não o tentasse nem um pouquinho.

Ah, se a cara dele estivesse daquele jeito quando ela o recusou! Como se ele tivesse levado um tapa? *Putain*, mas ele desejava que não. Ele não era um bebê.

Lyonnais sorriu para ela.

Os olhos de Magalie se comprimiram e lançaram faíscas que queimaram a pele dele. E Lyonnais sabia que o começo que fora ruim estava se tornando pior, mas ele estava *amando* aquilo. Para tornar seu insulto claro como cristal, ele lhe deu as costas e caminhou para a saída.

O sininho prateado soou quando ele passou pela porta. Sua nuca formigou como se tivesse sido tocada por um feitiço.

Ele se voltou para a vitrine com os crânios nas estacas. Era um bom sinal, não era? Poder escapar da cabana de Baba Yaga com a pele intacta?

Por que ele não se sentia seguro sobre se realmente queria aquilo?

CAPÍTULO 5



QUANDO AS TIAS ENTRARAM, Magalie estava brava com um crânio que ficara escondido por um pé de galinha. Foi uma das estacas feitas por ela mesma que tinha perdido o crânio.

– Isso provavelmente é um bom sinal – Geneviève disse animada. – Significa que precisamos do crânio de outro príncipe para essa estaca. Não temos sorte? Há um príncipe insistindo em entrar bem aqui.

Aja olhou pensativa. Magalie torceu o nariz insatisfeita. Ela sabia que queria fazer alguma coisa para que Philippe Lyonnais se desculpasse por ter pensado que ela era uma camponesa, mas, de alguma forma, o crânio dele em uma estaca não era bem o que queria. Se ela apenas cortasse sua cabeça, ele não teria chance de implorar por piedade.

Nem Aja nem Geneviève pareciam perceber que o fato de ele implorar piedade ou colar seu crânio nas estacas era uma *fantasia*. E que, na realidade, a invasão daquele “príncipe” poderia ser o fim do mundo delas.

E se ele tomasse a ilha toda? E se elas perdessem todos os seus *habitués*? E se todos os turistas que poderiam caminhar até a loja delas parassem na dele? *Lyonnais*. Era um nome de parar o trânsito mesmo.

E se o negócio delas fosse destruído? E se tia Geneviève não conseguisse mais pagar os impostos daquele prédio que uma amante lhe dera em escritura havia muito tempo, e elas fossem chutadas para fora da ilha?

Magalie se sentia fisicamente doente cada vez que pensava naquilo. E, com Philippe vindo, isso não saía da sua cabeça.

Uma parte escondida dentro dela sempre soube que seria arrancada daquele lugar. Como poderia se fixar em Paris? Magalie nem era francesa. Havia nascido nos Estados Unidos e fora embrulhada como um pacote para ser levada entre os campos de lavanda de Provença e Ítaca, Nova York, por toda a vida.

Seus pais foram uma combinação feita no céu. O apicultor que se apaixonou pela garota nos campos de lavanda. No entanto, ele estava começando em um cargo ambicioso em entomologia na Universidade Cornell e a ligação de sua mãe com os campos de lavanda da família era tão profunda que ela quase não conseguia viver sem eles.

Um amor que poderia cruzar dois mundos. E cruzá-los e cruzá-los. Meu Deus, eles os cruzaram. A gravidez de Stéphanie Chaudron, longe de seus pais e de seus preciosos campos de lavanda, não foi bem. Ela voltou à terra natal com a filha quando Magalie tinha apenas seis meses. O pai a seguiu dois meses mais tarde, assim que as aulas em Cornell permitiram, e passou o verão com elas. A mãe tinha resolvido tentar de novo e voltou a Ítaca no fim de agosto.

E assim foi.

Do jardim de infância norte-americano até a aprovação no vestibular francês, Magalie tinha passado apenas quatro anos completos, ainda que não consecutivos, em uma escola.

E tinha lidado com isso normalmente. Na verdade, de forma excelente. Os pais tinham tanto orgulho dela que poderiam explodir, pois sua filha bicultural pulava de um mundo para o outro sem tropeçar. Ela falava duas línguas como se fosse nativa, e quase era mesmo. Tinha consciência bem clara de quem era, sempre separada dos outros.

A primeira vez que “voltou” para uma escola que já havia frequentado, depois de um ano em outro país, aos sete anos, estava muito animada. Ela sabia que, quando reencontrasse os velhos amigos, todo mundo ficaria feliz, brincaria, todos a amariam, e eles se divertiriam muito.

No entanto, não foi bem isso o que aconteceu. Havia uma fratura, uma disjunção. Como se ela fosse uma peça tirada de um quebra-cabeça,

mas este tinha vida própria. Ele continuava crescendo e mudando e ela também continuava crescendo e mudando, e quando tentava inserir-se de volta em seu lugar original... não dava certo. Ela precisava se esforçar muito para se encaixar. E isso foi se repetindo várias vezes, de forma que os laços em todos os lados se rompiam e se enfraqueciam. As pessoas que ela deixava para trás sabiam que muito provavelmente ela não estivesse de volta na próxima vez que levassem um fora do namorado ou precisassem de uma amiga para ir ao cinema.

Aos dezoito anos, Magalie procurou duas pessoas que não haviam se aproximado por quase quatro décadas: suas tias Geneviève e Aja.

Ela sempre as conheceu por meio das caixas de chocolate. Chegavam duas vezes por ano, em seu aniversário e no Natal, diretamente de Paris, não importando se Magalie estivesse na Provença ou no norte do estado de Nova York. Carimbadas com uma bruxa voando na Lua. Era como se o original da bruxa tivesse sido desenhado à mão com uma caneta esferográfica por alguém com estilo de desenho angular e secreto, como a letra manuscrita.

– *Ma chère Stéphanie* – todas as cartas começavam assim –, esperamos que esta carta a encontre bem e, se não, este pacotinho vai ajudar. Nosso inverno foi tranquilo até agora, apenas uma do tipo Bela Adormecida e duas Cinderelas, apesar de que eu não chegaria a ponto de dizer que o restante dos clientes tinha a cabeça totalmente no lugar. Contudo, a temporada de teatro foi excelente. Você viu *Medée* quando foi apresentada em Avignon? Preciso dizer que Hupert desempenhou o papel lindamente. Como vai Magalie? Não se esqueça de que você tem de mandá-la para nós quando ela passar no vestibular.

E Magalie arregalava os olhos para os chocolates de sua mãe, escuros e deliciosos, no formato de tapetes voadores, bruxas e cocô de vaca (e o chocolate que brotava palha de casca de laranja). Ela comia um ou outro quando conseguia e sonhava com o dia em que pegaria um trem ou um avião para Paris, para ir trabalhar em um mundo recheado com aqueles chocolates. Em um mundo que permaneceu o mesmo por quarenta anos.

E então um dia ela foi. Magalie ficou nos Estados Unidos no último ano do ensino médio para receber o diploma, foi direto prestar o vestibular francês e entrou na Université de Paris. Passou um último

agosto e o começo da colheita do vinho com a mãe na Provença, fez as malas e tomou o trem para o norte, partindo daquele sul cheio de rosas e lavandas, cigarras, sol e pedras queimadas pelo sol, para Paris. Onde a pedra era tão velha quanto, mas mais encardida, mais cinza, onde nada tinha o aroma de lavanda ou rosas, e onde o mundo era tão cheio de possibilidades que ela quase não conseguia se mexer no começo. Queria menos possibilidades, não mais.

Respirou fundo e começou a longa caminhada para sair da estação, que era fria e enorme, puxando a malinha de rodas atrás de si. Ela tinha preferido fazer uma mala pequena e fazer compras. Em Paris.

Paris.

Ela ia viver em *Paris*. E trabalhar ali e respirar ali. As emoções se emaranhavam numa sobrecarga de nervos, esperança e potencial. Continuou respirando fundo a fumaça dos carros e das chaminés. E caminhando. Caminhando por calçadas cheias, passando por vitrines de lojas bonitas e mesas de cafés lotadas de pessoas aproveitando o tempo maravilhoso.

Ela chegou ao rio formidável, no qual as pontes pareciam braceletes e os palácios, joias.

As tias tinham lhe dado instruções específicas: seguir o rio e cruzar uma ilha cheia de turistas e pombos reunidos diante de Deus. Passar por eles, balançar a cabeça para os vendedores de cartões-postais, proteger a bolsa dos ladrões, e chegar a um jardim pequeno, aconchegado como um segredo atrás da catedral, escondido pelos grandes ônibus de turismo que formavam uma fila de uma ponta da rua até a outra. Lá havia uma ponte em arco que atravessava o rio em uma volta graciosa. E no alto do arco havia um jovem em pé na calçada da ponte. O cabelo longo e dourado estava preso por uma tira de couro na base da nuca. Ele usava uma camisa branca de poeta que se enrugava com os movimentos de seu braço. Estava tocando violino intensamente e com paixão e era uma música antiga e linda, que ela quase reconheceu, acompanhando-a ao cruzar a ponte.

Como as tias sabiam que ele estaria lá para mencionar o violinista nas instruções enviadas um mês antes, ela não sabia, mas mencionaram.

O chapéu do violinista estava no chão, aos pés dele, e de cabeça para baixo. Ela jogou uma moeda do jeito que alguém joga uma moeda em um poço e olhou para ele por um momento. Ele abaixou o violino em agradecimento e seguiu tocando.

Magalie entrou na ilha silenciosa, um lugar onde as tias viviam há quase quarenta anos e de onde nunca haviam saído. Aquele era o lugar delas e lá ficaram. Tinham um apartamento para Magalie seis andares acima do *salon de thé* e a clara intenção de fazer dela a herdeira para que mantivesse aquele lugar para sempre.

Para sempre não tinha fim. Nunca.

Na ilha, todo o movimento recém-descoberto de Paris parecia se distanciar. Edifícios de pedra seculares elevavam-se em torno dela, nunca mais altos que oito andares, incluindo o de ardósia, com teto de ardósia. Os poucos carros passavam discretamente, abrindo caminho entre as pessoas que andavam despreocupadas no meio da rua, olhando para velhas inscrições nas paredes e para frentes de lojas de especialidades estranhas. O tempo abraçava a ilha como um casaco: a ideia de que sempre se tinha tempo, de que a ilha estava ali havia muito tempo e não iria a lugar nenhum tão cedo.

Era o lugar dela. O local que ela não deveria abandonar, de forma que ninguém podia se apoderar dele e tirá-lo dela.

Até que Philippe Lyonnais decidiu tomá-lo dela de um jeito ou de outro. Ele trouxe o tempo para dentro da ilha.

Os jornais anunciavam a data em que ele planejava abrir a loja: 15 de janeiro, depois da correria de Natal. Os habitantes da ilha apressavam-se para La Maison des Sorcières em grandes ondas de piedade, enchendo o salão todas as tardes com promessas de lealdade, como se Magalie fosse burra. Ninguém deixa espaço para as pessoas quando as coisas mudam. No entanto, ela não sabia que podia enfiar os pés em um bloco de concreto e recusar-se a se mexer, e mesmo assim o mundo podia mudar ao seu redor.

Magalie fez tudo o que pôde para transformar os últimos três meses nos melhores, para encher os cofres da loja de forma que durassem pelo menos mais seis meses, independentemente de quantos clientes

perdessem. Ela colocava tanto de si no chocolate que as tias começaram a franzir as sobrancelhas:

– Como você pode estar emagrecendo fazendo chocolate, Magalie? Há algo errado? Querida, não precisa exagerar com o aroma. Apenas um sussurro desse cheiro ao vento já é suficiente. Não se preocupe.

Claro, duas mulheres que conseguiram permanecer em um único lugar por quase quarenta anos têm uma falsa sensação de segurança.

Os trabalhadores entravam e saíam na frente da loja pouco abaixo da rua, o pó da reforma se dissipava e começava a aparecer o puro glamour da loja em meio à vizinhança tranquila. Mesmo seus amigos mais fiéis da ilha ficavam grudados na vitrine, ansiosos por vislumbrar o palácio que logo seria revelado: os leões na moldura, os buquês de rosa entrelaçados em torno das colunas brilhantes de mármore verde. E os balcões – ah, os maravilhosos balcões curvos, tão simples e com um design tão lindo. Que quitutes elaborados os preencheriam, fazendo deles a visão mais bonita em todo o mundo dos contos de fada?

O nome foi colocado no alto. *Lyonnais*. Um selo de ouro que cruzava a fachada de tons verdes, uma afirmação da propriedade do segredo.

Às vezes eles se cruzavam, Philippe insistindo sobre o que queria dos pedreiros, verificando o progresso da loja, parecendo frio e recolhido em jeans e blusa de caxemira e casacos de pele de carneiro. Um leão usando um carneiro abatido – muito apropriado. Ela o olhava com frieza e se recusava até a atravessar a rua quando ele acenava com a cabeça, caminhando firmemente e mais depressa, antes que ele tivesse tempo de se aproximar dela. Não que ele mostrasse alguma intenção de fazê-lo. Ele só virava a cabeça e observava que ela parecia furiosa superficialmente.

Lyonnais mandou para elas uma caixa dos seus *macarons* no Natal. Uma caixa do tesouro aberta com o cuidado de quem abre algo que pode conter uma víbora, para revelar as joias de *macarons* rubi, ônix, âmbar, jade e esmeralda. “*Avec mes meilleurs vœux, Philippe*”, dizia muito corretamente. Embora ele não tenha nem tentado forçar a entrada na loja delas, onde não era bem-vindo desde outubro, Magalie logo se afastou da caixa de *macarons* e empacotou três bostas de vaca de chocolate de Geneviève para mandar a ele sem mensagem nenhuma.

Depois, ela e as tias arrumaram as malas e foram para o sul passar o Natal e o Ano-Novo com os pais e os avós dela.

CAPÍTULO 6



– **VOCÊ ESTÁ ESPERANDO** alguém e não nos contou? – Noémie perguntou, alegre e curiosa ao mesmo tempo. Se houvesse alguma chance de Philippe começar a trazer alguém para as festas de Natal da família, sua irmã queria ser a primeira a começar a fofoca e a especulação.

Philippe olhou para os lugares preparados à mesa e para a taça de vinho extra que estava segurando. Noémie agarrou o cabo da taça da mão dele.

– Quantas vezes tenho de lembrá-lo? Somos dezessete, não dezoito.

Philippe, Noémie e o marido, a prima Océane, os dois irmãos de seu pai e suas famílias, e o padrinho dele e de Noémie, um amigo de longa data da família, cuja esposa tinha morrido de câncer de pulmão havia vários anos, todos estavam na casa dos pais de Philippe e Noémie, anfitriões orgulhosos do evento naquele ano.

– Certo – disse Philippe, e contou dezoito facas de prata que uma duquesa havia dado a seu ta-ta-ta-tataravô depois de uma recepção de muito sucesso para um rei.

Noémie retomou a faca de prata extra e olhou para ele buscando ser vista.

– Dezessete – ela o lembrou, e Lyonnais começou a contar os múltiplos tamanhos de garfos que usariam.

– Eu consigo contar até dezessete – anunciou orgulhosamente Océane, de quatro anos de idade. – Você precisa de ajuda, Tonton?

Philippe riu e parou de contar. Noémie tinha exagerado com ele, que só estava tentando pôr uma mesa formal para bastante gente.

No entanto, durante toda a festa – enquanto a família fazia a refeição, levantava para esticar as pernas entre um prato e outro, ria e tentava manter as crianças acordadas até meia-noite para os presentes –, Philippe sentia a falta de alguém.

Talvez fosse apenas o clima natalino, que ressaltava sua solteirice. Os casais em torno dele estavam tão felizes, apesar das brigas frequentes. Os pais dele supervisionavam a turma, trocando olhares presunçosos entre si. Era bom saber que ele e Noémie lhes davam orgulho, mesmo que Philippe frequentemente deixasse o pai louco.

Seu pai tinha uma altura mediana para um homem. A mãe, que nascera na Alsácia, na fronteira da França com a Alemanha, tinha passado genes de alemães altos para os filhos. Ela era da mesma estatura do marido, algo que agradava muito a ambos. A mãe apenas raramente usava salto alto para aparecer. E o pai uivava como um lobo quando ela fazia isso.

Philippe ficou pensando o que seus pais achariam da mulher que precisava de saltos de dez centímetros para quase não chegar aos ombros dele. Ele deu um sorriso irônico, imaginando trazer a feiticeira de cabelo preto para aquela família alta e de mechas castanho-claras. O braço esquerdo dele coçou com um desejo súbito e apaixonado de tê-la a seu lado. Naquele momento. Bem ali. Estar com ela pertinho, conversando com a família.

Então era ela quem estava faltando. Ele riu um pouco. Nunca conseguia entender as coisas facilmente, não é? Ela mandara a ele *merde* de chocolate em resposta ao seu presente de Natal no dia anterior. Ele lhe enviara uma caixa do tesouro e recebera em troca chocolate amargo, feito de tal forma que parecia cocô mole de vaca, com fios de casca de laranja cristalizada saindo das fezes, como palha não digerida. Aquilo o fizera rir até se curvar sobre a mesa de trabalho e agarrar-se à borda em um ataque de excitação desesperada. O que era muita má sorte para ele, porque não pensava que a merda de vaca fosse uma mensagem amigável.

Não ousou comer aquilo. Sabe Deus o que ela havia posto ali. Beladona, provavelmente. No entanto, ainda estava lá sobre a escrivaninha de trabalho, a tentação mais incrível, apesar da abundância de suas sobremesas natalinas extraordinárias no *laboratoire*, sobremesas que deveriam ter sobrepujado aquele sussurro de fome que saiu do cocô de vaca de chocolate e o seguia por suas cozinhas.

– Qual é a graça? – perguntou-lhe o pai.

– Só estou pensando se alguém vai gostar dos *macarons* que mandei como presente de Natal. – Secretamente, dentro do bolso, ele fechou os punhos tentando influenciá-la a comê-los, não importava a distância entre eles. Será que ela estava em Paris hoje? *Experimente. Você nunca vai se recuperar. Ponha um na boca, e vai se derreter por mim a cada vez que eu olhar para você.*

– *Ça dépend* – seu pai disse. – Você mandou dos meus ou aquelas misturas novas que você está sempre experimentando? Azeite de oliva e banana. Quem se atreve a fazer um *macaron de l’huile d’olive et banane*?

Philippe sorriu ironicamente para o pai, que fingia não olhar para as sobremesas dos dois, uma feita por Philippe e a outra, pelo pai. Era uma fonte tanto de orgulho como de rivalidade para o velho Lyonnais que Philippe fosse considerado o melhor confeito do mundo. O pai tinha sido considerado um dos melhores antes de o filho ter chegado e mudado tudo.

Metade de Pierre Lyonnais estava muito orgulhosa, pois ele tinha o mérito de ter treinado Philippe, mas estar sob a sombra do próprio filho o deixava amuado às vezes. Philippe levantou a taça para o pai:

– Você me ensinou a fazer os melhores *macarons* de chocolate quando eu tinha catorze anos, Papa – ele disse com ironia. – Cansei daquilo.

– *Rebelle* – disse o pai, mas com carinho.



No dia de Natal, os pais de Magalie se beijaram sob o visco branco. Eles trocaram presentes especiais, com os quais haviam sonhado durante

os meses de separação. Eles se abraçavam em momentos estranhos. A mãe começou a falar em ir aos Estados Unidos com o pai por alguns meses, enquanto a lavanda estivesse em seu torpor de inverno.

– Veja minha pequena *parisienne* – Stéphanie disse sobre a filha, olhando para as roupas de moda da cidade. – Magalie, eu sempre disse que você está em casa *em qualquer lugar*.

O pai fitava-a com melancolia e orgulho. Magalie sentiu um aperto no peito com aquele olhar. Para qualquer lugar aonde fosse durante a infância da filha, Stéphanie sempre levava Magalie consigo. Não havia nenhuma dúvida. No entanto, o distanciamento da relação com o pai repetidas vezes era algo do qual provavelmente nunca iria se curaria.

– Você sempre foi tão brilhante e forte – ele disse.

Geneviève e Aja observaram o casal por um momento e trocaram olhares entre si. Não disseram nada, mas, pouco depois, Geneviève empurrou uma bruxa de chocolate para Magalie e Aja deu-lhe uma xícara de chá. Talvez as duas mulheres realmente conhecessem magia, ou talvez a magia estivesse no próprio gesto. Contudo, mordiscando no cabo da vassoura da bruxa e sorvendo o chá, Magalie realmente se sentia mais forte.

Ela trouxera a caixa de *macarons*, lutando contra a tentação de servi-los como uma sobremesa especial no fim da refeição. Enquanto, porém, o avô tirava a rolha do Sauternes para servir com *foie gras*, ela deu uma escapadela para o meio do campo de lavanda esmorecido pelo inverno. O poder daquele campo estava suspenso e sua posse sobre a mãe, mais fraca. Qualquer um pensaria que seu pai – ambicioso, determinado, de modos contidos – fosse Hades, capaz de manter a mãe no mundo dele apenas durante os quatro meses de inverno cada ano.

O aroma das plantas era algo suave e brando em torno dela no frio. Embrulhada no casaco, ela abriu a caixa para olhar o conteúdo. Magalie quase achou que pudesse provar um, aqui fora e à noite, onde ninguém saberia, talvez nem ele mesmo.

Em vez disso, algo selvagem e feroz apossou-se dela ao ver a beleza dos doces, nos campos de lavanda, com o olhar saudoso do pai, e jogou a caixa no chão, pisoteando-a várias vezes, como uma criança com um

problema de temperamento, até reduzi-la a um pouco de papelão, lama e açúcar grudento.

Entretanto, aquilo não a fez se sentir nem um pouco mais forte, como imaginara.

Quase o contrário. Parecia ter-lhe aberto uma fissura que ela não conseguiria fechar.



Philippe estava servindo um *Sauternes* doce para acompanhar o *foie gras* quando sentiu botas de saltos altos pontiagudos estilhaçarem seu coração e moerem as migalhas no chão.

A mão apertou a garrafa até os dedos ficarem brancos. Noémie olhou para cima, tirando o foco momentâneo da família no bebê chutando-lhe a barriga e indagou:

– Você está bem?

– Ela não comeu – ele disse sombriamente.

Aquela... bruxa.

Ela pisoteou os *macarons*?

– Talvez você deva tentar alguns clássicos na próxima vez – sugeriu o pai.

– Ouvi dizer que as mulheres gostam de chocolate.

No entanto, colocou o braço atrás das costas do filho e apertou-lhe os ombros. O pai dele sabia o que era colocar o coração no trabalho.

CAPÍTULO 7



MAGALIE E SUAS TIAS voltaram a uma Paris congelante para encontrar um convite para a inauguração de Philippe Lyonnais.

O humor brilhante das festas de Natal e de Ano-Novo afastou-se de Magalie como pele morta. Ela ficou estática por um momento, pela tristeza que a invadia. Aquele desgraçado. Ele tinha de esfregar na cara dela. Ela colocara tudo de si no chocolate, mas a ruína delas estava se aproximando.

– Você está bem? – Geneviève perguntou repetidas vezes durante toda a semana que se seguiu. – Como pode ficar nervosa fazendo *chocolat chaud* e *tartes au chocolat*? Não é bom para o chocolate. Talvez você esteja muito ocupada. Quer que eu peça a alguns dos nossos vizinhos para ir embora? Eles realmente não precisam ficar aqui dentro o dia inteiro.

– Eu gosto da nova combinação de damasco com crosta de pistache – tia Aja mencionou.

– Vocês não se preocupam nunca com o futuro? – Magalie perguntou, apesar de ir contra a própria vontade. Ela não queria preocupá-las mais, falando sobre o desastre que se aproximava depressa, mas como conseguiam estar tão distraídas?

Geneviève balançou a cabeça negativamente.

– Eu costumava preocupar-me com a sua mãe. É coisa de irmã mais velha, mas no final ficou tudo bem com ela.

Aja trocou um olhar com a companheira.

– Quase tudo – emendou Geneviève. – Do jeito dela.

– Eu me preocupava antes de sair de casa – disse Aja em voz baixa, referindo-se à sua imigração para a França. – Eu tinha mais ou menos a sua idade, mas no final deu tudo certo.

Preocupem-se com Lyonnais! Magalie queria gritar para elas; mas, se a preocupação não fazia bem, por que lhes infligir isso?

As duas mulheres mais velhas foram para a cozinha. Magalie colocou a testa no vidro frio da porta de entrada, em um ângulo que lhe permitisse ver o nome *Lyonnais* mais abaixo na rua. Se tivesse se controlado e lhe pedido um favor, poderia ter salvado as tias? Não. Por quê? A partir do momento em que ele pôs os olhos naquela ilha, naquela rua, do momento em que ele comprou a loja, a condenação tinha sido selada.

Ela se esticou e alcançou a vitrine para ajustar um lindo pinheiro de chocolate que parecia quase caindo. Depois, olhou para cima e levou um grande susto, fitando diretamente os olhos azuis de Philippe Lyonnais. Ele estava de pé ao lado de uma mulher alta de cabelo castanho-dourado sedoso, penteado reto e liso até os ombros, uma mulher com um claro volume na barriga.

Magalie teve a sensação de ter sido chutada bem no ventre. Philippe Lyonnais era *casado*? Ela nunca vira menção a isso em todos os artigos que lera sobre ele, mas, ao contrário da imprensa norte-americana, os repórteres franceses não falavam sobre *vie privée*.

Não, aquilo era... Espere. Ela estava vendo cabelos amarelo-acastanhados e cabelos amarelo-acastanhados, olhos azuis e olhos azuis, alto e alta... Eram semelhanças de família, não? Por que ela ficou aliviada ao perceber aquilo? Seria porque tinha certa angústia em destruir o pai de uma família feliz?

Ah, sim, talvez fosse isso.



– Será vergonhoso se você acabar com os negócios delas – a irmã de Philippe disse com um pouco de remorso quando se afastaram da vitrine de La Maison des Sorcières e se dirigiram ao fim da ilha. Philippe queria desesperadamente dar meia-volta, entrar direto na loja, agarrar Magalie Chaudron pelos ombros e espremer aquele olhar de horror para longe do rosto dela, mas a presença de Noémie o impediu.

Philippe olhou para ela, ressentido.

– O que há com todo mundo? Por acaso eu ajo como se andasse pelo mundo destruindo as pessoas?

– Não de propósito – disse a irmã afetuosamente. O vento do inverno levantou-se do rio, entrou pelo corredor feito pela rua e os socou. Noémie estivera trabalhando nos últimos retoques do design do interior da loja, mas queixou-se de que o bebê estava chutando muito forte e de que ela precisava caminhar. – Mas ninguém entrará ali se você estiver por perto.

Philippe olhou para trás e viu a vitrine, não totalmente seguro daquilo. Algumas vezes *e/le* tinha vontade de ir ali, a meia quadra de distância. Apenas para estar em um mundo que não era o dele, mas ao qual achava que tinha de ter acesso. Mesmo que tivesse de forçar a entrada chutando a porta.

– Você sabe que vai roubar todos os clientes delas – disse a irmã. – Você tem de admitir que é um pouco constrangedor. Aquele lugar é como uma das sete maravilhas de Paris. A maravilha escondida.

– E eu sou o óbvio – Philippe disse. A irmã tossiu e mordeu o lábio. Ele a olhou, mas Noémie apenas colocou a mão sobre a barriga, com os dentes firmes sobre o lábio inferior, e não disse nada. – Então vai funcionar perfeitamente para elas, acho. Eu arrasto as pessoas para cá e mais gente vai descobrir esse segredo.

– Isso é verdade – Noémie disse pensativa. – Talvez funcione.

– Então não sei por que não podem ser mais gratas. – Ele fez uma careta, pensando no sorrisinho diabólico no rosto de Magalie oferecendo-lhe aquela xícara de chocolate. Alguém pensaria que, no mínimo, ele não teria de se preocupar em ser envenenado por ela. – Você sabe que trarei gente de toda a Paris e de muito mais longe também. Nem todo mundo terá paciência de esperar na fila para a minha loja. Elas podem ficar com

a sobra da minha fila – acrescentou generosamente. As feiticeiras não mereciam isso por causa do modo como Magalie o tratava, mas seria difícil construir uma barricada entre as duas lojas para barrar o fluxo.

– Talvez você esteja certo. – Noémie compreendia uma situação de negócios tão rapidamente quanto ele. É isso o que acontece quando se cresce com decisões como essas sendo tomadas todos os dias no café da manhã. E em cafés da manhã que consistiam de *pains au chocolat* e *croissants* eleitos com frequência os melhores de Paris. – Você realmente pode fazer bem aos negócios delas – admitiu Noémie.

– É claro que estou certo – Philippe disse com indignação. Conseguir o respeito da própria família era como tirar leite de pedra. A mãe dele era a única que lhe dava um pouco, mas principalmente quando o pai não estava por perto para sentir ciúmes. – Você nunca olha o livro de recordações que mamãe coleciona sobre mim, olha?

– Quer dizer o que mamãe coleciona sobre *nós*? – Noémie perguntou secamente. – Sobre Lyonnais e meu design de lojas e essas coisas?

Philippe tentou parecer bastante consternado.

– Aquele sobre a minha fantástica designer de interiores, sim. E o irmão que ajuda a apresentar os desenhos dela, fazendo confeitos famosos no mundo todo para serem mostrados neles. De uma forma ou de outra, você sabe e eu sei que as filas vão dar a volta na quadra. Você acha que ela, ou melhor, elas poderiam gostar disso.

Bruxa ingrata. Ele olhou para a vitrine delas com os ombros formigando.

– Alguma vez teve a sensação de que alguém pode transformar você em um sapo?

Ou numa fera. Ele se sentia mais como uma fera quando se aproximava de Magalie Chaudron e de seu chocolate.

– Eu? Não. Mas, no seu caso, não seria uma grande transformação.

CAPÍTULO 8



NO DIA QUE A NOVA LOJA Lyonnais abriu, La Maison des Sorcières não teve um único cliente. Nem mesmo um vizinho leal. A loja vazia abriu um buraco enorme no meio de Magalie, no qual ela tentava não cair. E se ela e suas tias perdessem aquele lugar?

O coração ficou aliviado e sentiu-se grato quando viu madame Fernand sair de sua casa pouco abaixo na rua e vir em sua direção, com a poodle indo e vindo bem na direção das rodas de um ciclomotor que passava lentamente, com a guia segura com muita ineficiência por uma mão com luva. No entanto, madame Fernand nem mesmo abaixou a aba larga de seu chapéu da última moda para esconder o rosto de vergonha, passando direto pela casa de chá em direção à de Philippe.

Provavelmente, ele estava se regozijando por ter dominado tudo; não havia ninguém na frente da loja delas, todos estavam em frente à dele. Não, a quem ela estava enganando? Ninguém pode se alegrar sobre algo que nem nota existir.

Diante da loja dele, reunia-se uma multidão festiva, como arautos que aguardam a chegada de um imperador. *De roupa nova*, Magalie pensou com malícia, tentando imaginar Philippe Lyonnais aparecendo ante as hordas, totalmente esquecido de sua nudez.

– Você está bem? – perguntou tia Aja.

Magalie piscou, voltando de um lugar distante, e percebeu que estava como se abraçasse a curva do balcão, com a cabeça baixa quase apoiada

nele, como se quisesse lançar-se em uma de suas próprias *tartes* logo abaixo.

– Eu... Sim, estou... – Seja lá quem teve a ideia de imaginar os inimigos de alguém nus, roubando-lhes o poder, deveria ser executado. Guilhotinado. Queimado, empalado. Alguma coisa má, de qualquer forma.

A tia Aja deu-lhe uma xícara de chá. Magalie inspirou fundo e o aroma pareceu temperar-lhe o cérebro e limpar uma névoa despercebida no fundo dos olhos. Ela quis desesperadamente saber o que havia naquele chá, mas sabia que era melhor não perguntar. Se a tia Aja lhe oferece chá, você aceita ou rejeita, mas não questiona.

– Não acredito que ele nos mandou um convite – Geneviève disse amuada, puxando o cartão pesado escondido debaixo da caixa registradora de 1920 e batendo com ele no mostruário. – Tira toda a graça de aparecer de surpresa e amaldiçoá-lo.

– Ele deve ser esperto – mencionou Aja, como se fosse necessário indicar essa possibilidade.

Magalie se virou. Ela não conseguia tirar da cabeça aquela caixa de *macarons* de Natal. Que arranjo mágico de sabores ele poderia ter lhe enviado? Como seria sentir as duas metades de um daqueles *macarons* em seus dedos? O que teriam produzido em seus dentes? *Esperto*. Ela levantou uma das mãos e esfregou a nuca. Sim, Philippe Lyonnais era muito esperto.

Talvez até político. Provavelmente tenha mandado a mesma caixa para cem pessoas diferentes naquele Natal – fornecedores confiáveis, maiores clientes, primos em terceiro grau.

Ela olhou de novo para o chá. Seria necessária muita coragem para jogar fora um dos chás de Aja sem beber. Seria mais fácil jogar um baú do tesouro de volta ao mar sem abrir. Pelo menos com o baú do tesouro, não havia o risco de ofender Aja. No entanto, também foi necessária a mesma coragem para beber às cegas. E se, por exemplo, não quisesse limpar a névoa por detrás dos olhos? E se quisesse, de maneira teimosa, continuar cega?

– Não teria de ser uma maldição – Magalie disse.

Aja sorriu para ela com uma aprovação rápida e surpreendente.

– Ah, ah! – Geneviève disse. – Então você achou que ele é fofo, *sim*. Não se preocupe. Depois de quase quarenta anos trabalhando com essas princesas de faz de conta que vagueiam por aqui, acho que posso arranjar um príncipe para você, se realmente quiser.

Magalie espremeu os olhos para a tia e bateu um dos dedos dos pés dentro da bota. Se quisesse um tal “príncipe”, algo que não queria, Magalie o rejeitava não porque achasse que Lyonnais estivesse fora de alcance, mas porque, talvez, achasse que *ele* a considerava abaixo de seu nível, o que não era exatamente a mesma coisa. Ela ainda não tinha bebido o maldito chá, então não tinha de admitir aquilo se não quisesse. E se quisesse, por exemplo, perder completamente a cabeça e decidir que queria um príncipe, *não* precisaria que sua tia de sessenta anos interviesse.

– Poderíamos lhe oferecer um presente – ela disse.

– Aah. – Geneviève contraiu os lábios e deu um assovio silencioso de aprovação.

Aja, por outro lado, acariciou a túnica.

– Você concorda que humildade é um presente, não é, tia Aja? – Magalie lhe perguntou.

– Não sou eu quem tem de concordar. É você. Se acha que humildade é um presente, do tipo que você gostaria de ganhar, então sem dúvida é.

Magalie hesitou.

Geneviève se inclinou atrás dela para dar a impressão de tirar o pé do antigo molde de chocolate perto de si no mostruário, e cochichou-lhe alto no ouvido:

– Não se preocupe. Estou segura de que, se alguém tentasse dar humildade a você, não adiantaria.

Era verdade, Magalie pensou presunçosamente. Ainda embalando a xícara de chá de Aja em uma das mãos, voltou para a pequena cozinha de azulejos azuis. Ela respirou fundo de novo o aroma do chá e quase deu um gole, mas hesitou e o colocou sobre o balcão. Olhou para a panela de chocolate quente, que seria desperdiçada por falta de clientes.

– Você vai jogar o resto fora quando acabar, não é? – Geneviève disse. – Não podemos aleatoriamente infligir, digo, presentear humildade

a cada estranho que passa.

Magalie às vezes tinha vontade de saber se Geneviève de fato achava que a sobrinha podia misturar desejos e maldições no chocolate. Ou se apenas gostava de acreditar que ela achava isso, o que não era exatamente a mesma coisa.

Magalie não *acreditava* nisso. Ou melhor, se alguém perguntasse se ela fazia magia, ela zombaria. No entanto, também não *desacreditava*. Ela sempre misturava desejos porque, sempre que punha a colher no chocolate, tinha a sensação de que podia fazê-lo.

Para Philippe, ela mexeu três vezes. Imaginando toda aquela confiança arrancada dele. Imaginando-o olhando *para cima*, não para baixo, o que significava, com a altura dele, que teria de estar ajoelhado aos pés dela. Ela mexeu mais devagar. Imaginando a camisa dele meio rasgada, esfarrapada. Querendo alguma coisa *dela*, vindo com um pedido que ela poderia desprezar sem se importar.

Com a concha parada, olhou para baixo, para o chocolate morno e marrom por um longo momento, com a visão tentando se esgueirar para dentro e roubar alguma coisa dela. Inspirou e verteu o chocolate em uma *chocolatière* com cabo lateral, que Geneviève e Aja tinham comprado outro dia em um *marché aux puces*. Redonda e colorida de forma festiva, com faixas largas e rabiscos, e bolinhas no cabo, a panela parecia uma celebração cigana para um príncipe. Não tanto, ela desejou com esperança, como algo que o bobo da corte do príncipe pudesse possuir.

Geneviève a aplaudiu quando a viu.

– Veja! – disse ela alegremente a Aja. – Levaremos presentes.

– Vou dar a ele um pouco de chá – Aja disse com firmeza. E recusou-se a dizer o que havia nele.

Elas ficaram desapontadas quando notaram que Magalie somente as observava se aprontando para sair.

– Você não vem?

Ela balançou a cabeça. Não sabia por que Geneviève e Aja poderiam aparecer no triunfo de Philippe Lyonnais como fadas madrinhas más, forçando a entrada para estragar o batismo, enquanto Magalie tinha medo de pensarem que ela rendia homenagem à corte dele. No entanto, lá estavam prontas para sair.

Ela as viu se afastarem sem que nenhuma das duas usasse nada a mais contra o frio além da túnica de algodão fino de Geneviève e do *kameez* de algodão e da calça *salwar* de Aja, com a panela de chocolate pintada alegremente nas mãos de Geneviève e uma chaleira de ferro fundido nas de Aja, fazendo-as parecer um pouco as Três Rainhas do Oriente – com uma das rainhas deixada para trás, amuada.

Ah, *bon sang*. Podia ser uma ótima estação para os magos, mas ele *não* era o Príncipe do Mundo. Não importava o que Lyonnais achava de si próprio.

As tias iam conversando à medida que se distanciavam, com Geneviève falando em voz baixa, como invariavelmente fazia quando não queria ser ouvida. Ao abaixar para o tom dos segredos, a voz ficava grave, adquirindo um poder que a mãe de Magalie dizia tê-la afastado ainda criança de qualquer discussão sobre presentes de Natal.

– ... autoconfiança – Geneviève disse naquele tom de cochicho. – Você acha que algum dia ela vai aprender a ter um pouco?

As sobrancelhas de Magalie se levantaram, e ela ficou curiosa para saber de quem estavam falando. Não podia ser sobre ela.

Aguçou os ouvidos, mas agora Aja estava respondendo e sempre que ela falava era preciso estar bem perto para ouvir.

Abruptamente Magalie se sentiu abandonada, sozinha com o aroma de seu chocolate. Como se precisasse pular em um camelo e ir atrás delas, seguindo alguma estrela brilhante. O vazio da loja deu um nó de angústia em seu peito, e ela não entendeu como Geneviève e Aja não tentaram ajudá-la.

Ela pegou a xícara de Aja, apertou-a contra as bochechas e quase bebeu. No entanto, em vez disso, deixou-a sobre o balcão de novo e vestiu o casaco de lã. Para ela, sair vestindo algodão fino não funcionava. Ela não tinha ideia de como Aja e Geneviève conseguiam.

Magalie virou a placa para LES SORCIÈRES REVIENNENT DANS CINQ MINUTES, pegou de novo o chá e caminhou, não em direção ao regozijo de sucesso de Philippe Lyonnais, mas para o lado oposto da ilha, atravessando o bulevar Henrique IV, que tinha o nome do rei verde que sempre a saudava. Passou pela pracinha, onde duas bravas almas

estavam sentadas apesar do frio, e desceu as escadas para o cais e para a ponta da ilha.

O pastor-alemão do *clochard* apareceu, farejando comida, e Magalie olhou para ele com culpa, oferecendo uma panela velha e amassada cheia de chocolate ao dono do cão, que era morador de rua. Ela sempre se esquecia de manter à mão alguma coisa para criaturas “não comedoras de chocolate”. O *clochard* morador de rua – que algumas vezes deixava que Magalie o chamasse de Gérard e outras insistia em ser uma das gárgulas de Notre-Dame disfarçadas, mas que sempre dizia não ser morador de rua, e sim alguém que apenas preferia viver a vida fora, ao ar livre –, pegou a panela emitindo ruídos de satisfação. Magalie se perguntou de que forma o desejo de felicidade que ela colocou naquele chocolate poderia ajudar alguém na situação dele, mas, enfim, mal não faria.

Não havia mais ninguém ali, o que costumava incomodá-la, quando Gérard, codinome Gárgula, começara a perambular por lá, mas eles se acostumaram um com a presença do outro ao longo dos anos. Entretanto, Gérard frustrava Geneviève o tempo todo; ela não conseguia endireitar a vida dele, a despeito de muito esforço e, falando em termos gerais, Geneviève significava para a vida de outras pessoas o mesmo que um ferro de passar antigo e pesado significava para as roupas.

A água corria marrom por causa do inverno e estava alta com as chuvas recentes, dividindo-se pela ilha. As árvores sem folhas se estendiam ao longo das margens, oferecendo pouco do abrigo suave da cidade que sugeriam no verão. As pontes, que pareciam braceletes sobre o Sena, ficavam um pouco mais estreitas a partir daquele ponto, e os arcos da Pont d’Austerlitz estavam pequenos a distância. Magalie conseguia ver, mais além, as torres de livros brilhantes e pouco práticas da Bibliothèque Nationale.

Nu.

A palavra a atingiu como uma punhalada nas costas. Tinha o sorriso irônico e arrogante de um leão, e ela o imaginou surgindo em sua própria nudez, com os ombros largos e poderosos, e além disso...

Além disso, o quê? O maxilar era fino. Ah, que maxilar esguio e poderoso era aquele. No entanto, os casacos e as jaquetas de *chef* com

os quais ela sempre o via davam margem à muita imaginação.

Então por que a imaginação dela via uma cintura fina e um abdômen trabalhado e, acima de tudo, ele se glorificando disso tudo?

Bom, claro, ele devia se achar uma glória nu. Aquele homem se vangloriaria sobre qualquer coisa a seu próprio respeito, não é?

Passos soaram no cais e Magalie se encolheu instintivamente, pois, mesmo ali na ilha, o submundo podia às vezes perambular vindo do restante de Paris para incomodar mulheres sozinhas. Nesses casos, Gérard urinaria bem perto do pé do canalha, coisa que era muito eficiente para mandá-los embora, mas era horrível de qualquer jeito.

Contudo, bateu o olho e viu tênis e uma jaqueta volumosa, então relaxou. Um turista. Ela adorava os turistas. Eles geralmente não faziam mal nenhum e estavam sempre deslumbrados. Não dava para não gostar.

Exceto... aquele lá estava carregando uma caixa onde estava impresso claramente *Lyonnais*. E, mais especificamente, havia uma marca *PL* em cada canto da caixa, que Philippe Lyonnais tinha acrescentado ao logotipo de *sua* loja Lyonnais.

Magali e contemplou um cadarço solto no tênis. Uma queda repentina e os *macarons* seriam destruídos. E o pastor-alemão ficaria feliz. Ela suspirou e inclinou a cabeça, enfiando a mão com a luva sob a echarpe para esfregar a nuca. Talvez devesse mesmo beber o chá de Aja. Seria bom continuar sendo o tipo de pessoa que ela gostaria. Querendo passar uma rasteira no turista, pelo amor de Deus!

O rio estendia dois braços formidáveis, protetores, em torno da ilha, formando um escudo entre aquele pedaço de terra e o corre-corre do restante da cidade. Segurando o chá intocado em uma das mãos, Magalie contemplou as margens ao longo da água. Dali, as pessoas vestidas de forma crítica, ativa e afiada, que se moviam ao longo das margens, eram apenas uma parte da vista. O turista colocou a caixa sobre um banco e tirou algumas fotos.

Com os pés doloridos dentro das botas, Magalie olhou de novo para os travesseiros brancos que os turistas usavam como sapatos e, apenas por um segundo errante, imaginou-se usando-os.

Ela pensou na imagem novamente. Não estava em Ítaca. As pessoas daquela ilha no coração *daquela* cidade nunca usariam tênis de corrida.

Contudo, seu olhar voltou-se para o conforto das roupas, não muito diferente do conforto das roupas que ela costumava roubar de seu namorado no tempo de colégio, porque gostava de se enfiar nelas e fingir que nunca mais poderia ser arrancada de dentro daquelas peças. Como seria vestir aquelas calças largas de abrigo e a gigantesca blusa de moletom?

Magalie chacoalhou a cabeça, como um cão que se agita para tirar a água do corpo. Que coisa sem sentido.

Entretanto, a ideia a entusiasmou. Tênis. Sapatos para correr. Como seria correr pela cidade? Ela se interessou por corrida quando tinha catorze anos. Magalie tinha ido bem no primeiro ano do ensino médio norte-americano, mas depois perdeu as reuniões do grupo, quando a mãe não resistiu a passar outra primavera em Provença, e o treinador não a deixou voltar à equipe. Ela era baixa demais, de uma forma ou de outra, para chegar a ser atleta estrela, mas gostou daquilo, lá atrás, por um momento.

Às vezes, via mulheres correndo em Paris. A maior parte delas bem devagar, de forma muito elegante, conversando com uma amiga também muito elegante durante todo o percurso. Como seria correr de verdade?

Flutuar pelas ruas como uma gaivota, separada da cidade e, ainda assim, fazendo parte dela. Sem blindagem, sem barulho de saltos de botas, sem competição. Sem ligar para o que os outros viam quando a olhavam.

Era um pensamento estranho, e talvez tenha sido por causa desse estranhamento que a ideia se apossou de Magalie ao voltar para a loja. A ideia enroscava-se na nuca, como se apenas um aceno de permissão fosse lhe autorizar uma massagem para tirar toda a tensão.



Quando voltou à loja, um casal estava de pé em frente à vitrine. O homem era alto e magro, com cabelo preto comprido e uma face intensa, sensual e poética; a mulher era vagamente familiar, esbelta e consideravelmente mais baixa, com cabelo castanho-claro um pouco

abaixo dos ombros, em uma composição absolutamente reta e sedosa, e que era muito elegante. O modo como se vestia comprovava que, às vezes, algumas pessoas desperdiçam dinheiro. As roupas da mulher deviam ser das lojas mais caras em Faubourg Saint-Honoré, porém ela as usava com uma elegância simplória, que quase não escapava de ser *bon chic bon genre*. Magalie, com o mesmo dinheiro, teria saído das lojas de Faubourg Saint-Honoré com *flair*.

– Você tem razão – o homem estava dizendo. – Isso é fantástico.

Magalie sorriu.

– *Tu vois*. – A mulher cutucou-o carinhosamente do lado. – Eu disse que você tinha de ver isso. – O sotaque dela era claramente norte-americano, mas o francês, acurado.

A boca sensual fez uma careta quando o homem olhou para baixo para observá-la e tudo o que ele disse foi:

– Não entendo por que você me fez passar pela inauguração do Philippe no caminho. Como se ele não estivesse suficientemente cheio de si sem que eu parasse lá.

– E eu achei que seria a *minha* presença que o agradaria – a mulher disse secamente.

Magalie viu as sobrancelhas do homem se levantarem incrédulas diante dessa ideia – talvez a presença da mulher pudesse ser bastante encantadora para Philippe, ou talvez a presença de qualquer outra pessoa pudesse ser mais importante que a dele próprio –, mas ele suavizou a expressão com educação antes que a mulher levantasse o olhar para ele. Ela o olhou com ironia, mesmo assim. O homem sorriu para ela, que se derreteu imediatamente, sorrindo de volta.

Homens bonitos e arrogantes que manipulavam as mulheres com um sorriso sexy eram tão... irritantes. Certo. Aquela era a palavra que Magalie estava procurando. Irritante. Ninguém nunca conseguiu fazer aquilo com ela. E não havia razão para que esse pensamento a fizesse se *arrepender*.

– Além disso, ele aceitou fazer nosso casamento. Você sabe que não pode fazer isso. O mínimo que poderíamos fazer era vir à inauguração, Sylvain.

– Eu poderia fazer uma coisinha para o nosso casamento – Sylvain disse discretamente.

A mulher estreitou os olhos.

– Sylvain, se você passar as quarenta e oito horas antes do nosso casamento tentando assegurar-se de que a sua “coisinha” diminuirá o brilho de seja lá o que Philippe fizer...

Magalie respirou assustada com o coração acelerando, como o de uma garota de dezesseis anos prestes a jogar a calcinha para um astro do rock no palco. Aquele era... poderia ser *Sylvain Marquis*? O melhor *chocolatier* do mundo? Ah, Deus, e ele estava bem ali, olhando a vitrine delas.

Três bruxas, aparentemente perigosas, voavam em vassouras sobre uma floresta em uma longa jornada, cada uma com um presente atrás de si. As cestinhas de chocolate estavam um pouco abertas, revelando incenso de casca de limão-siciliano cristalizada e colorida de dourado em uma, mirra feita de pedacinhos de uvas-passas brancas e pretas picadas bem miúdas na outra, e uma folha de ouro alimentício na última. No alto havia uma linda estrela de chocolate com oito pontas, salpicada com folha de ouro.

Elas teriam de desmontar a vitrine logo. A Fête des Rois tinha sido na semana anterior, mas a estação se estendia por todo o mês de janeiro. Magalie e as tias, por exemplo, iriam a outra Festa de Reis naquele fim de semana, oferecida pelo amigo que tinha ganhado a *fève* na *galette des rois*, ou Bolo de Reis, na Festa de Reis de La Maison des Sorcières na semana anterior. Algumas das pessoas na fila da loja Lyonnais provavelmente comprariam as *galettes* dele, pagando uma fortuna para ter um pouco de fama em suas próprias Fêtes des Rois.

Magalie respirou com cuidado duas vezes e tentou parecer adulta e confiante, sem o mínimo deslumbre por estar perto de gente famosa.

– *Pardon*. – Ela acenou com a cabeça para Sylvain e sua companheira de maneira amigável e firme, passando por eles para destrancar a porta.

– *Bonjour* – a mulher disse com um sorriso brilhante e estendeu-lhe a mão. Confusa, Magalie a cumprimentou e sentiu a mão ser apertada com confiança. Não era apenas mais uma norte-americana, mas uma executiva norte-americana, Magalie concluiu na hora. – Não sei se você

se lembra de mim, mas já estive aqui antes, quando vim a Paris para reuniões de negócios alguns meses atrás. Sou Cade Corey.

Magalie examinou aquele rosto. Algumas princesas tinham passado por lá, e ela era claramente uma delas, mas agora que Magalie estava pensando nisso... lá atrás, no outono... desejou que alguém entendesse sua própria liberdade...

– Ah! – Ela sorriu. – Funcionou?

Cade Corey balançou a cabeça de forma inquisidora.

– O que funcionou?

– Ah... nada. Vocês queriam algum ... algum chocolate? – Ela estava oferecendo chocolate a *Sylvain Marquis*? – Ou chá talvez? – O chá dela era muito mais seguro de beber do que o de Aja. As pessoas felizes geralmente preferiam limitar os riscos de levar umas sacudidelas. – Por favor, entrem.

O olhar de Cade Corey percorreu a loja, precedendo Magalie na entrada, e seu rosto se iluminou de prazer. Sylvain insistiu em segurar a porta para as duas. Magalie voltou-se para ver o rosto dele enquanto entrava depois dela, e enrubesceu um pouco quando o viu sorrindo lentamente pelo encanto.

– Isto é maravilhoso.

Ela percebeu que enrubesceu muito. *Sylvain Marquis*.

– Só vou... por favor sentem-se onde preferirem. Só vou tirar meu casaco. Posso levar os de vocês?

Quando voltou, após pendurar os casacos no gancho da porta dos fundos, Cade estava examinando com deleite os desenhos de criança no cardápio, e Sylvain Marquis estava de pé tão perto do balcão quanto podia, mas sem pressioná-lo, estudando as prateleiras cheias de moldes de prata antigos na parede de trás. Havia um brilho fraco e avarento nos olhos dele.

Cade Corey levantou os olhos do cardápio e disse com franqueza:

– Não me lembro de ser tão quieto. É a inauguração de Lyonnais? – perguntou, com tanta intromissão como se fossem velhas amigas e ela tivesse o direito de saber.

Magalie franziu uma sobrancelha, sem saber direito o que fazer com a outra mulher. Em termos gerais, gostava dela; gostava da confiança clara

e aberta que exalava. Mas o que Cade Corey tinha a ver com aquelas coisas?

Aquele nome Corey era vagamente familiar, chamando à mente estranhas barras de chocolate às quais ela esteve exposta vez ou outra, durante as partes de sua infância passada nos Estados Unidos. Que coincidência irônica que alguém com aquele nome aparentemente fosse se casar com Sylvain Marquis.

Cade franziu a testa:

– Eu gosto de Philippe, mas, se ele arruinar este negócio, eu o mato.

Magalie contraiu os músculos do estômago, um segundo tarde demais para se proteger do golpe. Aquilo era falta de consideração com sua vingança.

Sylvain afastou a cabeça dos moldes de chocolate, com as sobancelhas sutilmente elevadas.

– Você gosta do Philippe?

Cade sorriu com ironia.

– Não tanto quanto gosto de Dominique Richard – ela lhe disse.

Dominique Richard era o nome de outro grande *chocolatier* de Paris. Sylvain Marquis afastou-se totalmente dos moldes e estreitou os olhos para a noiva. Ela parecia convencida a respeito de quão irritante estava sendo.

Antes que ela pudesse deixar Sylvain mais nervoso ou, pior, revolver mais o punhal na ferida de La Maison des Sorcières, a porta se abriu e Geneviève irrompeu, seguida por uma Aja muito quieta. O ar frio fez um redemoinho em torno delas e desapareceu, engolido de um golpe só pelo calor da loja.

– *Bonjour* – Geneviève disse a seus dois clientes com cálida aprovação, enquanto Aja sorria para eles. – Fico muito feliz em ver alguém com bom gosto.

– Foi tudo bem, não foi? – Magalie disse secamente, mas aliviada. Se Geneviève e Aja tivessem chegado a bons termos com Philippe Lyonnais, teria sido desesperadamente irritante.

– Antes de mais nada, tivemos de forçar nossa entrada. – Geneviève parecia tão perigosa quanto poderia uma mulher de um metro e oitenta

centímetros de altura empunhando chocolate. – Havia filas e ele parecia pensar que nós deveríamos esperar.

Sylvain Marquis deu um sorriso irônico.

– Que pouco político da parte dele.

Geneviève agitava a mão dramaticamente.

– Não digo que tenha sido ele pessoalmente, mas sem dúvida é responsabilidade dele educar melhor seus lacaios.

Aja alisou a túnica como se tivesse ficado amarrotada.

– Tudo mundo da ilha estava lá.

O estômago de Magalie se apertou.

– Até Claire-Lucy? Thierry? – Que a saudara com um buquê de rosas quando ela foi para a batalha? Todas aquelas pessoas que se sentaram a suas mesas por meses, jurando apoio?

Aja inclinou a cabeça sem dizer nada.

– Entretanto, conseguimos chegar até as cozinhas – continuou Geneviève grandiosamente. – Sem... preciso esclarecer? Esperar na fila. Lá, devo dizer, ele pareceu intrigado ao nos ver. Contudo... – Ela fez silêncio. A boca ficou tão apertada como o interior de uma cratera pouco antes de uma explosão de lava.

– Ele recusou nossos presentes – disse Aja, tão mansamente como se isso fosse somente uma escolha dele e não importasse a ela. Ela passou um dedo por todo o comprimento de sua trança, alisando tudo que alcançava.

O punho direito de Magalie se fechou.

– Seu chá? – Ela forçou a si própria perguntar primeiro, de forma cortês, como se aquilo fosse a coisa mais importante para ela.

– Ele o colocou de lado atrás do balcão, agradeceu-nos gentilmente por pensarmos nele e prometeu retornar a panela outro dia. – Aja fez um gesto pequeno com as mãos: *Que esteja na cabeça dele*. Ela olhou fixamente para Magalie com seus olhos pretos. – Se lhe oferecem um presente e você recusa, então fez uma escolha.

Magalie tentou fazer os olhos brilharem, como se tivesse tomado a xícara de chá que Aja lhe dera, em vez de jogá-la no Sena. Com a sorte dela, o chá tinha sido pensado para que sonhasse.

– E o meu chocolate? – Magalie perguntou. Que ela tinha feito com as próprias mãos e todo o coração, derramando seu desejo de vê-lo suplicante de joelhos.

– Recusou completamente – Geneviève disse com nitidez. Ela segurou a panela colorida. – Ele nos pediu para trazer de volta para você.

Magalie engasgou como se a panela de chocolate contivesse água gelada e que Geneviève lhe tivesse jogado na cara. Que rejeição aberta. E na frente de Sylvain Marquis também.

– Que cheiro delicioso. – O mais famoso chocolateiro de Paris disse instantaneamente, apesar de que o aroma que saía da panela agora estava fraco e frio, um fantasma do que havia sido antes. – Eu adoraria experimentar um pouco.

Magalie iria desejar todas as coisas maravilhosas no mundo para ele e sua noiva, ela decidiu firmemente. Que homem bonito.

– Não esse – ela se apressou em dizer, agarrando a panela fria de tia Geneviève. A ideia de Sylvain Marquis implorando, ajoelhado, na frente dela estava... errada. Não era nada disso que ela queria. – Vou fazer um novo. Tia Geneviève, tia Aja, este é Sylvain Marquis. – Ela tentou evitar qualquer ênfase, pois tia Geneviève podia faltar com respeito até com o presidente. Isso seria uma coisa, mas faltar com respeito a *Sylvain Marquis*... bom, havia limites. – E esta é Cade Corey – ela acrescentou, tentando fazer com que o nome não soasse como um pensamento secundário.

Cade pareceu ironicamente contente.

– Eu me lembro de você – tia Aja lhe disse. – Parece que funcionou.

Cade fechou um pouco os olhos.

– O que funcionou? – ela perguntou de novo, mais cautelosa.

– Sylvain Marquis – Magalie ouviu Geneviève dizer pensativa ao voltar para a cozinha para esvaziar a panela colorida de chocolate e começar uma nova porção. – Acho que vi você na televisão. Você lida bem com chocolate, não é? Você veio para me perguntar meus segredos?

Colocando leite e um pouco de creme em uma panela, Magalie lamentou-se silenciosamente e levantou os olhos para o céu.

– Na verdade... – Sylvain disse, e Magalie abaixou a colher. Cadeiras foram arrastadas. – Quero falar com vocês sobre suas vitrines.

Quando Magalie acabou o chocolate e voltou, Sylvain e Geneviève estavam juntos em uma mesinha, em negociações sérias para que Geneviève o ajudasse a projetar um tema de vitrine particularmente mágico, e Cade Corey estava inflada por uma satisfação presunçosa, tentando não deixar transparecer em meio à sua conduta profissional. Completamente não ofendido pela atitude de Geneviève de que ele era um jovem *arriviste*, Sylvain estava seduzindo a velha senhora respeitosamente, agindo perante o mundo todo como se ela lhe estivesse fazendo um favor enorme.

Cade Corey o observava, o amor e a afeição em seu rosto eram discretos, mas tão intensos, que Magalie ficou em pé, parada com a bandeja de chocolate nas mãos, e o aroma e os desejos de que eles tivessem uma vida maravilhosa entrelaçando-se ao redor dela, e ela se sentiu desesperadamente sozinha.

A porta se abriu com um toque desamparado e ela olhou sorrindo com deleite, por ver um de seus velhos e fiéis clientes voltando. Madame Fernand entrou com um suspiro.

– Magalie, *ma petite chérie*, você se importa de tomar conta de Sissi só para eu experimentar um docinho lá no Philippe? Eles não deixam entrar com cachorro.

CAPÍTULO 9



O DIA DA INAUGURAÇÃO acabou. A família e os empregados de Philippe já haviam feito um brinde a ele e outro a todos com champanhe. O local estava limpo e elegante e, como era apropriado, ele era o último lá, demorando-se para acabar o dia e contemplar o sucesso.

Demorando-se para observar por um bom tempo o mármore liso e frio e os balcões de vidro brilhantes, as molduras das paredes em relevo, o palácio das *pâtisseries*. As filas tinham se estendido quase até o fim da ilha. Ele estava esgotado de tanto oferecer pequenos petiscos disso e daquilo e saudar as pessoas que ficaram esperando, e que adoraram cada segundo.

No entanto, os ombros estavam formigando de insatisfação com uma tensão entre as escápulas.

Ela não tinha vindo. Magalie não tinha vindo ver o sucesso, ver quantas pessoas esperaram por uma hora no frio apenas para experimentar os *macarons* que ela recusou. Ela não tinha vindo ver seu triunfo, ver o valor daquilo que rejeitara.

Lyonnais tinha um plano de acompanhá-la ao entrar – sem filas para ela –, trazê-la para o círculo interno da família e dos empregados nas cozinhas e tratá-la com toda a cortesia. Envergonhá-la com um grau de cortesia inversamente proporcional à rudeza dela, para fazê-la mudar de ideia a respeito dele.

No entanto, ela não tinha vindo.

As tias dela vieram. E aquilo foi alarmante.

Além de uma pequena briga quando furaram a fila e valsaram para dentro, elas não fizeram nada para estragar o dia. Pelo menos, ele não tinha aceitado nada delas que estragasse o dia.

Ele não tomava chá, e não começaria com uma bebida trazida por alguém que se considerava uma *sorcière*.

E quanto ao chocolate dela... O aroma entrelaçou-se com todos os demais cheiros que enchiam o *laboratoire*, insultando-o. Os *chefs* levantaram a cabeça do trabalho e olharam em volta avidamente.

Ele teve de tirar aquilo de lá porque... porque ficaria mal se prestasse a honra de tomar o *chocolat* quando ela tratava o mais alto refinamento da arte de *pâtisserie* dele como se não tivesse valor. Além disso, estava convencido de que ela estava tentando transformá-lo em um sapo.

Ele poderia transformá-la em quê?

Puro desejo?

Ele pegou um *macaron Désir* do refrigerador industrial e mordeu com desconfiança, como já fizera mais vezes do que podia, desde o dia em que ela o rejeitara.

Não. Ainda assim, aquilo era a perfeição. Os pequenos grãos de pistache na língua, a casca externa delicada e crocante, levando instantaneamente ao paraíso que derretia do interior do *macaron*, e então o ganache de damasco, rico, espesso e, no fim, quando se chegava ao cerne do quitute, aquela minúscula surpresa crepitante do coração de caramelo salgado escondido.

Qualquer mudança o faria menos apetitoso. Ele não podia deixar aquela dúvida semeada por ela fazê-lo arruinar um de seus trabalhos mais populares.

Talvez ela precisasse de algo diferente.

Apoiou a mão sobre um balcão de mármore no *laboratoire*, deixando o frio da pedra concentrar-se na mente.

Algo ainda mais especial. Alguma coisa que faria aqueles olhos castanhos pararem de estalar de raiva e se dilatarem de desejo atordoante. Algo que faria sua boca amolecer desamparada, impossibilitada de se contrair de desdém.

Alguma coisa tão especial que apenas ele, no mundo todo, fosse capaz de criar.

Ela o havia chamado de "sua alteza" com todo o desprezo.

Lyonnais sorriu de súbito, fechando a mão com força e tensão, de forma que as costas dos dedos se esfregaram no mármore. Talvez ele devesse oferecer-lhe uma coroa.

CAPÍTULO 10



APENAS UMA ÚNICA cliente, uma loira acabrunhada com cabelo elegante e enfeitado, sentou-se sozinha maternalmente à mesa sob o chapéu de princesa medieval e a coruja esculpida e empoeirada, com cara de má. E, de forma metódica, ajeitou de um modo sexy aquele corte empetecado como se tivesse de manter a aparência, apesar de a loja estar vazia, a não ser pela presença de uma mulher claramente não impressionada por aquele tipo de coisa.

– O que você acha? – a mulher perguntou para Magalie de repente, ainda olhando para o cardápio e para a escrita manual criptográfica nele, como se aquilo tratasse do mistério da vida.

Dado que o cardápio tinha sido escrito por tia Geneviève, de fato *era*, mas mesmo assim... Se ela fosse realmente esperta, olharia para os desenhos de crianças no outro lado.

A mulher emplumou o cabelo de novo.

– A gente se divertiu muito e, sabe, *aquela* parte foi fantástica, mesmo, a melhor que já vivi. Mas ele não telefonou desde então. E já faz uma semana.

Magalie voltou à cozinha antes de começar a soar como tia Geneviève e olhou para o chocolate, pensando enquanto o mexia: *Pare de se vender tão barato e, se você quer mesmo um homem, pelo menos encontre o certo para você. Procure o melhor.*

A mulher bebeu metade do chocolate de uma só vez sem hesitação, o que foi surpreendente, considerando que estava espesso e que ela era magra – qualquer um acharia que ela tinha medo de chocolate. E então abruptamente ela passou o guardanapo de leve sobre os lábios, de forma tão eficiente que ficou bem elegante, com o batom intacto e o papel quase nada manchado. Ela comprou três bruxas de chocolate e dirigiu-se para a rua. Magalie foi até a porta e viu quando a loira virou direto para o *salon* de Philippe.

Ela engasgou de ultraje. *Não foi isso o que eu quis dizer com procurar o melhor.*

Voltou para a loja vazia batendo os pés, ficou parada de pé com os punhos fechados por um momento e finalmente forçou-se a decidir que aquele lugar estava precisando de uma boa faxina.

Magalie estava na ponta dos pés no último degrau de uma escada tirando o pó de chapéus de bruxa quando o sino prateado tocou mais uma vez.

– *Une minute!* – ela disse. O chapéu mais alto da pilha balançou com o espanador, e ela se esticou para chegar mais alto, com a escada movendo-se de um lado para o outro. Alguma coisa bateu em uma mesa e então duas mãos se fecharam em volta do quadril dela. Os dedos se curvaram em torno da cintura, firmes no vão entre os músculos e o osso pélvico, e os punhos comprimidos contra as nádegas.

Magalie sacudiu vigorosamente o braço com o espanador, a pilha de chapéus saiu voando, e as mãos firmes tiraram-na da escada.

Ela voou sem controle sobre si mesma e os pés tocaram o chão, deixando-a furiosa. Ela *não* gostava de se debater no meio do ar. Nem em lugar nenhum.

Os chapéus se espalharam por toda parte à sua volta, e um deles se estatelou no rosto dela. Ela empurrou uma aba larga e preta para fora da testa e sacudiu a cabeça para olhar para Philippe Lyonnais. As mãos dele tinham se esfregado nela com o movimento, produzindo *frissons* de desejo pelo contato na região da cintura e também no peito.

Ele olhou direto para Magalie e perguntou:

– Você está louca?

Ele ocupava toda a sala mais uma vez, com os ombros dominando e bloqueando a visão de todas as coisas. A bandeirinha do chapéu de princesa medieval que tinha caído ficou presa no ombro dele sem ser notada.

– Você não pensou em tirar o salto alto antes de subir em uma escada como esta? O que fazia no último degrau? Aquelas prateleiras lá em cima não aguentam você, caso precise se segurar nelas para se equilibrar.

Magalie pôs as mãos na cintura e rebateu:

– Se você sabe também como tirar pó melhor que eu, então, por favor, fique à vontade para me mostrar a técnica. – Ela lhe deu o espanador. – É um privilégio que tamanha superioridade tenha a condescendência de invadir minha vida.

Ele a olhou por um bom tempo com frieza, e depois pegou o espanador, endireitou a escada, subiu, e começou a tirar o pó da prateleira mais alta. Ele não precisava ficar no último degrau nem se esticar.

Magalie ficou de pé embaixo dele com a boca semiaberta sem acreditar, olhando fixamente para cima. O bumbum dele estava apenas um pouco acima do nível dos olhos dela, de forma que podia ver as curvas tesas debaixo da bainha do casaco de couro. Ele apoiou um pé num degrau acima, o que fez os jeans se ajustarem sobre a força definida de um conjunto muito bom de nádegas e coxas.

Ele estava tirando pó das prateleiras dela.

Sem comentar nem questionar, apesar da expressão de incômodo no canto da boca.

Ele estava tirando pó. Philippe Lyonnais.

Por que faria aquilo?

Certamente não porque ela mandara. Para mostrar-lhe quanto era melhor do que ela naquilo? O complexo de superioridade de nenhum homem iria tão longe.

– Você mandou aquela mulher para mim? – ele perguntou abruptamente. Ela teve a impressão repentina de um homem fervendo sobre mais de um bocal do fogão.

– Que mulher? – ela fez uma careta.

– A loira que me agarrou quando eu saía das cozinhas! Ela estava carregando uma sacola da sua loja. O que fez a ela?

Magalie rangeu os dentes até pensar que podia ir atrás daquela loira e dar na cabeça dela com uma panela de chocolate. Ou, melhor ainda, com uma das chaleiras de ferro fundido da tia Aja. Não era de surpreender que a vida de *mademoiselle* Cabeça Oca estivesse tão bagunçada se ela continuava a interpretar mal mensagens claras.

– Não. Eu mal a conheço. Não vejo por que eu a puniria dessa forma.

Philippe lhe lançou o tipo de olhar que acompanharia uma apunhalada mortal e acabou de espanar o pó da prateleira, como um homem que tinha limpado muita coisa na vida, e bem depressa – o que provavelmente era verdade, uma vez que crescera em cozinhas profissionais. Ele lhe estendeu uma mão imperiosa.

Magalie olhou sem expressão. Ele esperava que ela pusesse a mão na dele? A mão dela ficou inundada de calor de repente com aquela ideia, formigando com a memória daqueles calos. Era janeiro. Como a mão podia estar tão quente?

Ele tinha vertigem? Ele precisava da mão para ajudá-lo a descer da escada? Era a desculpa mais esfarrapada que Magalie tinha para lançar a mão ávida na dele, e já havia, na verdade, começado o movimento, quando ele ordenou bruscamente:

– Dê-me os chapéus, Magalie.

Ela ficou boquiaberta. Ele tinha acabado de lhe dar uma ordem? No território dela? E usado *tu*¹? Ela *não* era íntima dele, muito menos uma pessoa com quem ele teria o direito de usar termos íntimos.

– O que você falou? – ela perguntou de modo frio.

A mão esquerda dele se fechou em torno da beirada da prateleira, Philippe virou a cabeça e a olhou como se estivesse a ponto de pular da escada em cima dela.

Por outro lado, talvez nem mesmo Magalie devesse pressionar um homem que tinha acabado de usar um espanador de penas como resposta à sugestão mais arrogante dela. Ela lhe deu os chapéus. Aquilo era mostrar fraqueza?

Ele os recolocou nas prateleiras: quase *exatamente* nas posições originais, como se soubesse onde estavam com precisão milimétrica,

exceto aqui e ali ele mudou o ângulo muito pouco, e um pouco mais a renda da bandeirola da princesa, de forma que, quando acabou, a prateleira estava melhor. Mais fantasiosa e perigosa e misteriosa e romântica. Ele fez aquilo em dois segundos, automaticamente, sem nem perceber o que estava fazendo. Talvez do mesmo jeito com que dava os toques finais em todos aqueles quitutes lindos na loja.

Magalie analisou a obra dele e então o olhou de esguelha descendo a escada para ficar de pé ao seu lado. Ele era muito maravilhoso. Por que ela não podia ter sido princesa?

Ah, não! Que enjoo. Ela não tinha acabado de pensar aquilo, tinha? Como se quisesse ser *boa o suficiente* para ele? As princesas eram tão... tão *desamparadas*. Elas sempre precisavam que a vida fosse consertada pelas bruxas de Geneviève ou pelo chocolate de Magalie ou pelo chá de Aja.

E Magalie era mais que suficiente. Para qualquer um ou qualquer coisa.

– Não suba nessa escada com esses sapatos de novo – ele ordenou de forma agressiva. – Ou nenhum outro dos seus saltos de dez centímetros. Você *tem* algum calçado sensato?

Não. No apartamento do andar de cima, sozinha, ela andava descalça ou, naquela época do ano, de meias de malha, com os dedos dos pés brincando alegremente.

– Ah! – ela disse animada. – Você é especialista *também* em como eu devo me vestir! Que sorte a minha!

Por um momento, parecia que Philippe queria dar com a própria cabeça na parede.

Bom. Ela deu um meio sorriso doce.

Imediatamente o foco dele mudou, e o desejo de causar dor dirigiu-se para fora. Carnívoro. Como se, em vez de machucar a si próprio, ele quisesse engoli-la.

Ela se inclinou na direção dele com os saltos de dez centímetros bem firmados no chão. O coração batia-lhe muito depressa.

– Você *precisava de ajuda* para alguma coisa?

Ele levantou a cabeça e os olhos azuis olharam a prateleira mais alta, lindamente espanada.

– De nada – ele disse deliberadamente.

Ela inspirou ultrajada.

– Eu não precisava da sua ajuda.

Ela não tinha a menor ideia do que havia passado pela cabeça dele com aquela frase, mas o olhar de Philippe, de repente, percorreu o corpo de Magalie de cima a baixo, e depois ele fechou os olhos com força. Um arrepio ardente a atravessou.

Ele afastou a cabeça com os olhos ainda fechados e ela percebeu a tensão no maxilar dele.

– Eu trouxe a chaleira de volta.

Ela seguiu o ângulo do maxilar para a panela de ferro pesada, que devia ter sido o que bateu na mesa pouco antes de ele agarrá-la. De seu âmago, ouviu um sussurro: *Você sabe que ele pensou que você ia cair. Você sabe que ele quis salvar você.*

Não ligo. Ela calou aquele sussurro impiedosamente. *Ele acha que um de seus doces vale a minha vida.*

– Você bebeu o chá? – ela perguntou com pesar, a hostilidade no tom dava espaço para a curiosidade real. Quase compaixão. Ambos tinham algo em comum: tinham enfrentado recentemente o desafio perigoso do chá de Aja.

Ele finalmente abriu os olhos, o azul muito escuro, e olhou para ela de novo. Por que a vulnerabilidade tomou conta de todo o seu corpo apenas com um olhar sombrio dele, como se implorasse que ele fizesse o que quisesse com ela?

– Foi um presente atencioso – ele disse de forma neutra. – Por favor, diga à sua tia que gostei muito.

Ele não teria bebido. Certo? Ela pesquisou o rosto dele. Ele não poderia ter mostrado mais coragem ou cortesia que ela. Certo?

– Eu trouxe uma lembrancinha como agradecimento – ele acrescentou, e ela viu perto da chaleira, na mesa, uma caixa azul-gelo com o nome *Lyonnais* impresso de um lado ao outro.

Ela engoliu em seco.

Toda a atenção se concentrou na caixa. E na mão grande e elegante que se moveu para seu campo de visão, erguendo a caixa. Segurando-a

para ela. Havia uma queimadura recente, pequena em um dos dedos e algo vermelho-púrpura manchava parte das cutículas.

Ela passou a língua nos lábios.

E sentiu o olhar dele fixo nela. Philippe certamente vira o movimento da língua.

– É só algo com o qual estive brincando – ele disse.

Ela se amaldiçoou pelo fato de ter de pigarrear.

– Eu entregarei a ela. – *Só não abra a caixa.*

A mão grande e firme se moveu e puxou a tampa para trás.

Ah.

Dentro, uma *pâtisserie* formidável do tamanho da palma da mão dela estava coberta com o pó verde de pistache, como se tivesse sido mergulhada completamente nele. Metades de morangos formavam uma coroa na parte de cima, de pé, um de costas para o outro no centro, parecendo não apenas as joias de uma coroa mas também... também corações descobertos, nus. Espetada na ponta da coroa de morango, uma flor dourada estendia brotos de pétalas sobre os corações vermelhos, revelados.

Todo o corpo dela formigava. Ela queria se aproximar da caixa, pegar o doce e trazê-lo à boca. Sentir o pistache picado nos lábios. A suavidade dos morangos e a aspereza. E por baixo... O que o revestimento de pistache escondia? Creme ou bolo, crocante ou macio, ou camadas e camadas de surpresas?

Ela se viu buscando apoio contra a tentação. A mão estava fechada em volta do couro e o músculo do braço tenso. Ela se retraiu.

E olhou para cima.

Philippe tinha encontrado um jeito de chegar ainda mais perto, mais dominante. Os olhos azuis brilharam ávidos de triunfo. O desejo dele parecia envolvê-la, *forçando-a* em direção ao quitute.

Ela inspirou com dificuldade, lutando por oxigênio. Com razão.

– Se você... traz presentes... *para tia Aja*, o mínimo que posso fazer é... oferecer-lhe chocolate quente – pronto. Aquilo não saiu com muitas pausas engasgadas, saiu?

Ela o olhou nos olhos.

Os lábios dele se comprimiram de frustração.

– Talvez ... outra hora – mantendo a coroa de sobremesa, rejeitada, na direção dela. – Já comi muito açúcar hoje. Coisas da profissão.

Em outras palavras, o chocolate dela não era bom o bastante para ter prioridade sobre as sobremesas dele, mas ele achava que ela deveria se derreter para comer a dele.

– Bem. – Ela usou todas as forças para dar de ombros e se virar. – Certamente a tia Aja vai gostar.

Os braços dele se retesaram e, por um segundo, ela pensou que seria forçada a comer a coroa, mas a porta se abriu com o vento, revelando Aja e Geneviève. O ar frio fez um redemoinho com o aroma de chocolate, como a espiral de um carrossel, excitando as narinas com a alternância entre o aroma crocante e o de chocolate derretido.

Geneviève lançou a Philippe um olhar como a bruxa Boadicea lançou aos romanos; Aja olhou-o friamente como Kali e ambas sopraram Magalie para longe dele e para a cozinha, por pura força de personalidade.

– *O que* ele está fazendo na nossa loja? – Geneviève perguntou naquele tom de cochicho, que ficou tão grave pelo ultraje que provavelmente se propagou por todas as paredes da ilha, aninhando-se sorrateiramente nos ouvidos dos turistas, que não entenderam nada, claro. – O homem que não nos notou? Que nos dispensou? Ele veio implorar perdão?

Magalie pegou a colher e abaixou-a com força no fundo da panela de chocolate que estava usando no momento. Mesmo através do chocolate, a madeira da colher rangeu contra o aço e o cobre. Uma gota respingou nas costas da mão, queimando-a.

– Não visivelmente.

– O que você está colocando no chocolate? Algo que vai *fazê-lo* implorar perdão? – Geneviève sugeriu vagamente.

– Nunca use chocolate para vingança, Gen – Aja disse serenamente, apesar de sua expressão não demonstrar nenhuma piedade. – Já conversamos sobre isso.

– Saber quando pedir perdão é uma lição importante – disse muito bem Geneviève, ainda naquele tom de voz que podia ser ouvido através de sete paredes. – De fato, poderia poupar-lhe uma infinidade de

problemas. Ou você pode desejar humildade para ele, como já tentou antes. Mas ele pode precisar de várias doses antes de funcionar.

A cozinha, de súbito, ficou asfixiante além da conta; não havia ar suficiente. Magalie olhou para Philippe agigantando-se no vão da porta. Ele a olhou no rosto, nos ombros, no comprimento do braço, na mão, na colher e na panela de chocolate. Os olhos dele estavam cautelosos, hostis, e arrebatados ao mesmo tempo.

– *Humildade?*

Magalie levantou a mão e chupou suavemente a gota de chocolate que tinha respingado.

Ele inspirou e deu meia-volta. Ela fixou o olhar nele, ultrajada. No entanto, ele não se virou nem voltou. O sino prateado badalou.

Ele foi *embora*? Ele agarrou as nádegas dela e olhou o chocolate e saiu? *De novo?*

– Ele entra e sai valsando do jeito que bem entende, não é? – Geneviève disse. Magalie lançou-lhe um olhar traído. Aquilo foi só um fio de respeito entrelaçado no tom ofendido dela?

As três saíram em fila da cozinha e olharam para a coroa de sobremesa deixada em sua caixa aberta sobre a mesa e debaixo dos chapéus de bruxas.

– É para você, tia Aja – Magalie disse bem calmamente, depois de um momento. – Ele quis agradecer pelo chá.

– Duvido – disse Aja. – Só se abre um presente para a pessoa a quem ele se destina.

1. Na língua francesa, o pronome "tu" só é empregado para pessoas com quem se tenha laços de muita intimidade (família e amigos) ou com crianças, como se verá mais adiante no texto. (N. T.)

CAPÍTULO II



TODO O TEOR DA RUA havia mudado. Foi simples. Philippe trouxe uma equipe de vinte *chefs* e assistentes para aquele local confinado, e todos couberam, a maioria jovens, muitos solteiros, e quase todos do sexo masculino. Quando chegavam, cedo pela manhã, ou apareciam em seus horários estranhos para almoço e pausas, ou iam embora à tarde, caminhavam pela rua com passos controlados, longos e graciosos. Aqueles olhos famintos buscavam por detalhes, primeiramente por comidas, conhecendo os melhores lugares para acalmar seus metabolismos gananciosos, e então começavam a perseguir tudo o mais que a rua tinha para oferecer.

Alguns deles eram muito bonitos também, e todos faziam com que qualquer mulher ficasse imaginando como exploravam, com cuidado, novos sabores e texturas.

Magalie tinha certeza de que Claire-Lucy poderia ter pegado um deles só de ficar esperando junto à porta de uma maneira perceptível, mas ela ficou envergonhada e recuou para a loja de brinquedos, onde havia criado uma exposição de carros de brinquedo clássicos, aqueles extraespeciais que qualquer menino, vinte anos atrás, teria suplicado para ter e talvez jamais ganhado.

Aimée, a dona da galeria do outro lado, pegou a própria pintura novamente e recomeçou o trabalho durante a madrugada em frente à loja Lyonnais: “Por causa da luz sobre os bolos”, ela disse a todos os

chefs que passavam e perguntavam. Philippe e um dos *chefs* pararam ao seu lado. Em seguida, Philippe riu e, quando Magalie percebeu, Aimée já estava passeando na loja com eles antes mesmo de abrir.

Magalie sequer quis falar por que estava em pé naquela hora da manhã, olhando de sua vitrine para a rua.

Geneviève, Aja e Magalie tinham adornado a vitrine com espinhos de chocolate gigantes. Eles tomavam toda a janela, desde a base até o teto, e eram uma ameaça ao quadro tridimensional de uma bruxa e uma princesa em uma torre que se assemelhava sutilmente àquele que estavam trabalhando com Sylvain em sua loja.

Ao terminar, Magalie recuou para o outro lado da rua e franziu a testa em dúvida. Como se certo tipo de homem pudesse ver os espinhos e imediatamente empunhar uma espada.

Ela franziu a testa com mais força e voltou para dentro da loja, impaciente e irritada, e despejou acidentalmente tanta iniciativa na mulher dos diamantes em uma das mesas, preocupada com a traição do cônjuge, que ela foi direto para a loja do Philippe.

Eu quis dizer a sua própria iniciativa!, Magalie gritou para ela mesma. *Não a dele!* E despejou todo o lote na pia em pura raiva.



Mais tarde, naquela noite, Magalie passou a mão pelas camadas de casacos até a maçaneta da porta, abriu-a o suficiente para escorregar da cozinha para outro mundo.

A porta do pátio era tão pequena que só ela, Aja e crianças conseguiam atravessá-la facilmente. Geneviève tinha de se curvar. Philippe Lyonnais também. Talvez aquela fosse uma consequência do pequeno tamanho de Magalie: ela nunca teve de aprender a abaixar a cabeça.

O ar gelado a atingiu no momento em que entrou no pequeno pátio de pedra. Havia uma fonte antiga junto à parede oposta, a pequena bacia abaixo da boca do leão estava cheia de plantinhas. Ela queria limpá-la e colocá-la em uso novamente. Geneviève havia resistido à ideia.

Tia Aja disse que não tinha certeza de que aquilo poderia ser feito sem gastar uma fortuna no encanamento. Agora o olhar de Magalie virou-se para o leão, sua cabeça estilizada tão semelhante àquela nos cantos dos tetos do Lyonnais. Como se ele estivesse encolhido no pátio todo aquele tempo, esperando ser despertado para atacar.

Magalie manteve distância do leão enquanto cruzava o pátio em direção a uma porta branca que levava até uma escada helicoidal. Pela escada, estreita e íngreme, que subia e subia, passou pelo segundo andar sobre o qual as tias ocasionalmente falavam em remodelar, mas que, em vez disso, encheram com achados do mercado de pulgas. Passou pelo terceiro, quarto, quinto e sexto andares, que eram alugados para os ricos e de forma esporádica, como o famoso ator norte-americano que ficou no quarto andar e que só aparecia nos fins de semanas entre as filmagens. No sétimo e último andar, o pequeno apartamento de Magalie, um estúdio arejado, com janelas da altura do joelho até o teto, com uma pequena área para a cozinha e um espaço para uma cama, um canto de leitura com uma cadeira confortável, e um pouco de espaço para se movimentar entre os dois sem esbarrar nas coisas, o que era mais do que se podia dizer de muitos apartamentos em Paris. O edifício tinha sido presente para Geneviève de uma amante, a esposa de um político poderoso, quando ela tinha a idade de Magalie. O próprio ato tinha inspirado a juventude de Geneviève com romance e poder. Magalie não conseguia imaginar, nem em um milhão de anos, alguém desistindo da posse de uma parte do coração de Paris.

A estada gratuita de Magalie era uma de suas maiores vantagens, pois seu salário em La Maison des Sorcières certamente não era suficiente para cobrir o aluguel de um lugar como aquele. Ela acentuou a leveza do apartamento com lençóis brancos e cortinas translúcidas também brancas que flutuam para longe das janelas azuis, permitindo que ela ascenda, todo dia, de uma caverna quente e escura para uma torre de marfim.

No armário, mantinha um sachê de lavanda, feito pela mãe com flores dos campos da família. Pagou um artista local para reproduzir os campos de lavanda em sua parede, um espetáculo de borrões roxos semi-impressionistas. No entanto, a maioria de suas fotos guardou em

um grande álbum sobre uma prateleira perto da cama. Em parte, fez isso porque o tamanho do apartamento exigia simplicidade absoluta para evitar a bagunça. E porque muitas fotos eram de grupos de amigos aos quais ela não pertencia mais, contudo, gostava de guardá-los dentre as capas do álbum, onde não poderiam sem querer deixá-la triste.

A primeira coisa que Magalie fez foi tirar as botas, movê-las com cuidado para fora de vista e vestir meias cor-de-rosa listradas e adornadas com a figura de um gatinho. Seus pés flexionaram-se com um delicioso alívio. Era um de seus momentos favoritos, o primeiro passo naquelas meias acolchoadas e tolas.

Ela substituiu as roupas formais por uma calça de lã levemente rosada e uma regata de malha creme apertada, sobre as quais adicionou um roupão enorme, espesso e atalhado. Soltou os cabelos, e eles caíram sobre os ombros, com as raízes suspirando aliviadas.

Pegou uma laranja do tipo *clementine* do pequeno balcão e começou a comê-la, o cheiro do óleo da casca tomou todo o ambiente, um perfume azedo e puro depois de uma tarde com chocolates.

E então ficou lá se perguntando se deveria ter saído, ligado para seus amigos da Universidade de Paris ou ido ao teatro, se deveria ter feito *alguma coisa* além de chafurdar no conforto solitário da noite.

Ela era madrugadora, especialmente no inverno, mas isso pode ter sido uma consequência em vez de causa, pela sua tendência de se afundar na cama cedo e se cobrir por completo. Magalie adorava se aninhar na cama em noites como aquela, mas, aparentemente, não deveria, porque preocupava suas tias, que preferiam que ela saísse para dançar. Ela também ficava um pouco preocupada... E se estivessem certas? Às vezes, era tomada por uma grande solidão que ameaçava todas as barreiras que havia construído.

Você não pode curar a solidão se afundando nela, vivendo em uma ilha afastada do mundo. Magalie sabia disso. No entanto, tinha muita dificuldade com todas as curas. Pareciam ásperas, rudes e brutais, como se estivessem esfregando uma bucha em sua pele. Coisas como tentar sair com homens que ela mal conhecia, ou dançar em casas noturnas de Paris, ou sair com os amigos para bares próximos às margens do rio.

Ela fora viciada em festas na escola, e ainda era do tipo de dançar a noite toda em celebrações de Ano-Novo ou casamentos quando voltava para a Provença; mas havia algo a mais em relação à dança, algo que a forçava a se misturar com as pessoas, uma estranha entre estranhos. Às vezes, uma de suas amigas da universidade, a mais longa amizade que jamais tivera, conseguia convencê-la a ir. Contudo, para Magalie, era muito mais tentador deitar-se com um livro debaixo do seu edredom branco e espesso.

Ainda assim, às vezes, depois que ela se deitava, acabava lamentando-se pela falta de coragem e se sentia desolada de solidão.

Era importante ter um livro *realmente bom*.

Naquela noite, ela ficou olhando pela janela, comendo a laranja *clementine* e, em seguida, tomando um pouco de iogurte, e lutando contra a visão calorosa e acolhedora de um restaurante, alguém sorrindo para ela do outro lado da mesa, servindo-lhe vinho, falando sobre as opções no cardápio.

O homem de sua visão fragmentava-se quando ela prestava mais atenção. Não se deve sair para jantar com alguém que a considera o prato principal.

Ela apertou o roupão de banho junto ao corpo, tentando ficar perto do aquecedor logo abaixo da janela e mantendo uma pequena distância do vidro gelado ao mesmo tempo. Era uma noite fria e limpa, ela podia ver três estrelas, algo raro em Paris.

Magalie abraçou-se por mais um instante, então deixou cair o roupão pesado e entrou debaixo das cobertas. O choque do frio das cobertas a fez se enrolar tremendo, puxando-as com força contra ela para aquecê-las rapidamente com o corpo.

Aquela mesma solidão que havia tomado conta dela enquanto observava Cade Corey e Sylvain Marquis surgiu do nada e a agarrou novamente. Ela queria um corpo quente para compartilhar a cama, para abraçar enquanto ambos sentiam o primeiro toque frio dos lençóis macios. Uma força musculosa e quente, com um sorriso de leão, agarrou-a com força, deixando-a absorver seu calor.

Magalie puxou o edredom por cima da cabeça, tentando bloquear a visão de cabelos cor de mel e ombros musculosos.

No entanto, a visão continuou surgindo, em partes, mesmo depois de ter lido todo o livro e se enrolado para dormir. Ela virou de lado e sonhou com um braço curvando-se sobre seu ombro, a mão apoiada em sua barriga. Ela esfregou a cabeça com força no travesseiro para remover a visão, mas começou a imaginar uma respiração quente no cabelo e no pescoço. Ela sonhou com uma risada, e sentiu nele uma segurança na sua força que não tinha medo dela.

Talvez precisasse namorar mais. No entanto, a loja de chá não parecia atrair homens do seu tipo. Pelo menos, atraía pessoas humildes, mas até agora simplesmente não haviam se conectado.

Por nenhuma razão específica, uma visão passou por sua mente, a de Philippe Lyonnais decepando um pobre homem humilde, membro por membro, e jogando as partes no rio e sorrindo com crueldade à medida que elas passavam flutuando pela ilha. Seu território defendido.

A visão deixou-a fervendo por inteiro.

Com raiva. Fervendo com raiva. Ela não era território dele.

Talvez Magalie devesse tentar fantasiar sobre Sylvain Marquis. Ele era bastante sexy. Quase casado com uma princesa, é verdade. Também, não poderia ser diferente, homens como ele sempre se casam com princesas. No entanto, isso não queria dizer que não pudesse fantasiar um pouco em privacidade, não é?

Cada vez que tentava iniciar uma fantasia mais intensa, porém, via-se correndo os dedos em cabelos castanhos sobre um braço, ou cabelos castanhos dourados e ondulados sobre um peito musculoso ou uma cabeleira espessa que... talvez ela precisasse contar carneirinhos.

Um monte deles.

E que nenhum leão se atrevesse a rir e tentar comer um deles enquanto ela os estivesse contando.



A meio quilômetro de distância, Philippe pressionou o antebraço nu contra a janela de seu apartamento, deixando o frio penetrá-lo. Depois de observar por um longo momento a Île Saint-Louis, como se pudesse

ver através dos edifícios, ele abaixou a cabeça para apoiá-la no próprio braço.

Precisava ir para a cama. Havia levantado às quatro e meia da manhã. E teve uma tarde emocionalmente difícil, com outra mulher rica e bonita aparecendo em sua loja, segurando um saco de La Maison des Sorcières e se oferecendo para ele. Ele não sabia por que Magalie estava lhe direcionando aquelas mulheres – tentando proteger-se, ou na esperança de arruinar a vida dele, fazendo-o se apaixonar pela mulher errada. Qualquer que fosse a razão, não funcionaria, mas o fato de que ela estava disposta a tentar fez sua cabeça explodir.

Como Magalie podia querer isso? Só de pensar, seu sangue *fervia*. Com certeza, ele nunca enviaria um homem na direção *dela*.

Sua ideia era fazê-la pagar por isso. Pagar por cada mulher que ela tinha jogado em cima dele.

E achava um total absurdo, é claro, que ela pudesse criar poções do amor ou poções para transformá-lo em um sapo. Aquilo era apenas um mero copo de chocolate, pelo amor de Deus, e também *completamente inferior às suas criações*.

Ele precisava apenas se dar algum crédito. Se uma mulher se enchesse de chocolate enfeitado e ainda fosse atraída por suas vitrines, era um sinal do seu grande poder.

Poderoso o suficiente para triunfar sobre uma bruxinha teimosa, essa era uma dedução lógica.

Droga.



Magalie não gostou quando o vendedor da loja de artigos esportivos a direcionou para longe dos melhores pares de tênis e para mais perto dos piores. Ela lhe lançou um olhar incrédulo. Claro, a ideia era a de que ela não dava a mínima para sua aparência, mas também não fazia sentido dar uma de doida.

– *Je vous promets*, eles são melhores para acomodar os pés – ele disse.

Na sessão de roupas, ela escolheu um par de calças pretas e uma elegante camiseta de malha que ficavam justas nos lugares certos, para deixar claro que não correria porque *precisava*. Ela não se importava com o que os outros pensassem dela, mas era importante que ficasse claro para essas pessoas que a sua indiferença também era justificada.

Ela não contou a ninguém. Saiu escondida na manhã seguinte, pouco antes do amanhecer, com a cidade dormindo. Não queria parecer muito estranha. Como se não pertencesse àquele local.

A ilha estava em silêncio. A cobertura parecida com um chapéu de bruxa de uma torre de igreja lançava sua silhueta escura contra os primeiros sinais de luz.

Ela caminhou rapidamente para a extremidade da ilha, tentando não se deixar parar em frente à vitrine do Lyonnais. Mesmo assim, não deixou de notar um genuíno e antigo baú adornado com joias. Ele provavelmente havia ludibriado algum colecionador a emprestar-lhe a peça, pensou irritada. O baú estava tombado para o lado, mostrando *macarons* em seu interior, algo que um dragão mataria para obter: vermelhos cor de sangue, e recheados com *ganache* de chocolate, um que era puro ônix, havia outro de um verde tão rico que poderia ser esmeralda, e outro de âmbar polido.

Magalie andou mais depressa. Os sites sobre corrida diziam que deveria se aquecer primeiro, e não havia motivo para que as pessoas da ilha a vissem fazendo algo que achariam ridículo. No alto da ponte, atravessando para o lado da Notre-Dame, o céu no leste mostrava-se rosa. Nenhum violinista para observá-la pelo caminho. Nenhum. Paris antes do amanhecer era mais pacífica do que uma criança, tão pacífica quanto uma intensa e sofisticada rainha da sociedade em seus raros momentos de repouso.

Magalie se ajeitou e saiu correndo de forma surpreendentemente fácil. Sentiu-se tão leve. Estar ali, sem suas roupas de batalha, concentrada apenas na madrugada gentil da cidade e em si mesma.

Os sites aconselhavam que ela caminhasse e corresse, percorrendo cinco quilômetros ao total. A caminhada era a parte mais difícil. Quando desacelerou, perdeu a sensação dos calcanhares estalando, sentiu-se

vulnerável e desconfortável. Ela correu mais do que o planejado, ao longo do rio, pela cidade, porque preferia a sensação de voar.



Quando abriu a porta da loja, às duas da tarde naquele dia (as tias se recusaram a servir sobremesas para as pessoas que não tinham comido um almoço adequado), ela estava preparada para mais um dia escasso de visitas raras de frequentadores assíduos que sentiam certa pena, ou a vontade ocasional de uma mulher por um pouco de magia em sua vida. No entanto, em vez disso, deparou-se com um homem vagamente conhecido. Magro, alto, vigoroso, de rosto angular e intelectual. Jovem, quase com a mesma idade que ela. E ele cheirava... a caramelo e bananas. Na verdade, como o próprio Philippe Lyonnais.

Magalie olhou para ele e percebeu vaga familiaridade. Ele estava entre os jovens liberados das cozinhas Lyonnais em horários estranhos para ganhar as ruas. Ele tinha algo verde preso debaixo da unha e outra camada de verde em sua bochecha. Sim, era um *chef*. Um dos *chefs* de Lyonnais.

Ele sorriu para Magalie, com seus olhos brilhando ao perguntar:

– Você já abriu? Sempre noto suas vitrines ao passar por aqui, não consigo mais resistir.

Na ausência do próprio príncipe, havia algo muito gratificante em subornar um de seus súditos. Magalie sorriu e o deixou entrar.

CAPÍTULO 12



PHILIPPE DEMOROU DUAS semanas para perceber que, mesmo em sua ausência, o chocolate de Magalie parecia provocá-lo de maneira penetrante, porque seus funcionários traziam seu aroma de volta à cozinha, em suas roupas, após cada maldita pausa que faziam. Um de seus *chefs* acabara de voltar ao trabalho com um bigode de chocolate quente, que agora manchava a luva branca que havia usado para limpar o rosto culpado depois do olhar fulminante de Philippe.

E Philippe ainda não tinha conseguido trazê-la para uma primeira visita à sua loja. Isso o fez querer quebrar tudo.

Em vez disso, ficou mais furioso ainda. *Putain*, mas ele a faria lamentar-se por isso.

As revistas e os blogs elogiavam as vitrines de Philippe: “irresistível”, “o epítome da tentação”, “um êxtase de tato, paladar e visão”, “uma falta de gosto passar por lá e não entrar” e “ninguém pode passar por lá sem se emocionar”.

Exceto uma pessoa.

Magalie o estava deixando louco.

Não havia provado uma só das obras de arte expostas nas vitrines da loja dele. Philippe sequer a pegara se demorando um mero segundo para olhar para suas vitrines. Magalie não parecia nem um pouco tentada.

Pelo amor de Deus, ela estava mandando outras mulheres até lá! Ele estava colocando tudo o que tinha nas vitrines. E ela agia como se o seu

ser completo, total, não sangrasse de desejo. Como se ela conseguisse dormir à noite.

Ele não conseguia. Ele acordava sonhando com *chocolat chaud*.

Chocolate amargo, grosso e de aroma agradável. Agitado em um esconderijo quente de uma cozinha, por uma delgada mão que estava com uma manicure tão perfeita como uma armadura, um escudo sem o qual ela não podia sair para o mundo exterior. O rico chocolate quente agitado em uma cozinha onde o aroma era como uma droga que dominava todos os que entravam. O que ela estaria misturando nele? Quais desejos ou maldições? *Vou bebê-lo, vou bebê-lo. Você não pode apenas dar uma mordida em algo meu, para que eu possa provar o seu?* Logo, ele imploraria a ela, de joelhos, que se dignasse a provar uma de suas *pâtisseries*. Dele. Philippe Lyonnais.

Saiu para a rua para respirar um pouco de ar fresco, e não para passar pela casa daquela bruxa novamente. Não era culpa dele que o parque mais próximo ficasse bem perto do final da rua, onde estava o estabelecimento dela. Muito menos sua necessidade de dar uma boa esticada nas pernas.

Olhou para aquele lado da rua, apesar de se esforçar para não fazê-lo.

Havia um homem alto, de cabelos escuros, olhando para a vitrine das bruxas; em seguida, abriu a porta e entrou como se gozasse de familiaridade.

Todos os músculos do corpo de Philippe enrijeceram-se. Sylvain? Que diabos estaria Sylvain Marquis fazendo naquele lugar?

Não que ele desse a mínima importância para o que Sylvain Marquis estivesse fazendo, é claro que não. O homem fazia um bom chocolate, Philippe reconhecia, mas isso dificilmente o tornava uma real preocupação para ele, *Philippe Lyonnais*. Então, o que ele pensava que estava fazendo naquela rua, em primeiro lugar? Aquele era o território de Philippe.

E indo para... Uma grande garra afiada entrou nele e o arranhou por dentro. Será que ela estava comendo o chocolate de Sylvain? Será que Magalie estava oferecendo o chocolate dela para Sylvain?

Philippe começou a descer a rua, como se estivesse fazendo uma vigília longa e colérica.

Quando entrou no *salon de thé*, o sino de prata tocou uma ligeira nota de aviso. Magalie, Geneviève e Sylvain estavam discretamente debruçados sobre uma mesa pequena, um papel esticado na frente deles. O cabelo de Sylvain cortado como o de um poeta caía para a frente, roçando levemente os fios que pendiam do coque de Magalie, os fios pretos de ambos indistintos.

Philippe respirou agitado, a raiva lhe golpeava por dentro como um enorme tambor que tornava difícil ouvir qualquer outra coisa.

Ele sabia que Sylvain Marquis andava ocupado, nomeando todos os seus novos chocolates em homenagem a uma bela bilionária que se derretia cada vez que ele sorria; Philippe havia apenas concordado em fazer os *pièces montées* para o casamento deles. Afinal de contas, será que ele conhecia o caráter de Sylvain? Ele certamente parecia ser um homem que fazia sucesso entre as mulheres.

E seu cabelo estava tocando o dela. E Aja estava trazendo uma bandeja de chá e chocolate. Que *Sylvain* podia beber. Ninguém estava tentando humilhá-lo. E os olhos de Magalie brilhavam de prazer. A raiva pulsava tanto que fazia os ouvidos de Philippe zunir; um toque grave que estava muito perto, muito alto.

– Sylvain – chamou ele, de forma nítida e indiferente, como se a própria neutralidade da sua voz pudesse trazê-lo de volta à razão.

Geneviève, rigorosa, olhou para a porta bem atrás da cabeça dele:

– Preciso arrumar esse sino. Como você conseguiu entrar de novo?

Sylvain olhou e rapidamente ofereceu a mão para apertar a de Lyonnais.

– Philippe. Como está o novo *salon*?

– Como esperado – disse Philippe, que era tão modesto como se pudesse declarar “superando todos os recordes”. E ele não tinha ideia de por que as três mulheres o olhavam como se fosse incrivelmente vaidoso e precisasse baixar a crista. Ele quase não se preocupava com a atitude das duas mais velhas, mas a rejeição fulminante nos olhos de Magalie fez seu sangue ferver.

Apenas Sylvain parecia respeitar suas palavras:

– Parabéns – novamente estendeu a mão e apertou a de Philippe. – Você trabalhou duro para isso.

Sylvain sabia trabalhar arduamente pelo sucesso em seu mundo de cozinha *gourmet* de alta qualidade. Era enlouquecedor ver que a única pessoa na sala que Philippe mais queria levantar pelo colarinho e expulsar era o único a cumprimentá-lo e dar-lhe seu devido valor.

– E agora que você compartilhou suas notícias conosco – disse Geneviève –

– você está convidado a se retirar. Aliás, aconselhado.

– Talvez – Magalie disse com um sorriso sutil e malicioso – ele não consiga ficar longe daqui. Talvez queira um pouco de chocolate.

Philippe olhou para Magalie por um momento, respirando profundamente, sentindo o cheiro do chocolate dela a encher-lhe os pulmões até quase saboreá-lo. *Bordel*, qual seria o gosto desse chocolate?

Seu impulso para pôr Sylvain Marquis para fora de seu território o levava até ali, com nada para seduzir Magalie em troca. Ele sentiu a desvantagem de forma intensa. Sylvain provavelmente tinha trazido às bruxas um presente maldito feito com seus malditos chocolates. Que ela provavelmente tinha comido. *Putain de bordel de merde*.

Ele tentou decifrar o que estava no rolo de papel sobre o qual todos haviam se inclinado. Desenhos. Algo fantástico. Ele reconheceu o corte e as linhas extravagantes do esboço de Sylvain, pois já havia trabalhado em projetos especiais com o *chocolatier*. Os outros dois estilos eram uma esquisita linha curva, quase como um conto de fadas mesclado a um desenho animado, e uma enigmática mão angular que expressava outra geração. Esta última deve ser de Geneviève. Será que a esquisitice retorcida com risos era de Magalie?

Com um dos cotovelos, Philippe se inclinou para trás na vitrine, como se fosse comprar algo, contra a vontade que crescia nele, e tentou apoderar-se do desenho. Ele nunca chegaria perto dela novamente sem algo tentador em mãos. Algo extremamente, terrivelmente tentador.

Todas as três mulheres se concentraram no cotovelo dele junto à vitrine com um olhar frio.

No entanto, ele ainda estava lá. O vidro plano, duro e frio era de boa qualidade.

Philippe buscou na mente uma razão sólida e prática para explicar sua invasão. Ele precisava parar de ir lá... mas não conseguia se manter afastado. Ficou com uma cara de dar dó.

– Acontece que vi Sylvain e pensei em surpreendê-lo. Eu queria a sua opinião sobre uma das *pièces* para o seu casamento – acrescentou a Sylvain.

As três mulheres olhavam para ele com um desgosto maior ainda, como se aquilo fosse possível. Ele se questionava sobre o que Sylvain e as bruxas estariam imaginando como sua motivação para ir até ali. Estariam querendo que ele pedisse perdão por existir, talvez?

Bem, pelo menos ele tinha mencionado o fato de que Sylvain estava para se casar. Isso no caso de Sylvain não ter, ele mesmo, contado a respeito para Magalie.

Sylvain, o canalha de cabelos negros, olhou para ele arqueando as sobrancelhas de leve.

– Você quer que eu dê uma opinião sobre o seu trabalho? – ele indagou, querendo passar-se como neutro.

– É *para o seu casamento* – disse Philippe, tomando coragem. Certamente essa pergunta parecia plausível...

– Bem – Sylvain sorriu um pouco. Seu olhar viajou rapidamente entre Philippe e Magalie. – Fico sempre feliz em dar-lhe qualquer conselho que eu possa.

Le salaud.

– Por que nós não falamos sobre isso lá fora?

O antebraço de Sylvain, deitado sobre o desenho, quase não mais roçava Magalie, e cada um deles segurava um lápis em feliz harmonia.

– Acabei de chegar – disse Sylvain, parecendo se divertir tanto que Philippe sentiu que teria de machucá-lo. – Mas passo na sua loja quando sair daqui.

Philippe novamente tentou decifrar o desenho de maneira discreta. Sylvain ergueu o braço para que o papel se enrolasse sozinho sobre o braço de Magalie, escondendo o desenho por completo.

Philippe colocou o cotovelo duro contra o vidro atrás de si e cerrou o punho:

– Esta é a minha rua, Sylvain – disse ele com coragem, mas cauteloso.

As três mulheres olharam para ele, que, então, realmente conseguiu sentir que a chama havia atingido a pólvora; a tensão na sala fez brotar uma incandescência. Geneviève levantou-se e foi até a porta.

– Desculpe-me, mas ainda levaremos mais uma hora. E não podemos continuar enquanto estiver aqui.

O rosto de Philippe ficou furioso e frustrado com aquela mentira palpável. Ele nunca chegaria a lugar nenhum com elas. Magalie tinha passado a odiá-lo; cada passo que ele dava era um erro. E tudo o que ele queria fazer era agarrá-la e arrastá-la para fora, para que assim pudesse travar uma luta pessoal em seu próprio território.

Philippe fitou os olhos de Magalie por um longo tempo. E então, *putain de merde*, concedeu a uma mulher de sessenta anos o respeito de permitir que o colocasse para fora do estabelecimento dela, e caminhou até a porta. Sylvain sorria como se a vida fosse apenas um delicioso espetáculo.



– Sua rua? – Sylvain apareceu uma hora depois, mostrando indiferença. A cozinha já estava fechada, mas Philippe tinha ficado.

Philippe mergulhou o *fouet* nas claras de ovos e bateu-as manualmente com força. Ele tinha um excelente equipamento para bater claras em neve, mas, às vezes, batê-las manualmente aliviava muita frustração.

– É minha. Eu já disse isso.

Sylvain abriu a boca de novo, pensou melhor e fechou-a. Depois de mais um momento observando as claras se elevarem sob a velocidade do batedor de Philippe, ele falou, como se já soubesse a resposta:

– Acho que você não conseguiria, ao menos, tentar ser um pouco humilde, não é?

Philippe polvilhou açúcar refinado e bateu com mais força ainda:

– Não.

Sylvain sacudiu a cabeça, começou a falar novamente e, mais uma vez, mudou de ideia. Quando as claras se elevaram até mais em cima, ele finalmente disse:

– Você sabe por que lhe pedi para fazer os andares do meu bolo de casamento, não sabe, Philippe?

Philippe olhou para ele, surpreso:

– Porque eu sou o melhor.

– Exatamente – Sylvain parecia não encontrar nada de errado na declaração. Às vezes era bom falar com um homem que sabia a diferença entre arrogância e autoavaliação precisa. – *Enfin*, com o açúcar e as claras em neve e tudo mais – Sylvain fez um aceno com a mão, obviamente excluindo todos os chocolates de Philippe da lista de reivindicações de superioridade. – Então você não precisa dos meus comentários sobre as *pièces montées*.

– Claro que não – retrucou Philippe, irritado. Confiar em Sylvain seria por demais desagradável, mesmo que fosse para admitir a artimanha. Ele tirou o batedor, e as claras em neve estavam leves como o ar, dando liga.

– Você já bebeu o chocolate dela? – indagou com pesar.

– Sim – Sylvain lançou-lhe um sorriso malicioso.

Philippe desejava ter mais o que bater. Se continuasse, porém, as claras iam se decompor.

– E então? – perguntou ao homem considerado o melhor *chocolatier* do mundo.

O sorriso de Sylvain era o de alguém que se alegrava com a maldade alheia.

– Você deveria prová-lo qualquer dia desses – ele recomendou.

Philippe, quase violento, colocou o batedor de volta na tigela, e as claras em neve respingaram sobre ele. Sylvain tocou de leve uma de suas sobrancelhas e levantou-a diabolicamente.

– Não vou provar o chocolate dela até que ela prove algo meu! – Philippe resmungou. – Qualquer coisa. Não me importo se for apenas um grão de açúcar na ponta do meu dedo. Tem de ser... algo... meu.

As sobrancelhas de Sylvain ergueram-se ainda mais:

– Ela nunca comeu nenhuma coisa feita por você?

Putain de merde. Como deixara escapar aquilo para o homem cuja noiva teria se arriscado a ir para a cadeia somente para conseguir um pouco mais de seus chocolates?

– Nunca? Por quê? Ela é diabética? Não, não pode ser... Eu a vi comer chocolate.

Pois é! E Philippe nunca chegara perto o suficiente para ver Magalie comer qualquer coisa. Ele resmungou novamente.

Sylvain olhava para ele com piedade; ficou um tanto quanto incrédulo por um longo tempo, até que Philippe, por muito pouco, não virou a tigela com as claras em neve na cabeça de Sylvain.

– *Eh, bien, tu n'es pas dans la merde* – ele disse por fim, como se aquilo fosse normal.

Desde quando Sylvain usa o *tu* com ele? Ambos sabiam que o *vous* era a regra básica de sobrevivência na área profissional, quer na rivalidade quer em determinada cooperação, como era o caso deles. Era impossível manter o *vous* com alguém tão patético como Philippe no momento?

– Percebo que estou na merda, *merci*, Sylvain.

Sylvain deu um longo passo para trás, provavelmente para ficar fora do alcance de uma tigela com claras em neve. Colocou as mãos nos bolsos da jaqueta e ficou ali à vontade, enquanto Philippe começava a polvilhar as amêndoas trituradas sobre as claras em neve, ainda fingindo para si mesmo que aqueles *macarons* iam ficar bons.

– Você está pensando nesse grão de açúcar na ponta do dedo há muito tempo, não? – Sylvain sorriu.

– Dê o fora daqui, Marquis!

CAPÍTULO 13



MAGALIE TERMINOU DE PENDURAR a lua pouco antes de uma fera mexer na maçaneta da porta. Quando aquilo aconteceu, ela logo entendeu que seria um *daqueles* dias.

Seu favorito.

Havia se passado uma semana desde que tia Geneviève chutara Philippe Lyonnais para fora da loja na frente de Sylvain Marquis, e Magalie estava começando a pensar que ele tinha desistido de se intrometer. Ela começara a misturar os mais estranhos desejos ao chocolate dos *sous-chefs* dele, como se, por meio deles, pudesse encontrar uma brecha em sua armadura.

No entanto, quando havia parado, no segredo da madrugada, diante das vitrines da loja dele enquanto corria, viu sua mais nova criação em lugar de destaque: tratava-se de um prolongamento de açúcar que formava duas lâminas cruzadas em cima de um pálido escudo de baunilha, através do qual os minúsculos grãos individuais de framboesa se espalhavam como sangue.

A batalha ainda estava acontecendo. Ela fizera uma boa corrida pela manhã.

Já estava em três dos cinco quilômetros que programara. E mesmo as poucas pessoas pela rua estavam deixando de ser estranhas e adquirindo um ar de familiaridade, como se a liberdade de correr a levasse a um passeio longo e aberto, minimizando qualquer julgamento daqueles pelos

quais passava. Ela passara cinco anos sentindo como se a ilha fosse o seu jardim murado e como se pisar além dela a lançasse sobre um campo de guerra. Contudo, os cais longos e curvos de Paris e as pontes em arco da cidade, com o vento frio soprando por elas, também estavam começando a lhe pertencer.

Às cinco ou seis horas da manhã, Magalie não se perdia na massa de gente, reduzida a nada; havia pouquíssimas pessoas por perto, e ela se sentia livre demais para se preocupar.

A maçaneta sacudiu novamente. A fera estava sem chapéu, apesar dos indícios de neve, com os cabelos cor de mel enrolados no pescoço, como se formassem uma bela juba. Algumas pessoas tinham olhos azuis que você nunca notava, de modo que depois de anos de amizade você ainda não podia ter certeza da cor de seus olhos. Não os dele. Estavam diretamente fixos nela através da vitrine, reconhecendo-a, sem erro, entre os espinhos perigosos e os abetos feitos de chocolate amargo, levemente espargidos por neve rudimentar e volumosa. Uma bruxa de chocolate pegava flores parecidas com joias, feitas a partir de violetas, e folhas de hortelã cristalizadas, que estavam à sombra das árvores. Ao longe se agigantava uma torre de chocolate, a partir da única janela alta da qual estava disposta, de maneira harmoniosa, uma longa trança cuidadosamente feita de tiras finas de casca de limão cristalizada.

A fera do lado de fora da casa de chá quase perdeu o equilíbrio, porque uma menina com olhos azuis, como os dele, estava agarrando e puxando sua mão.

Típico dele. Usar uma menininha para entrar na casa de uma bruxa. Ele sabia que estava banido dali.

Ela desceu da escadinha, tentando arduamente não mostrar como doíam suas pernas por causa da última corrida; mas doíam tanto que ela mal se lembrou de esquivar-se da lua que acabara de pendurar; o chocolate era tão escuro que a cor marrom era quase preta. A lua balançou a uns poucos centímetros acima da testa de Magalie. Pessoas mais altas colidiam com a lua se chegassem muito perto da vitrine logo abaixo, mas aquele era o tipo de perigo que suas tias apreciavam ter no *salon*.

Magalie abriu a porta e segurou-a aberta, e os visitantes passaram por ela dentre um turbilhão de ar frio vindo da rua. O ar frio liberava um espaço no aroma rico do chocolate espesso, e somente por um segundo ela sentiu o perfume das rosas e do sol. Um leão que cheirava a rosas e sol? No que ele estava trabalhando agora?

Ela zombou dele.

Ele sorriu de volta, nitidamente mostrando suas presas.

– Ela é uma arma ou um escudo? – Magalie indagou sobre a cabeça da menina.

– Uma espécie de pé de cabra, para arrombar portas – ele respondeu, fechando a porta atrás de si, confirmando a sua entrada.

Magalie considerou agitar uma poção do amor em seu chocolate, para fazê-lo se apaixonar por alguma rã terrivelmente deslumbrada, que se achasse uma verdadeira princesa.

Isso se ela o convencesse a beber seu chocolate...

– Você é uma bruxa? – a menina indagou em um misto de silêncio e ansiedade, olhando ao redor.

Magalie analisou-a. Seu cabelo tinha o mesmo tom castanho-amarelado do cabelo de Philippe Lyonnais, e era enrolado sobre os ombros em cachos grandes e robustos. Um gorro como aqueles usados por um mensageiro, de tonalidade azulada, tentava conter todo o cabelo.

– Essa é uma pergunta indiscreta!

Ah, murmurou a menina, ainda mais encantada, e com os olhos cada vez maiores. Ela olhava em volta para os mais variados tipos de chapéus cônicos, tão belamente reorganizados pela fera que segurava a sua mão. Além dos chapéus, as prateleiras e as paredes estavam repletas de imagens dos artistas das tias; eram amigos escritores, pintores, tecelões, mas todas as imagens precisavam de uma boa limpeza. Havia, também, bules e suvenires extravagantes e estranhos, e um relógio de cuco que parecia uma casa coberta de doces primorosamente elaborados. Quando a menina olhou para o relógio, uma bruxa saiu de repente pela porta feita de confeitos e riu maldosamente.

O relógio estava sempre cinco minutos atrasado.

– Meu tio é um príncipe – a menina disse com confiança. Ela abanou a mão de maneira graciosa e se pôs a citar todos aqueles programas de

televisão idiotas sobre ele: – *Le Prince des Pâtisseries!*

Não confiante de que sua própria risada soaria malévolamente o suficiente para seguir o cuco do relógio, Magalie contentou-se em retorcer os lábios no momento em que virou o rosto para o outro lado, escondido o suficiente para que a menina não o visse, mas não tão escondido que o tio não pudesse vê-lo.

Em retribuição, ele também retorceu os lábios para ela. Parecia que estava prestes a rasgar a garganta de gazela dela quando fez aquilo, para, em seguida, passar a língua demoradamente sobre o sangue de Magalie que tivesse ficado nos dentes.

Em seus sonhos. Ele estava tão adequado e poderoso e alto diante dela, mesmo que ela estivesse usando botas, que Magalie supôs que algum observador externo e cego podia vê-la como uma gazela em relação a um leão. Contudo, esse observador estaria muito enganado...

– Sim, ele tornou claro o seu status de realeza para nós – falou Magalie.

Ele encolheu os ombros largos, como se quisesse dizer: “Viu só como eu sou o melhor?”.

– Você já sabia! – a menina disse alegremente. – Viu, titio? Eu disse que todos sabiam que você era um príncipe.

Magalie bateu com a ponta da bota.

– Ah, sim, e ele faz com que isso seja bem visível. Aliás, a Fera da história *A Bela e a Fera* também era um príncipe.

– Acredito que ele foi *transformado* em uma Fera – comentou Philippe Lyonnais, com a voz áspera que queria dizer “Vou comer você quando eu quiser” – depois de inadvertidamente abrir a porta para uma bruxa.

– Se você é uma bruxa, poderia encontrar uma linda princesa para ele? – perguntou a menina.

O príncipe-fera parou de rosnar por um tempo, para que sua sobrinha conseguisse entender o que era um olhar traído.

Magalie tentou lançar um daqueles sorrisos em que a garganta parece estar sendo cortada.

– Se eu encontrar a princesa perfeita para seu tio, confie em mim, vou mandá-la para a vida dele.

O olhar que Philippe, desta vez, denotava irritação e algo quase humano.

– Ah – exclamou a menina, parecendo muito feliz. – Eu *sei* que você vai encontrar uma princesa muito bonita.

Philippe preparou a boca para falar alguma coisa, mas resolveu ficar calado.

– Não se preocupe – Magalie tranquilizou a menina. – Recebemos princesas aqui o tempo todo. – Com as vitrines que mostram uma grande floresta de chocolate escuro, e as bruxas que se aventuram por entre os abetos de chocolate polvilhados com açúcar que imita neve, as mais variadas princesas se sentiam atraídas em busca de magia para lidar com o mundo onde viviam.

E Philippe fazia a mesma coisa em suas vitrines. Nelas, ele colocava tesouros confeitados de açúcar que faziam com que até os anjos no céu ficassem com água na boca. E as princesas saíam da loja de Magalie e entravam na dele. Philippe atraía as princesas em busca de um príncipe para o baile.

– Talvez até mesmo você seja uma princesa, que tal? – Magalie perguntou à menina.

– Ainda não decidi. Acho que eu quero ser uma fada. Ou talvez domadora de elefantes.

Justo. Philippe poderia ter ficado parado ali até virar uma estátua antes que Magalie o convidasse a se sentar. No entanto, por causa daquela fada em botão, Magalie mostrou-lhes uma das pequenas mesas de canto.

– *Bonjour* – Philippe disse-lhe claramente enquanto se sentava em frente à sobrinha; a voz tinha um tom grave.

Ah, não, ele *não* tinha corrigido os modos dela. Em seu próprio território. Ele não teria sequer voltado à loja de Magalie não fosse por sua sobrinha de quatro anos, que praticamente forçara a entrada lá com os cabelos encaracolados... Magalie fechou os punhos com força, postando-os ao lado do quadril, incapaz de forçar-se a também desejar *bonjour*.

Em vez disso, entregou a cada um deles um cardápio cheio de cores próximas do branco, e igualmente cheio de listas esotéricas de chás em

um lado e de desenhos de crianças na parte de trás. Às vezes, quando as coisas estavam lentas, Magalie estudava o desenho posicionado na parte superior, tentando interpretar as visões das crianças. Exceto pelo aparecimento frequente de bruxas, a maioria deles não era tão evidente.

A menina estudou por longo tempo os desenhos feitos com lápis de cor em seu cardápio.

– Eu quero algumas das violetas e hortelã – ela sussurrou com cuidado, olhando em volta, como se estivesse contando um segredo.

Magalie lançou-lhe um sorriso de aprovação. Ela gostava de pessoas que pensavam fora do cardápio.

– Certamente. Três pétalas, três folhas, e uma bruxa de chocolate. O que acha disso?

A menina sorriu.

– E para *monsieur*? – ela perguntou com um sorriso um tanto quanto desafiador.

Ele a encarou nos olhos e também sorriu.

– Quero uma água Perrier.

Magalie mordeu um pouco a parte interna do lábio, como um lembrete de que havia uma criança de quatro anos ali.

– Receio que não esteja em falta no estoque.

A mão grande de Philippe estava sobre o cardápio e sua lista de atrações enigmáticas. Não dava para tecer nenhuma consideração ferina na frente da sobrinha.

– Então que seja uma Evian.

Ela respirou fundo.

– Ou, caso você também não a tenha – acrescentou com cortesia, antes que ela pudesse falar –, pode ser água da torneira. Não sou exigente.

Ele era um canalha, isso sim.

– Será que *eu* posso desenhar você? – pediu a menina com muita ansiedade. – Eu desenho bem.

– É claro! – As tias ficariam encantadas. – Seria uma grande honra para nós.

– Que bonita a vitrine nova do Sylvain, não é mesmo? – O sorriso de Philippe era pequeno e maléfico. – Aquele com a bruxa que procura o

lugar onde enterrou o próprio coração. E o coração acaba sendo um dos chocolates de Sylvain. Muito meigo para o Dia dos Namorados.

O comentário dele não parecia nada meigo. Parecia, sim, que ele queria cuspir o gosto da sua boca.

– Vocês passaram muito tempo agachadas ao lado dele na vitrine trabalhando nisso? – ele continuou. – Cade não se opôs?

Opor-se a quê?

– Acho que a ideia foi dela. – Além disso, Cade não aparecia muito, pois sua irmã havia sido recentemente hospitalizada; ela estava ficando muito tempo no hospital, e Sylvain a encontrava à noite. Magalie tinha descoberto quem era Cade Corey. A bilionária, herdeira de uma empresa de chocolates e, também, ladra dos chocolates de Sylvain. A internet e a mídia impressa ficaram alvoroçadas a seu respeito nos últimos meses, mas Magalie nunca prestara atenção antes de conhecê-la. A partir dali, ela procurou os artigos para saber mais, e viu que as aventuras de Cade em Paris tinham se tornado famosas, conquistando incontáveis leitores. De forma quixotesca, a herdeira de um dos maiores fabricantes em série de barras de chocolate do mundo parecia ter um motivo para defender e apoiar os pequenos produtores artesanais, e, mesmo que fosse irritante que pensasse que La Maison des Sorcières precisava de um patrocinador, pelo menos Sylvain não estava fazendo nenhum tipo de caridade. Ele só gostava do estilo da casa de chá. E abertamente creditara o trabalho das “bruxas” na vitrine de sua própria loja, onde tinha deixado uma pilha de seus cartões de visita no caixa. – Tia Geneviève fez a maior parte do trabalho.

Inquieto, Philippe remexeu-se na cadeira, olhando como se quisesse alguma coisa para chutar.

Magalie encolheu os ombros:

– De qualquer maneira, o coração da bruxa não é de verdade. – Aquela fora sua contribuição. Claro, os clientes de Sylvain poderiam achá-lo *si romantique*, mas nenhuma bruxa que valorizasse seu chocolate deixaria o próprio coração nas mãos de uma feiticeira.

– Está na sua própria vitrine, não é mesmo? – a menina disse de repente. – O coração da bruxa. Eu vi. Estava escondido na cesta da bruxa.

Uma pequena porção de uma pétala de rosa cristalizada que mal podia ser vista. Que criança perspicaz! Uma pena que ela tivesse de mostrar essa perspicácia na frente do tio. Magalie forçou-se a dar à menina um sorriso encorajador de autoconfiança, como se Philippe Lyonnais não tivesse acabado de receber um segredo perigoso:

– É isso mesmo. Ela o está levando de volta para que fique sob sua proteção, agora que percebeu que alguém está atrás dela.

Magalie sentiu que Philippe estava quieto, porque ela mesma *não* estava olhando para ele. Na verdade, ele estava se comportando de forma bem grosseira, deixando as pernas longas estendidas no caminho, de modo que ela precisava dar uma volta em torno delas toda vez que se movia.

O minúsculo sino de prata da porta tocou, e duas mulheres entraram, cheias de casacos e cachecóis, e se puseram a olhar ao redor com olhos inquisidores.

– Estávamos à procura da nova loja Lyonnais – uma delas contou. – Mas esta aqui é tão maravilhosa!

Philippe bateu os dedos uma vez sobre o cardápio, mas não disse nada.

Magalie sorriu para elas.

– Somos conhecidas pelo nosso *chocolat chaud*, se desejarem experimentá--lo... – Achou uma mesa para as mulheres bem dentro do campo de visão de Philippe e, levando seu coração, voltou para seu covil.

Na pequena cozinha, Magalie pegou duas bandejas de esmalte antigas de sua coleção bagunçada. As tias nunca tinham comprado uma única coisa nova, sem uso, sem uma história. Primeiro ela arrumou a bandeja de Philippe. Abriu a água da torneira, ajustando a temperatura até que estivesse desagradavelmente morna, e encheu um jarro para ele. Colocou um copo do tamanho de um dedal ao lado do jarro, de um par comprado em um *marché des puces* há muito tempo, e que a tia Geneviève disse que sentia como se os copinhos tivessem sido usados em grande *joie de vivre* por muitas gerações. Para a menininha, ela escolheu um requintado prato de porcelana, com arabescos dourados, e colocou, com cuidado, três pétalas roxas de violetas, três folhas verdes de hortelã e, no centro, uma bruxa feita de chocolate bem escuro. As

bruxas de Geneviève pareciam ser tão reais que ninguém, na verdade, gostaria de encontrar uma delas à noite.

Para a segunda bandeja, ela pegou um jarro pequeno *art déco*. Sobre o fogão, mexeu três vezes o pote de chocolate com a concha antes de mergulhá-la; o cheiro do chocolate subia e parecia querer sair do jarro para dar um abraço. Magalie sempre amou aquele momento, preparando-se para oferecer seu *chocolat chaud*, fingindo que ele mudaria o dia inteiro, a semana inteira, talvez o ano inteiro de uma pessoa. *Um dia de um sonho agradável*, ela desejava para aquelas mulheres em suas últimas três mexidas. *E que elas possam terminar a noite mais felizes por terem experimentado esta bebida*.

Magalie trouxe o chocolate para cima; estava tão espesso que conseguia senti-lo render-se à concha; posteriormente, derramou-o com cuidado no pote, enchendo-o até dois dedos abaixo da borda. Colocou duas xícaras azuis de porcelana sem asa, que não compunham o mesmo conjunto. Ao lado de cada uma, posicionou um finíssimo tecido branco.

As tias gostavam de preparar o pequeno desafio para aqueles que as visitavam: oferecer-lhes um chocolate incrivelmente espesso e delicioso, e dar-lhes apenas um fino guardanapo de papel para que limpassem a boca. Era sempre divertido ver quem saía do local com os lábios limpos e quem saía com eles manchados de chocolate.

Ela trouxe a bandeja de Philippe primeiro, deslizando-a sobre a pequena mesa, sem comentários, cuidando para não perturbar o desenho da menina. Ela estava colorindo com entusiasmo o papel creme que Magalie lhe dera; parecia desenhar uma infinidade de triângulos. Os chapéus, Magalie tentou adivinhar.

Ela esperou tempo suficiente para que Philippe provasse a água morna antes que trouxesse a segunda bandeja. O aroma da bandeja soprava sobre todos conforme atravessava o salão, e, graças ao tamanho diminuto do local, era impossível que aquele mesmo aroma não flutuasse sob as narinas de Philippe Lyonnais.

Magalie colocou a bandeja sobre a mesinha entre as duas mulheres e dirigiu-se para trás da caixa registradora. Os dois cantos arqueados nas paredes mostravam que ela ainda estava muito perto das mesas, na

mesma sala, e capaz de ver tudo o que acontecia enquanto parecia haver coisas muito melhores para fazer com seu tempo.

Philippe olhou para a bandeja de chocolate quente ali na sua frente, com seus olhos escuros e cílios longos. Sonolento, predatório, com uma das mãos flexionada à maneira de um grande felino refletindo sobre uma preocupação. Sua sobrinha pegou uma violeta cristalizada com grande precisão e comeu-a, apertando os olhos de puro deleite.

As duas mulheres serviram-se e, em seguida, beberam o chocolate com muitas exclamações. Os olhos de Philippe seguiam seus movimentos.

– *Si, si bon* – uma delas sussurrou para a outra. – *C'est délicieux.*

– É como o paraíso – comentou a outra. – Estou tão feliz por termos parado neste lugar.

– Fico me perguntando o que Lyonnais poderia oferecer de melhor – expressou a segunda mulher, incrédula. – Fico feliz em beber isto.

Philippe levantou bem as pálpebras para olhar diretamente para Magalie, através das figuras de fertilidade, das máscaras e dos restos esfarrapados de tecido que algum amante de chocolate tinha certa vez trazido para a tia Geneviève ao voltar de Papua Nova Guiné. Em troca, Magalie lançou-lhe um olhar malicioso.

Ele sabia o que estava recusando. Ela queria que ele sofresse por isso.

– De nada – ele murmurou apenas para seus ouvidos quando ela passou novamente, e de forma tão suave que Magalie mal conseguiu ouvir, tendo de parar para prestar mais atenção ao modo como a boca de Philippe moldava as palavras; de forma precisa e controlada e de maneira tal que o calor agitasse seu corpo: – Pelos clientes.

Ela não conseguia acreditar na ousadia daquele homem. Ele tinha valsado perfeitamente feliz ao coração protegido de Paris e roubado todos os seus clientes, e agora achava que Magalie deveria ser grata por um ou dois andarilhos que se perdiam no caminho até a loja dele? Bem, todos os clientes eram andarilhos que perambulavam pela cidade. A recusa das bruxas em anunciar sua casa de chá era parte de sua política. No entanto, ainda assim... No que ele estava pensando, que ela era uma cadela a quem ele tivesse jogado um osso?

– Océane, agora pode ser um bom momento para dar o seu presente a *mademoiselle* Chaudron.

Magalie ficou toda tensa.

A menininha, feito um pássaro alegre, mergulhou na mochila que trouxera, enquanto Magalie sentia uma raiva interna, pelo falso pretexto que a Fera apresentara para entrar em sua loja. A mochila era de um vermelho muito inocente, com borboletas costuradas por toda parte e uma flor que havia perdido uma de suas pétalas. Agora, no entanto, a mochila assemelhava-se a um Cavalo de Troia, por causa da caixa que Océane tirava de lá: dourada sobre um cor-de-rosa pálido naquele mês, em honra ao Dia dos Namorados, que se aproximava.

Magalie enrijeceu a boca. *Chocolat*, praguejou para si mesma.

A boca estava salivando pelo cheiro de seu próprio chocolate, não por qualquer iguaria que Philippe tivesse trazido para tentá-la.

– Que... atenciosa! – Infelizmente, era quase certo que Philippe tinha pensado em algo realmente grande para cada grão que incorporou ao presente, fazendo dela a sua vítima. Ela tentou levar a caixa para que pudesse colocá-la fora de vista na cozinha.

Tarde demais, pois as mulheres, que estavam começando a olhar da caixa para Philippe, franziam as sobrancelhas. Elas tinham visto fotos dele em algum lugar, em algum momento, entre os cinco milhões de artigos de revistas e aparições na televisão que o destacavam. Aos poucos, começavam a se perguntar se ele podia ser... se ele podia ser...

– *Non, non*, você tem de abri-la! – Océane disse, agarrando o outro lado da caixa. Philippe, que certamente deveria ser o único a se importar com o comportamento da garotinha, nada disse a respeito. Uma curva muito leve tocou-lhe a boca, totalmente sádica.

Magalie olhou para o rosto animado da menina:

– Muito bem – ela disse. Não era culpa de Océane que seu tio estivesse disposto a usá-la, com seus quatro anos, para entregar bombas.

Contudo, ela não fez nenhum movimento para abrir a caixa.

Océane mal se continha de ansiedade.

– *Regarde* – ela insistiu. Como a maioria das crianças de sua idade, ela ainda não dominava o *vous*, tornando sua conversa com Magalie

estranhamente íntima; isso em contraste com o indiferente *vous* na conversa entre Magalie e o tio da criança, desde o episódio da queda de chapéus. Océane atrapalhou-se com a tampa rosa-creme.

Uma grande mão fechou-se sobre a dela, equilibrando a caixa antes que algo acontecesse ao seu conteúdo indubitavelmente frágil. Magalie sentiu o coração batendo na garganta. Por que ele continuava fazendo aquilo com ela?

Bem, na verdade ela sabia por quê. Porque ele queria vencê-la no jogo de que ambos participavam. Porque queria, afinal de contas, a satisfação de provar a si mesmo que era irresistível.

Assim, Philippe levantou a tampa como um amante que abre uma caixinha que contém um anel. E esperou. Da mesa, no outro canto, veio um murmúrio de prazer.

Uma parede ondulante de fino chocolate branco erguia-se impossivelmente alto dentro da caixa, como uma torre, em torno do seu centro protegido. Como ele conseguia deixar seu chocolate branco tão alto? Olhando para baixo, no poço estreito, Magalie viu uma cúpula de algo delicado, dourado e cremoso... feito a partir do quê? Ela não tinha ideia. E nunca teria a menor ideia a menos que provasse. Dois cachos de chocolate, um escuro, um branco, atravessavam o ouro, e era difícil dizer se estavam cruzados em combate ou envoltos em amor. Quase escondido debaixo deles estava um pequeno vislumbre de ouro, pequenos pedaços cristalizados de... toranja, pensou ela, embalados em um fino preparado de creme de ouro branco. Como se o interior cremoso abrigasse um tesouro.

Será que ele fez aquilo antes ou depois de ter visto o tema da torre na nova vitrine das bruxas? Será que ele estava lendo sua mente ou tendo reações rápidas aos seus pensamentos?

E cercando aquela oferta de chocolate branco cremoso estavam aquelas mãos grandes e quadradas que seguravam a caixa aberta, os calos visíveis na pele, e sua habilidade delicada lá, à vista de todos.

– Parece ser uma torre! – uma das mulheres atrás dela exclamou extasiada. – Que lindo!

E, em seguida, a outra mulher sussurrou-lhe uma pergunta:

– *C'est Philippe Lyonnais?* – Ela suspirou o nome do jeito que teria suspirado se tivesse visto, ainda que por raros segundos, o Príncipe da Inglaterra sentado à mesa ao lado. – *Oh, qu'est-ce que c'est romantique!*

Ora, ele tinha acabado de "roubar" as duas clientes, pensou Magalie. Trazendo aquela arma requintada até sua loja, ele tinha tocado a flauta encantada a todos que ali entravam, e os atraído até as vitrines brilhantes de sua loja.

– Você gosta? Você gosta? – a voz animada da menina penetrou no nevoeiro no qual Magalie se encontrava.

A bruxa desviou os olhos para longe do presente e fixou-os em Océane.

– É lindo – ela disse com um esforço.

Era tão bonito que chegava a machucar o coração, como se não tivesse nenhuma dúvida quanto à intenção de fazê-lo.

O sino de prata tocou, e mais três clientes entraram, um casal mais velho com um filho adulto, rastreando a loja que Sylvain Marquis disse amar. Inicialmente distraídos pelo espaço interno, eles também exclamaram assim que seus olhos viram a torre de Lyonnais.

– Ah... – disse a mulher mais velha, em um longo suspiro. – Podemos comprar isso?

– Não, é um presente para a bruxa! – Océane exclamou em voz alta e confiante. Ela se conteve e sussurrou: – Mas eu não deveria chamá-la assim. – E depois, em voz alta e cheia de orgulho, anunciou: – Meu tio fez isto!

– *Oh, c'est si, si romantique!* – uma das duas primeiras mulheres, devidamente sentada à mesa, suspirou. – *Philippe Lyonnais* – ela compartilhou aos recém-chegados, incapaz de resistir ao poder de ser a pessoa a passar aquela notícia adiante.

Os olhos de Philippe permaneceram fixos no rosto de Magalie. As grandes mãos nunca se mexeram depois do anúncio do presente envenenado oferecido a ela. Ele parecia voraz, como se a caixa fosse uma armadilha e ele estivesse preparado para lançá-la às mãos dela logo que Magalie chegasse bem perto da caixa, em busca daquela obra de arte.

Ela estendeu a mão deliberadamente, mas *não* para dentro da caixa, e a pegou dele. Suas mãos roçaram nas dele, a pele macia contra os calos quentes, enquanto fechava a caixa. Ela sentiu a respiração difícil de Philippe. Ele não emitiu um som sequer. No entanto, quando ela olhou para cima, os olhos dele brilhavam com raiva.

– Obrigada – Magalie disse à menina.

– Na verdade, o presente é do titio – disse Océane. – Ele nem queria a minha ajuda.

– Você é, você é... *Philippe Lyonnais*? – indagou uma das mulheres da mesa atrás de Magalie. Ela puxou um cartão dobrado de sua carteira pesada, e o abriu para revelar a “coleção de inverno” dos *macarons* de Lyonnais, com cada um dos sabores. Sua voz era abafada, envergonhada: – Você... você se importaria em assinar isto aqui? Na verdade, estávamos indo a sua loja – ela acrescentou rapidamente, como se quisesse deixar claro que não desejavam traí-lo ao entrar na casa de chá de Magalie –, mas acabamos nos distraíndo.

Aparentemente, elas não estavam muito preocupadas em trair Magalie.

– *Oui, bien sûr* – disse Philippe com grande controle, conseguindo transformar a raiva em um sorriso caloroso e desonestamente autodepreciativo para as duas mulheres.

Incapaz de suportar vê-lo autografar a maldita lista de *macarons* no covil dela, como se ele fosse o rei do lugar, Magalie tratou de levar a caixa para a pequena cozinha. As palmas das mãos queimavam só com o contato. Nos pequenos azulejos azuis da bancada, tão difícil de manter limpa, mas tão amada por suas tias, a caixa cor-de-rosa parecia completamente alienígena. Como se uma maldita fada madrinha tivesse entrado e colocado alguma coisa mágica enquanto ela estava de costas.

Magalie observou o pote de chocolate; um músculo pulsava involuntariamente em seu maxilar.

Uma corrente de ar deslocou-se, a porta que separava a cozinha do salão abriu-se, e ela de imediato sentiu a presença gigante da tia Geneviève. Ela enchia a cozinha, que parecia que ia explodir. Havia um murmúrio de vozes quando a tia Geneviève moveu-se apertada entre os casacos para entrar na cozinha. Imediatamente, a túnica turquesa e a

capa longa passaram a ocupar todo o espaço que o seu corpo não ocupava. As capas estavam na moda naquele ano, o que era conveniente para a tia Geneviève, visto que sua última estava ficando gasta.

– Ele usou uma criança para entrar, não foi? – Geneviève murmurou. Era óbvio que provavelmente os clientes de Philippe podiam notar o murmúrio propagar-se em ondas em seus copos e xícaras na sala ao lado.

Se elas tivessem água. Droga! Magalie lançou uma maldição sob sua respiração.

– O principal problema com as maldições – Geneviève repreendeu – é que a maioria vai derreter o chocolate. Portanto, você nunca sabe o que vai acontecer com cada pedacinho que sobreviver. E você teria de jogar fora todo o resto do lote, para não correr o risco de servi-lo aos clientes. Pense na perda.

– Não, eu esqueci de colocar água na bandeja delas. – Elas nunca deixaram de disponibilizar pelo menos um copo de água para qualquer cliente. Seu chocolate pertencia a um novo padrão quanto à riqueza dos componentes.

Magalie encheu um jarro de cristal para as duas mulheres.

– Ah – Geneviève parecia um pouco desapontada com a maldição. – O que há de errado com você, afinal? – ela perguntou à Magalie. No pequeno espaço, as conversas podiam continuar em tom normal, mesmo quando alguém estava a uma distância de duas salas: – Você está andando de uma forma muito engraçada.

– Não, não estou – Magalie retrucou, indignada. Ela estava prestando muita atenção para não andar de forma engraçada. O bumbum doía por causa das corridas. As panturrilhas doíam. As coxas doíam. Talvez ela devesse ter prestado atenção aos conselhos nos sites sobre corrida quanto à frequência com que poderia aumentar as distâncias.

– Sim, você está – disse Philippe, devolvendo o papel sob um lápis de cor para sua sobrinha.

Por dentro, Magalie estava agitada e insegura por ele ter notado.

– Agora você é um especialista sobre como eu ando? – ela indagou, falando com pausas.

A onda de som mais estranha e irônica chegou à boca de Philippe:

– Na verdade... – ele murmurou, olhando para a ponta do lápis.

Um calor perturbador e desestabilizado cresceu dentro dela:

– Então, trate de olhar com cuidado – ela advertiu. – Não há nada de engraçado no meu jeito de andar.

Pouco antes de Magalie se virar para provar que estava caminhando normalmente, os olhos azuis dele se deslocaram da ponta do lápis para ela. Por um segundo, ela não conseguiu se mexer. Seu olhar era tão duro e intenso; ela sentia como se estivesse presa por uma lança.

– Certamente – ele murmurou. – Este é o primeiro convite que recebi de você. Garanto que não vou recusá-lo.

Naquele momento, ela *realmente* caminhou de maneira engraçada ao afastar-se dele, consciente dos olhos em seu bumbum, como se as mãos o estivessem segurando, acariciando cada passo que ela dava. O que havia de errado com ela para ter falado o que falou? Nunca dê carta branca a um homem que está olhando para o seu bumbum.

Especialmente não a um homem como Philippe Lyonnais. Saber que ele a estava observando caminhar fez com que seu corpo inteiro reduzisse a resistência e desejasse oferecer a ele mais e mais convites.

– Você também me daria seu autógrafo? – perguntou-lhe em seguida, em um sussurro, a outra das mulheres, uma das clientes das bruxas.

Magalie pegou a colher e mexeu o chocolate com satisfação vingativa: *Que quem beber isto consiga o que merece. Só tinha* de incluir uma punição.

Dava para considerar aquilo uma maldição? E ela poderia até servi-lo ao tio ou à sobrinha ao mesmo tempo. Aquela menininha só poderia merecer coisas maravilhosas, certo? Desejava que Océane não fosse obrigada a voltar a seu quarto por não ter arrumado os brinquedos. E esperava que o pote de chocolate debaixo do nariz quebrasse Philippe como uma de suas esculturas de açúcar.

Quando ela trouxe a bandeja, Philippe tinha acabado de assinar o *segundo* panfleto com um lápis azul fosco e estava sendo educado ao responder às perguntas curiosas das mulheres.

Magalie passou com agilidade e firmeza entre as duas mesas e colocou a bandeja bem debaixo do nariz de Philippe.

Ele olhou para dentro do jarro. Do ângulo de Magalie, acima da cabeça de Philippe, a escuridão quente do chocolate parecia infinita sob a borda do jarro, como se fosse possível chafurdar para sempre em suas profundezas. Ele inspirou fundo e, logo em seguida, arrependeu-se visivelmente. De fato, trouxe a mão à boca e ao nariz, fingindo ser casual, para defender os seus sentidos daquele aroma.

– Só um singelo agradecimento pelo trabalho artístico de Océane – Magalie sorriu. – É por conta da casa.

A outra mão de Philippe apertava sua água morna.

– Vamos à sua loja amanhã! – uma das mulheres na outra mesa prometeu a ele.

– Então, de onde veio isto? – uma das pessoas do trio que havia chegado por último indagou às mulheres e a Philippe. – Daquela linda doceria? Você tem uma loja perto daqui? *Mon chéri*, o que você acha? Talvez devêssemos ir para lá em vez de ficarmos aqui.

Magalie inclinou a cabeça para baixo, mas bem para baixo, de tal forma que quase parecia que ela daria *bises* no rosto de Philippe em agradecimento.

– Eu vou pegar você – ela disse em seu ouvido, no que mais parecia ser um zumbido.

A mão de Philippe moveu-se rapidamente, como só alguém com controle meticuloso delas podia fazer, pegando a mecha de cabelo que tinha escorregado do coque dela, impedindo-a de levantar a cabeça com um puxão que doeu seu couro cabeludo. Ele a obrigou a ficar lá, perto demais:

– Não – ele respirou, rangendo os dentes, com seus olhos azuis derretidos. – Eu é que vou pegar você.

Abaixou a mão e deixou-a ir.

CAPÍTULO 14



MAGALIE ESTAVA EM sua torre de marfim em meias felpudas, pensando em seus esforços para transformar claras de ovo em pés. O termo “pés” a deixava incomodada. Quem olharia para o fundo ondulado da concha de um *macaron* brilhante e chamaria de *pé*? E que tipo de pessoa continuaria perseguindo a perfeição desses “pés” *quando nunca dava certo*?

Talvez ela devesse ter lido o livro de Philippe: *Macarons*, com sua capa bela e brilhante, tinha zombado dela, acintosamente, na estante da Gibert Jeune. E ela não conseguira muita coisa com o outro livro da loja sobre o assunto.

No entanto, Magalie preferia ser queimada na fogueira antes de comprar o livro dele. Ou antes que fosse até a cozinha mais bem equipada da loja e deixasse suas tias vê-la tentando isso.

Ela não conseguia obter nenhum resultado com os *macarons*. Chegou a batê-los. Incluiu cacau, tentando ser cuidadosa. Era entediante misturar cacau e amêndoas. Magalie posicionou os *macarons* em seus pequenos círculos desenhados em papel manteiga. Assou-os exatamente como a receita descrevia. E eles ficaram achatados como crepes, grudados pelo papel à panela e despedaçaram-se ao ser retirados, e os pedaços estavam secos e granulados.

Assim, na manhã seguinte, no caminho de volta das tarefas inventadas pelas tias, ela parou em frente à vitrine da loja de Philippe e

ficou olhando feio para os famosos e perfeitos *pieds*, pezinhos ondulados das suas conchas de *macaron*, que se levantavam com tamanha perfeição, com uma superfície lisa, sem nenhum indício de grãos. Em vez de maçante, seco e pálido, seus chocolates pareciam ricos e convidativos.

E depois ainda havia a sobremesa que ele havia oferecido a ela. E a torre. Sedutora. Perfeita. Provocante.

– Você está convidada a entrar – disse uma voz rouca atrás dela.

Ela deu um pulo e tentou disfarçar o susto com um giro de salto alto. Ao virar-se, ela já estava furiosa com ele: por pegá-la de surpresa, por produzir tesouros e colocá-los no coração e no centro de suas vitrines *todo santo dia*, por assustá-la o suficiente e ficar satisfeito em vê-la assim.

Ele estava tão perto dela, bloqueando qualquer possibilidade de fuga, que o único caminho era a porta de sua loja. Um caminho que deixou aberto ao angular seu corpo. Ele estava tão perto que, quando ela se virou, a borda de sua jaqueta acabou tocando nele.

– *Merci* – ela disse sem rodeios. – *Non*.

– Seria um prazer – ele estava zombando da cara dela. Magalie sabia disso. Ele se considerava um maldito leão convidando uma gazela para jantar. Ou, provavelmente, um príncipe convidando uma plebeia. – *Je t’invite*.

O maxilar dela elevou-se diante do *tu*. Como ele se atrevia? Os olhos de Magalie foram atraídos por um sorriso afiado e predatório que recusava se retrair mesmo diante de um olhar frio como o dela. E o que restou a ela? Um excessivo e íntimo “*tu*” ou continuar a usar “*vous*” em oposição ao “*tu*” dele, que um bastardo arrogante como Philippe provavelmente tomaria como uma obrigação.

– Eu não me rebaixaria assim – ela disse claramente, com as narinas dilatadas de desdém.

Ele olhou por cima do ombro dela, para a pura tentação disposta em sua vitrine. Por um momento, ela ficou preocupada que ele pudesse ver a impressão da ponta do seu nariz no vidro. Magalie levantou a ponta do queixo e se recusou a olhar para trás. O olhar dele voltou-se para ela e permaneceu sobre seu queixo.

– Fique à vontade – ele disse, com um tom de voz presunçoso e zombeteiro, enquanto seus olhos azuis brilhavam com raiva.

Ela queria caminhar para longe, mas não conseguiria passar sem esbarrar nele, sem ter de pedir licença ou sem entrar primeiro na loja. E essas eram opções que ela nunca escolheria.

Então, ela cruzou os braços e inclinou o queixo em direção a ele como uma arma. E Philippe ficou lá, olhando para ela. Até que o motivo pelo qual ela não estava se movendo começou a penetrar em sua consciência. No entanto, ele não recuou nem um passo em cortesia. Ah, não. Seus olhos azuis a varreram de cima para baixo duas vezes em reprovação e, quando voltaram para o rosto dela, foram recebidos com puro desprezo. Ela já estava em Paris havia cinco anos. E já recebera sua cota de olhares, desde os mais agressivos até os de desejo.

Os olhos dele se estreitaram diante da expressão que ela fez. A raiva neles tornou-se mais intensa, quente como a superfície de um pote de chocolate antes de ferver e derramar tudo. Ele não fitou seu corpo novamente. Contudo, também não recuou. Apenas ficou lá, bloqueando-a, olhando para seu rosto. A presença dele parecia aumentar e começou a pressioná-la por todos os lados, como se sua vontade tivesse se tornado tangível e estivesse tentando, de forma física, arrancar algo dela.

Mesmo que ele não a estivesse tocando, Magalie podia senti-lo pressionar sua pele. Como ele conseguia fazer isso? Toda vez: em seu escritório, no primeiro encontro, na cozinha, sempre que Philippe se aproximava dela. Como conseguia fazer com que todo o seu corpo queimasse? Como conseguia fazê-la se sentir tão forte – como se pudesse lutar com um homem duas vezes o seu tamanho – e, ao mesmo tempo, deixá-la estranhamente receosa – como se algum de seus segredos pudesse escapar durante a luta?

Ele não se moveu como se desejasse segurá-la ali para sempre. Por Deus, ele realmente tinha paciência. Um homem que podia ficar mexendo e mexendo uma panela quente com açúcar, suportando o calor e o tempo até que estivesse exatamente perfeito. Justamente esse homem, que nunca, nunca encurtou ou ignorou um passo, ou optou por um caminho mais fácil na cozinha. Controle. Paciência. Intensidade. Tempo. *Controle.*

Ela levou as mãos aos quadris e ficou surpresa quando seus cotovelos não o acertaram. Ele se *sentiu* como se estivesse envolto em torno dela, como se Magalie precisasse lutar com ele com cotovelos salientes.

– Você acha que sou um pote de caramelo?

A raiva nos seus olhos tornou-se surpresa, e ele riu de repente. Não foi como aquela longa e barulhenta risada de quando se viram pela primeira vez, mas foi suficiente para iluminar todo o seu rosto. Um prazer caloroso caiu sobre Magalie, roubando-lhe, aos poucos, a força de todas as juntas do corpo, enquanto tentava dizer a elas que não deviam se comportar daquela forma. Aquela risada a assustou mais do que qualquer outra coisa sobre Philippe. O efeito que tinha sobre ela.

Ele sorriu, convidando-a para o seu humor como se fosse um caloroso abraço.

– Estava pensando em merengue, mas fico feliz que você tenha imaginado caramelo.

O merengue precisava ser batido em alta velocidade até que estivesse absolutamente liso e bem macio – até que o último grão de açúcar refinado fosse dissolvido em um branco puro. E era por isso que Magalie tinha fracassado: ela não teve paciência. Um pote de caramelo era muito mais quente, fervia e borbulhava, um ouro derretido que precisava ser mantido sob o mais perfeito controle, porque era muito fácil perder o ponto e deixar queimar. Droga. Naquele momento, ela se sentiu cada vez mais perto desse ponto de ebulição, depois do que acabara de revelar.

Os olhos dele continuavam rindo, convidando-a para sair daquele dia frio e se enrolar no seu calor. A riqueza daquelas íris azuis era incrível. Aqueles cabelos castanhos e amarelados pareciam se sobressair na luz do sol, uma aparente promessa cujo toque pudesse ser considerado um tesouro por pontas de dedos frias naquele inverno.

– Você acha que sou um pote de chocolate?

Ela balançou a cabeça, com força. Não mesmo. Chocolate era fácil, rico e reconfortante, e sempre colaborava com ela.

A decepção tomou conta da face de Philippe. O que ele estava imaginando?

Ser derretido e mexido?

Ah. O corpo dela tentou lançar-se em direção a ele. Ela desesperadamente desejou que houvesse algo atrás dela, além do vidro, algo que ela pudesse agarrar e manter-se firme no lugar.

– O chocolate faz o que eu peço – ela disse com um tom seco, e depois se virou para finalmente passar por ele.

Ela manteve as mãos nos quadris enquanto passava, cotovelos bem abertos. A maioria dos homens em casas noturnas não daria muita atenção a uma mulher que mantivesse os cotovelos abertos. Entretanto, Philippe permitiu que suas costelas fossem tocadas por eles, bem no meio; o braço dela dobrou-se sob o impacto e seu ombro foi de encontro ao peito dele. Ele nem se mexeu com a colisão. Provavelmente a jaqueta havia absorvido tudo.

Ela lhe desferiu um olhar direto e irritado, bem de perto. Ele inclinou a cabeça para baixo com o foco sobre ela.

– Você nunca me pediu nada... Magalie.

O poder que o nome dela trazia na voz dele era terrível. Ela finalmente conseguiu entender todas as histórias sobre revelar o verdadeiro nome. Contudo, a afirmação dele foi tão ultrajante que ela hesitou, o lado do braço que ainda roçava sobre o seu peito.

– Pedi que você não fosse à minha loja!

– Não, não pediu. Você tentou me manter longe. Você nunca me *pediu* nada, Magalie. E, se pedisse, eu não hesitaria em satisfazê-la.

Então, *ele* se afastou *dela*. Para dentro da loja com passadas longas e confiantes, o rei entrando em sua sala real.



Ela ainda estava fervendo – e tentando não pensar na mão de um mestre mexendo uma panela de caramelo – quando retornou do Gibert Jeune com as caixas novas de lápis e papel para desenhar que Geneviève tinha lhe pedido. Como ele ousava tentar convencê-la a *pedir* alguma coisa? Nunca.

Como se ela pudesse... pedir algo a ele.

Ela já havia tentado. Ela já havia tentado fazer-lhe um pedido quando foi visitá-lo pela primeira vez, para pedir que salvasse a ela e suas tias. Mas entrar naquele belo reino para implorar... Isso ela simplesmente não podia fazer.

Magalie fez uma careta para um cliente em uma das mesas no fundo, e depois percebeu que era Claire-Lucy. Cumprimentou com um "Ciao" em tom seco. Se nem Claire-Lucy permaneceu fiel a Magalie, ela não via motivos para manter um espaço para a vendedora de brinquedos. Claire-Lucy tinha gastado muitas de suas tardes no Lyonnais. Provavelmente encolhida em um canto, esperando ser notada por um dos muitos e atraentes *chefs*, que era o tipo de coisa que levava Magalie à loucura absoluta.

Claro, poderia ser pior. Claire-Lucy poderia estar indo lá porque as sobremesas eram incrivelmente deliciosas, e, uma vez experimentadas, não haveria uma mulher que pudesse recusá-las.

– Olá – disse Claire-Lucy com tristeza. Ela estava tomando o chá da tia Aja, o que era muito corajoso da parte dela. Se ela não tomasse cuidado, tia Aja poderia desejar-lhe bom senso, e então ela acabaria experimentando todos os tipos de coisas a que não se atrevia agora. E isso lhe serviria de lição por ser uma tremenda traidora.

– Gosto da sua exibição de carros antigos – Magalie disse secamente.

– Bons espinhos – retrucou Claire-Lucy.

– Eu sei – Magalie sentiu certa presunção.

– Em sua opinião, de que outro brinquedo homens bonitos e ocupados podem gostar além de carros?

Magalie encolheu os ombros:

– Você, provavelmente.

Claire-Lucy ficou corada e tentou suavizar o arrepiado dos cabelos.

– Claire-Lucy, espero que você não esteja gostando da ideia de ser brinquedo de alguém.

Ela suspirou:

– O que *você* vai fazer no dia de *Saint-Valentin*?

– No Dia dos Namorados? Nada – disse Magalie triunfante. Depois de mais um ano, suas paredes ainda estavam intactas. Ela era ótima, não havia dúvidas.

– Nem eu – Claire-Lucy comentou, ao se inclinar.

– Que bom para você – disse Magalie. – Você pode vir aqui como no ano passado. É um ambiente agradável para mulheres que não querem ser brinquedos de alguém.

Claire-Lucy mostrou-se indignada.

– Você sabe que eu *gosto* de brinquedos, Magalie.

– Bem, então, eu desisto – Magalie mentiu, porque ela nunca havia desistido de coisa nenhuma na vida. Em vez disso, voltou para a cozinha e começou a esquentar o chocolate.

Tia Aja, calmamente pintando pétalas de rosa com clara de ovo, sorriu para ela:

– Geneviève está lá embaixo na caverna, olhando nossos antigos moldes de chocolate.

– Quero dizer, seria agradável ser o brinquedo de um homem se eu pudesse ser sua linda boneca Barbie – Claire-Lucy disse melancolicamente à medida que Magalie voltava para a soleira em arco. Se a tia Geneviève ouvisse aquilo, subiria pelas paredes como uma deusa ultrajada das profundezas do inferno. – Ao contrário, eles sempre pensam em mim como uma espécie de boneca de pano – disse, novamente acariciando os cabelos arrepiados.

Em primeiro lugar, Magalie acreditava que existiam produtos de cabelo exatamente para esse tipo de problema; e, em segundo lugar, ela não estava inteiramente certa de que resgatar princesas idiotas era o melhor negócio para ela e suas tias. Era como se, em algum momento, elas fossem agarrar cabeças e alisar seus cabelos com produtos químicos.

Magalie voltou para a cozinha e olhou séria para o chocolate. *Sempre se pode tentar encontrar um homem sério, que vá atrás do que quer, e que saiba apreciar uma bela mulher.*

Claire-Lucy bebeu todo o chocolate da xícara, até a última gota, e permaneceu sentada e pensativa por um momento. Então, ainda mergulhada em pensamentos, pagou e saiu, seguindo pela rua.

Enquanto Magalie observava da porta, Claire-Lucy andou em linha reta pela rua, parou na frente do Lyonnais, passou a mão pelos cabelos, endireitou os ombros e entrou.

Magalie afundou a testa contra a vitrine. Depois puxou um grande espinho de chocolate e começou a comê-lo.



Talvez ela tivesse surrupiado alguma coisa dele, Philippe pensou à medida que trocava sua jaqueta de couro fino e seu suéter de caxemira por uma jaqueta facilmente lavável e uma camisa de malha fina. Talvez a droga estivesse no próprio ar que ele respirava naquela loja de chá. Porque ele não conseguia pensar em nada além dela. De soltar a perfeita fivela e ver como o cabelo dela era longo. Como aqueles cachos escuros, suaves e curtos ficariam quando ele os bagunçasse? Quando ele enfiasse as mãos dentro deles e segurasse a cabeça dela na cama e a beijasse?

Enquanto ele a possuía, seu cérebro relampejou para a frente, e dividiu-se em múltiplas fantasias ao mesmo tempo, incapaz de decidir entre uma visão em que ela o deixava segurá-la pelos cabelos, e outra na qual Magalie deslizava as unhas das suas costelas até o bumbum, lutando com ele pelo controle.

– Farei o caramelo – ele disse para Olivier. – Estou no clima hoje.

Olivier conteve o alívio. Philippe conseguia deixar o açúcar muito mais quente do que o normal, amaciar com a melhor manteiga da França e acrescentar o creme; enquanto Olivier havia queimado o caramelo inúmeras vezes. Ele estava começando a considerar aquilo a sua maldição, o que era uma infelicidade, pois eles precisariam de um bom *caramellier* para a loja, para que Philippe pudesse dedicar tempo à criação e à inovação.

Tendo em conta que ele vinha fazendo um caramelo perfeito desde os catorze anos, provavelmente foi um mau sinal que, *naquela* manhã, Philippe acabou queimando o caramelo.

Justamente quando o cheiro de açúcar queimado chegou às suas narinas, e ele estava pensando em estrangular Magalie com as próprias mãos, a porta do *laboratoire* se abriu e uma jovem, um tanto robusta, com cabelos castanhos e arrepiados, espiou.

– Olá – ela disse timidamente, olhando ao redor da sala como se procurasse por alguém.

Ela segurava um pequeno saco estampado com uma bruxa marrom-escura em uma das mãos.

Garras saltaram pelas pontas dos dedos dele. Presas cresceram. Como ela *podia*, como ainda podia estar tentando salvar-se sacrificando outras mulheres para ele?

– Desculpe-me, estamos trabalhando – ele disse sem rodeios. – Pelas normas de higiene, ninguém está autorizado a entrar aqui. Ele sacudiu a cabeça para seu estagiário para mostrar a mais recente vítima-princesa de Magalie.

Grégory, mais perto da porta, tomou a frente do estagiário e lançou um olhar reprovador para Philippe.

O quê? Como ele deveria proceder com as vítimas de Magalie? Talvez elas não devessem beber o maldito chocolate que ela fazia.

Se *ele* conseguia resistir, não havia motivos para que outras pessoas fossem tão fracas.

– Sinto muito – Grégory disse gentilmente para a invasora. – Você precisa de alguma coisa?

– Estava apenas curiosa – ela hesitou, lançando-lhe um olhar esperançoso. – Sou dona da loja de brinquedos descendo a rua. Sou Claire-Lucy.

– Grégory Dumont – ele disse calorosamente. – Não dê muito atenção para *monsieur* Lyonnais. Então você acabou de vir de La Maison des Sorcières? O que acha do chocolate delas? Não é o melhor? – A porta se fechou atrás deles à medida que Grégory a acompanhava para fora.

O que foi ótimo para ele, porque Philippe estava bem perto de jogar *chocolat chaud* nele, uma vez que serviam a bebida no Lyonnais.

Vou matá-la, mas não antes que ela me encare com aqueles lindos olhos castanhos e implore por mais de mim, ele pensou.

Não antes que o seu gosto fique na língua dela para sempre.

CAPÍTULO 15



A CIDADE CUMPRIMENTOU Magalie com um silêncio, como uma amante que não queria acordar. Uma amante que era completamente sua, apenas naquele momento, antes de voltar à consciência. As árvores sem folhas ao longo dos cais estavam entalhadas em preto contra o céu que enfraquecia lentamente, um fino filete dourado agarrando-se ao horizonte além delas. As luzes que iluminavam o Louvre à noite tinham sido desligadas. As torres cônicas da *Conciergerie* estavam negras, como as árvores contra o céu. Apenas por um momento, tudo era sutil, tudo era suave.

Ela conseguia ouvir o baque surdo dos pés nas pedras do calçamento, um som mais leve do que o das botas agressivas durante o dia. A água estava num tom cinza-escuro; a luz, à medida que crescia, permitia que o marrom do inverno voltasse à sua cor. Ela correu entre a margem, com suas árvores sem folhas, e o muro acima do rio, ao longo dos cais superiores.

Correndo daquela forma, toda a sua raiva e armadura contra Philippe pareciam desnecessárias. Quando Magalie pensou nele, a imagem a fez sorrir. Ela se lembrou da risada dele quando o *ganache* explodiu em suas mãos.

Ao correr, ela não se preocupava com La Maison des Sorcières, e isso ainda antes do primeiro quilômetro. Parecia que elas poderiam viver sem tantas dificuldades financeiras por conta somente dos funcionários de

Philippe. Ela desejava uma vida maravilhosa para eles. Na teoria, aquela era uma forma agradável e positiva de fazer com que eles desertassem da loja de sua alteza Arrogante e simplesmente passassem seus dias bebendo o chocolate dela; no entanto, até o momento aquilo parecia não estar funcionando.

Ela vislumbrou a Torre Gótica de Saint-Jacques por uma rua lateral à sua esquerda, enigmática e distante, mas perdendo com a aurora aquela magia surreal de um feiticeiro, coisa que ela possuía sob um céu escuro ou uma lua cheia. As fontes do Hôtel de Ville ficavam quietas durante o inverno, dando lugar à pista de gelo, agora vazia e fria; a beleza absoluta da fachada renascentista fazia com que ela esquecesse tudo sobre o drama e a violência que a prefeitura tinha testemunhado ao longo dos séculos.

Ela virou a cabeça para olhar para a Notre-Dame na outra margem, contrastando com as sinuosas nuvens rosadas e douradas. Respirando com dificuldade, mal notou o homem com roupas comuns, levando uma bolsa esportiva em um dos ombros. Quando ficou lado a lado com ele, algo provocou sua concentração, e ela virou a cabeça para vê-lo.

Ela quase deu um encontrão com uma mureta. Magalie saltou para trás, e ele nem sequer tentou pegá-la.

– *Magalie?* – Philippe Lyonnais estava olhando para ela com os lábios entreabertos; a bolsa esportiva caída no chão.

Por um segundo, a maravilha do silêncio matinal ainda ficou com ela. Magalie olhou para ele, a última de todas as pessoas que a veriam rosada por causa do vento frio e do calor interno, suada, mas gelada, com os cabelos dispostos em um rabo de cavalo, suas elegantes roupas de corrida pretas e azuis bem agarradas e umedecidas em lugares embaraçosos, que mostravam exatamente quanto e onde ela transpirava.

O cabelo estava úmido. Havia uma academia por ali, não? Ele também estava malhando, mas já havia tomado banho e vestido suas elegantes roupas. E agora estava indo fazer algumas de suas invenções diabólicas, que ela havia visto nas vitrines de sua loja ao voltar para a ilha.

Ela se encostou na mureta que impedia os pedestres de cair no Sena em momentos como aquele. Desta vez, ele não colocou o braço na

parede ao lado dela, na tentativa de que Magalie não saísse por aquele lado.

Bem, claro que não. Ela estava suada e não cheirava bem.

A expressão de Philippe era estranhamente... suave. Será que os exercícios físicos matinais faziam-lhe tão bem assim, deixando-o meigo, limpo e leve? Concentrado? Porque ele estava muito concentrado, como era natural dele. Concentrado nela. Magalie enxugou o suor da testa com uma luva.

– Você corre – disse ele em voz baixa. Ele a estudava muito intensamente. Estava ainda mais suave, como se estivesse falando para si mesmo. – Eu nunca imaginei você assim.

Ele parecia culpar a si mesmo, como se assumisse que a tinha imaginado de todas as maneiras possíveis. O que era rude. Como ele poderia presumir que conhecesse todas as suas facetas?

A menos que ele passasse muito tempo idealizando-a...

Sua respiração e sua frequência cardíaca não pareciam abrandar, mesmo depois de ela ter parado. Não era justo que Philippe a visse daquela forma. No entanto, com a liberdade daquela corrida matinal ainda lhe enchendo os pulmões, tudo parecia estranhamente... certo.

Ela desejou que o tivesse visto vinte minutos antes, suado e sujo, empregando toda a sua força em exercícios com pesos.

Sua respiração ficou presa. Ela havia parado de correr, mas a frequência cardíaca, na verdade, começava a acelerar.

Ou dez minutos antes, com os músculos ainda intumescidos pelo exercício, saindo da ducha...

Ela se inclinou, segurando a região do estômago com uma das mãos e a parede com a outra. Talvez tivesse exagerado na corrida, haja vista que começava a se sentir um tanto tonta.

Uma mão se fechou em seu ombro. Ela ficou terrivelmente surpresa por alguém lhe tocar enquanto estava tão suada.

– *Ça va?* – ele inquiriu.

Magalie levantou o rabo de cavalo do pescoço, olhando para ele de maneira incrédula. Nem tanto por ele, mas muito por ela. Aquela voz de leão manso, aquela preocupação... hum... algo estranho estava

acontecendo aos seus músculos. Não, não. Foi a corrida. Foi a corrida que deixou os músculos fracos.

Deixando-os assim... tão... moles... Soltos...

– *Non* – disse ela, surpreendendo-se com a própria honestidade. Não, não estava nada bem.

Para seu espanto, viu-se sendo levantada e, em seguida, seu bumbum encostou na pedra fria da mureta, e as mãos duras a seguravam lá, com firmeza, mantendo-a sentada, mas certificando-se de que ela não desmaiasse e caísse para trás, no rio.

Ela olhou para Philippe. Ele *não queria* que ela caísse para trás, no rio? Dar uma boa risada às custas da inimiga... Ela provavelmente só teria hipotermia, não morreria.

Ele olhava bem nos olhos dela. Estavam surpreendentemente próximos um do outro. A posição na mureta colocava seus olhos no mesmo nível que os dele. Ela conseguia ver as estrias azuladas, os cílios marcados com listras castanho--amareladas, as linhas onduladas em torno dos olhos.

Ela piscou primeiro. Estava agitada ou talvez até mesmo minuciosamente oscilante graças à pressão das mãos dele em seus quadris. Elas se movimentavam para segurá-la com mais firmeza.

– *Ça va?* – ele perguntou novamente.

Ela o contemplou em silêncio.

Philippe inclinou a cabeça um pouco, da maneira que fizera quando a viu pela primeira vez.

E, novamente, ele apenas olhava para ela. O frio estava secando o suor na pele de Magalie. Contudo, o batimento cardíaco ficava cada vez mais forte; parecia estar quase enviando soluços estranhos através de seu sangue. Atrás de Philippe, uma árvore com galhos desfolhados agitava-se ao vento. Ele a tinha colocado entre duas estantes verdes, daquelas usadas pelos livreiros na rua, em parte para protegê-la do vento, ainda que este também viesse das águas e girasse em torno deles.

A ilha da bruxa era apenas do outro lado das águas. A distância era de uma ponte. Ele podia vê-la, para além de Magalie, para além da segurança dela. Magalie só podia vê-lo.

– Talvez você seja muito saudável para comer açúcar – Philippe arriscou, mas em voz baixa, pensativo, como se estivesse falando de teorias para um conto de fadas. – Talvez seja isso.

Uma das mãos soltou o quadril dela e segurou o punho, o polegar calejado dele esfregando suavemente em busca do pulso.

Ela sentiu quando ele o encontrou, pois o polegar parou. O corpo inteiro de Philippe ficou em grande silêncio, o silêncio que caracteriza a primavera de um leão. Por que ela não conseguia baixar a frequência cardíaca? Ela tinha parado de correr. Talvez ele fosse atribuir aquilo...

Ele se inclinou sobre Magalie, quase sem se mexer, os olhos nos dela.

– Prefiro chocolate – ela finalmente pronunciou algo, ainda com aquela respiração ofegante atrapalhando a voz.

Com o polegar, ele voltou a esfregar o pulso, empurrando a manga para cima, sentindo as veias finas e os tendões, enquanto o dedo indicador mantinha o controle do pulso dela.

– Poderia fazer chocolate para você, Magalie, mas não me atrevo.

– Meu próprio chocolate – disse ela com esforço.

Ele sorriu levemente:

– É claro.

– E o chocolate do Sylvain Marquis – ela acrescentou, desafiando o pulso fraco.

Os olhos de Philippe soltaram faíscas e sua mão apertou ligeiramente o pulso de Magalie, mas ele somente balançou a cabeça. Aproximou o rosto, um pouquinho só, ficando bem perto dela e falou:

– Você diz isso porque ainda não experimentou o meu.

A boca de Magalie se encheu de água, mas não por causa do chocolate. Era uma época muito ruim para aquela conversa. Ela se sentia tão... exposta. Tão desprotegida.

Era bem sabido que correr deixava a pessoa vulnerável a todos os tipos de infecções por até algumas horas depois. O que ela estava pensando para inalar o perfume dele? Como uma doença letal, aquilo parecia estar se propagando dentro dela em um ritmo alarmante.

E sequer havia um pouco de açúcar ou baunilha ou rosas ou limão por perto. Naquele momento o perfume de Philippe era apenas o de

limpeza. Um corpo de homem que havia chegado poucos minutos antes após tomar uma ducha.

– Talvez... – Philippe sugeriu suavemente, com uma pitada de perigo querendo transparecer – ...você esteja com medo.

Vários minutos se passaram desde que ela parara de correr, e o peito ainda respirava com dificuldade. Philippe não soltou o dedo do pulso de Magalie nem um instante.

– Não como veneno, mas não vivo com medo disso. Sei que o veneno não me pegará a menos que eu o permita – ela disse em tom desafiador.

As mãos dele ficaram tensas em sua cintura e punho, e ele puxou o corpo dela para a frente, como se estivesse passando por uma onda de tentação para provar que ela estava errada. De repente, ele se viu a um ou dois centímetros de sua boca, seus braços quase a abraçando completamente, seu peito se expandindo e com a respiração difícil. Seu rosnado de advertência aquecendo por inteiro o rosto da bruxa, que ficara gelado pelo vento:

– Magalie. Você *quer* que eu seja um animal, como a Fera do cinema?

Um medo delicioso explodiu dentro dela como o estrondo que antecede as cores dos fogos de artifício enchendo o céu. Se ele fosse um animal, o que *faria*?

– Você já é um – Magalie retrucou.

Sua mão se contraiu para agarrar a parte de trás do pescoço dela:

– Não, não sou – ele a puxou com força contra a boca.

Os fogos de artifício coloriram o céu, marcando o ar com um som alto e estridente, e ela se viu entre eles. Suas mãos deslizaram nos ombros dele para apoio, e aqueles ombros eram tão duros sob as camadas de couro e caxemira. O sentimento foi *maior* do que ela tinha pensado; mais intenso, mais denso, a pressão da sensação contra as palmas das mãos, deixando-as frenéticas.

Ela se arrastou para perto dele, acariciando suas costas com as mãos, e uma delas passou por seus cabelos úmidos, que agora também estavam bem frios por causa vento do inverno. A cabeça se inclinou, seus lábios abertos para um beijo que se expandiu imediatamente para uma batalha intensa e íntima. Ele morrendo de fome, ela morrendo de fome, quem comeria quem?

Beijaram-se e beijaram-se e beijaram-se. Philippe a segurava com força, entre ele e o muro; as pernas dela fechavam-se em torno dele, os quadris pressionavam seu abdômen inferior, frustrada com as roupas e o fato de que o muro a colocava numa posição elevada para a pressão que ela queria sentir.

Eles se beijaram; havia como se fosse um gostoso jogo de sedução de línguas e dentes, para a frente, para trás, e os lábios roçando um no outro, e as línguas novamente se procurando. As roupas esportivas dela não pareciam oferecer barreiras às mãos dele, mas Magalie ficou frustrada com o couro da roupa de Philippe, e, quando encontrou a barra do suéter dele, deslizou a mão para dentro.

Ele tomou fôlego rapidamente, direto da boca dela, e se encolheu com o primeiro toque da mão fria contra suas costelas. Contudo, isso só o fez se enterrar mais fundo nela, deixando que as mãos frias de Magalie corressem por onde desejassem.

Luzes brilharam suavemente por eles ao passar: eram de um carro que passava bem cedo pelo bulevar depois da loja de Philippe. O abrigo íntimo dos dois era ilusório, pois era protegido tão somente por duas paredes verdes e o nevoeiro do amanhecer. E por Philippe. Seu corpo bloqueava o dela da vista dos demais, envolto no dela, com a mão cobrindo a parte de trás de sua cabeça, a boca com tanta fome.

Os músculos do abdômen, das costas e do peito sob as mãos dela estavam duros e quentes, ainda resistentes como resultado de seu treino matutino.

Ele a beijava muito enquanto o dia clareava. As cores diferentes do céu, no qual predominava o cor-de-rosa, nem eram vistas por eles, como o *blush* que uma mulher esquece de repassar depois de tantos beijos no rosto. Ele a beijou, e mais e mais carros passavam pela rua. Beijou-a até que percebeu que dois carros buzinaaram para eles. Beijou-a até que a luz os separou.

Olharam um para o outro.

Por um segundo, ficaram absolutamente imóveis. O rosto de Philippe parecia totalmente nu. O dela, portanto, devia parecer assim também. Magalie o empurrou com tanta força que quase acabou caindo no rio. Ele teve de pegá-la para salvá-la.

Ela sentiu um desejo selvagem de bater nele, de chutá-lo, de fazer algo para salvar a si mesma. No entanto, nem sabia realmente do que estaria se salvando. Ao mesmo tempo, uma vontade a fez virar a cabeça, apenas um pouco, para esfregar a boca e o rosto nos lábios dele. Para ver se, agora que a primeira selvageria tinha passado, ele ainda a pressionaria no mais delicado dos beijos, passando a língua no lóbulo de sua orelha.

– Tenho de... tenho de terminar minha corrida – disse ela. *O quê!* Ah, aquilo soou estúpido. Errado. *Imbécile.*

– Magalie – o nome dela era quase um sussurro, tão suave, tão sedutor.

Ela ziguezagueou seu corpo até a calçada para longe dele, dobrando os cotovelos para trazê-lo de volta:

– Cardiovascular e todas aquelas coisas – ela murmurou.

– Não acho que você precise se preocupar em diminuir sua frequência cardíaca, Magalie – ele ponderou, apontando de forma imperdoável a verdade para mantê-la ali.

Ela se afastou, tentando pensar em uma réplica:

– Tenho de terminar minha corrida. – Simplesmente patético.

– Magalie. – Seu nome pegou-a no momento em que ela se virava e dava o primeiro passo. Ela olhou para trás. Os músculos de Philippe estavam todos enrolados; o corpo estava cheio daquele silêncio ameaçador que antecede a primavera. – Se você correr, tomara que se sinta como uma zebra durante todo o percurso.

CAPÍTULO 16



NO MOMENTO EM QUE VOLTOU para o apartamento, ela estava tão chateada com a sensação de ser uma zebra que não conseguia parar de xingar a si mesma por ter corrido. De que outra forma poderia ter escapado? Andando? Ele teria acompanhado o ritmo dela. Devia ter pegado um táxi? Às seis da manhã? E, de qualquer forma, qualquer tipo de corrida seria uma corrida. Ela suspeitava de que Philippe teria zombado de sua retirada de qualquer jeito.

Ela não era uma maldita zebra para aquele leão. Ele era um sapo para a bruxa dela. Ou... uma fera. Um sapo parecia um pouco... pequeno e sórdido. Talvez ela preferisse transformá-lo em algo em que pudesse afundar as mãos.

Claro que a única opção para evitar o papel de zebra teria sido enfrentar a situação. No entanto, como ela ficaria? Como um tapete de zebra na frente da lareira dele?

Ela não era uma maldita zebra.

Magalie terminou de subir os lances de escadas, sentindo os músculos cansados durante o percurso. A caminho do banho, foi interrompida pelo espelho e ficou olhando seu reflexo.

O rabo de cavalo havia se soltado, libertado pelo vento. O rosto dela não estava maquiado. Ela nunca usava muita maquiagem, mas havia um mundo de diferença entre uma aplicação hábil de melhorias naturais e

ver seus olhos, boca e bochechas completamente nus, ainda mais desnudos pelo vento. O rosto estava vermelho e suado.

Ela não entendia.

Como ele podia beijá-la quando ela estava assim?

Magalie ligou entrou debaixo da ducha, deixando a água quente cair sobre ela sem parar, como se quisesse substituir o calor que havia escapado de seu corpo.

Pouco depois, decidiu fechar o chuveiro porque o calor da água tinha enfraquecido e estava dando lugar ao frio, e o frio trouxe-lhe um pouco de força. No entanto, ao enxugar-se com uma toalha felpuda enorme e branca, ela tremeu novamente, sua pele muito sensível desejava textura e calor e toque.

Após cinco anos de aprendizagem sobre como se vestir como uma parisiense, ela se esforçaria ao máximo. A armadura naquela manhã estava invencível, pronta para enfrentar qualquer um e se manter de pé. Dobras delicadas de seda caíam sobre seus ombros: contornando a suave linha do pescoço para revelar um ombro, deslizando entre os seios e deixando um decote, caindo por trás, expondo a nuca e uma parte das costas. Abaixo do decote, a armadura era confortável, cobria os mamilos, costelas e cintura, descendo pelos quadris até a parte superior das coxas. Uma legging sutilmente estampada, articulada para os lados de forma a sugerir uma linha antiga de meias compridas, desaparecia por baixo. Folhas filigranas grandes, finas e verdes, pendiam de suas orelhas. Ela gastou meia hora no cabelo, algumas mechas escapando do coque.

Sobre a legging, vestiu botas altas e apertadas. Ela precisou passar rapidamente pelo bairro do Marais para comprá-las. Já havia adiado a compra uma vez porque estavam caras demais, mas naquele ano o preço caíra porque estavam saindo de moda. E ela queria sentir o couro subindo pelas coxas. Queria a dureza por trás da mensagem forte e vívida daquela seda.



Quando Philippe entrou em La Maison des Sorcières, Magalie sentiu-se... como uma zebra.

Bem, não era bem assim. A zebra não estremece de prazer com a ideia de ser pega.

Ele não carregava nada nas mãos. A única tentação que trazia era ele mesmo.

Seu olhar foi direto para ela, para seu corpo, para as botas até as coxas, e então para o decote que despencava para um mergulho em seus seios. A boca eroticamente controlada de Philippe apertava-se diante da mensagem transmitida por sua armadura, e seus olhos azuis brilhavam com a própria mensagem. *Zebra*.

Não, não sou, os olhos dela brilharam de volta para ele. *Vá em frente e tente me pegar. Tenho dentes tão afiados quanto os seus*.

Ele a abandonou abruptamente, como uma presa que pudesse ser encurralada a qualquer momento, e foi atrás do homem simpático, de cabelos encaracolados, com quem ela estava conversando.

– Christophe – ele disse com frieza, claramente planejando partir o homem ao meio para deixar o caminho livre.

Christophe, que tinha se apresentado a Magalie quinze minutos antes, estampava um sorriso entusiasmado e brindou Philippe com um copo cheio de chocolate. Quando levou o copo aos lábios, um músculo no maxilar de Philippe contraiu-se violentamente.

– Eu deveria saber que você também adoraria este lugar. Foi pura sorte Cade tê-lo mencionado para mim.

Philippe parecia querer arrancar o copo das mãos do homem e atirar o autor do famoso blog de gastronomia Le Gourmand no meio da rua. E, embora não houvesse uma luz sobre ela, o olhar dele parecia tomar todo o corpo de Magalie, alisando-a com um longo toque. Bem, ela pensou que pelo menos o estava deixando maluco também. Ah, Deus, o que ele deve pensar da maneira como ela se derreteu naquela manhã.

– Eu queria falar com Magalie.

Christophe parecia encantado.

– *Mais, bien sûr!* – Ele fingiu estar absorvido em textos enquanto apontava o celular de forma sutil. – Não se preocupe comigo!

A boca de Philippe comprimiu-se.

– *En fait*, eu estava prestes a mostrar a Christophe como fazer algumas de nossas receitas – Magalie disse. – Ele quer escrever sobre nós no blog.

Philippe desviou o olhar dela para Christophe e depois para a pequena cozinha. Um músculo pulsou em seu maxilar. Ele balançou a cabeça uma vez, lentamente e com firmeza.

– Nem pensar.

O queixo dela se elevou:

– *Pardon?*

Seu olhar foi parar no peitoral dela e ficou por lá. Até que a única coisa que restou, e que ela não pôde fazer, foi cobrir o busto com a mão. O decote fez com que sentisse seus seios subitamente muito expostos. Eles vibraram com a sensação.

De repente, algo mudou na expressão dele, suave e intensa. Philippe se virou de uma forma que seu ombro bloqueasse a visão de Christophe e depois se inclinou para a frente. Os cotovelos dela esbarraram na vitrine. Ela não achava que havia recuado (certamente não havia), mas o espaço não permitia nenhum tipo de manobra. Ele abaixou a cabeça, aparentemente para evitar bater na ponta da lua, mas o movimento trouxe seu rosto muito próximo ao dela. O corpo parecia curvar-se em torno dela, cercando-a sem mesmo tocá-la. A lua crescente de chocolate girou lentamente acima de sua cabeça.

– Magalie – ele disse em voz baixa, e olhou para seus lábios.

Os lábios dela inflamaram. Ou pareciam como se tivessem inflamado, como se uma descarga os tivesse condensado, deixando-os muito vermelhos, muito suaves, muito completos.

– Magalie – ele usou uma das mãos para friccionar os tufo de cabelo que escaparam da fivela. O blogueiro que tinha iniciado a história do Ladrão de Chocolate estava olhando diretamente para eles. E segurando um telefone.

– Você precisa de um colar – disse Philippe.

– O quê?

O olhar dele descansou entre os seios dela, onde o decote era mais acentuado. Um olhar tão vívido que ela chegou a sentir o toque de um dedo.

– *Là*. Algo verde. E intrigante. Algo que as pessoas preferem ver a tentar descobrir o que é.

Magalie respirou fundo e fez os olhos dele, já fixados em seus seios, dilatarem-se rapidamente. De alguma forma, ela conseguiu armar um sorriso tão brilhante quanto uma lâmina.

– Agora você vai me dizer como fazer os homens olharem para os meus seios? O que seria de mim se você nunca tivesse invadido a minha vida?

O maxilar de Philippe se cerrou, e por um segundo Magalie pensou que ele ia bater com a cabeça em alguma coisa. Como a coisa dura mais próxima era a sua própria cabeça, a situação poderia se complicar rapidamente. Quais eram mesmo os dinossauros que tinham os crânios grossos para que pudessem bater uns contra os outros? Ela aprendera isso na escola, mas sua formação acadêmica tinha sido irregular, indo e voltando como se estivesse entre diferentes sistemas de ensino.

Philippe endireitou-se tão de repente que se esqueceu da lua, e ela o golpeou na cabeça e rodou com violência.

Ele estendeu a mão e segurou-a, algo que Magalie não teria feito sem a ajuda de uma escada. Segurando a lua ainda sobre a cabeça deles com uma das mãos, Philippe subitamente colocou a outra sobre os braços cruzados dela, logo abaixo dos seios, a mão grande o suficiente para confortavelmente envolver ambos sobre os cotovelos.

Ela ficou tão surpresa com o gesto repentino e rude, mesmo depois do que havia acontecido pela manhã, que acabou simplesmente congelando com os olhos esbugalhados.

Ele subiu a mão, um toque profundo que transpôs a seda, puxou o decote para o lado e pousou a palma da mão no ombro desnudo e, finalmente, chegou ao queixo dela, mantendo-a imóvel para ele. Seus olhos se alinharam aos dela.

– Você *vai* ceder – ele jurou.

Ela vai ceder? Era assim que ele tinha considerado o beijo?

– Você é quem não consegue resistir a uma mulher coberta de suor e com o cabelo bagunçado.

Ele começou a se mover em direção a Christophe, mas se conteve. Todo o seu foco retornou a ela, estreito e perigoso. Magalie sorriu. Tocou

num nervo, não foi?

Ele se aproximou ainda mais, a respiração fazia cócegas no ouvido dela.

– Você acha que passo o dia todo sendo abanado por mulheres e tendo uvas jogadas na minha boca? Você é bem-vinda para visitar minha *laboratoire* a qualquer momento, Magalie. Confie em mim, já vi suor antes.

– Na verdade, é exatamente isso o que você procura em uma mulher – ela zombou.

A provocação não conseguiu acertar o alvo. A boca de Philippe curvou-se, arqueando o canto de forma sensual a fim de lambeir todo o corpo dela dos pés à... algum lugar ao redor dos seios, e o calor do gesto fazia o peito e o rosto queimarem.

– Ficaria feliz em fazê-la suar, com certeza – ele sussurrou.

Quando o corpo dela parecia estar tentado a ceder, ele se afastou. Facilmente. Como se nada tivesse acontecido.

– Então, Christophe. – Philippe se sentou em uma cadeira bem de frente ao blogueiro, calmo e no comando da situação. Christophe cobriu o telefone envergonhado. – O que você estaria disposto a fazer para eu lhe ensinar o meu *Désir*?

Os olhos de Christophe brilharam de encanto.

– Você realmente pretende me ensinar?

– É só ficar longe desta cozinha – Philippe sacudiu a cabeça em direção à pequena sala com balcões, e o sangue de Magalie ferveu no mesmo instante.

Ele se levantou e caminhou em direção à saída, parando apenas ao chegar na frente dela, enquanto Christophe recolhia suas coisas para segui-lo.

– A propósito, Magalie... – Ele levantou a cabeça e direcionou a ela um pequeno sorriso, que a fez querer tomar uma atitude drástica. Então ele se inclinou para perto dela, fazendo o coração parar por um momento e depois começar a bater como um louco. – Faço o meu caramelo mais quente do que qualquer outro *chef* – ele sussurrou. Depois posicionou o polegar e o indicador a uma distância milimétrica entre eles. – A *esta* distância de queimar. Achei que você gostaria de saber.

CAPÍTULO 17



QUANDO PHILIPPE finalmente terminou com Christophe, sem estrangulá-lo, e voltou para La Maison des Sorcières, Magalie havia fugido.

Pelo menos, ele gostava de pensar em termos de uma fuga apavorada, em que ela estivesse com medo de que ele conseguisse rastreá-la e encontrá-la. Talvez, mais cedo, ele não devesse tê-la confrontado tanto, mas Magalie o deixara louco; a maneira como ela colocou aquela armadura para se proteger, com lâminas por todos os lados, depois da manhã no cais... Justamente quando ele pensou que finalmente estivesse se *rendendo*...

O que quer que Magalie estivesse fazendo, ela não estava lá. Apenas Aja, que o deixou entrar com um olhar benigno e lhe ofereceu uma xícara de chá.

Ah, Deus. Essas mulheres não desistiriam de tentar transformá-lo em um sapo. Ele brincou com a xícara e foi para a porta da cozinha, para se certificar de que Magalie não estava se escondendo atrás dos casacos. Ela era pequena, do tipo *mignon*. Não. Não havia ninguém ali. No entanto, ele entrou na sala azul para discretamente jogar fora o seu chá na pia, e viu...

Sob aqueles casacos... Que interessante... Uma porta pequena, quase totalmente escondida.

Philippe olhou para Aja, mas ela estava acompanhando uma cliente até a saída, de costas para a sala; as duas mulheres falavam bem

baixinho.

Ele abriu a portinha, apertando os casacos contra a parede. Lá fora, o ar frio bateu-lhe com força, como se estivesse rindo dele por não pegar um daqueles casacos para si. Contudo não havia vento. Ele estava em um pequeno pátio de paralelepípedos. Hera subia pelo muro e, à sua exceção, o espaço estava nu como o inverno. Da parede oposta, o leão o olhou; a bacia perto do muro estava entupida com sujeira e algumas plantas mortas.

Ele olhou em volta, mas viu apenas outra porta, na parede à direita.

Abrindo-a, havia uma escada. Estreita e íngreme, as paredes eram simples e brancas, sem o menor indício do que ele poderia encontrar lá.

Colocou o pé no primeiro degrau, quase esperando que Aja o chamasse ou que Geneviève viesse correndo atrás dele. Ou Magalie. Seu corpo apertou-se com fome. Magalie para confrontá-lo. Sim.

Contudo, não havia nenhum som, exceto o de seus próprios passos, um após o outro. Philippe se apressou e agora já se movia rapidamente.

Quando chegou ao sétimo andar, seu coração batia forte, e ele não culpava as escadas. Deu um longo suspiro, olhando para a porta, o corpo todo apertado. Não havia olho mágico. Ela não poderia saber quem era.

Como Magalie não tinha um olho mágico na porta? Aquilo era uma loucura. Estavam em Paris.

Ainda por cima, a porta não estava fechada muito bem. Ele olhou para a maçaneta: a tranca não estava presa, ou seja, bastava que alguém batesse à porta com o punho para que se abrisse.

Philippe bateu suavemente. A porta abriu-se um pouco; ele pegou a maçaneta para impedir que a porta batesse. Nenhuma resposta.

– Magalie?

Novamente, nenhuma resposta.

Se ela estivesse tomando banho com a porta destrancada e semiaberta, ele iria matá-la.

– Magalie? – chamou um pouco mais alto.

Silêncio. Talvez algo estivesse errado. E se ela tivesse tropeçado ou batido a cabeça enquanto entrava no apartamento? E se alguém tivesse invadido? Seria por isso que a porta estava aberta?

Ele a abriu totalmente:

– Magalie?

Nenhum corpo no chão. Nenhum sinal de alguém, e o lugar era pequeno demais para que ela se escondesse. Então, ela estava bem. Simplesmente não estava lá.

Aliviado depois de pensar em tantas hipóteses ruins, ele podia se concentrar na sala e no branco sobre branco que o atingia como um conto de fadas. A excitação percorreu-lhe o corpo e a mente como eletricidade. Ele havia entrado no sacrossanto coração dela.

Cortinas brancas e transparentes pareciam cursos de águas correntes sobre as janelas. As paredes eram brancas, não de um branco ofuscante, mas com um tom adicionado para secretamente torná-las mais suaves; sua irmã saberia qual tom, talvez azul. Na parede, um toque de roxo... Lavanda, ele percebeu. Uma pintura de um campo de lavanda. Então, aquela era a Provença que ele ouvira em seu sotaque contido. No entanto, havia algo mais. Uma alusão minúscula à forma como Cade Corey falava, porém muito mais sutil, pois Magalie não era norte-americana. Qual seria a história dela? Por que ele ainda não sabia quase nada sobre ela?

Uma manta branca e felpuda cobria a cama estreita, estendida sobre ela de forma um tanto quanto descuidada. A cama estava vazia. Um sorriso irônico lhe veio à boca só de imaginar o que Magalie faria se estivesse ali e despertasse com ele ajoelhado ao seu lado, mordiscando os lábios dela com um beijo. O despertar da bela adormecida em sua torre.

Ela gostaria de vê-lo de joelhos, não havia dúvida. No entanto, quanto a ele vê-la vulnerável e beijando-a dessa forma... a julgar por aquela manhã e pela reação dela, Magalie provavelmente bateria nele.

Quanto a ele mesmo, não fantasiava tê-la a seus joelhos. Entretanto, despojada de toda a sua armadura, indefesa nas mãos dele... Sim.

Ele foi até a janela, sabendo muito bem o que estava fazendo. No entanto, tinha de ver se ela conseguia decifrar seu nome na loja dele, a partir das vitrines da loja dela. Ele puxou as cortinas transparentes. Era como estar no topo do mundo ali. Podia ver o Sena, à esquerda, além da ponta da ilha. E as torres da Notre-Dame à direita. E, ao longe, um

pouquinho da Torre Eiffel. Seu coração ficou estranhamente apertado ao pensar nela ali, à noite, contemplando a torre brilhar.

E então, sim, não tão perto nem tão dominante do seu ponto de vista como ele gostaria, porém ela poderia vê-lo: *Lyonnais*. Se ela quisesse, poderia ficar ali e assistir a chegada dele todos os dias e lançar feitiços contra ele. Talvez por isso os ombros de Philippe sempre formigavam quando entrava em sua própria loja.

Virou-se e viu sinais reveladores de uma assadeira imersa na pia. Ela estava tentando cozinhar claras em neve.

Macarons! Seus lábios se afastaram em um feroz deleite. Será que ela estava tentando desafiá-lo em seu próprio jogo? E, se sim, onde estavam os resultados?

Olhou em volta, em busca do lixo. Agora ele realmente estava jogando baixo e sujo, e depois disso teria de sair antes que começasse vasculhar a gaveta onde ela guardava as roupas íntimas.

Embora estivesse louco para ver como eram as roupas íntimas dela. Será que ela, por acaso, preferia as de renda preta, como algumas de suas roupas sugeriam? Ou seria algo arejado e branco, como aquela sala?

Olhou para as gavetas debaixo da cama. *Só verifique o lixo, Philippe. Isso já é ruim o suficiente.* Abriu a porta debaixo da pia da cozinha. O lixo deslizava bem para a direita, puxado por uma corrente presa à porta, e ele sorriu como se tivesse obtido uma vitória selvagem.

Lá estavam eles. Tentativas lisas, secas e lamentáveis de imitá-lo. Evidentemente não satisfizeram o desejo dela. Veio uma onda de calor com o pensamento da face frustrada de Magalie, vendo-a raspá-los da assadeira e jogando-os no lixo. Será que ela estava usando botas enquanto tentava, ou andava descalça pelo apartamento? Será que ela pintava os dedos dos pés com a mesma armadura perfeita que usava nas unhas das mãos, ou eles ficavam desnudos ali, onde ninguém podia vê-los? Será que ela teria ido à janela para olhar a rua à procura da palavra *Lyonnais*? Será que teria imaginado estrangulá-lo? E será que o teria desejado, imaginando afundar os dentes no que ele fez? Ou simplesmente pular nele próprio, afundando seus dentes na carne?

Philippe ouviu os saltos nas escadas antes que ela chegasse à porta e fechou o lixo. Aquela poderia ser sua arma secreta, pois agora ele possuía provas de que ela tinha fome dele. E tal era a fome que ela estava tentando fazer sua própria imitação, ainda que fraca.

Conforme os passos se aproximavam, ele se inclinou casualmente na janela, como se fosse o dono do lugar. Seria condenado se fosse pego como um ladrão de roupas íntimas, e, de qualquer maneira, a postura de propriedade a deixaria louca.

Ela parou de repente na porta, olhando para ele, em um primeiro instante de... o que era aquilo? Confusão por causa da fome ou da surpresa? Será que ele era culpado por exhibir-se à janela? E depois, é claro, a indignação.

– Que diabos você pensa que está fazendo?

Ela carregava um par de sacolas da elegante boutique Marais em uma das mãos. Philippe imaginou, de repente, que Magalie não estava olhando para ele por estar lá, mas uma cena na qual ela vestia o que havia comprado e perguntava sua opinião. Ele sequer se importaria se ela estivesse mostrando um maldito par de tênis. Era a ideia de ela estar feliz, relaxada e ansiosa para mostrar. Que fantasia desesperada! Sim, desesperada porque era tão longínqua quanto a lua.

– Invadindo – ele retrucou.

O jeito que ela olhava para ele o deixou insano. O queixo para cima, a garganta exposta, até ele quase não ter forças para não aceitar o desafio de colocar seus dentes contra a pele dela. Sentir a emoção do medo e do prazer percorrer todo o seu corpo antes que ela descobrisse exatamente o que aqueles dentes estavam prestes a fazer. Ela gostava de olhar para ele como se o desprezasse, mas os olhos continuavam percorrendo seu corpo de cima a baixo, de uma forma que o deixava enlouquecido e excitado. Philippe duvidava de que ela sequer percebesse que fazia aquilo. Às vezes ele a via tentando parar: o brilho rápido e involuntário nos olhos dela se movimentava por todo o corpo dele, os cílios que tão brevemente escondiam os olhos dele antes que os castanhos fossem forçados a voltar para a batalha contra o olhar dele. Ou, às vezes, ao subir o olhar, ela se demorava na boca de Philippe, ou

corria por cima dos ombros dele, ou descansava nas mãos dele. Ela o deixava *louco*.

Magalie tinha o controle daquele olhar agora. Estava olhando para ele.

Sim. Olhe para mim. Não sou exatamente o que você queria. Você não me convidou, mas posso fazer com que você me note.

– A porta não estava trancada – ele relatou. – E nem mesmo fechada direito. Você deixa seu apartamento assim, aberto, nesta cidade?

– O prédio é nosso – falou Magalie, impaciente. – É da tia Geneviève. Quem entraria?

Ele ergueu as sobrancelhas e abriu uma das mãos, sacudindo os dedos o suficiente para ter certeza de que ela olhava de cima a baixo para a única pessoa que tinha entrado. Ah, Deus, Philippe adorava quando ela o olhava daquela forma.

Em vez de admitir que estava errada, Magalie apenas inclinou o queixo para ele mais uma vez:

– Se estivesse trancada, tenho certeza de que você teria chutado a porta.

– Você não tem uma trava? – ele perguntou, incrédulo. Olhou para a porta. *Bon sang*, ela não tinha. – Magalie, você está louca?

– Tia Geneviève é a dona do prédio.

Ele sabia disso. Havia investigado a propriedade de todos os edifícios na ilha antes de ir para lá. Era, sem dúvida, uma das coisas que permitiam que as mulheres pudessem administrar pequenos negócios em uma área extremamente cara. A propriedade valia incontáveis milhões. A única questão era como elas conseguiam pagar os impostos sobre as propriedades. Não era com uma casa de chá com cinco mesas, com certeza.

– Quando a loja está fechada, a porta da rua fica bloqueada; as únicas pessoas que realmente podem entrar são as tias, eu e os inquilinos dos outros apartamentos.

Inquilinos. Isso explicava os impostos sobre a propriedade.

– Você nunca deu, a um entregador qualquer, o código para entrar pelo pátio? – ele inquiriu secamente. Afinal, havia um negócio ali. Metade

de Paris provavelmente tinha o código para entregar e retirar mercadorias.

Ela franziu a testa:

– Conhecemos nossos fornecedores muito bem.

Bien sûr, e cada pessoa que já tivesse trabalhado como entregador da casa de chá também.

– Além do mais, minhas tias notariam se alguém atravessasse o pátio – ela afirmou, com um grau de confiança tão alto que chegava a ser excessivo.

Ele sentiu vontade de estrangulá-la:

– Ninguém me impediu.

Ela franziu a testa como se aquela fosse mais uma prova da infâmia que ele havia cometido.

– Coloque uma maldita trava em sua porta, Magalie. E use-a.

– Não acredito em você – de repente ela irrompeu como um vulcão, para a profunda satisfação dele. – Não posso acreditar que você... que *você* teve a ousadia de entrar no meu apartamento e que agora está aqui, na minha frente, dando-me um sermão. Cai fora!

Ele cruzou os braços, tentando lhe dizer *Faça-me sair*. Teve de morder a língua e pensar melhor. Philippe realmente não queria parecer um daqueles homens brutos que resolviam tudo na força e que entravam no apartamento de uma mulher sem permissão... e, pior, que se recusavam a sair. Ela realmente conseguia tirá-lo do sério. Isso porque não tinha sequer conseguido forçá-lo a beber uma de suas poções.

– Nunca ouvi falar de um príncipe ser expulso de uma torre dessa maneira. Não que eu me atrevesse a me considerar um príncipe, mas já que você insiste – acrescentou, em um tom que tinha por intenção enfurecê-la. – Normalmente, ele recebe algum tipo de recompensa por sua invasão. – *Um beijo, por exemplo*, ele se recusou a dizer em voz alta. Que ela se culpe por não ter tido essa ideia.

No entanto, Magalie lançou-lhe um olhar fulminante que o fez se perguntar se estava prestes a comentar sobre as origens desses contos, quando era maior a probabilidade de que o príncipe que invadisse fosse estuprar a princesa que dormia em vez de beijá-la para acordá-la. Sua cabeça quase explodiu. Na verdade, ela o chamou de fera, e o rótulo de

príncipe era uma acusação de arrogância, não de cavalheirismo; e também ele havia invadido seu apartamento. Contudo, se ela pensasse... se tivesse passado por sua cabeça que ele a atacaria... mesmo que fosse por um *segundo*... ela teria certo medo de que...

– Não sou uma princesa – disse ela secamente, provando que seus pensamentos eram outros.

– Sim, e, por falar nisso, se você enviar outra loira mimada em minha direção, vou alimentá-la com algo que a fará se apaixonar por *você* , e aí vou ver se *você* vai gostar.

Houve um vacilo na expressão arrogante de Magalie. De repente, ela pareceu notar que a escuridão da noite de inverno invadia seu apartamento, e cruzou o quarto para acender a luz ao lado da cama. Seus saltos faziam um barulho estranho no piso do apartamento; ela pisava com força e agressividade naquele espaço pequeno. Ele se perguntou se ela geralmente tirava os sapatos perto da porta. Será que a presença dele tinha exigido que ela se mantivesse em sua armadura?

– Não sou responsável por elas se apaixonarem por *você* – ela franziu a testa profundamente, parecendo incerta de como se posicionar. Talvez costumasse se sentar na beira da cama, tirando os sapatos e se curvando para examinar as compras... O sangue dele subiu, lento e quente, por todo o corpo com aquela imagem. – Uma pobre princesa inocente? Por que eu faria uma coisa dessas com ela?

– Elas não parecem tão inocentes para mim, mas obrigado por me lembrar de considerações morais – ele disse educadamente. Sério? Ela não havia colocado aquelas pretensiosas sedutoras em seu caminho? Algo amargo tomou conta de seu interior, dissipando-se tão rapidamente que ele precisou resistir para manter-se na luta. – É verdade, seria muito irresponsável fazer alguém se apaixonar por *você* .

Os olhos dela brilharam. Ele quase riu. Aquilo foi engraçado. Sentiu-se excitado e enfurecido e tão vivo, controlou-se apenas graças aos seus anos de autodisciplina. Philippe sabia aplicar de forma precisa e atenciosa os menores dos movimentos, como esperar o tempo necessário para que algo fosse perfeito.

Magalie jogou os pacotes em cima da cama, começou a tirar a jaqueta, mas se conteve. Ah, agora ela removeria a jaqueta, deixando-a

cair descuidadamente sobre a cama ou a penduraria? Com certeza, a penduraria. O quarto era tão bem organizado.

– Se eu desejo alguma coisa para alguém, é geralmente força e coragem e sensatez, que parecem sempre em falta. Não tenho ideia por que isso as levaria até você. – Ela parecia ter mordido algo podre, sem saber para onde cuspir.

Força e coragem e sensatez. Ele sentiu como se inspirasse longa e profundamente, como na academia ao terminar uma série de exercícios. Ou durante as provas do concurso Meilleur Ouvrier de France, quando ocorreu a última, extravagante e impossível competição de açúcar.

– Obrigado pelo elogio – ele disse. Era um extraordinário e belo elogio.

– Não era a minha intenção. – Ela fez uma careta.

– Sim, imaginei isso. – No entanto, talvez, quando ela estivesse mexendo o chocolate e pensando em força e coragem e sensatez, alguma parte dela acabasse pensando nele. Ele foi um pouco além e se imaginou tocando-a, para dar-lhe uma sensação de controle. Sua mão curvando-se cada vez mais em volta dela.

Magalie tinha acabado de parti-lo em pedaços com poucas palavras e poderia ou não estar disposta a juntar aqueles pedaços novamente.

Ela cruzou os braços, e seu pé fez um pequeno gesto, como se quisesse chutar a cama. A lâmpada emitia uma luz suave e quente que parecia abraçar seu corpo tenso. Normalmente ela ficaria relaxada naquela cama, não é mesmo? Confortável e em paz.

– De quantas princesas loiras e mimadas estamos falando?

– Desde que abri as portas? – Mulheres jovens e privilegiadas que tinham entrado em sua loja e começado a se atirar como se ele fosse pegá-las? – Algumas... – E ele esperava que ela conseguisse se lembrar exatamente da beleza daquelas mulheres.

Os braços dela se apertaram sob os seios. Ele se perguntou se Magalie podia ver seu olhar cintilante sobre o corpo dela em movimentos como aquele, da mesma forma que, por vezes, ele via o dela. Claro que podia. E, sem dúvida, ficou se gabando disso.

– Então você tem se divertido – ela disse secamente.

– *En fait*, Magalie, tenho trabalhado quase sem parar. As coisas vão voltar ao normal uma hora dessas, e as novas pessoas que contratei vão logo dominar suas funções. Por enquanto, porém, é assim que as coisas vão ficar. E, nas poucas ocasiões em que eu parei de trabalhar, não foi para dar a uma *socialite* mimada coragem e força, coisas que ela deveria estar procurando em si mesma.

Foi para passar algum tempo com a família dele, porque um homem deve ter prioridades. Para se exercitar na academia, porque o ajudava a manter a sanidade. E... bem, agora ela só teria de descobrir como dominar o foco e a atenção de Philippe. Ele não estava exatamente sendo sutil.

– *Eu* não tenho tempo para ir às compras – ele disse, apontando para as sacolas do bairro do Marais, mas lamentou as palavras no mesmo instante. Será que ele queria piedade? Não era *essa* a reação que desejava.

Ela olhou incrédula para Philippe, dos ombros aos pés e vice-versa. E, claro, o corpo dele zuniu de forma delirante em resposta. Sem dúvida, ele não queria sua piedade. Então ela gostava do jeito que ele se vestia, não é mesmo?

– A jaqueta e os sapatos são de dois anos atrás, Magalie. Uma pessoa da moda como você não consegue identificar? Além disso, minha irmã gosta de fazer compras. E, quando se trata de roupas, tomo decisões rápidas. Quando passo por uma vitrine e vejo algo de que gosto, vou logo comprando, e depois sigo o meu caminho normalmente. Gasto no máximo cinco minutos.

Por alguma razão, aquilo pareceu irritá-la. E só Deus sabia o motivo. Muita arrogância? Muito orgulho? Será que Magalie acreditava que ele a considerava um suéter?

Ele suspirou.

O silêncio se estendeu, e Philippe se perguntou por que ela não havia insistido para que fosse embora. Em seguida, um sorriso cresceu lentamente à medida que ele percebeu o motivo. Magalie não conseguia, pois, se ele apenas desse de ombros em resposta, ela não aguentaria o constrangimento de ter suas ordens descumpridas em seu próprio domínio. Ela não conseguia expulsá-lo de lá e, provavelmente, preferisse

morrer a chamar a polícia ou admitir que precisasse de ajuda contra ele. Seu orgulho não lhe permitia se livrar dele, a menos que fosse embora por conta própria. E, certamente, não lhe *pediria*. E Philippe não queria se voluntariar. Aquele quarto pálido, tão alto acima do mundo, com uma luz suave e brilhante caindo sobre ela, acabou o envolvendo em uma estranha mistura de paz e certeza, e uma intensa e ansiosa vontade de viver.

Para ele, aquele era o lugar onde deveria estar. Philippe sorriu para ela. Isso a ensinaria a não trancar a porta.

Magalie inclinou a cabeça mediante àquele sorriso e desferiu um longo e investigativo olhar. *Bon sang*, mas ela pretendia fazer picadinho dele por usar aquela garganta pretensiosa na intimidade vulnerável de sua torre particular. Ele desejou... que ela o tivesse convidado para entrar.

Ela colocou as mãos nos quadris.

– Isso é típico de você. Entrar onde não é convidado e onde não tem o direito de estar sem nem mesmo pedir permissão. Quer que eu lhe mostre minha gaveta de *lingerie* ou você já pegou um par e colocou no bolso para levar para casa?

Ele riu por puro respeito, sabendo que a estratégia dela era irritá-lo para que fosse embora correndo. *Boa sorte*. Ali era muito *agradável*.

– Ainda não, quem sabe mais tarde.

Ela fechou a boca e seus olhos fulminaram.

Philippe inclinou a cabeça:

– De acordo com *Maman*, a primeira vez que ela leu Rapunzel para nós, eu tinha três anos, e, quando nos contou que o príncipe voltava todos os dias com um pedaço de pano para que Rapunzel pudesse costurá-los e finalmente escapar, eu disse: “Por que ele não levou uma corda na primeira viagem?”.

Ela parecia completamente perdida com a mudança repentina de assunto. Será que a referência não foi óbvia para ela?

– Quando estava com uns doze anos, fiquei pensando que talvez ele não quisesse trazer uma corda. Talvez quisesse fazer Rapunzel merecer a sua liberdade um pano por vez e com todos os tipos de serviços sexuais. E isso me possibilitou algumas grandes fantasias.

Os olhos dela se arregalaram. Ele adorava o castanho que havia neles. Fazia com que quisesse chegar bem perto e ver se as pupilas dela haviam se dilatado. A pele pálida de inverno corou.

– Mas agora tive outra ideia. Talvez um pano por vez foi o que ele conseguiu convencê-la a aceitar. Talvez ela *não* quisesse escapar. Talvez ela gostasse de ficar naquela torre com sua guardiã bruxa, até que um príncipe apareceu e tentou levá-la de lá.

As sobrancelhas dela franziram. Finalmente estava entendendo.

– Eu não sou... – Magalie disse firmemente – ...uma princesa em uma torre.

Ele apenas sorriu um pouco e deu de ombros:

– E você nem precisa sair dela, se não quiser. Eu gosto daqui.

– De volta à teoria das fantasias sexuais? – ela disse com ironia, e depois seu pé se contraiu, como se quisesse chutar alguma coisa, possivelmente ela mesma por ter retomado o tema.

Ele sorriu bem devagar. Não conseguiu evitar fitar o corpo de Magalie de cima a baixo à medida que seu cérebro, incrivelmente ganancioso, tentou processar cinquenta fantasias sexuais ao mesmo tempo.

– Eu não faria objeção.

– Sabe o que eu me lembro dessa história? – Magalie perguntou. Seu rosto corado fez o corpo dele arder com o calor. – Outro homem convencido, forçando a barra onde não foi chamado. E que a princesa parecia estranhamente impotente para alguém que foi criada por uma bruxa. Sempre achei essa história incompleta.

– Forçando a barra – Philippe repetiu com cuidado. Olhou mais uma vez em volta do apartamento e depois para si mesmo.

– Sim. Alguém exatamente como você, por exemplo.

– Alguém convencido? – Como se outra pessoa tivesse garantido seu sucesso... Havia uma razão para ele não ser apenas mais um *Lyonnais*; ele era *Philippe Lyonnais*. Tudo tinha vindo das suas mãos, do seu trabalho, do seu gosto apurado, da sua inspiração.

– Sim. Você sabe, outro idiota egoísta, egocêntrico e arrogante.

Ele se mostrou abalado com o impacto daquelas palavras.

– Que lisonjeiro. – Por que ela pensava sempre o pior dele? Ele se dava bem com a família e mostrava respeito, embora por vezes misturado

com irritação, por seus pais. Ele cuidava da irmã e tomava conta da sobrinha às quartas-feiras, uma ou duas tardes por mês, para ajudar Noémie e também porque gostava de fazê-lo. Seu círculo de amigos era pequeno, mas muito forte, e eles podiam sempre contar com ele quando necessário. Ele nunca venceu seus rivais com truques desleais, apenas com uma qualidade pura e superior. Ele contratava estagiários para ajudá-los a construir as próprias carreiras. Por que ela sempre pensava tão mal dele? Quanto dano ele havia efetivamente causado ao negócio de suas tias, pelo amor de Deus? Sua equipe gastava metade do salário em La Maison des Sorcières!

– Christophe veio para escrever em seu blog sobre *nós*. Ele provavelmente teria escrito dois ou três posts. Umas duas receitas, um pequeno artigo sobre a loja. O maior e mais lido blogueiro gastronômico em Paris. E você estragou *tudo*, não é mesmo? Descobriu uma maneira de atraí-lo e conseguir mais atenção, mesmo que isso significasse abrir mão de uma de suas receitas mais secretas e valiosas.

Ele ficou muito quieto. Podia sentir a raiva subindo lentamente, como uma maré, onda após onda atingindo sua masculinidade, seu coração e depois sua cabeça.

– Você acha que passei a tarde toda mostrando para aquele maldito blogueiro como fazer o *meu Désir* porque queria *roubá-lo de você*?

Ela cruzou os braços. Seus seios se elevaram, como sempre. E o deixaram maluco, como sempre.

– É claro.

Ele virou-se bruscamente, olhando pela janela, porque a ira estava batendo com força em sua cabeça, mas Philippe não se atreveu a fazer nenhuma outra coisa. Lá embaixo, duas formas familiares saíam da loja, envoltas em casacos para enfrentar uma noite muito fria mesmo para elas. La Maison des Sorcières tinha encerrado as atividades. Uma noite escura, vazia, cheia de chapéus pontudos, iscas de chocolate e perigo.

– Aonde suas tias vão hoje à noite?

– A... acompanhar a leitura de poesia de uma amiga – respondeu Magalie quase gaguejando, claramente intrigada com a pergunta.

Ele virou a cabeça para trás, de novo de forma brusca.

– Que receita você ia mostrar para o Christophe? O seu *chocolat chaud*?

Ela hesitou, encolheu os ombros e balançou a cabeça.

– Sua *tarte aux pistaches et aux abricots*? Aquela que você inventou por estar morrendo de vontade de provar o meu *macaron Désir*?

Ela estreitou os olhos:

– Eu *não* estava morrendo de vontade.

Ele estendeu uma das mãos de forma imperiosa:

– Venha me mostrar.

Ela retorceu a boca:

– Quer parar de me dar ordens no meu próprio apartamento?

– Magalie, se você gentilmente puder vir me mostrar... – a fera que ela acordou dentro dele estava faminta e rugia – ... vou lhe contar por que mantive Christophe longe de sua cozinha.

CAPÍTULO 18



MAGALIE NÃO SABIA exatamente o que Philippe estava tramando, certamente nada seguro, o que talvez a tenha compelido a fazer o próprio jogo.

Philippe Lyonnais querendo aprender suas receitas? Isso já era uma vitória, não é mesmo? Ele finalmente cedeu, e ela ainda nem havia caído em uma de suas tentações. Então, por que a sensação era de que ela estava se colocando nas mãos dele?

As escadas ficaram escuras à medida que desciam, iluminadas suavemente por luzes projetadas o suficiente para clarear o caminho, mas não para invadir portas e despertar outras pessoas. Philippe foi na frente, suas costas largas protegendo-a de uma eventual queda, mas isso também significava que ela não podia ver seu rosto. Apenas conseguia vê-lo rapidamente quando ele se virava a cada lance de escadas, aparentando ser muito primitivo na penumbra.

A viagem pelo pátio escuro a congelou novamente. Em noites como aquela, Magalie preferia estar encolhida na cama em seu apartamento. Sem invasores. No entanto, talvez com um corpo caloroso e robusto perto do dela debaixo das cobertas...

Philippe abriu a porta para ela, e, quando Magalie passou debaixo de seu braço e corpo volumosos, tudo escuro na escuridão, foi tomada por uma emoção atávica.

Foi quase um alívio quando ela acendeu a luz da cozinha, uma cor dourada e calorosa que os abraçou. Entretanto, de alguma forma, o batimento cardíaco só parecia acelerar, e ela mal conseguia engolir. Magalie podia sentir em cada centímetro de sua pele cada movimento que ele fazia.

Passando pelo arco da porta em direção ao restante da loja, estava tudo escuro. Era como se aquele espaço fosse ainda menor, um vazio íntimo de pouca luz que os cercava de escuridão. Ela só conseguia ver as formas das árvores de chocolate após o segundo arco, grandes e escuras contra as luzes da rua.

Philippe, muito gentil, posicionou-se atrás dela para ajudá-la com o casaco.

Era, é claro, o que qualquer príncipe com o mínimo de respeito faria. Contudo, por que ela se sentia sedosa e vulnerável, como se as mãos dele tivessem deslizado sobre seus ombros quando não tinham, como se a respiração dele tivesse provocado a sua nuca quando não tinha? Ele ficou tão próximo que Magalie pôde sentir o seu perfume. Ele esteve fazendo caramelo.

Philippe pendurou primeiro o casaco dela no gancho vazio na porta do pátio e depois o dele. A pressão na pequena cozinha parecia subir rapidamente, como se houvesse ar demais dentro de um espaço fechado. E não precisava de muito para preencher aquele espaço. Magalie, pequena como era, poderia lidar com tudo sozinha. Ela e suas tias quase nunca compartilhavam o espaço, revezando receitas em vez de uma levar a outra à loucura.

Ter Philippe ali, ao mesmo tempo, realmente enchia o lugar. E ela nem estava tentando expulsá-lo de lá. No entanto, teria de se afastar dele, curvar-se e esticar--se, para permitir que ficasse próximo dela sem nenhuma resistência.

– Então! – Philippe disse, ainda em um tom cordial. – O que você prefere me mostrar? Seu famoso *chocolat chaud* que leva os homens à loucura? Ou o *tarte* que *eu*... – sua voz ficou sedosa sobre o “eu” – ... a inspirei?

– Não há nada especial no chocolate quente – ela disse, inquieta. Levou homens à loucura? Sério? Ele foi à loucura? – É uma receita muito

simples.

– Então, por que não me mostra as duas coisas? – Ele abriu a palma da mão da maneira mais nobre imaginável. – Não tenho pressa.

Magalie tentou conter a raiva por ele ter presumido que ela estava à disposição dele. No entanto, a tentativa passou rapidamente como uma distração inconsequente.

Sem pressa.

E quando ela se virou para pegar o pote do armário que havia sob o balcão, o quadril roçou a coxa dele.

E a coxa não se afastou para lhe dar mais espaço.

Tanto o quadril quanto as coxas de Magalie pareciam em chamas, o calor foi se espalhando para todas as outras partes do corpo até chegar ao sexo.

Suas mãos tremiam enquanto ela preparava o pote, e ele girou antes de ficar sobre o bocal. Ouviu-se um zumbido do relógio na sala ao lado, e uma bruxa riu maldosamente no escuro.

Philippe moveu-se, como se quisesse dar a ela mais espaço, e acabou ficando logo atrás do seu bumbum quando ela se curvou para pegar o leite e o creme de leite da geladeira que ficava sob o balcão. Uma geladeira que um especialista em cozinha como ele tinha certamente reconhecido.

Ela se endireitou bem depressa.

– Deixe-me ajudar – ele disse, como se o leite fosse muito pesado para ela, e fechou sua mão ao redor da dela na garrafa. Os calos nas palmas das mãos de Philippe deslizaram sobre os dedos de Magalie, o calor de um lado da mão, o frio da garrafa do outro, à medida que ele pegava a garrafa e punha sobre o balcão.

– Esta é a melhor marca de laticínios – ele disse ao ver o nome na garrafa. – Eu também a uso.

A sugestão de cumplicidade deixou-a estranhamente quente. E, em seguida, desconfiada, como se Philippe estivesse espionando seu flanco esquerdo. Desde quando sua alteza permitia que as coisas dela fossem iguais às dele? Ela acendeu o fogo e adicionou o leite e o creme de leite dentro do pote, ciente de que mal conseguia respirar.

O aroma de canela desprende-se do creme assim que começou a aquecer.

Ele inclinou a cabeça.

– Você já conseguiu a infusão.

Ela assentiu com a cabeça. Magalie tinha feito naquela manhã mais chocolate que o punhado de clientes que apareceram, mas ela não permitiria que ele se vangloriasse, admitindo aquilo.

– O que você usou?

– Canela, noz-moscada e baunilha.

Ele descobriu sozinho em que gavetas estavam as colheres, mostrando total conforto em aprender em uma nova cozinha, e pegou uma. Philippe mergulhou-a no creme e provou um pouco, com os olhos atentos. Buscando sabores que talvez ela não lhe tivesse contado. Deixou a colher na pia sem fazer nenhum comentário.

– O... o chocolate está bem atrás de você. – A voz dela não soava muito bem. Em meio àquele som, ele fez uma varredura lenta do rosto dela, e depois seu olhar percorreu seu corpo de cima a baixo. De modo tão suave, como se tivesse escovado a pele com uma pena. Ela tentou não tremer, praticamente pedindo-lhe que a acariciasse novamente.

Havia uma curva mais sutil no lábio inferior dele, mantido fortemente pelo superior, uma intensa e triunfante satisfação que ele estava tentando não demonstrar. De repente, ela se deu conta de que podia ver a pulsação na garganta dele.

– Onde? – ele perguntou, e, se não tivesse perguntado, Magalie poderia, em um segundo de insanidade, ter falado onde desejava ser acariciada com penas. Ao se inclinar, a coxa de Philippe roçou nela de novo, e hesitou diante dos dois armários.

Ela tentou se recompor:

– Aqui! – exclamou, automaticamente alcançando o armário certo sob o corpo inclinado dele.

– Ah! – Os dedos de Philippe se fecharam na maçaneta do armário apenas uma fração de segundo depois dos dela, de modo que a mão dele fechou-se sobre a dela. Seu braço roçou o de Magalie em todo o comprimento. – Vou pegá-lo.

Todavia, quando ela tentou se endireitar, viu-se de certa forma enroscada nele, com as costas roçando em seu peito.

– *Pardon*. – Com uma das mãos, ele a abraçou na cintura, para que não se desequilibrasse. – Devo ter... – Philippe deu uma leve risada de desculpas quando ela se afastou, no exato momento em que se movia para a mesma direção. Ela se virou para trás... e ele também. Mais dois passos de dança e duas vezes as mãos abraçando a cintura dela, antes que o corpo de Magalie finalmente se livrasse do dele. Naquele instante, ela praticamente não conseguia se afastar; como o chocolate quando o seguramos por muito tempo, que parece querer agarrar-se à nossa pele. – É uma cozinha pequena.

Era verdade, mas, para alguém acostumado a trabalhar em cozinhas repletas de dezenas de *chefs* e assistentes, todos correndo com coisas como caramelo fervente, ele parecia excessivamente grande no caminho. Talvez o príncipe da cozinha tivesse se acostumado a todo mundo rendendo-se a ele.

– Talvez eu devesse avisar “*chaud, chaud, chaud!*” cada vez que eu passasse – ela sugeriu secamente. Os *chefs* de Philippe gritavam “quente, quente, quente!” sempre que carregavam panelas com líquidos perigosos por entre os demais que trabalhavam na cozinha.

Aquilo o surpreendeu tanto, mas tanto, que ele não se conteve e soltou uma gargalhada, que imediatamente abafou.

O vocabulário de Magalie sobre algumas formas mais rudes de gíria francesa era incompleto, mas repentinamente ela se lembrou de algo de seu último ano no ensino médio ali. Chamar uma mulher de *chaude* significava dizer que ela era *sexualmente* quente, e aquilo não era o tipo de coisa que um homem diria para ou sobre uma mulher que ele respeitasse. Ela o fulminou com o olhar.

Philippe ergueu as mãos, com as palmas para fora:

– *Eu* não disse isso. – Sua boca se curvou maliciosamente. – Embora não fizesse objeção.

Confusa, Magalie concentrou-se em algo que pudesse controlar, o saco preto e gigante de *chocolat couverture*, com peças ovais de chocolate Valrhona que se derreteriam perfeitamente no leite e no creme de leite. Ela colocou os dedos no saco, retirando um punhado excessivo.

Ele enfiou a mão por debaixo da mão dela, os dedos dispostos de certa forma que seguravam nos dela, antes que pudesse lançar o chocolate no creme.

– Posso ver? – A sensação da palma daquela mão áspera contra a sua pele estava crescendo de maneira tão eroticamente familiar que alguém poderia pensar que ela era o cão de Pavlov e tinha sido treinada para associar a aspereza da mão com um sentimento de satisfação. Em vez de tormento, havia a tentação ilusória. Um prazer do outro lado de um muro de orgulho.

Magalie olhou para as mãos dos dois, o chocolate em sua mão se derramando, alguns em forma oval também passando pelas mãos dele. Ela só queria ficar ali, com a mão fechada daquele jeito, até que o chocolate se derretesse todo com o calor das mãos dos dois, ou até...

Ela engoliu em seco e despejou o chocolate na palma da mão dele. Contudo, já era tarde demais. Ainda havia chocolate preso na mão dela, listras derretidas grudadas em sua pele.

Ela ainda não havia colocado um avental, e a caixa de lenços estava longe, para além de Philippe. Magalie levantou a mão e chupou o chocolate escorrido mais evidente, na base do polegar.

Quando olhou para cima, Philippe não se moveu, mas sua presença encheu a cozinha como uma força física. A força física que a foi levantando e pressionando suas costas contra uma parede. O olhar dele estava fixo na boca de Magalie. Devagar, ele inclinou a mão sobre a panela, para que os chocolates ovais deslizassem um a um, delicadamente, até o leite e o creme de leite.

Uma gota de leite quente espirrou em direção ao seu polegar. No interior da palma da mão, os traços de chocolate agarraram-se ao calor de sua pele. O estômago de Magalie ficou apertado enquanto ela esperava que Philippe trouxesse o chocolate para sua boca, mas ele alcançou um lenço de papel atrás dele, lançou-lhe um olhar um tanto quanto irritado, e limpou a mão.

Ela colocou a mão no saco para pegar um segundo punhado.

Ele lhe segurou o pulso:

– Você tem de lavar as mãos.

O que Philippe disse atravessou seus sentidos cada vez mais desnorteados. Ela franziu a testa.

Ele largou seu pulso e xingou, baixo. Ela poderia jurar que Philippe estava xingando a si mesmo.

– *Pardon*. É que estou acostumado a cozinhas profissionais.

O que ele quis dizer com aquilo? Suas sobranceiras se aproximaram:

– E esta não é uma cozinha profissional, é claro – ele se apressou em se desculpar. – Mas você serve aos clientes.

Ele a considerava tão insignificante, tão abaixo dele, tão inconsciente. Enquanto ela... ela estava praticamente se derretendo toda para dele. Como o maldito chocolate que *ele* limpou com um lençinho. E ao qual lançou um olhar de nojo.

Magalie apertou os lábios e os olhos a assustaram de tanto que ardião; então se virou para lavar as mãos. Ela passou um bom tempo lavando-as, até que aquele ardor estivesse inteiramente sob controle.

– Exatamente como você descreveria esta cozinha, se ela não é “profissional”?

Houve um momento de silêncio. Então ele se aproximou por trás, roçando o corpo no dela. As palavras de Philippe arrepiaram os cabelos de Magalie até as pontas.

– Mágica. De outra época. Fora do controle de quem quer que seja. Você provavelmente transforma os inspetores da vigilância sanitária em sapos.

Ela virou a cabeça, inclinou-se para tentar ver seu rosto, sentindo-se surpresa e ruborizada. Contudo, ele estava bem atrás dela. Para ver seu rosto, ela teve de se virar. Magalie tinha de estar disposta a se virar, sabendo que, tão perto como ele estava, seus seios roçariam o peito dele... sabendo que eles ficariam cara a cara, impossível e intimamente próximos.

Ela sentiu a respiração dele em sua testa e no topo da cabeça, enquanto Philippe esperava que ela fizesse aquilo.

Se ela fizesse... Se ela fizesse... Terror e fome agitaram-se com a mesma força. *Será* que ele a respeitava, como a descrição “mágica” insinuava? Ou *será* que ele desprezava seu valor, como parecia que havia feito quando disse que a cozinha não era profissional?

E se Magalie tivesse certeza de que ele a respeitava, ainda assim ficaria tão apavorada? Ou será que até mais?

– Acho que minhas tias lidam com os inspetores da vigilância sanitária – ela ponderou vagamente. Nada de virar. Nada de virar mesmo.
– Nunca vi um deles.

Algumas risadas:

– Talvez eu devesse fomentar as nossas negociações diplomáticas. Eu não me importaria de estar sob essas asas também.

Quando ele se mexeria? Nunca? Suas costas se flexionaram de forma involuntária, como se ele tivesse acabado de colocar um dedo para lentamente correr ao longo de sua espinha.

No entanto, ele não a havia tocado. Ela se mexeu somente o suficiente para ver o rosto dele de relance, pois seu ombro batia no peito de Philippe.

Ele ergueu o olhar de suas costas pequenas. As pupilas de Philippe estavam dilatadas, deixando à mostra apenas uma faixa estreita de azul. Ela podia ver o crescimento leve no queixo desde o barbear daquela manhã, e a minúscula cicatriz que poderia ser o resultado de qualquer coisa, desde um acidente na cozinha até uma travessura na infância.

Sua cabeça começou a mergulhar na direção dela.

Ela se torceu depressa, como se fosse ser atacada, e somente por um segundo eles ficaram peito a peito; seus seios queimavam pelo contato.

– *Le chocolat* – ela saiu de lado e sentiu a respiração frustrada dele sobre a sua nuca quando se virou depois dela. Parecia uma bala que havia passado de raspão.

No entanto, quando ele ficou novamente ao seu lado, não parecia totalmente frustrado. Magalie o olhou, perplexa e sentindo-se como se estivesse sendo... caçada.

Isso devia exigir dele uma requintada e ilimitada dose de paciência e persistência, para não mencionar o controle de si mesmo e de tudo ao seu redor, para produzir as sobremesas que fazia.

A mão dele escorregou para o saco de três quilos ao lado dela, roçando-lhe o braço até que conseguisse alcançar a *chocolat couverture*; seus dedos enrolaram--se um pouco com os dela pelo chocolate duro e arredondado.

– Permita-me – ele pediu, como se seu objetivo fosse realmente o de apenas aprender a receita.

Entretanto, aquele não era o seu objetivo. A mente de Magalie se atrapalhou sob a flexão dos dedos dele, enquanto ela tentava se lembrar exatamente do que ele tinha dito pouco antes de virem para cá.

Ele levantou um punhado de chocolate:

– Tanto assim?

Ela não sabia dizer. A mão de Philippe, fechada como se fosse uma xícara, tinha dimensões bem distintas da mão de Magalie. Ela segurou sua mão, com a palma para cima, e ele derramou os chocolates nela. Eles deslizaram sobre sua pele, era muito. A outra mão dele apareceu depressa, logo abaixo da dela, para segurar o que caía em excesso, e imprensar a dela, sem tocá-la, protegendo os chocolates entre as dele.

Ela sentiu um beijo em seu pulso acima do chocolate, outro na têmpora. Ela olhou para cima rapidamente, mas o rosto dele não estava inclinado o suficiente para que seus lábios realmente a tocassem. Por que ela continuava imaginando aqueles toques? Será que ela estava tão desesperada por eles, forçando a realização do desejo nos olhares que ele lhe lançava? Ou será que, talvez, o que ele estava pensando quando seu olhar tocou o pulso dela acabou por tocar sua têmpora?

Philippe sorriu para ela, mas lá, claramente no meio daquele sorriso cortante, e apesar de seus melhores esforços, o que ela viu foram os dentes ávidos por carne, o leão farejando o seu triunfo.

Ela jogou o grande punhado de chocolates que ele pegara no leite e no creme de leite; o punhado que a mão dele conseguia segurar era praticamente o dobro do dela. Aquele poderia vir a ser o mais forte chocolate já feito por Magalie. Os aromas, em suspenso quando eles chegaram, enchiam a cozinha agora, dominando o caramelo dele, fazendo do mundo um sopro de chocolate, com uma pitada de canela e noz-moscada.

O chocolate levou apenas alguns minutos para derreter. Ela o misturou suavemente até que o leite e o creme de leite ficassem marrom-escuros.

– E é isso? – ele indagou suavemente, com o corpo bem próximo ao dela, dominando-a, como um espião que tenta descobrir arditosamente

seus últimos segredos. – Isso é praticamente o que eu faço, Magalie. Exceto que o meu chocolate vem da melhor plantação do mundo, e é vendido apenas para um grupo seletivo de *chocolatiers*, cuja reputação conquistou o direito de comprá-lo. E eu o mantenho em temperatura ambiente, de forma correta. O leite é mantido fresco para que a combinação seja harmoniosa. Em seguida nós os mesclamos para que fiquem tão suaves quanto seda. – Mas todos os meus *chefs* bebem o seu chocolate. Tem certeza de que não deixou nada de fora? De que não omitiu nada?

Ele tinha acabado de expor quatro questões na maneira como ela fazia o chocolate que não atendiam aos padrões *dele*. E ela ainda não podia despejar o chocolate na cabeça dele.

– Bem, normalmente há um sorriso – disse ela.

– O quê?

– Quando mexo. Acrescento um sorriso. – Ela apertou a mão de leve na barriga, de onde o sorriso parecia crescer.

– Um sorriso. – Ele deslizou a mão sobre a dela para mexerem o chocolate, e o calor a tragou antes que ele o levasse embora. – Assim? – Ele mexeu o chocolate devagar, olhando para a panela; havia uma expressão de felicidade no sorriso que esboçava em sua boca sensual que parecia queimar nos seios dela e arrepiar os pelinhos da nuca.

– E... e os desejos – Magalie admitiu.

O olhar de Philippe se levantou do chocolate e se ligou ao dela.

– Que desejos seriam esses, Magalie? Desejos por um homem humilde? Desejos para que ele se apaixonasse por uma mulher que o atormentasse?

– Você não o provou. – Ela protestou rapidamente. Aliás, como ele percebeu que ela havia tentado algo do tipo?

Seu corpo roçou o dela para que Magalie pudesse sentir cada diminuta alteração na respiração dele:

– Talvez você esteja subestimando o poder do aroma.

– Ah. – Ela tentou recuar, mas rapidamente Philippe pôs o braço ao redor dela, detendo-a para protegê-la do bocal. – Então, na sua opinião, por quem eu fiz você se apaixonar? – Ela inquiriu com hostilidade.

Ele lhe lançou um olhar confuso e assustado, juntando as sobrancelhas:

– Alguém... por demais repreensível – ele retrucou lentamente, como se estivesse tentando digerir algo muito estranho.

Apertou-a na cintura e, de repente, virou-a de forma a que recuasse contra a pia, fora do alcance do bocal.

Ela ficou toda mexida com o prazer de ser pressionada entre ele e a pia de novo, mas, antes que pudesse fazer outra escolha, derreter-se ou resistir, ele a soltou e voltou para o chocolate. E ela ficou ali, frustrada por não ter tido tempo de fazer uma escolha.

– Um sorriso e desejos – disse ele em voz baixa, mexendo a panela três vezes devagar, com um sorriso muito perigoso. Ele mergulhou a colher na mistura e soprou suavemente, com os lábios um pouco franzidos.

O corpo inteiro de Magalie parecia dissolver-se em desejo. Ela colocou as mãos na borda da pia.

– Você vai provar, Magalie? – Ele encostou a colher quente, mas não muito, nos lábios dela; e ela teve de cerrá-los para evitar provar involuntariamente o chocolate. – Será que acertei?

O que ele queria com ela?

Ela queria tanto abrir os lábios para aquela colher que, no mais puro terror, acabou por levantar a mão e jogar a colher longe; o chocolate derramou-se sobre a bancada ao lado da pia e respingou na manga dela.

– Não? – Ele desligou o bocal e voltou para ficar bem perto dela, de modo que suas coxas roçassem os quadris dela. O menor movimento traria o seu peso contra ela. – Você já imaginou, Magalie, a verdadeira razão pela qual eu não deixaria o Christophe passar um tempo, ainda que mínimo, nesta cozinha com você?

A lembrança teve o efeito de uma pancada leve, fazendo com que ela franzisse as sobrancelhas:

– Esta cozinha não é sua.

Ele pegou a mão dela.

Ela sentiu um calafrio percorrer-lhe toda a espinha. Constrangida por sua reação ter sido tão visível, ela abaixou a cabeça, inclinando-a. Ela queria, desesperadamente, que a guerra de orgulho entre eles acabasse,

que eles apenas o amassassem como uma folha de papel e jogassem-no fora. Se ele não fosse quem era, ela poderia derreter-se sobre ele bem agora. No entanto, se ele não fosse quem era, Magalie não ia querer derreter-se tanto assim.

Philippe estendeu os dedos e com eles abraçou o pulso dela. Levou algum tempo para que ela percebesse que tinha colocado a ponta do polegar diretamente sobre a região onde se sente a pulsação.

Exatamente onde ele a tinha segurado naquela manhã, lendo cada reação de impotência dela em relação a ele. Naquele momento, Philippe transmitia esse conhecimento para ela. O pulso dele estava fora de controle.

Magalie esfregou o polegar, de maneira a apenas friccioná-lo, ou seja, fez com ele a mesma coisa que ele fizera com ela.

Ele deixou escapar um som suave, e seu corpo balançou junto ao dela.

Ela olhou para cima, sentindo-se envergonhada. A vulnerabilidade aberta, admitida, entregue a si mesma, foi a sua ruína. Ela se esticou, ainda que involuntariamente, buscando o aroma de caramelo que devia estar escondido debaixo de todo aquele chocolate, em algum lugar, ali, na cavidade do pescoço.

Ela, que tanto adorava chocolate, encontrou-se enterrando o nariz no cheiro do caramelo, como se fosse um refúgio quente e dourado.

Philippe ergueu a mão, embalando-a ali, segurando o rosto dela contra ele, com a cabeça um tanto quanto inclinada para trás, para que ela pudesse sentir os músculos firmes de seu pescoço contra ela. A pulsação de Philippe estava maluca, por demais acelerada. Ele lhe deu algo precioso, uma prova de que também era vulnerável... *que* colocava abaixo os muros do orgulho entre eles, como se esses muros fossem papéis que se desprendessem e caíssem a seus pés.

Ela mergulhou cada vez mais nele, como se não tivesse ossos, aliviada além de tudo o que pudesse suportar. Como foi que ela havia conseguido erguer tamanha muralha entre eles? Como foi que ela continuou lutando?

Os dedos dela subiram até o peito dele, flexionando e explorando, e a sensação foi *incrível*. Como se ele tivesse sido feito para ela explorar.

Como se o seu calor pudesse apagar todas as noites frias que se passaram.

Philippe emitiu um som baixo que vibrou na orelha de Magalie e enterrou a mão em seu cabelo, tentando puxar a cabeça para trás à medida que se inclinava. No entanto, ela tinha a vantagem do tamanho. Enquanto ele estava todo exposto, ela conseguia esconder o rosto nele... e tentar provar o caramelo de sua pele.

Ambas as mãos dele se apertaram convulsivamente sobre ela diante do movimento de sua língua. Ele a ergueu e girou, de repente, pressionando a extensão do seu corpo ao dela, em um ponto onde podiam se encaixar calorosamente naquela cozinha iluminada e estar completamente longe da vista da rua: contra a porta do pátio.

– Magalie. – O nome dela era tão áspero ao longo da pele quanto suas mãos, subindo por baixo da seda da blusa. Ela estremecia à medida que aquelas mãos calorosas percorriam suas costelas.

Ele sentiu um gosto quente e dourado, mas nada como o caramelo, algo muito mais vivo. Philippe tentou novamente puxar a cabeça dela para trás e, mais uma vez, ela resistiu. Magalie adorou aquele local. Adorou ficar pressionada contra ele, envolvida por seu calor e sua sombra. Adorou a sensação dos músculos dele se contraindo diante de seu toque, a maneira como o corpo dele se apertava ao seu redor, a cabeça se inclinando sobre ela, os braços se fechando ao seu redor.

Ele não usou a força para mover a cabeça dela para cima. Em vez disso, puxou a mão esquerda de Magalie que estava em seu peito e estendeu-a por sobre a própria cabeça e contra a porta. Mantendo-a prisioneira – uma das mãos enroladas em torno dela, seu corpo pressionado contra o dela –, levou a boca de encontro ao seu pulso.

E então, fez coisas com ela que Magalie nem imaginava existirem.

O toque picante da barba, a seda dos lábios, o roçar de dentes, o delicado sabor de sua língua...

Os músculos dela cederam.

– Deixe-me – ele murmurou, com o toque picante e de seda contra a pele sensível. – Deixe-me entrar.

Sem forças, ela deslizou porta abaixo até que a única coisa que a conteve foi a mão dele prendendo-a contra a madeira, seu corpo preso

pelo próprio braço. Ele poderia tê-la apoiado com a massa do seu corpo, mas não o fez. Em vez disso, levantou a manga dela acima do antebraço e beijou e roçou e acariciou-lhe o pulso até drená-la totalmente. Ela não se opôs de forma nenhuma.

Magalie estava atordoada, abria e fechava a mão. Philippe abocanhou alguns dedos, chupando-os de leve. Os que foram negligenciados dobraram-se sobre seu queixo rígido e contra a borda dos lábios. Ele respirou no centro da palma da mão, roçando-a com carinho, e depois a sentiu suavemente com a língua.

Nunca ninguém havia feito algo assim para ela. Nunca mesmo. Pegado uma parte de seu corpo e a deixado atordoada? Ou a feito se sentir amada? Ele fez amor com o pulso dela até que ambos sentissem quanto ela estava impotente, o corpo se arrastando tão fortemente contra a mão que a segurava que ninguém teria dito que ela estava quase inconsciente.

Então, finalmente ele a levantou. Agarrando-a pelos quadris e arrastando-a até as coxas, com tanta força, fazendo com que o sexo dela se esfregasse contra sua perna. A cabeça dela caiu para trás, nenhum músculo para resistir, e ele tomou sua boca da mesma maneira que o pulso: o toque picante da barba, a seda dos lábios, o roçar de dentes, a atitude questionadora da língua.

Os aromas de seus casacos se expandiram, trazendo com eles o cheiro da cidade fria. A fivela na parte de trás de sua cabeça machucava, pressionado contra os casacos e contra a porta, e ela a tirou.

A boca de Philippe estava aberta dentro da dela, suas línguas se enroscavam. Ela sentiu seu ar ser roubado à medida que o cabelo se soltava.

As mãos dele estavam ocupadas com seu torso: esfregando a seda sobre a pele, massageando músculos e seios e ossos, deslizando por toda parte. Com as mãos ocupadas, Philippe recuou a boca tempo suficiente para fazê-la querer mais. Pressionou o rosto contra seu cabelo solto e o afagou até a altura dos ombros, como se estivesse acariciando um animal de estimação.

Ela enterrou as mãos nos cabelos dele, tremendo.

Ele levantou a blusa dela até os ombros e afastou-se o suficiente para encontrar seus olhos. Uma indagação.

Ela fechou os olhos e ergueu os braços.

O gesto, esperando no escuro de suas próprias pálpebras para que ele removesse a seda por sobre sua cabeça, era ainda mais destruidor do que o rosto dele acariciando seu cabelo ou a boca em seu pulso. Um momento de escolha, e a escolha que ela fizera – concordando com aquilo, com tudo aquilo – a deixou excitada, quente e úmida e frágil.

– Sim – ele respirou, um murmurar crescente. – Sim. Eu sabia. – Ele recuou os polegares que traçavam a borda do sutiã de renda preta e pressionavam suavemente aquela pele macia, e deslizou as palmas das mãos sobre os mamilos, esfregando-os, com força, à medida que ela se arqueava.

– Sabia o quê? – Aparentemente, ela ainda tinha a força do desafio. Como ele ousava *saber*?

– Nada – Ele deu uma risada áspera e estranha, como se já não houvesse tensão suficiente, que foi se reduzindo quase a nada. – Apenas sonho muito bem.

Ela se arqueou novamente, impotente, pressionando o sexo contra a sua coxa, enquanto Philippe usava as mãos para trabalhar os seios.

– Sonhou... comigo? – ela perguntou.

– Deus, sim.

– Assim? – ela perguntou, sentindo os casacos contra as costas nuas.

– É um dos sonhos. – Ele a ajudou a aliviar a dor que sentia em seu sexo, agarrando seus quadris, puxando-a com força para cima e para baixo pela coxa dele e depois a espremendo contra seu sexo através dos jeans.

As coxas dela enroladas na cintura dele. A necessidade a pressionava de forma frenética, incessante. Olhos noturnos, pesados, fixos em seu rosto, e ele a apertou contra seu sexo novamente, agora girando, com um balanço.

Ela arregalou os olhos desesperadamente. Agarrando-o, quase com medo.

– Sim – ele disse com a voz rouca. – Sim, sim, sim. Deixe-me entrar.

– Sua mão encontrou o zíper das calças dela tão depressa que ele já

devia tê-lo localizado um pouco antes e esperado pelo momento certo. Ele apertou a mão sobre a pélvis, deslizando-a aos poucos para encontrar as dobras do sexo.

O sino de prata soou.

Philippe levantou a cabeça. Um horror frio a tomou.

Ele tentou. Xingando, recuando a mão, puxando o casaco atrás dela, ele tentou ao menos cobri-la.

No entanto, Geneviève e Aja entraram rapidamente na cozinha, antes que ele pudesse tirar o casaco do gancho.

Philippe foi o único que não petrificou de constrangimento. Pragujando violentamente, ele manteve o corpo entre eles, deslizando os braços paralisados dela nas mangas, fechando o zíper sobre sua pele nua. Um dos seios de Magalie estava fora do sutiã, o mamilo esfregava contra o revestimento do seu casaco. Ah, Deus, ah, Deus... Philippe olhou para o rosto dela e esbravejou novamente.

– Tudo bem, vá – ele disse com furiosa resignação, recuando o suficiente para abrir a porta e empurrá-la para fora, seu corpo ainda servindo de escudo.

– Exatamente que tipo de poesia sua amiga escreve? – ele se virou para as tias à medida que o frio congelava os ossos de Magalie enquanto fugia. De todas as vezes que ela o tinha visto com raiva, nenhuma se comparou àquele momento. Selvagem. – Haicai?

CAPÍTULO 19



MAGALIE NUNCA, JAMAIS, em um milhão de anos se esqueceria do horror pungente daquele momento. Pega seminua na cozinha por Geneviève e Aja com Philippe Lyonnais.

Ah, meu Deus.

Ela se contorceu a noite toda pensando no ocorrido. Ela se curvou, ficando em posição fetal, sentindo-se humilhada, e então percebeu que a mão estava tentando tirar vantagem da posição para escorregar por entre as pernas e aliviar o desejo quente, desesperado, insatisfeito.

Ela se jogou para trás, mudando a posição, cerrando os punhos debaixo do travesseiro, e viu novamente o rosto da tia Geneviève.

Depois, viu o rosto Philippe, ruborizado e úmido e cheio de fúria.

Em seguida, viu o rosto da tia Aja.

Então perguntou-se como diabos deveria ter estado seu próprio rosto naquele momento, e voltou para a posição fetal. Ela estava seminua na ocasião, o que o *rosto* dela importava?

Continuava com esperança de que a sua contorção fosse interrompida com uma batida na porta, com o retorno do intruso, para que ela pudesse jogar coisas nele ou para, pelo menos, ter alguém que sentisse compaixão dela. E depois libertá-la do calor desesperado no meio das pernas. Contudo, ele jamais apareceu.

Pensou em fugir de casa.

Entretanto, não conseguia conceber a ideia de perder aquele lugar. Aquele era o único lugar verdadeiro que já tivera.

Ela pensou em vestir uma máscara quando estivesse perto das tias pelo resto da vida, e óculos escuros.

Talvez não apenas perto das tias, mas sempre que passasse pela loja de Philippe.

Sempre que passasse por ele...

Deus, ela jamais seria capaz de descer até o fim da rua de novo. Ele havia roubado metade da ilha dela!

Tentou se acalmar e pensar em outra coisa, e então retraiu os braços mais uma vez, cobriu o corpo todo com os lençóis, como se tivesse visto o rosto das tias novamente.

Aquele maldito Philippe. Ela ia *matá-lo*.

Ele tinha feito aquilo de propósito. "Vou mostrar a você por que não quis o Christophe em sua cozinha." Ele tinha *planejado* aquilo. Com antecedência.

Talvez não o flagrante de Geneviève e Aja, pois Magalie não conseguia imaginar uma expressão mais furiosa e intimidadora que a dele quando o sino de prata soou. Planejou, porém, *seduzi-la*. Como se ela fosse uma pessoa patética que pudesse ser seduzida de forma calculada.

O que, aparentemente, era o que tinha acontecido.

Aquele canalha.

Ela não tinha dúvidas do que o canalha tinha planejado fazer com os dedos antes de serem pegos. Ah, Deus do céu, por que a leitura de poesia não durou apenas cinco minutos a mais?



Ela procrastinou o máximo que pôde para descer as escadas no dia seguinte, e assim encontrou Geneviève e Aja saindo do apartamento, aparentemente procrastinando o máximo que *elas* podiam também. Magalie deu um salto. Elas deram um salto. Todo mundo desviou o olhar.

– Vou... vou começar a fazer a massa das *tartes* – disse Magalie e saiu correndo pelas escadas o mais depressa possível.



E a coisa não melhorava. Magalie derrubava coisas. Derramava coisas. Aja e Geneviève pigarreavam nos momentos mais estranhos e entreolhavam-se de forma constrangedora, algo que ela via sempre que erguia o olhar.

Magalie queimou as massas das tortas. Cortou o dedo quando tinha acabado de mexer a panela de chocolate e teve de recomeçar tudo porque o sangue respingou na panela. E quando Grégory, um dos *chefs* de Philippe, apareceu, ela tinha acabado de derrubar uma *tarte* fresquinha e estava limpando os sapatos, tentando não chorar. Ela olhou para ele. O funcionário do inimigo não era seu amigo. Além disso, até onde sabia, Philippe devia ter se gabado para ele.

Não, agora ela estava ficando ridícula. *Mais* ridícula, se é que era possível para alguém que tinha sido pega em flagrante delito pelas próprias tias. Até mesmo ela sabia que se gabar de qualquer aspecto de seus encontros sexuais com os funcionários não era o estilo de Philippe.

Grégory parecia angustiado pelo olhar dela e olhou como se pedisse ajuda para Claire-Lucy, que estava sentada em seu canto favorito, ninando uma xícara de chocolate.

– Estava, ah, com esperança de um *chocolat chaud*. Você precisa de ajuda?

– Provavelmente – Claire-Lucy murmurou. Ela o observava com muita curiosidade, a boca estava um pouco manchada de chocolate.

Magalie nunca mais deixaria outro homem entrar em sua cozinha ao mesmo tempo que ela. Se aquele maldito canalha do Philippe chegasse perto dela, era óbvio que ela seria açúcar derretido por uma gota d'água.

– Estou bem. Só me dê um minuto.

Pelo menos ela não estava usando botas naquele dia. Claro que aquilo também era culpa de Philippe. Contraindo-se antes mesmo da mais ínfima dica de sexualidade por causa de qualquer combinação de

roupa que havia vestido – ela havia se autorrotulado de piranha? –, acabou desenterrando o único par de sapatos baixos que tinha além dos tênis de corridas: botas de neve espessas e macias, resistentes a todo tipo de maus-tratos. Com elas, vestia jeans e um suéter pesado azul bem escuro com mangas de dólma, que enfatizava uma pequena cintura, fora isso não havia nada, absolutamente nada, que indicasse desespero sexual de nenhuma forma. Ela teria vestido uma capa, mas o suéter de dólma foi o mais próximo disso que conseguiu encontrar no armário. Ela trançou o cabelo, penteando-o para trás, não passou maquiagem e estava com o visual mais subjugado possível de olhar.

Uma decisão que já estava começando a perturbá-la.

– Você está se sentindo bem? – Grégory olhou para ela à procura de repostas. – Você parece um pouco cansa... diferente. – Ele inclinou a cabeça, ao digerir o olhar. Ele não parecia totalmente indiferente àquilo.

Ela foi pegar o chocolate dele. Sentado à mesa, ele lhe lançou mais um olhar surpreso e intrigado quando ela trouxe a bandeja.

– Acho que nunca percebi como você é pequena.

Talvez ela devesse subir para trocar de roupa. Havia apenas uma pequena parcela de humilhação que conseguia tolerar. Aquilo já não estava dando mais.

– *Monsieur* Lyonnais mandou uma coisa para você. – Grégory parecia ansioso.

Magali ficou tensa. E ela desceu do salto da pior maneira possível quando tentou se controlar de forma agressiva e disse:

– Não quero.

– Mesmo? – O rosto de Grégory se iluminou só um pouquinho. Em seu canto, Claire-Lucy correu o dedo pela borda da xícara de chocolate, de forma meditativa.

– Sim. – Magalie cruzou os braços, apenas para se certificar de que Grégory não poderia forçar em suas mãos o que tivesse trazido. – Por que ele mandaria algo para mim?

Para ver se ela havia finalmente saído da concha e para que pudesse se gabar de que ela foi a primeira a ceder? Se Grégory tivesse aberto uma caixa da loja de Lyonnais ou outra invenção tentadora e sedutora, ela ficaria furiosa.

Grégory parecia confuso.

– *C'est la Saint-Valentin.*

É claro que ela sabia disso. Era por causa do Dia dos Namorados que tinham colocado uma bruxa escondendo uma rosa em formato de coração na cesta da vitrine, para lembrar às mulheres de não entregarem o coração a qualquer idiota que aparecesse só por causa de uma data comemorativa estúpida. A tia Aja fez chás extrafortes naquele dia, e Geneviève fez *tartes* que eram puro chocolate amargo para nutrir as profundezas das mulheres, lutando contra qualquer sensação estranha de vazio.

Magalie olhou para Grégory de forma confusa e envergonhada. O que significava para Philippe enviar algo – por um funcionário – no *Saint-Valentin*? Diferentemente da confusa versão norte-americana do Dia de São Valentim, *la Saint-Valentin* na França era bem direto. Ali não tinha essa de enviar cartões para todos os colegas de classe para que de alguma forma você recebesse um aos cinco anos de idade, e a sua mãe francesa não entendesse nada sobre isso e seu pai acadêmico norte-americano não fizesse ideia do que se tratava. Na França, os presentes de *Saint-Valentin* eram para o cônjuge, o amante, ou ao amante claramente declarado, e era disso que se tratava.

Ela engoliu em seco e cruzou os braços com mais firmeza.

– Não vou comer isso, e não quero nem ver o que é.

– Não é *pâtisserie*. – E Grégory entrega a ela um saquinho com o logo de uma joalheria inovadora no Marais com influência da Nova Zelândia. Magalie sempre parava por um bom tempo na frente da vitrine da loja. Além da ilha, Marais era seu bairro favorito.

O cartão não tinha recado. Só uma palavra, uma assinatura firme e incisiva: *Philippe*. A caixa quadrada grande abriu-se para revelar um pequeno pingente verde, sutilmente emaranhado, de forma que você o virava e virava e via uma mulher, presa à lua crescente, com a forma esbelta alongando-se a fim de alcançar a ponta da lua. Havia também um cartão do joalheiro na caixa, explicando o simbolismo: a deusa heroína da Polinésia, Hina, e sua lua. Ela olhou involuntariamente para a lua acima da vitrine, lembrando-se de Philippe batendo na porta quando ela a estava pendurando. A corrente que se alongava pelo pingente da

lua de Hina era pura prata ofuscante, tão pálida e brilhante que provavelmente deveria ser platina. E tão delicada como uma teia de aranha, parecia que só de encostar o dedo poderia quebrá-la.

– Ele está ocupado... por isso me pediu para trazê-lo. Ele queria ter certeza de que você o recebesse cedo. Ele disse que passaria por aqui mais tarde.

Ele queria ter certeza de que ela recebesse logo cedo, como se ela estivesse *esperando* que ele mandasse algo no *Saint-Valentin*? Como se ela ficasse magoada se ele não o fizesse? Magalie enrubesceu por completo, olhando para o presente.

Ela teve de lutar contra o desejo de se abraçar, acariciando algo precioso. Ela teria feito isso se estivesse sozinha.

– Então você e ele...? – Grégory foi diminuindo o tom de voz, e lá estava uma ponta de ansiedade novamente. Magalie olhou para ele com discrição e percebeu algo mais que Philippe havia feito. Ao pedir que um de seus *chefs* trouxesse o presente para ela, ele tinha marcado seu território.

Isso fez seu sangue ferver, mas não do jeito legal, quente e rápido com o qual ela estava familiarizada. Era mais como chocolate borbulhante, rico e tentador, que você tira do bocal logo antes de destruí-lo: devagar demais, delicioso demais para uma raiva apropriada. Ou talvez mais como caramelo borbulhante, dourado e quente; e, de acordo com Philippe, algo que ele havia dominado completamente.

Não ela. O caramelo dela estava pegando fogo.

– Você devia ver o que ele está fazendo hoje – Grégory admitiu. Ele balançou a cabeça um pouco. Mais uma vez, seus olhos encontraram os de Claire-Lucy, convidando-a a dividir sua aflição. – Ou talvez, sendo você, não deveria.

CAPÍTULO 20



PHILIPPE ESTAVA COM MEDO. Ele tinha visto o rosto de Magalie na noite anterior quando as tias os pegaram no flagra, e sabia que algo podia ter dado muito, muito errado ali. Ela poderia afastá-lo ainda mais, de forma que precisasse não apenas de canivetes, tentação e determinação para voltar, mas de uma bússola e remos bem fortes para cruzar um imenso mar frio.

Ele estava com tanto medo que, no dia mais corrido do ano, quando a demanda por suas criações mais perfeitas não conseguia ser saciada, quando os homens saíam do trabalho e esperavam uma hora na fila para encontrar algo que pudesse iluminar o coração de uma dama... ele delegou tudo. Pela primeira vez em um Dia dos Namorados, ele tinha o próprio coração para se preocupar.

Philippe se concentrou tanto que nem todo o barulho da cozinha, até mesmo lá dentro, onde uma bandeja inteira de *Couronnes* recém-concluídos, morangos crocantes, pistache e creme caiu no chão, não o distraiu. Alguém mais tarde contou a ele o que tinha acontecido.

Na metade de um balcão de mármore que ocupou sozinho, ele bateu claras de ovo envelhecidas. A mão. Um sorrisinho brincava em sua boca com a intensidade do movimento. Deus sabia que ele precisava de algo para descontar suas frustrações da noite anterior. Os exercícios brutais daquela manhã na academia não tinham ajudado.

Philippe peneirou açúcar tão fino que respirar perto dele ergueria uma nuvem ao redor da mão, como um sopro de um feitiço mágico. Ele acrescentou corante até que o merengue estivesse num tom vermelho brilhante como o sangue do coração, sabendo que, quando cozido, empalideceria de forma que ficaria em um tom rosa perfeito, e ninguém jamais saberia a intensidade da paixão que o envolvia. Esfregou farinha de amêndoa na palma da mão, moída de forma tão fina que parecia uma seda aconchegante contra a pele, processou com partes iguais de açúcar de confeitiro, e dobrou.

Quando as conchas de merengue assaram, ele experimentou o ganache que as rechearia. Era *la Saint-Valentin*. E ela, de fato, o havia transformado numa fera. Talvez ele devesse oferecer uma rosa a ela.

Chocolate branco e creme, xarope de rosa, e três gotas de essência de rosas. Não, precisava de algo mais. Procurou pelas prateleiras de ingredientes, secos e frescos, dentro e fora das geladeiras. Às vezes, experimentava alguma coisa. Ele parou na frente de uma caixa de rambutão, comprada em um mercado asiático em Belleville. A pequena fruta-monstro vermelha era espinhosa e dura por fora, mas, para a pessoa curiosa que a afrontava, a casca poderia ser rompida facilmente para revelar o interior sedoso e doce, e um sabor limpo e fresco, semelhante ao das lichias.

Um sorrisinho brincava em seu rosto. Que adequado seria se aquele fosse de fato o sabor que combinaria com as rosas.

Descascar um rambutão atrás do outro deu-lhe imensa satisfação, especialmente à medida que seus dedos se tornavam mais hábeis, e os frutos eram descascados cada vez com mais facilidade, os pequenos espinhos elásticos eram um desafio agradável contra os dedos. Em particular, conforme o desafio *rendia-se*. Rambutão, rosas, creme, chocolate branco... Conforme o chocolate derretia sob o creme quente, à medida que ele misturava os ingredientes, transformando-os em uma massa extraordinária, pensava em pele clara e segredos cor-de-rosa, em derreter uma pessoa e fazer seu corpo entregar-se a cada toque.

Deixe-me entrar.

Farei com que você me note.

Nem a maior raiva nem a maior vontade do mundo vão manter sua boca fechada contra mim.

No entanto, ainda precisava de algo. Um coração. Ele pensou naquela rosa em formato de coração escondida na cesta de chocolate amargo da bruxa na vitrine de Magalie. Um segredo no meio, aquela última explosão de benção, seu corpo indefeso enquanto ele o segurava...

Enquanto o ganache esfriava, Philippe observava os recheios feitos no dia anterior, até que um vermelho intenso e profundo em uma das prateleiras da geladeira chamou a atenção. Em geral, era usado para servir de molde para pequenos corações dentro dos *macarons* de chocolate amargo para o Dia dos Namorados, mas ele não ia oferecer chocolate à Magalie. A vida dela era cheia de chocolate. A geleia tinha uma cor intensa, vermelha como o sangue do coração, como era o merengue antes de ser assado e transformado em um suave cor-de-rosa ilusório. Um pequeno quadrado, o tamanho exato do polegar dele no pulso dela, nos seios dela, em sua boca, em sua...

Ele a colocou lá dentro, aninhada no coração do ganache pálido e cremoso, escondida debaixo da concha cor-de-rosa.

Deu um passo para trás, desconfortável. Parecia tão... nu. Vulnerável. As conchas cor-de-rosa recheadas de creme branco. Ele não podia fazer aquilo com ela. Talvez não conseguisse fazer aquilo com ele mesmo. O que estava dentro do *macaron* merecia proteção.

Mordeu uma framboesa fresquinha de um lote enviado da estufa na Espanha. Doce, tenra, tão frágil contra os dentes, tão perfeita na língua. Das framboesas ele fez a armadura ao redor da borda vulnerável do ganache, aninhada entre as duas conchas, escondida do mundo.

Experimentou uma. Ah, sim, *perfeito*. Olhou para cima. Apesar da correria insana do Dia dos Namorados, metade da cozinha estava reunida ao lado dele, observando, faminta, os *macarons* de rosa e framboesa.

Philippe levantou uma das mãos, e todos voltaram rapidamente aos seus postos como tigres treinados antes de levar uma chicotada. No entanto, continuavam espiando o balcão dele enquanto trabalhava. Ele receberia uns comentários bem ácidos sobre *pâtisseries* de baixa qualidade dos críticos no dia seguinte.

Ficou olhando para o produto terminado por um longo momento.

Depois, de repente, saiu da loja e foi andando até a florista, ficando atrás de todos os outros homens que esperavam na fila para comprar rosas. O florista, arrumando e embalando fitas e celofane como um rodamoinho louco, sorriu para ele com alegria quando finalmente chegou ao balcão.

– Para Magalie?

Não, ele não tinha sido sutil, tinha? Como Magalie não poderia saber?

– Adorei a postagem do Dia dos Namorados.

– Do que você está falando?

– Le Gourmand – explicou o florista.

Ele teria de descobrir o que Christophe tinha feito para matá-lo mais tarde. Philippe não podia perder tempo com conversas naquele momento. Seu foco estava inteiramente dominado pela criação que esperava ser terminada no balcão de mármore.

De volta ao *laboratoire*, tirou com cuidado as pétalas de um botão de rosa. Colocou apenas uma das pétalas vermelhas, tão perfeita, sedosa e precisa, sobre a concha do *macaron*, inclinou a cabeça por um momento, depois cerrou os lábios e encontrou xarope de glicose. Só uma gotinha, como orvalho na pétala. E uma framboesa, que indicava uma coroa. Ou talvez, ele pensou, esboçando um sorriso, que indicava um mamilo enrijecendo ao toque.

Ele pegou com todo cuidado e colocou em uma caixa cor-de-rosa estampada com o nome dele.

CAPÍTULO 21



LA MAISON DES SORCIÈRES parecia sempre muito quieta e ao mesmo tempo secreta depois de todo o glamour e toda a pressa da loja Lyonnais. Philippe sempre sentia uma paz inigualável quando pisava lá, como se tivesse espreitando um refúgio proibido. No entanto, naquele dia, estava estranhamente lotado, e Geneviève e até Aja o fitavam com fúria, como se a culpa fosse dele. Ele soube no mesmo instante, quando seu ritmo cardíaco diminuiu, que Magalie não devia estar lá.

Uma mulher de cerca de quarenta anos estava pagando Aja por um saco pequeno de violetas cristalizadas e outro de chá de rosa azul na caixa registradora antiga, enquanto dois outros casais esperavam do lado de dentro da porta. Uma mulher estava sentada sozinha diante de uma esplêndida bandeja de chocolate na mesa entre o piano e a vitrine, escrevendo em um diário. Na sala mais à frente, um casal mais velho atacava lascas de *tarte* de chocolate ainda inacabada com garfos de prata antiga e sorriam serenos um para o outro, sem a mínima necessidade do glamour Lyonnais no Dia dos Namorados. Entretanto, as outras três mesas estavam ocupadas por casais que pareciam estranhamente parecidos com a sua própria clientela sofisticada.

Apesar de o lugar não parecer tão quieto naquele dia, sentiu a tensão deixando seus ombros.

E lá, em pé, coração na mão, vazio, soube que, se Magalie estivesse lá, seus ombros ainda estariam firmes para uma luta.

Geneviève arrastou-o para dentro da cozinha, e ela e Aja olharam-no de maneira especulativa. Philippe sentiu as bochechas enrubescerem. E nem era ele quem estivera seminu na noite anterior. Talvez Magalie tivesse pulado para dentro de uma embarcação de passagem, dirigindo-se para o desconhecido para não ter de enfrentar aquele olhar.

– O que quer aqui? – Geneviève perguntou, enquanto ele colocava o presente com relutância sobre o balcão azul. Ele queria entregá-lo a Magalie. Queria ver o rosto dela. – Partir o coração dela?

Ele suspirou e baixou os ombros:

– Já vi com quem ela aprendeu a confiar nos outros.

Geneviève ergueu as sobrancelhas:

– O que ela conseguiu com certeza veio de nós, sim. A Magalie é muito autoconfiante. Suponho que algo se quebrará dentro dela se algum dia precisar de alguém. Além de nós, quero dizer, mas isso levou alguns anos.

Será que a mulher estava lhe dando uma dica?

– E por que você acha que isso acontece?

Geneviève bufou:

– Eu não acho, eu sei. No entanto, você terá de descobrir por si mesmo. Ou talvez não, como parece ser o caso.

– Eu lhe ofereci chá – Aja disse calmamente, como se a colheita tão difícil tivesse de fato parado de perturbá-la, já que as sementes cultivadas eram as dele mesmo.

– Você toma chá para entender Magalie? – Philippe perguntou, incrédulo. Aquilo parecia meio específico, mesmo para um lugar como aquele. Sem falar que não havia limites para mágica.

Aja lançou-lhe um olhar sereno, que significava, sem dúvida, que, se ele queria saber o que seu chá fazia, deveria bebê-lo.

– Onde ela está, afinal de contas?

Geneviève arqueou as sobrancelhas para Aja:

– Qual era o nome dele?

O estômago de Philippe se contraiu.

– Ele disse que havia prometido a você nunca mais colocar o pé nas nossas cozinhas, então ela concordou em ir à dele.

O ódio tomou conta de Philippe como uma explosão vulcânica.

– Fiquei surpresa por ela ter concordado – Aja disse em tom de aprovação. – Magalie é muito apegada a este lugar. Ele deve ser bom para ela, aquele Christophe.

Geneviève balançou a cabeça em negativa:

– Eu não sei. Você não acha que deveríamos falar com ela? Este lugar está ficando muito cheio, eu não sei se aguento mais. Nunca devia ter deixado aqueles olhos inocentes dela e de Sylvain me convencerem a ajudá-lo com a vitrine dele. E se ela escrever sobre nós em blogs depois...

– Isso a encoraja – disse Aja, como se estivesse repetindo aquele argumento pela trigésima vez. – Saber que ela atrai clientes apesar *dele*. – E lançou um olhar de desdém a Philippe.

– Sim, mas nós somos aquelas que as pessoas vêm caçar nas profundezas da floresta! Nós não somos aqueles que colocam uma bandeira no topo de uma colina para chamar atenção. Eu não *gosto* das pessoas que vêm apenas porque viram uma bandeira tremulando.

– Não vai durar – falou Aja suavemente. – Deixe-a se recuperar disso. Tudo logo ficará calmo, ou fecharemos por mais horas e os mandaremos todos atrás dele – disse, fazendo um movimento súbito com a mão, como se tivesse removendo migalhas de uma mesa suja para Philippe recolher.

– Espero que não dure! Se isso continuar, teremos de desenterrar este lugar e escondê-lo em um novo espaço que ninguém saiba onde é, e você sabe que isso acabaria com a Magalie. Então estamos num impasse.

Philippe teve uma breve e aterrorizante visão de La Maison des Sorcières fugindo covardemente para uma floresta africana ou algo parecido. Ele tentou ir atrás e por pouco não agarrou Geneviève, que provavelmente teria feito sua mão atrofiar com um simples olhar se ele tivesse feito aquilo.

– *Não* ouse se mover para lugar nenhum – ele disse.

Geneviève bufou:

– Bem, mantenha os seus clientes em seu caminho. Eles não fazem o nosso tipo.

Philippe rangeu os dentes, um gesto que nem ele mesmo sabia ser capaz de fazer.

– Magalie se ofende por qualquer pessoa que escolha ir à minha loja em vez de à sua.

Geneviève olhou para Aja de soslaio.

– Quando eu tinha vinte e quatro anos era tão confusa e frágil?

– Eu não a conheci com essa idade – Aja a repreendeu. – Contudo, quando tinha vinte e seis, a queda de um alfinete podia tirar você do prumo. Ela está indo bem. Ela é apenas jovem. – Aja segurou os dedos em forma de círculo do tamanho de uma noz e disse: – Ela tem de sair da concha, criar raízes e crescer.

– Por que seria tão traumatizante para Magalie mudar esta loja? – Philippe interrompeu de repente.

As duas mulheres o ignoraram.

– Eu acho que é por isso que devemos deixá-la continuar com essa besteira – Geneviève suspirou para Aja. – Fazer coisas, tipo brincar na cozinha de Christophe, é provavelmente um sinal de crescimento. Ninguém disse que pimenta na boca dos outros era refresco.

– Além disso – Aja emendou docemente, provando como pode ser má com alguém que censure seu chá – é muito romântico fazer chocolate para um homem no Dia dos Namorados, você não acha?

Philippe teve de se virar e sair. Ele quase levou seu “coração” com ele. Custou-lhe. Custou-lhe amargamente deixá-lo lá, fora de seu corpo, nas mãos das bruxas, enquanto a bruxa para a qual se destinava estava longe, fazendo chocolate para aquele idiota do Christophe.

Que nunca, nunca, nunca mais colocaria os pés em qualquer uma das cozinhas de Philippe.

A fúria o dominava. Enquanto voltava ao trabalho, a raiva o consumia até que se espalhou por todo o *laboratoire*. Ele trabalhava em silêncio, a boca cerrada, imaginando duas pessoas em uma cozinha de Paris. Tinha o endereço de Christophe em algum lugar. Precisava se conter para não procurá-lo. Ele nem podia invadir a tal cozinha explodindo de ciúme e ira.

Philippe manteve os lábios cerrados, porque, se os abrisse, não sabia o que poderia expressar. Mesmo em seu silêncio, a força de sua raiva parecia tomar conta das cozinhas, até que outras pessoas começaram a grunhir umas para as outras. As sobremesas enviadas, tão

enganosamente bonitas, provavelmente separariam a maioria dos casais na cidade. Ou pelo menos causariam algumas brigas ardentes.

– O que houve? – Grégory finalmente perguntou baixinho. – Foi a postagem do blog?

Philippe virou a cabeça rapidamente e olhou para o *chef* mais jovem. E então entrou em seu escritório, tirou alguns livros de cima do notebook e acessou o blog Le Gourmand.

CAPÍTULO 22



PHILIPPE LYONNAIS AIME... Esse era o título do post do blog de Christophe no dia catorze de fevereiro, um ponto de partida dos *petits plaisirs* de *O fabuloso destino de Amélie Poulain*. Logo abaixo estava uma foto do chocolate de Magalie, com a própria mão dela enlaçando a alça do bule da maneira que deveria enlaçar *Philippe*, e o líquido que escorria espesso e escuro para dentro da xícara. Mesmo com o roubo de parte de sua cor pela web, a foto era suficiente para fazer qualquer um ficar com água na boca.

Ele nem havia bebido aquela maldita coisa ainda, Philippe pensou em profunda agonia. A metade de Paris se aglutinaria em La Maison de Sorcières, imaginando saborear o que *o* deliciava, e ele não saberia o seu gosto. Ou o que *lhe* causaria. O que ela queria fazer com ele.

Putain de bordel de merde. O que ela estava fazendo com Christophe naquele momento? Aquele homem poderia adentrar todos os tipos de território a que ele não pertencia.

Naquele dia de *Saint-Valentin*, o que *le prince de pâtisserie* ama? Ele ama chocolate rico e espesso mexido por uma *sorcière*.

Outra foto, dessa vez um close da vitrine da casa de chá e da bruxa do chocolate amargo com sua pequena cesta. Qualquer um poderia vislumbrar, mas provavelmente não reconheceria, a minúscula lasca do coração de pétala de rosa aparecendo na cesta.

“Ele adora a magia que acontece nesta loja, La Maison des Sorcières.”

Uma excelente foto de violetas cristalizadas derramadas fez Philippe de repente pensar se Aja estaria disposta a fornecer um pouco para um *macaron* de violeta e chocolate.

“Ele até ama uma bruxa?”

Philippe ficou lá olhando a última foto. Sua própria expressão não o surpreendia nem um pouco: ele já descobrira isso a seu respeito havia algum tempo. No entanto, Magalie...



– Philippe Lyonnais! – Christophe exclamou com alegria. – Você é a pessoa que encantou Philippe Lyonnais!

Magalie mexia desconfortavelmente na cozinha no *Nono Arrondissement*; uma cozinha muito boa, muito espaçosa para Paris, com uma pequena ilha, até. Contudo, ela realmente gostava de estar sozinha. A quem deveria estar seduzindo?

Christophe era muito simpático, atraente de uma maneira divertida, com seu cabelo cacheado e seu entusiasmo, porém, ela continuava a ver o rosto de Philippe toda vez que olhava para baixo a fim de checar o chocolate, e a ideia de seduzir Christophe em vez de Philippe a fazia se sentir doente.

No entanto, Christophe não parecia se importar em ser seduzido. Ele parecia triunfante em relação ao fato de que ele *a* havia seduzido. Contudo, o valor que Magalie tinha para Christophe parecia vir de Philippe, como se o melhor *pâtissier* do mundo tivesse lhe atribuído importância apenas por olhá-la. Uma ideia que a deixava louca.

– Você sabia que ele era aprendiz quando tinha catorze anos? E que, aos dezenove, assumiu a loja Saint-Germain e um ano depois uma sobremesa dele apareceu no *Le Monde*? Com dezenove anos! E ele ama você! Eu não me divertia tanto desde a história do Ladrão de Chocolate. *Obrigado* por ter vindo.

– Eu não... Eu nunca disse que... Philippe Lyonnais... me-me-amava. – Só de tentar pronunciar essas palavras, ela perdia o controle da respiração. *Philippe Lyonnais* me ama? Ele me ama?

– Eu vi com meus próprios olhos. E falei com o pessoal dele. – Christophe fez um gesto piedoso e desdenhoso de sua modéstia. – Todos sabem que ele está obcecado. E *eles* sempre parecem querer mais de seu chocolate. É uma história linda. E eu sou o primeiro a contá-la. Você viu a postagem no meu blog hoje?

– Nã-não.

Magalie só tinha concordado em trabalhar com Christophe para conseguir uma postagem sobre La Maison des Sorcières no blog gastronômico mais famoso de Paris. Ela deveria ter ficado feliz ao perceber que ele já havia começado a escrever a seu respeito. No entanto, pensando em toda aquela conversa sobre a obsessão de Philippe em relação a ela, Magalie estava um pouco hesitante em ver o que ele havia postado.

Ela olhou o título. *Philippe Lyonnais ama*. Magalie piscou fundo, sentindo--se tão tonta que o próprio bule de chocolate na foto parecia um abismo em que poderia cair.

Christophe rolou a tela para baixo.

E o corpo dela dobrou-se um pouco sobre o monitor como se ele a tivesse alcançado e atingido.

Lá estava Philippe, debruçando-se sobre ela, a lua crescente sobre a cabeça dos dois, uma distância ínfima entre suas bocas. A fome no rosto de ambos era tão... evidente. Parecia que morreria por ele. Morrer para vê-lo perto o suficiente de beijá-la.

– Já recebi cento e cinquenta comentários! – Christophe disse alegremente. – Mais um agora mesmo: “Droga, eu a odeio! Eu gostaria de poder enfeitiçá-lo”. Não leve o ódio tão a sério, você precisa saber driblar as críticas quando tem um blog. E teve milhares de acessos. Você terá algumas filas lá fora amanhã.

Sim, mas a que preço? Ela *não* queria que o mundo inteiro a visse vulnerável. Meu Deus, Philippe poderia estar vendo aquela foto naquele exato momento.



Magalie queria uma máscara para voltar para casa. Ela disse isso a si mesma que, pensando nos dois milhões de pessoas que viviam em Paris e nos onze milhões dentro da Grande Paris, milhares de acessos ao blog de Christophe não a tornavam conhecida, mas ela se sentia superexposta. Ela queria colocar aquela tranca na porta sobre a qual Philippe havia falado.

O que ela vinha fazendo, tentando vencer as filas de Lyonnais? Ela *não queria* filas. Ela queria ficar anônima e ser reconhecida apenas por aqueles que procuravam algo raro.

Magalie estava contente por estar de volta à sua ilha, recebida pela calma do século XVII. Contudo, quando Thierry acenou para ela e perguntou se havia gostado das rosas, ela ficou enrubescida, o coração batendo como se fosse um músculo estranho que não sabia como trabalhar mais. Será que Philippe havia lhe mandado *flores*?

Ela deu uma olhada na vitrine de Philippe quando passou por lá, mas mal podia ver através das filas de homens esperando para comprar o presente perfeito de Dia dos Namorados. Provavelmente ele estava ocupado demais até mesmo para se gabar de que ele tinha tantas filas e La Maison des Sorcières, nenhuma.

Ela tocou o colo nu com o dedo. Não havia colocado o colar que Philippe lhe dera. Talvez parte dela não quisesse lidar com filas estilo Lyonnais, mas era dolorido perceber que, mesmo completamente vulnerável para o mundo em um blog, ainda falhava na tentativa de ser mais importante que ele para as pessoas.

Magalie viu que a porta da loja dela estava trancada, e focou a atenção no que estava escrito na enigmática placa inclinada. *Moralmente contra o Dia dos Namorados. Fechado em protesto.*

Suspirou e entrou, deixando a porta destrancada e removendo a placa. Considerando que suas tias sempre a sabotavam, seus esforços para gerar mais negócios complicavam bastante.

Magalie mostrou a placa a Aja na cozinha, arqueando as sobancelhas.

– Ah, Gen precisava apenas de um pouco de espaço – Aja disse rapidamente. – Tenho certeza de que você pode removê-la agora, se as pessoas já se foram.

Magalie suspirou e jogou a placa no lixo.

– Então, como foi? – tia Aja perguntou. Ela vestia quentes calças marrons *kameez* e *salwar* com bordados dourados, e estava cantarolando enquanto fervia três vezes casca de toranja. Três vezes, ela disse, era o segredo para se livrar de todo o amargor antes que se tornasse uma doce e intensa fruta cristalizada. – *Tu l’as aimé?*

Você gostou? Magalie começou a ruborizar.

– Não fomos tão longe – ela resmungou. Sinceramente, às vezes Geneviève parecia ter desistido de repreender Aja por suas perguntas indiscretas.

A boca de Aja devia ter se contraído. Ela mexia as cascas de toranja com uma colher de pau, olhando as bolhas de ar se formarem embaixo da superfície, mas ainda não em ponto de fervura.

– Depois de duas horas na cozinha, você não sabe se gostou ou não?

– Esta *não* é a cozinha de Philippe. Ele pode tentar dominar tudo o que quiser, mas esta cozinha ainda é *minha*. *Nossa*, quero dizer.

Aja cerrou a boca, os olhos dançando. Bolhas começaram a subir à superfície da água de toranja.

– Mal se passaram duas horas – Magalie resmungou. Uma pena. Em duas horas, eles poderiam ter...

– *Quis dizer* hoje à tarde – Aja explicou com tanta docilidade que ficou bem claro que tentava não cair na risada. – *Você gostou do Christophe?* De verdade, Magalie. Eu *sou* sempre um pouco curiosa sobre essas coisas de homem e mulher, mas espero que você não pense que eu pediria à minha própria sobrinha para me descrever sua vida sexual.

Magalie engasgou. Porcaria de pronomes em francês. Eles poderiam ser mais precisos. *Tu l’as aimé?* Qualquer um que estivesse completamente obcecado por um encontro sexual furtivo poderia ter cometido o mesmo erro.

– A não ser que haja alguma vida sexual com o Christophe também?
– Aja sugeriu.

– Não! *Tata!*

Aja deu de ombros:

– Bem, isso é o que você consegue quando não baixa a guarda. Ou você fica sozinha, ou fica com um monte de pessoas superficiais. Se você

quer mais do que isso, tem de dar espaço para a pessoa. E acreditar que ela arranjará espaço para você.

Magalie arqueou os ombros, carrancuda. Apenas Aja e Geneviève podiam fazê-la arquear os ombros. A jovem disse:

– Não é tão fácil. Somos como ganache: quando você acha espaço em si mesma, e aí a outra pessoa se vai, sua forma fica toda... estranha.

– As mãos brincavam no ar desconfortavelmente cada vez que se lembrava das muitas vezes que acabou como uma forma estranha e desequilibrada. Tentando conseguir o ganache de chocolate de sua alma, muito depois de deixar esfriar e endurecer o que acreditava ser a forma certa, para perder as marcas da lembrança daqueles que não estavam lá, e voltar a ser um todo gostoso e macio. Infelizmente, sua alma parecia ser de fato ruim na hora de derreter de novo, e o ganache ficava disforme por muito, muito um tempo.

– Nós não arranjamos um espaço para você? – tia Aja perguntou gentilmente. – Da mesma forma que eu e Geneviève arranjamos espaço uma para a outra?

– Lógico que sim! – Magalie disse numa pressa de amor que ela não sabia como expressar, exceto por sempre estar lá, ser a herdeira e aprendiz que elas tanto queriam. As necessidades de suas tias e as dela se encaixavam perfeitamente. Se ao menos Magalie pudesse manter aquele lugar seguro...

– Mas é claro que as feridas podem se curar, eu suponho, se qualquer uma de nós quiser – Aja disse com sabedoria. – Se você ama alguém, tem de arranjar espaço para essa pessoa todos os dias.

Magalie balançou a cabeça sem querer. Ela sempre achou que a relação de Aja e Geneviève era como um conto de fadas, algo de outro mundo, aqueles quase quarenta anos de constante apoio em uma vida conjunta. A experiência de Aja em relação à vida a dois não se parecia com nada que já tivesse visto antes.

– Você não acha que merece um espaço na vida dos outros? – Aja prosseguiu.

– Lógico! – Magalie disse involuntariamente. Por alguma razão, sua própria afirmação fez os olhos arderem. Ela havia arranjado espaço para

ela mesma várias vezes, por tanto tempo, mas sempre acabava perdendo, e ficava com uma ferida no coração.

Ela não suportava o ardor nos olhos.

– Você é nossa herdeira, Magalie. Em nossos testamentos, esta loja e este prédio ficarão para você. Você não sabia disso?

Magalie sabia. E era muito grata por isso. As tias haviam lhe dado um lar permanente. Um lugar no coração de Paris que seria sempre dela, se não o perdesse. No entanto, havia tantas maneiras de perdê-lo. Por exemplo, uma pequena loja de bruxas poderia perder sua viabilidade econômica.

– Você acha que, se você partisse, o lugar que lhe dedicamos em nossa vida desapareceria?

Bem. Logicamente. Era a natureza humana. Magalie calou-se, não querendo insultar sua tia com a verdade. Além disso, ela não deixaria seu espaço se fechar mais, porque nunca o abandonaria.

Aja a observou um pouco e suspirou:

– É verdade que se amigos não podem nunca contar com você quando precisam, o lugar que vão lhe reservar será mesmo muito pequeno. Isso é autodefesa. Se você abandona as pessoas, mesmo que não seja sua culpa, elas futuramente a esquecerão e encontrarão outra. Bom para elas. Contudo, agora você é adulta e pode tornar as coisas tão profundas e duradouras quanto quiser. Eu gostaria que não subestimasse sua habilidade de ser amada.

Se seu orgulho não a impedisse, Magalie teria abraçado a si mesma de maneira protetora.

– Eu acho que até gostaria de falar sobre minha vida sexual.

– Sério, Magalie. Eu não quero invadir sua privacidade. – Aja despejou a água da casca de toranja, tirando uma camada de amargor, e encheu a panela com água fria limpa, pois havia ainda mais amargor para remover. – A propósito, Philippe deixou-lhe algo.

Aja mudou de lugar, e apenas depois Magalie viu uma caixa cor-de-rosa que estava atrás da tia enquanto ela dizia o que tinha de dizer.

O corpo todo de Magalie parecia agitar-se, devastando-a. E o medo. O que seria desta vez? A que ela teria de resistir?

Ela tirou a caixa e colocou sobre a pequena mesa no hall de entrada, e sentou-se para ter certeza de que estava estável. Vagarosamente abriu-a.

Ah, Magalie pensou, como se tivesse levado um soco no estômago. *Ah, ah, ah*. Era o mais bonito de todos. Conchas primorosas rosa pálido que envolviam um coração recheado de ganache ou creme de manteiga, não dava para saber. Não conseguia saber, pois o coração estava envolto em framboesas vermelho-vivo. Uma framboesa estava no topo ao lado de uma requintada pétala de rosa, com orvalho simulado por uma pequena gota que devia ser xarope de glicose. Afinal de contas, era fevereiro. As partes vermelhas perfeitas da fruta e suas pétalas contrastavam com o rosa pálido, a superfície do *macaron* tão acetinado e macio, nenhum grão de açúcar visível no merengue.

Por um momento, parecia que alguém havia trazido uma delicada rosa no coração do inverno para dentro de sua caverna escura e quentinha. Ela estava tendo problemas para respirar. Era bonito demais. Ela queria muito saboreá-lo devagar, com cuidado, com todo o respeito devido, deixando a boca aproveitar ao máximo cada instante daquele prazer: a mordida delicada de conchas de *macaron* entre seus dentes, o sabor agridoce do suco das framboesas escorrendo, e, dentro, o creme espesso...

Era uma rosa. Era um coração. Era uma coroa de princesa cravejada com joias vermelhas. Era uma caixa de tesouro que o terceiro filho trouxe de volta com o intuito de ganhar o coração daquela dama.

Era uma armadilha.

Se ela o comesse, talvez nunca mais fosse ela mesma de novo.

E ser ela mesma era tudo que possuía no momento.

Se ela o comesse, ele ganharia e saberia que havia ganhado. Philippe estava demonstrando sua habilidade. Estava desdenhando dela quando tão facilmente descartava seu *chocolate chaud*.

Era tão lindo.

Talvez ela devesse deixá-lo vencer.

Talvez ela devesse deixá-lo transformá-la em algo diferente.

Será que seria mais importante ser ela própria do que dar uma mordida naquilo?

Ela se sentou e fitou-o.

O sino de prata tocou, e sua cabeça ergueu-se subitamente, mas era apenas madame Fernand, vestida em roupas chiques que haviam se tornado enormes para aquele corpo tão magro, com sua poodle puxando freneticamente a coleira. Magalie agachou-se atrás do balcão para apanhar o pacote de chá que Aja havia preparado para ela.

Levou apenas um segundo para encontrá-lo, mas, enquanto estava abaixada, ouviu madame Fernand sobressaltar-se com algo.

Magalie se levantou muito depressa e acabou batendo a cabeça no balcão. Madame Fernand estava brigando com sua poodle, que tinha colocado as patas sobre a mesa. Magalie jogou-se para pegar a caixa do *macaron*, e seu corpo entrando na frente do cachorro enquanto a alcançava. Ela tropeçou em uma das pernas das cadeiras, emaranhou-se com a cachorra e caiu de lado, apanhando o coração cor-de-rosa alguns segundos antes de atingir o chão. A framboesa caiu e rolou pela madeira.

A poodle a engoliu e depois tentou tirar o *macaron* rosa das mãos de Magalie.

Magalie grunhiu.

A poodle esmoreceu.

– Eu sinto muito! – Madame Fernand deu um puxão na coleira inutilmente. – Ela o apanhou antes que eu pudesse pará-la. Eu sinto muito, *ma petite*. Era daquele jovem Lyonnais? Ele faz coisas lindas, não?

Magalie ficou em pé, tremendo. Ela não podia acreditar que aquela poodle idiota tinha comido a framboesa. A *sua* framboesa.

Você já a tocou. Coma agora antes que alguém mais o pegue. Você pode, por favor, descobrir que gosto tem?

Quando estivesse sozinha. Ela não ousaria degustar o presente em público. Pegou a caixa e fechou o *macaron* com muito cuidado lá dentro, e então colocou-o na vitrine, longe do alcance de poodles. Madame Fernand continuou a desculpar-se em seu tom alto, quase sem voz, conforme Magalie segurava a porta para ela.

De repente, a cachorra puxou-a, fazendo o corpo dela empinar. Magalie alcançou Madame Fernand quando o poodle soltou-se da coleira e correu rua abaixo.

– Minha querida! – Madame Fernand exclamou. – Eu simplesmente não sei o que fazer com ela.

Magalie endireitou a mulher, assegurando-se de que estava firme em pé.

– Sissi! – Madame Fernand gritou em vão. No fim da ilha, o poodle atravessava trotando a rua em direção ao parque.

– Vou pegá-la – disse Magalie.

As botas não eram as melhores para correr, mas ela encontrou o cachorro na ponta da ilha, lá embaixo no cais.

Ela ficou ali parada diante da visão, o rosto pegando fogo, ultrajada e humilhada, pois a poodle havia corrido até ali com um propósito. O esguio pastor-alemão de Gérard se arqueava sobre ela entusiasticamente, a poodle parada ali, aguardando por aquilo e ofegando alegremente.

E tudo aquilo por uma framboesa.

CAPÍTULO 23



MAGALIE INVADIU A COZINHA dele, procurando-o. Philippe, pego de surpresa enquanto corrigia o trabalho de um aprendiz num Taj Mahal de doces, olhou para cima e seus olhos flamejaram. Brilhantes e vívidos. Famintos e triunfantes, tudo ao mesmo tempo.

Ele provavelmente pensou que Magalie se jogaria em seus braços, enlaçaria as pernas em volta de seus quadris e o beijaria na frente de todos.

– Aqueles... aqueles cachorros... – Ela mal podia falar. – Depois que aquela poodle comeu aquela... aquela sua *perfídia*, ela... ela... O que pensa que está jogando? Seu cretino obsceno.

– Você deu meu *Couer* para um cachorro? – O tom de voz de Philippe foi aumentando até que a última palavra se tornou um rugido que desmontou um castelo fantástico de algodão-doce, *macarons* e pétalas de rosa, três balcões à frente. O aprendiz recuou, o ganache foi arrancado do saco de doces em bolhas chanfradas.

Philippe a alcançou e agarrou-a, com muita força, pelo antebraço. Ele nunca havia agarrado uma mulher daquela maneira furiosa na vida, e, quando ela quase puxou o braço e ergueu a mão para bater nele, ele balançou a cabeça e afrouxou o aperto no braço de Magalie. Ela não bateu nele. Algo de que ele se arrependeu profundamente. Ele não daria a mínima se ela batesse nele agora, contanto que o *tocasse*.

– Vamos tratar disso em outro lugar – ele rugiu entre os dentes. Philippe tinha uma reputação por *não* explodir em seu *laboratoire*, a não ser que fosse de rir. Ou, talvez, um *Non, non, non, non, non!* se um aprendiz insistisse em fazer algo de forma descuidada *uma segunda vez*.

Ele a arrastou para dentro de seu pequeno escritório. Ela deixou. Magalie rangeu os dentes como se o estivesse convidando para um combate em uma jaula.

– O que você fez enquanto estava preparando aquele *macaron*? – Ela se virou para Philippe enquanto ele fechava a porta atrás dela, os ombros de Magalie roçando sob seus braços. Ele tomou fôlego e manteve o braço onde estava, prendendo-a. Se ela não se importava que ele se agigantasse para cima dela, ele com certeza não se importava em fazê-lo. Ela era selvagem e perigosa. Em qualquer momento, poderia pular nele. Por favor. – Você imaginou que eu me arrastaria a seus pés implorando, a cada gota que colocou nele?

Seu punho fechou-se contra a porta atrás dela. A voz dele tornou-se rouca, como se ela a tivesse levado a seu estado bruto.

– *Eu imaginei* – ele colocou o braço para cima, segurando as laterais da cabeça dela – açúcar finíssimo derramando como pó sobre seus ombros nus. Eu fiz a concha do *macaron* ter um toque de seda, uma perfeita seda acetinada, como a que rocei na sua pele na noite passada.

O rubor tomou conta do rosto de Magalie.

– Eu imaginei você ficando exatamente naquele tom rosa. – Os olhos percorreram o rosto dela, e as pupilas dilataram-se conforme ele a via melhor. Sua voz ficou ainda mais rouca. – Não consegui deixá-la escura o suficiente.

As mãos dela vacilaram ao cobrir as bochechas. Ela as forçava para baixo. Era bem provável que estivesse lutando contra aquele rubor com todo o seu ser. Em vão.

– Eu pensei em cerrar meus dentes naquela framboesa gentilmente, no meio daquele rosa acetinado, de tal maneira que eu não rompesse sua superfície...

Os mamilos dela enrijeceram-se; ele podia vê-los pela blusa de seda. Então ela sabia sobre o que ele estava falando. E estava gostando.

– Eu imaginei tocá-lo com minha língua. Só sentindo a textura. Tão cuidadosamente que eu nem sentiria o gosto do suco agridoce. E aí imaginei sugando-o para dentro da minha boca...

A cabeça de Magalie caiu contra a porta, seus lábios se abriram. Sua raiva esvaía-se. Como uma desculpa frívola. No entanto, a raiva *dele* não havia cedido.

– Aquela pétala de rosa foi usada porque nem mesmo eu podia fazer algo com açúcar tão sedoso como sua pele.

Os olhos dela estavam tão dilatados, tão famintos... Philippe desejava que a fome de Magalie por ele corresse por todo o corpo dela, assim como ocorria com ele. Ele desejava que ela estivesse *faminta*.

– E o que tinha dentro – o rosto dele estava tão próximo, seus lábios quase roçando os dela quando falava –, nunca vai saber porque alimentou um *putain de chien*.

Ele a empurrou, desvencilhando-se e distanciando-se dela.

CAPÍTULO 24



MAGALIE SENTOU-SE EM sua sala, bem lá em cima da ilha, escondida em um branco cremoso. O aquecedor estava ligado em uma potência bem forte, mas ainda assim ela sentia frio. Havia previsão de neve.

Do lado de fora de sua janela, o céu noturno estava muito escuro, típico de Paris, e as luzes da cidade que coloriam a parte inferior das nuvens de neve a atormentavam. Será que ia nevar ou não?

Magalie amarrou o roupão mais firmemente ao redor da cintura e enfiou os pés nas meias fofinhas contra o edredom, então observou o *macaron* de framboesa em seu colo.

Ela abaixou a tampa para escondê-lo e ficou observando o nome *Lyonnais* até que parecesse assentar dentro de si. Como se ele clamasse por sua alma.

Abriu a caixa e fitou aquela obra de arte tão sensual ainda lá dentro. A framboesa que faltava era como uma blasfêmia, uma acusação de sua covardia. Se ela não tivesse hesitado tanto...

A gota de glicose ainda se equilibrava perfeitamente na pétala da rosa, como uma lágrima.

Magalie dobrou as mãos por baixo e sentiu a concha do *macaron* acetinada contra suas palmas. *Eu fiz a concha ter um toque de seda... como a que rocei na sua pele.* Ela levou o doce à boca.

Ele implorava para que ela o comesse. Apenas uma mordida.

Ela continuava a ver o rosto de Philippe. *Você deu meu coração para um cachorro?*

Isso era só uma brincadeira com as palavras, logicamente. Ele deve ter dado o nome de *Couer* para sua nova criação, da mesma maneira que batizou outros *Désir* ou *Envie*.

Parecia tão requintadamente bonito, não conseguia entender como Philippe podia ter feito aquilo para ela.

Magalie o devolveu à caixa e levantou-se de súbito, colocando as roupas de novo, outro suéter, e botas de neve em vez de seus saltos de sempre porque... bem, estava frio e havia previsão de neve. E ela se sentia... humilhada. Enrolou-se em seu casaco mais quente, porque era uma maneira de se acariciar mesmo que se atrevesse a ir lá fora, e, então, voltou a sair na noite.

As luzes na loja Lyonnais estavam apagadas. Grégory estava trancando a porta.

Magalie parou, enterrando as mãos nos bolsos. Um saco plástico de uma loja de sapatos estava pendurado em um de seus pulsos.

Grégory distanciou-se da porta e a avistou. Ele parou, muito surpreso, e aí veio em sua direção.

– Philippe já foi para casa.

Ah. Magalie enterrou ainda mais as mãos, fechando os punhos de maneira que esfregava as juntas contra o fundo dos bolsos.

– Onde... – Sua voz estava rouca. Ela pigarreou e perguntou: – Onde fica?

O endereço que ele lhe deu era no Marais. Não muito longe dali. Era uma distância de dez minutos a pé, mas era fora da ilha, teria de atravessar a ponte por sobre o rio.

Ela esfregou as juntas no fundo dos bolsos novamente assim que Grégory disse *bon soir*, a boca dele tremendo de arrependimento, como se estivesse dizendo *adieu*. A rua estava quieta. A noite tomava conta da ilha. No Marais haveria mais barulho. Muito mais barulho. Era sexta à noite, *la Saint-Valentin*, e os casais lotariam os restaurantes e os bares e andariam juntinhos para se proteger do frio.

Ela ficou ali parada por um tempo, no meio de sua rua silenciosa. O frio tomava conta dela, e havia aquela provocadora promessa de neve.

Magalie engoliu em seco, levantou o queixo e partiu.



Casais perambulavam, rindo e românticos, a seu redor enquanto ela estava lá em pé na frente do edifício do século XVII onde Philippe morava, e mais uma vez sentiu a necessidade de fortalecer-se, levantar o queixo. E mais uma vez todas aquelas pessoas a fizeram ficar... calada. Ela os achou muito charmosos, queria ser um deles, andando de mãos dadas com alguém. Com alguém em particular.

Magalie deu um longo suspiro e apertou o botão do apartamento 3B e percebeu que um brusco "Oui?" foi pronunciado pelo interfone, fazendo-a pensar que deveria ter limpado a garganta antes.

– *C'est...* – ela fez uma pausa, tentando eliminar a rouquidão – ... *C'est Magalie.*

Ela ouviu um suspiro. E depois um clique quando a porta foi liberada ao lado dela, a qual abriu.

Philippe foi ao seu encontro no térreo, correndo escada abaixo, de camiseta e jeans. De pés descalços.

Ele ficou ali parado quando a viu.

– Magalie.

Ela o olhou em silêncio.

Um casal saiu do apartamento no mesmo andar acenando com a cabeça para Philippe de maneira educada, estendendo a ela o cumprimento, embora dando uma olhadela pouco discreta aos pés nus dele. O casal estava vestido para uma noite fora. Ela se lembrou de como ainda era cedo para uma noite em uma cidade como Paris. Será que *os dois*, tanto ela como Philippe, aprontavam-se para dormir tão cedo? Ele com certeza, pois o trabalho na maioria das pâtisseries iniciava às quatro e meia da manhã. Ela... porque gostava de ficar aninhada no próprio canto.

Philippe nem se lembrou de retornar o cumprimento ao casal. Ele tinha um jeito de focar de maneira que ignorava todo o restante, e naquele momento o foco era ela. Ele lhe estendeu a mão.

– Vamos subir.

Levou um segundo para Magalie perceber que ele não iria à frente.

Lógico que não iria. A boca tremeu dividida entre amargura e compreensão. Ele era um príncipe. Era inerente a ele subir as escadas atrás da dama, protegendo-a quando ela caísse. Caso ela caísse.

Ele estendeu a mão de novo, num ângulo mais baixo, começando a pegar as alças, puxando-as de seu pulso. Ela, então, percebeu que ele estava se oferecendo para carregar a sacola. Magalie balançou a cabeça em negativa, subindo as escadas consciente da presença dele atrás de si.

Da porta do apartamento, podia-se notar uma sala de estar bem ampla e um chão forrado de tacos, janelas grandes de onde vinham luzes, cores e vida das ruas alguns andares abaixo. Luminárias brilhavam pelas cortinas e persianas nas janelas de um prédio igualmente antigo do outro lado da rua. As cortinas abertas nas janelas de Philippe fizeram-na sentir-se extremamente exposta. Nenhuma das luzes, porém, estava acesa na sala para que os de fora a notassem. A sala era iluminada apenas pelas luzes da rua.

Ela se dirigiu às janelas devagar, principalmente para não ter de olhar para ele ainda, consciente do barulho abafado de seus passos no assoalho, ainda mais abafados sobre o tapete opulento no meio da sala. *Eu vim em missão de paz*, a ausência de saltos parecia dizer.

– Você quer que eu feche as cortinas? – Philippe perguntou logo atrás dos ombros dela. Ela não começou. Muito embora os pés descalços tivessem sido totalmente silenciosos, ela havia sentido sua presença em cada um de seus passos. Da mesma maneira, indubitavelmente, que uma zebra se sentiria se percebesse que um leão a espreitava. Aquela imagem da zebra a irritou. – Ninguém conseguirá ver aqui dentro se não acendermos as luzes.

O agito nas ruas lá embaixo prometia muito divertimento para todos que se aventurassem do lado de fora. Apenas apreciar aquilo já tornava a noite muito proveitosa. Ela não estava relaxando em seu quarto aconchegante, onde havia começado a se sentir tão solitária.

De sua mobília vinha um toque de elegância e qualidade, um visual moderno e claro em cores neutras. O tapete espesso sobre o qual ela havia caminhado era de um cinza rico, por exemplo. Isso a surpreendeu,

porque em seu trabalho ele usava tons intensos de joias e estruturas extravagantes. Será que ele também procurava algo mais quieto quando se retirava? Ou seria a simplicidade dos tons neutros o melhor ornamento para suas belas criações?

Ela se virou para encará-lo. Philippe estava a apenas poucos centímetros dela, observando-a. Ele não se afastou para lhe dar espaço, mas não arqueou o corpo para senti-la mais de perto, da maneira como muitas vezes havia feito. Ele aguardou. Algo pulsava em sua garganta.

– Posso pegar seu casaco? – ele perguntou, e os olhos dela o fitaram rapidamente. Um segundo de silêncio pairou entre os dois. Se ela tirasse o casaco, significaria que planejava ficar. Se ele estava se oferecendo para tirá-lo, era porque a estava convidando.

– Sim – ela disse, ouvindo o suspiro dele.

Quando ele removeu o casaco dos braços de Magalie, não a tocou de modo nenhum. Ela podia senti-lo, atrás dela, sem tocá-la. Tão gracioso e habilidoso com a remoção do casaco, com sua etiqueta e sua educação adquiridas ao crescer na ala nobre da cidade.

Magalie colocou a sacola sobre a pequena mesa de jantar, na área da cozinha daquela enorme sala, tão inteligentemente dividida pela mobília da sala de estar. Ela havia visto um artigo na semana anterior sobre o trabalho de decoração de interiores da irmã de Philippe nas lojas Lyonnais; ela deve ter decorado aquele lugar também, mas era bastante diferente. A justaposição clara entre o antigo e o moderno era de muito bom gosto.

Da sacola, ela tirou a caixa de Lyonnais e assentou-a, abrindo-a no centro da mesa para que ele pudesse ver o *macaron* de coração cor-de-rosa.

Ele não disse nada. Atrás de si, ela podia sentir a intensidade do olhar dele. Aguardando.

– A poodle pegou apenas a framboesa – ela explicou, e teve de limpar a garganta. – Eu lutei com ela para salvar o restante.

O silêncio pairou mais uma vez.

– E posso saber o que a deixou tão furiosa, além de logicamente ter sido eu quem o enviou?

O rosto dela queimou. Tentou se forçar a dar uma explicação.

– Foi que ela apenas comeu a *framboesa*, uma framboesa, e depois ela... ela deixou o... Você sabe aquele pastor-alemão que perambula lá no final do cais?

Ele emitiu um som meio abafado. Era uma *risada* meio abafada? Ela lhe lançou um olhar fuzilante.

– O, uh, pastor-alemão ainda não castrado? – ele perguntou.

Ah, sim, ele estava definitivamente abafando o riso. A voz dele tremeu na tentativa de mostrar neutralidade.

Ela bateu as juntas ferozmente sobre a mesa e não disse nada. Sua boca inerte o desafiava.

Ele caiu na risada, colocando a mão sobre a barriga e apanhando uma cadeira com a outra.

– Desculpe, não dá para evitar. – Ele justificou seu deleite enquanto ela o olhava ameaçadoramente. – Eu estou somente imaginando... Ah, você deve ter ficado muito *brava!* – ele disse se divertindo muito.

Ela o encarou, imaginando que apenas seu olhar o botasse em chamas. Ah, se ao menos aquilo fosse possível.

– E tudo isso só por uma de minhas framboesas? – ele se vangloriou.

Ela se virou, o punho ainda mais cerrado. Os ossos de seus dedos continuavam a tentar avisá-la de que os machucaria se ela acertasse o maxilar de sua alteza, mas, no entanto, não conseguia se segurar.

– Você acha que sou uma cadela no cio?

Ele parou de rir, olhando para ela incrédulo:

– *Bon Dieu*, Magalie. Lógico que não.

A incredulidade dele era tão sincera que a fúria nela se esvaiu.

Os lábios dele cerraram-se. A risada cessou, como se fosse vapor debaixo da tampa de um bule. A tampa, porém, abruptamente abandonou o esforço que fazia, e ele voltou a gargalhar.

– *Pardon, pardon* – Philippe se desculpou inutilmente. – Eu só... Eu continuo vendo... Você deve ter ficado *furiosa*.

Bem, ele certamente se divertia em fazê-la ficar furiosa, não?

Ela tirou o próximo item da sacola e deu-lhe uma pancada.

Philippe parou de rir como se ela tivesse ligado um interruptor. Perto de sua caixa agora havia um pequeno saco de *couverture* de chocolate. Exatamente a quantia que ela precisaria para fazer um bule de *chocolate*

chaud. No mesmo saco estavam uma canela em pau, uma noz-moscada e um grão de baunilha. Ela tirou uma garrafa de vidro de leite e depositou-a sobre a mesa com um estalo.

O silêncio tomou conta dos dois até que pudessem ouvir cada risada de cada casal feliz na rua lá embaixo.

– *Très bien* – Philippe disse. – Um gole por uma mordida. Vá em frente Magalie. Faça o seu pior.

CAPÍTULO 25



ENQUANTO ELA COLOCAVA o leite e o creme no bule, Philippe tirou uma caixa de framboesas da geladeira, permitindo que Magalie visse que ali dentro havia fruta, iogurte e nada mais. Ele mordeu uma das framboesas, e ela ficou com água na boca só em pensar no sabor agridoce em sua língua. Seus seios formigavam como se ele estivesse com os dentes neles. Satisfeito com o sabor, ele selecionou a maior e mais vermelha das framboesas e colocou bem no centro do *macaron*. Foi de uma agilidade incomparável, como se ele fosse um raio laser, tão preciso, tão rápido, com um resultado mais uma vez absolutamente surpreendente.

Ela queria tirar os olhos dele. Queria desesperadamente abocanhar aquele *macaron* rapidinho da mão dele.

Magalie deixou cair a canela em pau e o grão de baunilha no líquido e adicionou um pouco de noz-moscada moída, acendeu o fogo, e Philippe ficou ali em pé com uma das mãos no balcão, assistindo-a a menos de um braço de distância. Ele pressionava o lado da cabeça contra o armário, os olhos entorpecidos e atentos ao mesmo tempo.

– Acho que esta é a coisa mais erótica que já fiz em toda a vida.

Ela corou e se atrapalhou com a colher. Ele apenas assistia com olhos lânguidos e, ao mesmo tempo, nem tão lânguidos.

– Ou que foi feita para mim – ele explicou.

Ela queria dizer algo sobre pressupor algumas coisas, mas, quando encontrou o olhar dele, percebeu que Philippe não havia pressuposto absolutamente nada sobre o resultado daquela noite. Tudo nele, cada músculo, cada nervo, cada pedaço de seu intelecto e instinto, estava focado em garantir que o resultado daquela noite fosse o que ele queria.

– É como se eu tivesse amarrado meus próprios pulsos a uma cama com um lenço de seda enquanto você me analisa. – Ele tomou fôlego.

O rubor dela desceu para os seios e os encheu com tanto desejo que precisava de um lugar mais abaixo para poder extravasar, cortando-a e aquecendo-a.

– Mas a vantagem é que ainda tenho as mãos livres. – Aquele tom de voz tão suave percorria seu corpo de cima a baixo como se fosse uma pelagem.

Ela tentava se concentrar na canela em pau, borbulhando naquele mar branco em ponto de fervura. O aroma aquecia seu rosto.

Ele mudou de lugar com a mesma facilidade que ela mexia o líquido na panela e ficou atrás de Magalie. Uma de suas mãos permanecia no balcão ao seu lado, enquanto a outra estava em volta da beirada de uma parte do fogão que não era utilizada. O corpo dele não a tocava efetivamente, mas estava tão próximo que qualquer movimento abrupto *dela* o tocaria.

Magalie podia sentir o calor emanando do seu corpo, atravessando aquele espaço de minutos. Tremia diante da sensação. Era muito parecida com sair lá fora com todo aquele frio. De tão trêmula, suas roupas até roçaram entre si.

– Posso tirar seu suéter? – ele murmurou. Cada palavra era um sopro de ar morno nos seus cabelos. – Estas luvas... – Ele apontou o material drapeado no pulso dela. – Você sabe que não consegue trabalhar bem com elas.

Ela hesitou por um bom tempo, cabeça baixa, sentindo a respiração atrás de sua cabeça, na nuca exposta, absorvendo-o sem tocá-lo. Absorvendo o momento. Então, ela largou a colher de madeira e ele esticou os dois braços para trás. Oferecendo-lhe o suéter.

Philippe poderia ter tirado o cardigã pela cabeça, mas não o fez. Seus braços a circundavam de tal modo que tocavam os botões frontais. Só o

suficiente. Mesmo assim ele não a tocou. Muito gentilmente, o suéter preso ao corpo dela, ele abriu um a um os botões – sobre os seios, abaixo dos seios, logo acima do umbigo, de maneira que seu abdômen encolheu-se e uma mistura de canela, noz-moscada e baunilha encheu os pulmões dela, até que ele alcançou o último botão, acima daquilo que escondia nas calças.

Ela inalou aquele aroma e abaixou tanto a cabeça que a pele se esticou tensa na nuca.

Ainda assim ele não a beijou.

O suéter deslizou sob seus braços sem pressa. Ele sabia quanto tempo demorava a infundir o creme de maneira que o sabor permeasse cada pedaço.

Havia um som delicado, um sopro de respiração em sua nuca, quando ele viu o que estava sob o cardigã. Ela ficou trêmula com aquele sopro.

– Magalie. Seda? – Ele parou de tirá-lo, o suéter ficou pendurado em seus antebraços, os braços presos atrás das costas. Uma mão delicadamente trilhando um caminho até alcançar sua blusa, a seda transparente ao toque. – Você fez de propósito. – Ele respirava com dificuldade, nenhuma acusação em seu tom de voz, apenas um delicioso elogio rouco. – Um suéter nada prático para cozinhar. Se eu não o tivesse tirado, você teria, Magalie? Reclamaria que estava atrapalhando, e... e embaixo dele... Você queria sentir qualquer toque meu, mesmo o mais suave? – Ele respirava na nuca de Magalie. Todos os pelos nela se arrepiaram.

Os dedos dele mais uma vez subiram nas costas dela, aquele toque suave a fez se arquear.

Subitamente, ele soltou um riso abafado e confuso.

– Com certeza você não se preocupou que seria só um toque suave...

Não exatamente. Suas preocupações e seus desejos eram muito complexos para explicar.

Ele enfim removeu o suéter dos braços dela e jogou-o de lado. A mão direita tomou a dela sobre a colher, como se estivesse lhe dando uma corda salva-vidas.

– Não deixe o chocolate queimar, Magalie.

Lógico que ela não deixaria o chocolate q...

– Quanto tempo leva a infusão?

– Quinze minutos. – A voz dela era apenas um sussurro. Por que o deixava roubar toda a sua autoridade?

Ele lhe deu uma pequena e exultante risada.

– Talvez você queira usar um timer – ele disse, pressionando a boca contra a nuca dela.

Ela soltou um gemido de um prazer tão puro que a mão esquerda dele se fechou no pulso esquerdo dela, apertando-o como se precisasse apertar algo para não perder o controle.

– *Pardon* – ele disse e libertou-a antes que ela pudesse protestar de dor, fechando as duas mãos ao redor do puxador do forno nas laterais do corpo dela.

Enquanto a colher descia trêmula pela infusão, agitando a canela e a baunilha naquele mar branco e turbulento, ele percorreu toda a espinha de Magalie com um beijo. Ele não a tocou com outra parte de seu corpo. Apenas pressionava a boca pela seda palmo a palmo, até que se ajoelhou, descendo os lábios pela coluna dela, logo acima das calças de cintura baixa.

Ela se debruçou sobre a infusão, gemendo perdidamente. Ele riu muito alto, o triunfo fazendo com que ela perdesse toda e qualquer gota de orgulho, o prazer sentido tornando-a ainda mais suave e intrigada.

Ele cresceu sobre ela, seu corpo roçava todo o corpo dela numa explosão de poder conforme Philippe alcançava os pés.

– Já está pronto? – Ele ria não podendo conter-se de tanto êxito; apesar da chama intensa em seus olhos, porém, ele mantinha o foco.

– Eu... eu não acho que já tenha passado quinze minutos – disse Magalie, que tinha perdido a noção do tempo. Parecia que ela fora ao paraíso por toda uma eternidade, mas, agora que ele havia parado, suas costas imploravam por mais.

O sorriso dele transformou-se em algo mais feroz e faminto, mas os olhos azuis estavam transbordando de prazer pelo que ela suplicava.

– Bem, se tem algo que eu sei bem, é que você *nunca* deve restringir o tempo quando está em uma atividade preparatória – ele admitiu e provocou-a, tirando-lhe a colher e traçando um caminho com ela da base

da palma da mão de Magalie até o começo dos dedos. Mantendo os dedos dela abertos, ele levantou o pulso de Magalie, totalmente exposto, e com o maxilar áspero acariciou sua pele, extremamente sensível do antebraço, do pulso até o ombro.

Ele produziu um som abafado com o prazer de ouvi-la ofegar.

– Seus pulsos algemados na cabeceira da cama? – ela comentou secamente. Ela se vangloriava daquele tom tão seco. Era a única maneira de ser pelo menos um pouco dona de si mesma. – *Sério?*

Novamente ele riu, um riso suave, divertido, íntimo e ao mesmo tempo perigoso.

– Eu não pareço vulnerável para você, Magalie? À mercê de todos os seus desejos?

Ela se retorceu e pela primeira vez conseguiu reunir forças para olhá-lo e estudar seu rosto, de cabeça erguida, por um longo tempo. Ele apenas a encarou. O corpo dela era tão menor que o dele e a posição em que estava era tão mais exposta e sem defesa. E, durante aquele momento em que se entreolharam, Magalie percebeu como ele parecia vulnerável, quase como se estivesse nu, preso em sua cama por vontade própria, admirando-a enquanto ela se preparava para desamarrá-lo.

A excitação tomou conta dela. E a excitação *a* deixava solta demais. Esse sempre foi o problema. Philippe *a* deixava solta demais. E *ela* era tudo o que ainda tinha.

Magalie virou-se rapidamente para a infusão, como um esgrimista se viraria para defender-se de um golpe mortal. Removeu a canela em pau e o grão de baunilha com a colher, colocando-os em um pequeno prato sobre o balcão. Com o que ela estava na cabeça quando decidiu ir lá? Quando ela estava em sua torre cremosa, admirando o “coração” dele, que voz idiota foi aquela que disse, *Sim, você pode fazer isso. Você pode se entregar.*

Philippe roçou o canto do maxilar na nuca nua dela.

Ah, meu Deus. Ela nunca pensou que aquele coque desleixado poderia deixá-la tão vulnerável. Ela jamais imaginou que apreciaria tanto aquela vulnerabilidade. Que ela simplesmente se curvaria sobre o fogão, implorando para que ele fizesse o que quisesse com ela.

A chama acesa manteve-a ereta. Pegou o chocolate com uma concha, com mãos trêmulas, e jogou-o no bule.

O leite pingou para todo lado com o movimento brusco. Com o maxilar ainda na nuca dela, circulando lânguido e sensual como um gato, emitindo uma chama que se espalhou por todo o corpo de Magalie, as mãos de Philippe pousaram sobre as suas e assim ele removeu cada gota.

Ela já havia sentido aquelas pequenas gotas ferventes enquanto fazia chocolate. No entanto, nunca ninguém as havia removido tão gentilmente.

Magalie entrelaçou os dedos aos dele e ergueu uma das mãos até a boca. Ela beijou os dedos de Philippe, segurando a mão de maneira protetora contra os lábios. Ela não conseguia evitar.

Atrás dela, o corpo dele tinha paralisado. A bochecha que estava encostada em sua nuca havia parado de se mover.

Quando ela voltou a mexer o chocolate, ele virou a cabeça e beijou sua nuca, como se fosse um beijo da mais pura seda, nada a pinicava. A palma da mão dele escorregou vagarosamente para longe da mão dela, acariciando seu braço, sobre a pele e depois na seda que sussurrava entre os calos dele e a pele dela até alcançar o ombro.

Ela adicionou uma colher de sopa de chocolate Valrhona meio amargo, escurecendo o *chocolat* mais do que o normal, e bateu a mistura até ficar macia.

Ele levantou o polegar para contornar o canto dos lábios dela, que, na posição em que estava, não podia ver. O toque do polegar fez com que ela se aconchegasse em sua mão, gemendo e implorando.

– Você não está sorrindo – ele sussurrou.

Não. O que ela sentia era muito intenso para um sorriso.

– Eu gosto do sorriso. – O polegar dele a provocava no canto da boca, seduzindo-a. – Ele me dá a sensação de um perigo muito erótico.

Algo crescia lentamente dentro dela, vindo de algum lugar profundo e poderoso. Nenhum sorriso antes sobre seu chocolate tinha sido tão especial. Devagar, ela mexeu a bebida três vezes.

– O que você está desejando para mim, Magalie?

Deixá-lo completa e totalmente perdido de desejo por ela.

Ela balançou a cabeça, recusando-se a responder.

– Você vai me fazer bebê-lo cegamente, não é? – ele indagou, trilhando o polegar sobre o sorriso perigoso, de ponta a ponta, e mais uma vez sobre seu queixo, até mais abaixo, na garganta, aninhando-se ali.

– Você tem um bule para chocolate? – ela perguntou.

Ele tinha um, bem lá em cima na parte de trás de uma prateleira em um de seus armários, presente de Natal de alguém para um renomeado doceiro. Ele se esticou acima da cabeça dela, toda aquela virilidade contra suas costas, e lhe entregou.

Magalie colocou o chocolate no bule, depois escorregou um batedor para dentro e esfregou a ponta redonda da haste de madeira entre suas mãos, com firmeza e rapidez, espumando o chocolate para deixá-lo excepcionalmente rico e cremoso.

Um resmungo baixo vibrou do peito de Philippe através das costas dela enquanto assistia aos movimentos de suas mãos na madeira. As mãos dela se demoravam involuntariamente até ela se dar conta do formato da haste e entender por quê. Ela enrubesceu e suas mãos vacilaram. Não conseguia mais bater o chocolate até espumar. Estava queimando por dentro.

Magalie tentou pegar uma xícara às cegas, e ele se distanciou dela para ficar parado ao seu lado, observando-a derramar seu destino. Por um momento, o silêncio era tão intenso que ela podia ouvir o líquido saindo do bule, e depois o tilintar do bule quando o colocou sobre a mesa.

O aroma de chocolate se espalhava pelo apartamento. Como se ela tivesse tomado aquele lugar para si.

Magalie engoliu em seco e fitou o líquido escuro na xícara branca por um momento. Ao seu redor, no apartamento, tudo estava escuro, iluminado pela luz do fogão e da rua vinda através das várias janelas.

Ela colocou as mãos ao redor da xícara, o calor contra as palmas, e ofereceu a ele.

A respiração de Philippe inflava seu peito ereto com inspirações demoradas e profundas. Ele tirou seus olhos do chocolate para fitar os

dela. Mantendo suas mãos ao seu lado, fez um gesto de submissão com o queixo.

– *Vas-y* – ele murmurou. – Das suas mãos.

Ele estava certo. Aquela foi a coisa mais erótica que ela havia feito na vida. Não que tivesse muito com o que comparar. Ela também suspeitava de que aquela seria a coisa mais erótica que jamais faria. O que poderia se comparar àquilo?

Magalie começou a levantar a xícara na direção dos lábios dele, hesitou, e depois trouxe-a para si para soprar algumas vezes, assegurando-se de que não o queimaria.

Ele produziu um som e cerrou os punhos. Os olhos azuis na luz pareciam quase negros.

Quando ela voltou a levar a xícara para perto dos lábios dele, Philippe se sentou subitamente à pequena mesa perto da janela. Enquanto inclinava a cabeça para trás para aceitar a bebida, os olhos dele se prenderam aos de Magalie como se ele estivesse propositalmente afundando neles.

Ela observou o suave e rico chocolate passar pelos lábios dele, presos ao sensual arco superior. Ele deu um gole. Depois outro. Os olhos dele cerraram-se, e um longo e vagaroso suspiro foi emitido por seu corpo, como se tivesse se rendido a qualquer tipo de luta.

Philippe colocou a mão ao redor da xícara, os dedos acariciando o suave calor e as mãos dela, e deu outro gole. Ela olhava o chocolate preso aos lábios dele. O que será que estava acontecendo dentro de seu corpo? Ela nunca pôde sentir o poder de seu próprio chocolate.

De maneira abrupta, ele tirou a xícara das mãos dela e colocou-a sobre a mesa. E então a puxou para cima dele. Magalie caiu violentamente sobre Philippe, mas, tentando manter os pés plantados com firmeza no chão, seu corpo se esticou como um arco, as pernas retas, as costas curvando-se de maneira que seu peito se comprimiu contra o dele. Philippe abriu as pernas para que a pélvis dela fosse pressionada contra a dele, forçado pela posição de Magalie.

– Magalie... – Como podia o nome nos lábios dele parecer tanto com *ma chérie*?

Os dedos dele subiam mais uma vez pela coluna através da seda, fazendo-a arquear perdidamente. Ele moveu a boca até sua garganta exposta. *Não uma gazela, não uma gazela, não uma gazela*, ela se lembrou disso enquanto ele rasgava seu coração, e não sua garganta, com um gemido baixo e faminto.

Toda a vontade dela dissolvia-se sob a sensação que aquela boca produzia, o roçar de seus dentes, o toque de sua boca, a aspereza de seu maxilar contra sua pele. Talvez ela devesse ser uma gazela, apenas aqui, apenas esta noite. Quem sabe ela pudesse ser completamente fraca. Estava tão escuro, ele estava tão quente, e, apesar daquelas enormes janelas, ninguém podia vê-los.

– O que você desejou para mim, Magalie? – A voz estava tão escura quanto o chocolate, como se o tivesse possuído. Ele trilhou um caminho com seus lábios e o maxilar másculo em direção ao colo dela, arqueando as costas dela sobre os seus braços. – Condenação? Destruição total? Completo desamparo em suas mãos?

Philippe lhe mostraria como ela era fraca, que o que ela havia lhe desejado em vão era o que ele podia facilmente lhe dar?

– Eu não me sinto nada diferente. – Ele pressionou os seios dela com o queixo, criando um espaço para si ali. A aspereza de seu maxilar percorria todo o corpo dela, procurando um seio e depois outro, até repousar em seus mamilos e seu sexo, dançando aqui e ali.

– É provável que não o afete – ela disse com amargor. Amargor como o do chocolate que ela havia usado.

– Talvez você tenha desejado algo que já fosse verdade.

Que ele estivesse totalmente perdido de desejo por ela?

Magalie tentou empurrar a cabeça para trás o suficiente para olhá-lo bem, mas o arco de suas costas não permitia manobras. Ele soltou um grito de prazer pela forma com que o movimento dela trouxe seus seios ainda mais contra seu rosto. Então ele levantou a cabeça, e não havia mais nada que a boca de Magalie pudesse fazer a não ser encontrar a dele.

Magalie lambeu o chocolate dos lábios dele. Ela abriu a boca sobre a dele e saboreou o chocolate em sua língua. O chocolate que deveria

deixar quem o bebesse perdidamente de desejo. Philippe enterrou as mãos nos cabelos dela e segurou-lhe a cabeça enquanto a tomava.

Abrindo a boca para tomar a dele, Magalie deixava-o tomar a dela. A boca dele movia-se sobre e dentro da dela, vagarosa e totalmente, como se Philippe estivesse saboreando algo delicioso. Algo que queria envolver com a língua, inalar profundamente, empurrando para trás para beber bem devagar...

Ele colocou as mãos sobre as costelas dela e levantou-a de repente, colocando-a em seu colo. Magalie continuou beijando-o durante todo o movimento, e ele a correspondia, como se pudesse beijá-la para sempre.

No entanto, não eram os dois braços que a seguravam. Um deles esticou-se pela mesa e apanhou o coração.

Ela afastou a cabeça, enterrando o rosto no pescoço dele.

– Não podemos simplesmente transar? – ela sussurrou. – Tudo isso tem a ver com sexo, não tem?

– Não, não tem. – A mão dele ainda nos seus cabelos, mostrando sua ira.

– Você tem de ser tão forte a ponto de ficar besta?

Ela ficou ereta um pouco distante dele, cobijando aquela sobremesa obstinadamente. Ela havia lhe prometido a troca. Ela tinha ido ali com aquela intenção. O que havia de errado com ela em querer dar para trás agora?

– O que acha que vai perder, Magalie?

Ela olhou para Philippe incrédula.

– Eu mesma. – Como se ele não soubesse.

– *Vraiment.* – A palma da mão dele friccionando um caminho distraído de seu quadril até um ombro tenso, onde permaneceu em círculos relaxantes. – Não o seu orgulho. Não a sua raiva. Não a sua força. Você... – Sua boca parecia acariciar aquela última palavra, prolongando-a da mesma maneira que alguém prolongaria o saborear de uma colher cheia de uma deliciosa sobremesa.

Se ele tivesse de comê-la em duas mordidas, ia aproveitar a refeição. Ela se contorceu ressentida.

– O que acha que eu tenho a perder, Magalie?

Ela piscou fundo. Franziu a testa e disse:

– Provavelmente nada. Você disse que meu chocolate nem fazia efeito sobre você.

Ele olhou fixamente para ela. Sua raiva tensionava os músculos das coxas e Philippe pressionou a mão no ombro dela, tensionando o abdômen que o braço dela pressionava.

– *Bon sang. Quel imbécile.*

Será que ela era mesmo? No seu covil de bruxa, rodeada de clientes que não podiam resolver a própria vida, ela sempre se achou a pessoa mais esperta do lugar. *Sua* vida estava resolvida. Muito bem organizada e invencível. Até conhecê-lo.

– Tome. – Ele aproximou tanto o *macaron* que a camada de framboesas que protegia a parte interna, com a textura delicada e em forma de gotículas, e o brilho das conchas do doce acariciou suavemente seus lábios.

Ela entreabriu a boca, tentando abocanhá-lo como se fosse um animal faminto. Entretanto, assim que seus dentes penetraram a fina camada das conchas do *macaron*, todo o seu corpo desacelerou quando a energia da mordida dissolveu-se em um sonho. O crocante mais secreto, delicado, e a ternura mais bem-aventurada dentro da concha. E, então, mais adiante, uma explosão de framboesas e um creme delicioso. Sexo entre duas asas do céu. Felicidade e paraíso, se é que o paraíso poderia oferecer tamanha devassidão.

Um orgasmo em uma mordida. Como se mãos percorressem todo o seu corpo. Foi a coisa mais linda que já degustou em toda a vida. Feito para *ela*. Era tão belo que lágrimas alfinetavam os olhos, e ela os abriu para ver Philippe e seu olhar consumindo o rosto dela com um triunfo feroz e faminto.

Ela o olhou de perto e com atenção.

Ele girou o *macaron* só um pouquinho e o ofereceu mais uma vez aos lábios dela.

Magalie não conseguia descrever o que aquilo fez com ela assim que deu outra mordida sob a selvagem vitória dele. Era quase impossível *não* morder, sua habilidade de resistir mais tempo àquele primoroso prazer reduziu-se a zero. E, mesmo assim, ela poderia ter resistido. Ela era forte o suficiente. Podia ter encontrado resistência bem no fundo de seu

âmago, mas *escolheu* não resistir. É como se tivesse escolhido ficar desnuda num estalar de dedos dele, dando-lhe todo o poder sobre seu corpo.

Era tão erótico que mal podia respirar de vontade que ele a possuísse, naquele momento e bem ali, sobre a cadeira.

Ele não o fez. Ele a alimentou, hipnotizando seus olhos. Acariciando sua garganta enquanto engolia. Assistindo-a trêmula e todo o seu corpo totalmente arrebatado enquanto mordida aquele coração ácido, intenso e secreto, por baixo do ganache de textura de seda.

Philippe lhe deu o último pedaço e passou a pétala de rosa nos lábios dela, deslizando-a de maneira que ficasse sobre a língua. Esfregou as migalhas nos lábios dela e a fez lambê-las de seus dedos.

Ele havia amarrado suas mãos à cama? O poder que Philippe tinha sobre ela era tão absoluto que não poderia ser maior se Magalie tivesse colocado uma coleira de escrava ao redor do pescoço e lhe entregasse a guia.

Na verdade, sua submissão erótica era tanta que, assim que esse pensamento ocorreu, ansiou se submeter, ser desnuda e servir a cada desejo dele.

Ele mergulhou o polegar que ela acabara de lambar no chocolate morno bem devagar, lambendo-o de forma proposital, ainda fitando os olhos dela.

E aí deslizou o mesmo polegar para dentro das calças dela, ainda fechadas, encontrando o clitóris. Com o primeiro troque, ela gemeu e se contorceu, cravando as unhas nele. Os olhos dela fechados, os dele não. Magalie sentiu os olhos dele sobre si, brilhantemente escuros. Philippe, então, pressionou o polegar com mais força, e ela gozou no primeiro segundo, rendendo-se indefesa, curvando o rosto para perto de seu braço e mordendo o bíceps dele.

E ele *riu*. Riu de puro triunfo. Um som selvagem. Um som de conquista enquanto o corpo dela balançava de acordo com o ritmo.

CAPÍTULO 26



ASSIM QUE ELA se recompôs do choque, Philippe começou a desnudá-la. A seda, deslizando sob seu rosto quente e úmido, passou suavemente pelo seu suor, os lábios entreabertos que não queriam aquele toque provocador, que imploravam por fechar ao redor de algo firme e duro. Segurá-*lo* e forçá-lo à mesma impotência. Ele não tirou o sutiã, mas agarrou os seios por baixo da renda, delicadamente beliscando seus mamilos até que ela gritasse alto, em seguida retirando os seios dos bojos de maneira que ficassem pressionados, mas expostos.

Ele tirou as calças de Magalie de forma selvagem, levantando-a de tal forma que ficasse em pé com as pernas afastadas na frente dele, com os seios fartos em sua boca. Ele adorava calcinhas de renda preta. E não as tirou.

– Deus, queria que você estivesse de botas – ele disse ofegante, apertando a mão sobre o sexo dela, como se estivesse espremendo o suco de um limão, e outra onda eletrizante dominou o corpo dela, a mão reluzente se distanciando de sua calcinha. – Aquelas que sobem até aqui. – Ele fechou a mão ao redor das coxas dela pressionando para que se afastassem, com aquele sorriso selvagem de um leão diante do que via.

Ela já havia gozado uma vez, e podia sentir o balanço de poder como uma gangorra delicada. *Ele*, porém, ainda não tivera alívio nenhum. Sua excitação era desesperadora e desesperadamente óbvia. Talvez ele nunca antes tivesse necessitado de algo tanto quanto precisava dela agora.

Ela estava mais do que exposta, mas não se sentia vulnerável.
Não se sentia indefesa.

Sentia-se totalmente nua, sim. *Forte*, porém. Como se aquilo fosse absolutamente belo, uma maneira perfeita de ser. Sentia-se como lady Godiva deve ter se sentido. Como se ela fosse uma mulher que pudesse andar nua pela multidão sem ser tocada porque a consciência de si mesma era intangível.

Magalie curvou-se sobre ele, com as coxas ainda afastadas da maneira que as havia deixado, com os seios em sua boca, e arrancou a camiseta de Philippe pela cabeça.

– Sim. – Ele suspirou, seu corpo flexionando-se de prazer conforme o movimento esticava seus braços sobre a cabeça, tensionando os músculos ao longo do pescoço. Ombros largos, cintura firme, cachos mais escuros do que o cabelo castanho-claro espalhados sobre seu peito.
– Sim. Deus. Ataque-me.

No entanto, em vez de deixá-la fazer isso, ele logo ficou em pé, pegando-a e girando-a como se seu corpo fosse tão fácil de controlar como o de uma boneca, segurando-a na beirada da mesa.

Um minuto antes, as costas dele estavam viradas para a janela, a cadeira e seu corpo escondiam Magalie. Agora, no entanto, ela olhava para as luzes na rua que vinham daquelas enormes janelas.

– Eles não podem nos ver – ele sussurrou, seu pênis pressionando as nádegas dela pela calça, como se tentasse achar um caminho pela calcinha que já havia desaparecido entre elas.

Ela era sua boneca, sua marionete. Ele poderia fazer o que quisesse. Ela deixaria. Mais e mais, de todas as maneiras que ele quisesse, a noite toda.

– Tomara que não – ela disse e virou-se, pressionando-o contra a mesa. Magalie segurou na beirada até que as articulações ficassem brancas como a neve.

Ela esticou o braço para as costas, o movimento empurrou seus seios para cima, e tirou o sutiã, jogando-o para longe. Ela também queria poder estar de botas, as de cano alto, e nada mais, mas sua calcinha minúscula e a nudez eram suficientes.

Magalie abaixou o jeans até o quadril e ajoelhou-se com o movimento. Sua escrava, sua total escrava. E todo o poder estava completamente nas mãos dela.

Com-ple-ta-men-te. As mãos dela fecharam-se no pênis, as duas ao mesmo tempo, e o apertaram com força. Ele soltou um som agudo, como se tivesse sido atingido por um tiro, e seu corpo estremeceu.

Magalie abriu a boca e fechou sobre o pênis com a mesma avidez que tinha abocanhado o *macaron*. E, da mesma maneira, diminuiu o ritmo. Ela não queria se apressar. Sua língua passeava por ele.

– Magalie. Deus. Por favor. Não.

Não? Vou fazer com você o que bem entender, ela pensou. Ela poderia lhe ter dito, mas teria de interromper a demonstração que com certeza tinha mais efeito.

Ela o tomou, chupando-o de forma voraz, e a maneira como o corpo de Philippe reagiu fez seu próprio corpo umedecer de fome por ele. Os gemidos dele aumentavam, vibrando através da pele dela e por seu corpo nu e ajoelhado, com o traseiro firme e desprovido do calor contra o ar frio.

Magalie não podia abocanhá-lo todo. A boca era muito pequena. Ela, porém, agitava a língua sedenta contra a ponta, acariciando a cabeça, e sentindo a rigidez e o pulso, segurando firme com as duas mãos na base do pênis e as palmas acariciando seus testículos.

– Deus, Deus, Deus – ele gemia, ela adorava: Magalie adorava ouvi-lo perder toda a consciência, o controle, apelando por misericórdia durante todo o tempo.

Ela o havia reduzido a pó em menos de um minuto. O corpo de Philippe tremia incontrolavelmente enquanto gozava.

E *ela* jogou a cabeça para trás, nua aos pés dele, com o gosto dele ainda em sua boca, e riu.

Riu da pura, gloriosa e leviana conquista.



– Deus! – O corpo enorme de Philippe parecia totalmente enfraquecido. Aos poucos, enquanto a sala se tornava mais fria, ele conseguiu sair da mesa. E a pegou no colo. Magalie ficou confusa. Ela pensou que o havia enfraquecido mais do que a ela. Fraco demais para pegá-la como se ela fosse nada.

Ele a carregou até o banheiro e ligou o chuveiro quente para os dois, esfregando seu corpo no dela sob a água quente, e depois ignorando o próprio corpo. Derramou sabão na mão, esfregou-a, produzindo um aroma límpido e quente sobre todo o corpo dela. Removendo os cabelos molhados do rosto com delicadeza, ele puxou sua cabeça para junto de seu ombro e deixou a água correr, deslizando por seu rosto e olhos cerrados. Toda a sua força se esvaía, embora o desejo parecesse crescer novamente de tal forma que a deixava mole.

A água e o sabonete e o seu corpo geraram um turbilhão de sensações, de desejo lânguido, até parecia a continuação de um sonho quando ele a virou e a levantou, deixando-a de pernas entreabertas, deslizando para dentro dela. Ele colocou a cabeça em seu ombro, o cabelo espalhado sobre ele, protegendo-o da ducha, e a água escorria nuca e coluna abaixo enquanto ele a possuía gentilmente, tanto que quando ela estava perto de gozar, mal podia perceber que estava; ele apenas deslizava, parecia até parte dela, como se ela fosse um território sujeito a terremotos e que, portanto, sofria tremores constantes.

Tão gentil e sutil era aquela proximidade que ele tomou controle dela e não a largava. Fraca, molhada e grudada nele, com os braços envoltos em Philippe e a água escorrendo-lhe sobre o rosto, ela gozou e gozou por muito tempo, enquanto ele se movia dentro dela vagarosamente.

Os braços dela apoiaram as laterais da cabeça conforme Philippe a colocou de encontro aos azulejos de tom terra, mas, mesmo no final, as estocadas eram lentas, e longas, e rítmicas, e muito, muito profundas, enquanto ele ejaculava com toda a força dentro dela.

Magalie tremia toda em pequenos abalos sísmicos quando ele a abaixou e a trouxe para perto dele de novo, ensaboando e enxaguando as dobras de seu sexo, lavando-a de forma muito íntima e completa, como se estivesse explorando em seu tempo livre algo que o fascinava.

Ele a enrolou em uma toalha gigante, por falta de um roupão, e carregou-a como se fosse uma criança até a cama.

Deitado na frente dela, Philippe riu docemente enquanto removia a toalha de seu corpo. Ao contrário da sala de estar, seu quarto era uma caverna, a janela coberta por uma pesada cortina creme, a cama grande e quadrada, um toque moderno no dossel de séculos atrás, de maneira que a cabeceira elevava-se bem alto e formava um teto com dois pilares quadrados nos pés.

Philippe empurrou as toalhas para o chão e cobriu-a com o edredom, colocando um dos braços ao redor dela e trazendo-a para si, um corpo quente para protegê-la do frio.

– Magalie – ele sussurrou um pouco antes de ela adormecer, percorrendo sua orelha com a ponta do dedo como se estivesse tentando chamar atenção para um segredo importante. – *Je t'aime*.

Aquelas palavras a acariciavam, dando-lhe confiança, de tal forma que quem as pronunciava não tinha a menor ideia de que a apanhava como se fosse um peixe no anzol sem respiração fora da água.

Os olhos arregalaram-se, os cílios presos aos pelos do antebraço dele sob sua cabeça, e ela olhava fixamente para dentro da noite branca do edredom enquanto o corpo dele pesava sobre ela, adormecido.

Vivendo entre duas línguas, às vezes ela pensava muito no significado das mais raras palavras. Sua mãe fora a única pessoa que havia pronunciado aquelas duas sílabas para ela: *Je t'aime*. No entanto, o sotaque da mãe as teria pronunciando de forma alongada e estalada, um som tão alegre, não como a pronúncia de Philippe, tão rápida e firme, típica do príncipe de Paris.

Durante a infância, sua mãe costumava lhe dizer isso todo dia, muitas vezes ao dia. "*Bonne nuit, ma minette, je t'aime*": quando a colocava para dormir entre os lençóis recém-trocados com cheiro de lavanda na casa dos avós, assim que desciam do avião. "*Tu es ma petite chérie. Oh, ma petite puce, je t'aime*": no avião dos Estados Unidos para a França, deixando o pai e os amigos de escola para trás, enquanto Magalie, alegre e doce com seis anos, abraçava a mãe para fazê-la parar de chorar. "*Je t'aime mon bébé. S'il n'y avait pas toi... Se não fosse por você...*": quando ela colocava Magalie na cama nos Estados Unidos para tentar se

reconciliar com seu pai mais uma vez, os lençóis cheiravam sabão em pó. “*Mais, Magalie, nous t’aimons*”: o protesto desesperado quando Magalie ganhou o direito de voltar aos Estados Unidos sozinha aos dezesseis anos.

Numa vã tentativa de montar um lar com um namorado que dissera “Te amo” cedo demais por acreditar que fosse o que Magalie quisesse ouvir antes de transar.

Nenhuma pessoa havia usado aquelas palavras exatas com ela. Suas tias nunca as disseram. Seus avós a chamavam de *ma chérie*, *ma petite puce*, e eles *decerto* a amavam, mas nunca disseram diretamente *Je t’aime*. Seu pai, tal qual seu namorado, usava inglês, uma frase comum e da qual muitas vezes se arrependiam, pois aonde quer que sua mãe fosse, Magalie tinha ido também, o que significava que ela muitas vezes era afastada dele: “Eu te amo, meu docinho”.

As mulheres às vezes diziam isso a respeito de alguém, sentadas à mesa em La Maison des Sorcières, com o coração despedaçado: “*Mais je l’aime*”. E Magalie desviava o olhar e ia fazer um pouco de chocolate para lhes colocar a cabeça no lugar.

Ela não tinha a mínima ideia do que Philippe quis dizer. No entanto, aquilo fez algo dentro dela se enrolar cuidadosamente, pois, não importava qual era a intenção dele, só poderia ser uma maneira de induzi-la a lhe revelar os próprios sentimentos para então serem rasgados como tendões desgastados quando... quando... bem, ela não sabia quando, porque não pretendia se mudar nunca mais. Alguma mudança ocorreria, porém, e, com as emoções tão expostas, tão longe dela, em vez de contidas e fortes dentro da ilha que ela se tornara, seriam partidas em pedaços.

CAPÍTULO 27



PELA MANHÃ O APARTAMENTO estava vazio, afastando-se de seu corpo, um lugar assustador e estranho, de tal maneira que Magalie deu um pulo da cama de puro medo de que fosse criança novamente e estivesse acordando do outro lado do mundo.

Ela se ajeitou, irritada, e foi ao banheiro à procura de pasta de dente. Primeiro o mais importante. E se ajeitar sempre vinha primeiro. Seu cabelo estava uma bagunça, pois havia secado sem pentear. Ela pulou para dentro da ducha de novo e, enquanto a água escorria, penteou as mechas sem dó, levando-a às lágrimas, mas, mesmo assim, ela não parou.

Uma porta se fechou em algum lugar.

– Magalie? – Philippe a chamou. – Você tem de ver uma coisa.

Ele a encontrou debaixo do chuveiro antes que tivesse terminado o banho e... *enrubesceu*.

– Desculpe-me – ele disse, virando-se, como se tivesse entrado enquanto ela ainda estava despida, o que realmente aconteceu.

Ele também, aparentemente pego na própria contradição, começou a se virar, hesitando, um pé se movendo em direção à porta e na direção contrária várias vezes, como se seu corpo não soubesse para onde ir.

Ela desligou o chuveiro e não conseguiu encontrar a toalha, uma vez que estava no chão perto da cama.

Philippe tomou uma decisão sobre o que seu corpo deveria fazer, e então voltou e olhou para ela. Sorriu, seus olhos brilhavam de prazer ao percorrer seu corpo que pingava, mas a vergonha era enorme.

Ela tremeu, arrepios causados pelo ar frio e a pele molhada, além da consciência de estar exposta e de que não sabia o que fazer naquela manhã seguinte.

– *Pardon* – ele disse e esquivou-se para sair do banheiro e trazer uma toalha grande.

Magalie se enrolou nela confortavelmente. Acima da linha da toalha branca e macia, cada centímetro de seu peito, ombros, garganta e rosto nus deveriam ser um contraste de vermelho também. Talvez ele culpasse a água muito quente por isso.

O sorriso dele não alargou, mas ficou mais profundo, como um bom chocolate quando o cacau era misturado, enriquecendo-o. Não importava a razão pela qual ele achasse que Magalie estava tão vermelha, Philippe parecia gostar do que via.

– *Viens voir* – ele pediu sua mão e puxou-a. – Você tem de ver isto.

Ele a levou para a janela de seu quarto e abriu as cortinas com um toque, como se fosse um assistente de mágico. Philippe ficou observando o rosto dela enquanto examinava os grandes flocos de neve que caíam e cobriam as ruas de paralelepípedos lá embaixo. A camada de neve na rua ainda era fina o suficiente para que se visse o chão cinza-escuro através dela. No entanto, o antigo trilho de ferro da janela do apartamento tinha uma boa camada de neve presa a ele.

Neve em Paris. Durante a noite, já havia começado a nevar para eles. Ela suspirou só de pensar na magia daquele momento.

– A padaria não abriu – ele disse. – Creio que as ruas estejam cheias de gelo. Espero que goste de iogurte. Senão podemos ir às minhas cozinhas, e... – Ele olhou para ela com um sorriso e com algo mais que lhe provocou uma excitação pelo corpo. – Eu posso fazer o que você quiser.

Philippe disse aquilo com a certeza de que poderia fazer qualquer coisa que ela quisesse e ainda melhor do que qualquer outra coisa que já tivesse provado na vida.

– Eu normalmente como ovos e bacon – ela disse, repreendendo-o.

– Como uma norte-americana? – ele questionou surpreso, e Magalie percebeu que ele não conhecia aquela outra metade dela. Então, ela pensou profundamente tranquilizada, de fato pertencia àquela ilha no coração da França.

– *Tu es une plaie* – ele comentou, divertido. *A pain*. – Eu *não* sei fazer ovos e bacon – disse da maneira que um príncipe diria que *não* sabia encerrar o chão. – Mas ficarei muito feliz em fazer o mais requintado *kouign-amann* que você já experimentou.

Um *kouign-amann* era uma difícil mistura bretã de manteiga, açúcar e massa em camadas elaboradas em três dias: virando-a, enrolando-a, esfriando-a e dobrando-a. Ela provavelmente enlouqueceria preparando um. As miniaturas de Philippe eram famosas em todo o mundo, e sem dúvida ele deveria ter alguns no estágio final de produção naquele momento no frigorífico em seu *laboratoire*.

A loja deveria estar fechada em função da neve, senão ele estaria lá naquele horário. Ele teria de jogar fora centenas de dólares em *pâtisseries* por ter permanecido fechado naquele dia. E ele não havia reclamado por um só instante a respeito.

– Você realmente não sabe fazer ovos e bacon? – ela perguntou intrigada.

Ele parecia revoltado:

– Por favor.

– Como você não sabe fazer um ovo?

– Eu não disse que não sei fazer – ele disse com relutância, como se tivesse de ser colocado a teste para fazê-lo. – Tenho certeza de que poderia fazer qualquer coisa a que me despusesse.

Ela tinha de rir da jovial falta de consciência de sua arrogância.

– Entretanto, por que o faria, eu não sei.

– Para não ficar diabético – ela comentou rispidamente. – Você precisa comer algo que não seja doce.

Ele envolveu um braço sobre os ombros dela e a abraçou de lado, um impulso que a desarmou.

– Eu amo restaurantes. De verdade – ele acrescentou quando ela revirou os olhos. – Eu os adoro. Eu adoro ter os melhores *chefs* do mundo ou aqueles secretos desconhecidos cozinhando para mim. Adoro

olhar os cardápios que trazem para mim. Adoro ouvir os *sommeliers* aconselhando sobre vinhos, eu amo planejar uma refeição como uma rota de explorador com todas as escolhas.

Ele a deixou faminta por algo, em pé sob o calor de seu braço, observando a neve fria e gloriosa, ouvindo-o descrever seu prazer. Ela havia experimentado novos restaurantes com a família; ela gostava disso. No entanto, Philippe fazia tudo soar como uma lareira num dia muito frio. Noites com ele em restaurantes pareciam algo em um futuro distante, cheio de emoções e descobertas.

Quando Magalie parou de fitar a neve e direcionou o olhar para Philippe, ele a estava observando daquele jeito mais marcado que apenas um sorriso em seus olhos, como se ele também tivesse tido a visão dela sentada à mesa de um restaurante à sua frente.

– Eu não costumo comer as sobremesas – ele admitiu –, mas às vezes me sinto tentado. Então... – Ele apertou os ombros dela contra ele – *Kouign-amann ou yaourt?* Se houver algum restaurante aberto nesta cidade, prometo um excelente jantar.

Ela engoliu em seco, não muito certa do que fazer com o calor que deslizava em seu interior. Suas emoções ainda desejavam mergulhar em tudo aquilo.

– Eu realmente vivo de fruta e iogurte, e *dal* e curry da tia Aja. E, no inverno, a tia Geneviève adora fazer grandes panelas de sopa.

Ele a virou para encará-lo, ainda em sua toalha, a neve deslizando na janela ao lado, os olhos de Philippe brincando com o calor e o desejo e algo mais, que parecia dar significado àquelas duas palavras da noite passada.

– *Bon Dieu.* Eu tenho um mundo novo inteiro de sabores para oferecer a você.

Ele disse isso como um homem que não podia imaginar um presente melhor.

Ela também não podia imaginar algo melhor.

O que a admirava era como ele desejava tão claramente lhe dar o mais precioso dos presentes.

Philippe aproximou as mãos dela de seu rosto e beijou a parte interna de cada pulso, próximo à base da palma.

– Venha brincar comigo na neve, Magalie.



Neve em Paris era um presente. Um presente raro para os que lá moravam ou para os visitantes que esperavam um milagre.

Magalie e Philippe, que acordaram muito cedo, foram os primeiros a deixar pegadas na neve na rua, antecidos apenas pela curta viagem dele à *boulangerie* fechada. Assim que chegaram ao final da rua, somente um par de pegadas aparecia lá adiante, na rua perpendicular à dele; quem sabe quem as fizera ou aonde estava indo ou com o que estava sonhando? As pegadas do estranho sumiam rapidamente. As luzes da rua brilhavam pelos flocos espessos.

Philippe tinha colocado o cabelo dela sob uma de suas toucas de esqui, uma bem extravagante de tricô com tranças coloridas penduradas, culpa da irmã, e que o fazia rir cada vez que a via. Entre suéter e casaco, Magalie estava usando um dos suéteres dele, como uma camada extra. Não estava nem tocando sua pele, nem estava visível a ninguém que olhasse, mas a aninhava de maneira especial, um casulo secreto, um escudo invisível de super-herói de calor que era mais do que apenas físico.

Ele estava usando uma touca cinza de tricô consideravelmente mais elegante.

– Por que eu tenho de ficar com a touca que sua irmã deu para tirar sarro de você em uma estação de esqui, enquanto você fica com a que veio de Faubourg Saint-Honoré? – ela inquiriu descontente.

Ele torceu uma das tranças de tricô.

– Porque sou maior. – Sua mão enluvada segurou o queixo dela, acariciou a bochecha, e tirou um floco de neve de sua sobrancelha. – Você se lembra de quanto desejava neve no Natal quando era criança? Esta é para compensar todas as vezes que ela não veio.

Ele se curvou e beijou a neve de seus lábios, derretendo entre pequenos brilhos de frio.

As ruas debaixo de nuvens de neve espessas ainda estavam cinza, os flocos caindo grandes e devagar, como pequenas penas que flutuam do céu. Anjos flutuantes, Magalie pensou caprichosamente, tentando apanhar um. Ele repousou em sua mão por apenas um segundo sobre a luva.

As luzes da rua ardiam de forma mágica pelos flocos de neve, como se alcançassem o presente através de camadas do tempo. Quando entraram na Place des Vosges, todas as luminárias ao redor da praça brilhavam pouco, daquela maneira antiga, mas durou apenas um momento: logo depois, elas piscaram e foram apagadas por causa do dia que nascia serenamente debaixo daquele lençol de neve.

Contra as barras da cerca que circundava a praça, bicicletas e motocicletas encostadas estavam acumulando camadas de neve. Os enormes edifícios simétricos de tijolinho à vista e pedra os emolduravam; a neve lentamente cobria os telhados de ardósia azul, deslizando pela inclinação íngreme, procurando abrigo. Magalie e Philippe ficaram em pé embaixo de um dos arcos, protegendo-se por um tempo, enquanto as pessoas davam sinais de vida na cidade ao seu redor, mas o parque enchendo-se de neve era uma tentação, e eles voltaram sob os flocos que caíam.

Outras pessoas começavam a sair agora, estimuladas pela ideia de ver a Place des Vosges sob a neve: outro casal do outro lado do jardim, uma mãe e um pai com duas crianças que pulavam para cima e para baixo do lado deles. A neve acumulava--se nas beiradas das fontes de dois andares. E ficava presa aos galhos das árvores sem folhas simetricamente enfileiradas. Dois adolescentes surgiram do outro lado do parque, um perseguindo o outro com uma bola de neve na mão. Um homem tirou seu Jack Russell da coleira, que correu latindo e rolando na neve.

– É lindo – Magalie disse com doçura. Uma das mais lindas cenas de sua vida.

– Não posso *acreditar* na minha sorte – comentou Philippe. – Eu estaria jogando pedrinhas na sua janela, tentando fazê-la descer para compartilhar este momento comigo.

– Eu teria saído para ver a neve sozinha – Magalie respondeu, sentindo--se afrontada. Era difícil saber se ela teria ido perambular pela cidade sob a neve, mas com certeza teria explorado o parque na ponta da ilha, e os cais, e a Notre-Dame. Provavelmente, teria ido tão longe quanto seu rei verde na Pont Neuf.

– Eu sei, Magalie – ele disse secamente. – Vir comigo, no entanto, é o que torna especial. Vamos fazer um boneco de neve.

Não havia neve o suficiente para isso. Philippe foi o primeiro a desistir de fazer uma bola de neve de tamanho suficiente para a base do boneco e, em vez disso, jogou a neve nela.

Ela rebateu a bola direto nele, rindo, e correu pelo parque, abaixando atrás das fileiras de árvores e das fontes como o grande *pièces montées*. Magalie, prestando mais atenção ao que estava atrás dela do que para onde estava indo, teve de derrapar ao parar e desviar de um carrinho de bebê, cujo plástico transparente amontoava neve, e acabou caindo de bunda.

Philippe alcançou-a a passos largos e levantou as pernas dela, limpando a neve de seu traseiro com mais apuro do que era necessário.

– *Pardon* – Magalie desculpou-se à mãe que empurrava o carrinho. No entanto, a mulher a censurou com o olhar e continuou seu trajeto.

Magalie olhou para os saltos altos e quadrados da mulher e para as suas botas de salto baixo. Que droga, será que a culpa foi dela mesmo?

Philippe riu dela, lendo seus pensamentos.

– Você pode compensar isso quando a neve derreter. Tenho muitas ideias para coisas que você pode fazer usando botas. – Ele emitiu um som que mostrou pesar. – Ideias demais, eu suponho.

É mesmo? Ela olhou para ele, algo quente corria depressa e com força por baixo de todo aquele frio.

– *En fait*, nós podíamos pensar em uma troca em que você realizaria todos os meus desejos sexuais e eu lhe forneceria todas as botas que quisesse.

Aquilo parecia muito atraente. Ela pigarreou e tentou mostrar desinteresse.

– Incluiria botas Givenchy?

– Magalie, não me diga que você está disposta a prostituir-se por roupas e não por meus *macarons*? Que coisa.

Os ombros dela caíram.

– Talvez eu me propusesse apenas por seus *macarons* – ela admitiu tristemente. Agora que ela já havia experimentado um, a boca já enchia de água quando pensava em experimentá-lo de novo. Ela não tinha mais moral. Na realidade, não era nem uma questão de moral, porque, como sua tia Geneviève, Magalie achava que essa questão de moral era algo criado pela tia Aja para perturbá-las. Era apenas força de caráter. – Apesar de eu não me importar com um bônus – ela comentou pensativamente, lembrando-se de um par de botas...

Philippe deu uma gargalhada, puxando-a e beijando-a.

– Vai nevar o dia inteiro – ele sussurrou em seu ouvido gelado. – Por que não vamos nos aquecer por uma hora e depois voltamos aqui para o frio? Eu ouvi falar que não há nada melhor no frio do que uma xícara de chocolate.



Na praça, quando ele começou a tomar a direção contrária à de seu apartamento, ela pensou inicialmente que ele havia brincado sobre dar um tempo para se aquecerem e, em vez disso, estavam indo ao Sena para ver as pontes sob a neve.

Eles passaram o cais Right Bank e a Pont Neuf e atravessaram para ver a neve caindo sobre a estátua de Henrique IV sobre o cavalo que dominava o centro: o rei verde de Magalie. A neve cobria os monumentos e as pontes por toda a extensão cinza do rio. Voltando pela Place du Parvis Notre-Dame, eles viram outros casais fazendo guerra de bolas de neve, e alguém tinha deixado anjos de neve espalhados por toda a praça, como se um visitante celestial estivesse tomando conta da majestosa catedral.

Atrás das pilastras, eles permaneceram um pouco na ponte em forma de arco que ligava Notre-Dame à Île Saint-Louis, observando a água do rio e a neve à deriva.

Mais um casal passava do outro lado da ponte, aninhados um ao outro debaixo de um guarda-chuva.

Philippe suspirou.

– Deveria ter trazido um guarda-chuva.

Ele observou o casal se distanciando, cabelos vermelhos debaixo dos casacos tão intimamente colados um ao outro e, então, olhou subitamente para Magalie.

– Você me perguntou na outra noite por qual mulher eu havia me apaixonado. – Ele franziu a testa, como se estivesse envolvido em um grande problema estrutural com seu *pièces montées*. – Eu não entendo, Magalie. Como você poderia não saber?

Ela olhou para ele atentamente enquanto flocos de neve caíam sobre seus olhos, e tinha de piscar, de modo que se tornavam teias de gelo entre os cílios.

Eles iam *falar* sobre aquilo? Uma coisa era murmurar isso enquanto caía no sono depois do sexo intenso, outra era discutir o assunto durante o dia.

Entretanto, ele não parecia temer o assunto. Pelo menos, não sob aquela neve de contos de fada.

– Quero dizer, Magalie. Estou ocupado. Acontece, às vezes, de uma de minhas sobremesas ser deixada no prato. Não é muito *frequente* – ele acrescentou, como se pudesse contar as vezes como machucados no corpo –, mas talvez por uma pessoa anoréxica que goste de se torturar. Ou por uma grávida, cujos hormônios de repente se revoltam ao ver o que ela tanto desejava. Ou... ou... talvez por algum homem de negócios que esteja tentando sobreviver a uma reunião, mas pega uma gripe e seu nariz entupido bloqueia e destrói seu paladar. Quero dizer, *acontece*.

Magalie colocou a mão ao redor do antebraço dele e deu-lhe um tapinha de consolação. Sua boca contraiu-se, pois era mesmo muito difícil imaginar qualquer outra razão para deixar no prato uma sobremesa de Philippe Lyonnais.

– Eu não fico atrás de receitas novas e melhores até que eles sucumbam – Philippe fez uma pausa. – Bem, não diretamente – ele admitiu. – Eu posso até criar algo novo *para o mundo todo* a qualquer

hora que isso aconteça, mas não vou ficar perseguindo o masoquista que não quis comer um doce para tentar conquistá-lo.

A boca de Magalie permaneceu fechada em teimosia. Aquela palavra *sucumbir* não combinava com ela. Parecia que ele a comparava a um *crème brulée*, com uma cobertura bonita e brilhante de caramelo no topo, mas por dentro mole e vulnerável.

Ou a um ovo cru escoando pelo meio. Ela se fechou.

– Você está ouvindo o que estou dizendo ou está apenas ficando brava?

Ela o olhou. Os ombros dele tinham camadas de neve, os cachos de seu cabelo que escapavam da touca estavam úmidos pela neve, tornando-o castanho-escuro, escondendo os fios dourados. Ele era um homem atraente, forte, bonito e focado, e estar lá, em pé, observando-o por um longo tempo, fez com que ela se parecesse com a neve, derretendo de amor por ele.

Ela franziu a testa preocupada, mordendo o lábio inferior. Magalie não se sentia confortável com a ideia de se tornar água.

Ele suspirou pesadamente e também franziu a testa.

– Creio que você não está apaixonada por mim.

Magalie sobressaltou-se como se ele a tivesse empurrado da ponte, para dentro da água gelada.

– Eu... quer dizer... eu... – A consciência da presença dele, seu gosto, o sorriso que varria e abraçava o mundo. Aquele olhar perigoso de fera. Uma *pâtisserie* depois da outra colocada à sua frente para testá-la. A completa falta de habilidade de fazê-lo recuar. O *sabor* dele. A felicidade dele naquele momento. A maneira que ela havia descansado o rosto em seu ombro no chuveiro na noite anterior, colocando-a contra a parede. O toque de sua mão, ah, Deus, como se ela fosse preciosa. – Eu...

Ele não a interrompeu. Não a apressou. Ele não perdeu a paciência nem procurou encurtar o momento para poder se proteger. Philippe apenas esperou que ela desse um pulo em sua direção. Um longo caminho até ele. A neve escorregadia estava realmente atrapalhando-o.

Sem palavras, o que lhe restava era encará-lo. Imaginando se ele se viraria e iria embora.

– *Intéressant* – ele disse finalmente, com a voz um pouco baixa, quando ficou óbvio que ela não tinha mais nada a dizer.

Ele lhe pegou pela mão e levou-a em direção à ilha.

– Vamos nos aquecer.



Ele entrou em sua loja escura e vazia, que parecia um ótimo lugar para ficar com ela. No entanto, não tirou o casaco, apenas ficou ali por um momento com as mãos nos bolsos, olhando a vitrine em arco do palácio ornamental.

– Que tal aquele ali? – ele disse, apontando com o queixo.

Magalie o seguiu até uma fileira de éclairs, bombas de chocolate brilhantes e perfeitas, que ganharam como os melhores de Paris três anos seguidos. Longos, grossos, com a ponta arredondada e... ela olhou para Philippe indignada, o rubor subindo-lhe a face.

Ele parecia inocente, mas continuava a pressionar os cantos da boca.

– É chocolate – ele ofereceu ingenuamente.

Mesmo um dia depois de feitos, eram provavelmente muito deliciosos. O tamanho ideal para ser abocanhados por ela, afundando os dentes na superfície reluzente do chocolate escuro, encontrando o creme de chocolate que se espalharia pelo interior de sua boca...

Ela engoliu em seco e mordeu os lábios, pressionando o mais forte que podia.

Um rubor também atingia as bochechas dele. Assobiando um pouco quando conseguia produzir o som em meio ao sorriso, movendo-se resoluto de modo que a fizesse imaginar o que exatamente acontecia debaixo daquele casaco, Philippe tirou as luvas e puxou uma das caixas que ficavam debaixo da vitrine.

– *Allez*, Magalie, o que é mais tentador para você aqui?

Involuntariamente, seus olhos se dirigiram a ele. Philippe era grande e forte, e controlado, os cabelos encaracolados escuros sob o chapéu molhado, a energia parecendo preencher todo aquele lugar elegante.

Tinha uma gota de água nos cílios, neve derretida. Ele olhou para cima em função de seu silêncio e a gota caiu em sua bochecha.

Philippe riu quando percebeu que Magalie o fitava, uma sensação de triunfo rápida e quente, que a deixou tonta de prazer, mas também fazendo-a querer bater os pés e dizer que não era um troféu.

– Puxa, obrigado, Magalie.

Ela empinou o queixo.

O olhar foi diretamente para a garganta dela.

– Posso dizer que o elogio é inteiramente recíproco?

Ela enrubesceu de prazer sem querer, lembrando-se mais uma vez da noite anterior quando se sentiu livre, forte e orgulhosa em sua nudez, tal qual lady Godiva. Ser a coisa mais tentadora naquela sala cheia das mais famosas tentações do mundo... Como ele podia dizer aquilo? Será que era verdade o que sentia por ela?

Ele se moveu de modo impaciente, surpreendendo-a com o jeito descuidado, escolheu meia dúzia de *macarons* e doces e encheu a caixa. Ele não costumava ser impaciente, em especial com suas obras de arte.

– *Tiens. On y va.*

Na saída, Philippe levou o telefone ao ouvido.

– Vocês conseguem se virar com as vans?

Magalie olhou-o surpresa.

– Vão em frente e peguem tudo das vitrines quando puderem dar um pulo lá – disse ele. – Eles podem até fazer alguém feliz. *Oui, bien sûr, à tout à l'heure. Restos du Coeur* – ele explicou a Magalie dando de ombros quando desligou.

Era a organização de caridade que distribuía sopas em vans para os necessitados e famintos.

– Você parece conhecê-los bem.

– Bem eles passam por aqui três vezes por semana. Não há muito que eu possa vender que tenha sido produzido no dia anterior. – Ele deu de ombros novamente, parando antes da entrada do prédio de Magalie. – Não é só a minha loja que não vai poder abrir hoje. – E deu um sorrisinho.

Ela desviou o olhar, o coração muito apertado de novo. Philippe pegou a mão dela pelo dedo indicador e cutucou a ponta da luva contra o

painel de códigos.

Então ela percebeu que aquele tinha sido o objetivo dele desde pelo menos a Place des Vosges. Não voltar a seu apartamento, pois queria ir à casa dela. Conforme Philippe ficava em pé perto dela, e, portanto, crescia sobre Magalie naquelas botas de neve idiotas, sua vontade era de envolver o corpo dela, forçando-a a revelar o código com seus olhos famintos.

Ela estreitou a visão e, só para ser completamente irritante e manter alguns limites, colocou o ombro e sua mão esquerda sobre o painel, bloqueando a visão dele.

– Bacana, Magalie – a voz dele era fria. Assim como as tias, ela era completamente avessa a repreensões; apesar disso, ficou incomodada. A manhã na neve, os sussurros em seu ouvido, o coração de uma sobremesa cuja beleza havia subjugado seu coração, e agora ela escondia o código de entrada de sua casa. Talvez em função do poder do coração cor-de-rosa. – Qualquer garoto de entregas pode ter esse acesso, mas eu não?

– Não me preocupo com garotos de entrega – ela disse e percebeu tarde demais que admitir aquilo não estabeleceria nenhum limite.

Ele lançou um olhar penetrante em sua direção, relaxando a linha da boca.

– Você está preocupada comigo? – ele murmurou conforme a seguia escada acima. Sua voz vinha da altura da linha do quadril dela. Magalie estava usando um longo e pesado casaco. – Quando o tempo melhorar, será que você poderia colocar uma saia curta e uma meia-calça de renda e me deixar acompanhá-la até sua casa escada acima? – ele sugeriu, fazendo o traseiro dela enrijecer e a parte de trás das coxas formigarem. Será que esse homem sempre tinha alguma fantasia em relação a ela?

Que ideia excitante.

Magalie não disse nada, mas estranhamente lhe ocorreu que *não* havia razão para não se verem na primavera. Estavam no meio de fevereiro, o clima mais quente viria em poucos meses. E ela não planejava se mudar de cidade, então...

Suas sobrancelhas juntaram-se, imaginando se ela poderia levar isso adiante.

Era difícil acreditar na felicidade vinda de outra pessoa, mas... havia tanta dela emanando dele. O coração de Magalie estava apertado, dificultando a respiração.

Ele olhou com reprovação para a maçaneta, dando-lhe um puxão para ter certeza de que estava trancada.

– Magalie, *sérieux*, alguém poderia quebrar esta tranca com um forte pontapé.

Ela passou entre o espaço de seu braço, seu corpo e a madeira, subitamente encantada com toda aquela sensação. Seu tamanho, sua proximidade, sua presença ali na porta, a neve ainda derretendo neles, o aroma perdendo a dureza. Do outro lado da porta estava seu refúgio, mas, com a proximidade dele, qualquer solidão ou frio esvaíam-se.

Philippe colocou os dois braços para cima pressionando a cabeça contra a parede.

– Posso entrar, Magalie? – A voz suplicante a fez perceber quanto ele desejava aquilo. Como ele havia planejado com cuidado tudo desde cedo, talvez até antes.

Ela tinha uma escolha. Parecia doce e por isso mesmo assustador ficar na ponta dos pés, beijar aqueles lábios gelados e destrancar a porta.

CAPÍTULO 28



PHILIPPE ESTAVA NA TORRE da bruxa, e tudo o que podia fazer era não levantar a espada da vitória. Ele não queria que Magalie o enxotasse. Não havia nenhum espinho visível lá embaixo que pudesse cegá-lo, mas era uma grande queda mesmo assim.

Ele ocupou o pequeno espaço entre o fogão e a janela que ia do chão ao teto e que abria para as grades de ferro de uma falsa sacada de frente. Seu corpo bloqueava o frigobar e parte do balcão, mas ele fazia de propósito. Philippe estava adorando ter de se mover cada vez que ela precisasse passar, de modo que esbarrasse nele. Estava gostando tanto que a espada da vitória estava meio óbvia, agora que havia tirado o casaco. Ele mantinha as pernas abertas, não escondendo nada, imaginando o que ela faria tomando consciência daquilo.

Magalie havia tirado as botas cheias de neve na porta, e ele também, mas, lançando-lhe um olhar furtivo, ela havia colocado as botas de cano alto, transformando-o instantaneamente em lava derretida. Agora, mexia o chocolate, e ele podia muito bem ser o caldeirão, que borbulhava e derretia a cada mexida com a colher, engrossando, e subindo, e batendo nele, até que um estalar de dedos por trás da madeira a fizesse perceber como ele estava louco por ela.

Ele podia muito bem lhe dizer. Ela parecia gostar.

– Você não tem ideia de como isso me excita. – Estar em seu ninho inviolável, com a neve deslizando nas janelas e ela mexendo o chocolate

que era um símbolo de aconchego e de tentação ao mesmo tempo. Que diabo de botas! Ele estava descalço, um pequeno sinal de vulnerabilidade e também de que estava à vontade, e ela com aquelas botas que sabia que Philippe tanto desejava. Ele estava no céu.

Seus seios subiam e desciam com as palavras. Ele sorria um pouco, olhando a Torre Eiffel e seu nome lá embaixo na rua, embaçado por causa da neve. A vida era muito, muito boa.

Ele tinha muito trabalho para fazer, mas Deus sabia que ele estava amando tudo aquilo.

Philippe percorreu os olhos pelo quadril dela, pelas coxas e pelas botas de couro de cano alto, e tentava manter o sorriso contido, para não abusar da sorte. Claro, ele nunca havia se ausentado no trabalho.

– O que você está desejando para mim desta vez? – Ele sonhava em correr as pontas dos dedos pela cabeça dela, e então deslizar por toda a coluna até chegar àquele quadril roliço, e entrar em suas botas e na saia ao redor das coxas quando percebeu que provavelmente *podia* fazer tudo isso. Ela não jogaria a panela de creme sobre sua cabeça.

Então ele o fez: da divisão dos cabelos dela, a fivela que segurava o coque, ao longo da coluna, na nuca nua, de novo pela linha das costas, na parte inferior da coluna, chegando ao quadril, e sob a beirada de couro, seguindo até a parte interna das coxas.

Ela flexionava as costas ao toque da ponta de seus dedos, e a penugem em sua nuca arrepiou-se. Ele pensou com satisfação visceral que estava ficando dolorosamente excitado. Magalie o desejava. E Philippe tinha o que ela queria.

Ele mantinha o dedo em sua bota, lá na parte interna da coxa, com malícia premeditada, deixando-o e mexendo-se de vez em quando; os outros dedos desciam pela coxa, como se fosse fazer algo mais ousado com eles. Contudo, era só provocação.

Era tão delicioso ser cruel. Principalmente com alguém que o esfaqueou lá na ponte sob a neve.

– Está desejando que eu derreta? – sugeriu ele, subindo o polegar bem mais para cima da coxa interna e depois enfiando-o com delicadeza, como se estivesse inadvertidamente perdido. A boca de Magalie

entreabriu-se, e mordeu o lábio inferior. A cabeça curvada tentava indicar que precisava prestar atenção ao chocolate.

Até então, ele não sabia que era sádico.

– Ou vai tentar me transformar em fera? – Ele fingiu que seu dedo estava desconfortavelmente preso entre o couro e a legging e que tinha de soltá-lo. Os outros dedos tocavam-na ao acaso, com seu esforço sobre o que quer que estivesse ao alcance. Havia um território muito interessante que poderia ser acidentalmente tão tangível. – Ou talvez apenas aquecer um homem em um dia de frio?

Ela levantou os olhos totalmente aturdidos, a boca aberta para ele, o olhar colado em seus lábios.

Ele apertou a coxa dela levemente para agradecer-lhe pela vitória e soltou a mão, e aí foi até a outra janela, uma que ele tinha de se ajoelhar sobre a cama para poder olhar para fora. Seu corpo mostrou a Magalie que ele não só era sádico como também um masoquista, e divertia-se em pensar em abandoná-la ali.

Parecia que ele a tinha esbofeteado quando disse que a amava. Será? Ah, com certeza ele se divertiria muito naquela tarde.

– Beba e descubra – ela o provocou.

Ele deu um sorrisinho malicioso para a neve lá fora. *Frustrée, Magalie?*

Philippe levantou-se da cama, os joelhos marcavam território no edredom uma promessa do que estava por vir. Ela o deixaria ir para sua cama. Com certeza, sim. Se ele fizesse tudo direitinho até o final, Magalie o amarraria naquela cama e nunca mais o deixaria ir.

Seu babaca cruel, pare de nos torturar com essas imagens, o corpo dele lhe implorava.

Ele voltou para bebericar um pouco de chocolate. Magalie lhe ofereceu quente, bem quente, e ele ficou ali brincando um pouco, assoprando, finalmente bebendo um gole. Aquele gole percorreu todo o seu corpo e tomou seu coração.

Philippe ofereceu a ela seu mais vingativo sorriso:

– Não me sinto nada diferente.

Ela colocou a própria xícara sobre o balcão, sem esforço nenhum em beber. Ele nunca a viu tomando o próprio chocolate. Era um sinal para

que um homem ficasse alerta em relação a veneno.

Ele se inclinou e beijou-a intensamente, separando a linha que sua boca havia se tornado, transformando-a em algo aberto e macio, maleável, assegurando que ela pudesse experimentar o próprio chocolate.

– Experimente alguns dos meus doces, Magalie – ele abriu sua caixa cheia de iguarias.

– Você nem os fez para mim. – Ela parecia carrancuda a respeito de seu chocolate ou de sua tormenta, talvez uma combinação dos dois. – Eles estavam lá na loja.

– Magalie, tudo o que tenho feito nas últimas semanas é para você.

A sisudez diminuiu. Os olhos altivos colaram-se aos dele, da mesma maneira que havia acontecido inúmeras vezes na noite anterior e pela manhã, como se à procura da verdade através daquela fachada. *Que* fachada? Ele nunca foi nem remotamente sutil com ela.

Ela olhou de volta para a caixa, e Philippe soube, mesmo antes que Magalie provasse algo, que ela faria qualquer coisa para retomar o poder, apenas pelo jeito discreto e tímido com que ela curvou a boca. Devagar, ela deslizou um dedo com a unha perfeitamente pintada pela massa do éclair, logo abaixo do chocolate reluzente. O corpo todo dele foi pego de surpresa nesse esforço de subjugá-lo.

Magalie tirou a bomba de chocolate do papel em que estava embrulhado, e a mão a manuseou com todo cuidado até levá-la à boca. Seus lábios a envolveram, Philippe ainda podia ver o brilho de seus dentes brancos antes de fechá-los sobre o chocolate. Ela deixou seus cílios se fecharem e seu corpo soltar um longo e pequeno suspiro de prazer.

Ele estava totalmente excitado, uma força que tomava conta de seu corpo e o balançava da forma que quisesse. Philippe alcançou a maçaneta de um dos armários, segurando-se, clamando por sua vida.

– Magalie – ele pronunciou como um alerta letal. – Eu ia fazer isso com você de qualquer forma, mas agora você realmente vai pagar.

CAPÍTULO 29



MAGALIE ESTAVA PENSANDO em tomar controle da situação, a boca ao redor daquela guloseima tão sedutoramente sugestiva, quando Philippe a tirou de suas mãos, deixando creme em seus lábios e a deixando irada. O que ele tinha na cabeça em relação às promessas quebradas e tão atormentadas? O toque se fora, o gosto se fora! Ele não tinha entendido a mensagem com a bomba de chocolate? Por que não podia ser sua vítima? Ele parecia ter gostado na noite anterior.

Philippe enrolou o cabelo dela na mão, puxando sua cabeça para trás, observando aquele creme em seus lábios. Magalie sabia o que ele queria que ela fizesse, e estava evitando, mas não era possível, não podia deixar o creme preso à boca para sempre. Involuntariamente, ela passou a língua para removê-lo.

Philippe mostrou os dentes em total triunfo, os olhos dilatados em um tom azul muito escuro.

– Boa garota – ele disse em tom de aprovação, e ela ofegou. Ela havia feito aquilo *sob seu comando*.

Apesar disso, parecia uma recompensa perturbadora e erótica por um bom comportamento quando ele a levantou do chão e a beijou, profunda e cuidadosamente, sem pressa de terminar. Empurrando-a contra a janela gelada de vidro, para que se infiltrasse em suas costas enquanto o calor consumia seus seios e abdômen e suas coxas ao redor dele.

Ele a beijou... para sempre. O tempo parecia embaçar até não restar mais nada, apenas o corpo e a boca de ambos. Até que ela ficasse totalmente presa em sua torre, não sozinha, mas com um homem e sua virilidade e seus lábios e seus dentes e sua boca. Até que estivesse lá para sempre, a nova lady de Shalott,¹ entrelaçando corpos em vez de linhas, e uma maldição seria colocada nela se permanecesse ali. Ela o envolveu nos braços tão firmemente quanto podia.

Philippe direcionou a pélvis dela à sua excitação, ajustando os quadris de Magalie a cada mudança no ângulo do beijo. Como podia ficar tão excitado e ser tão contido em sua ânsia? Ele só a beijava, a beijava, a beijava, até que toda a vida dela se esvaísse. E restasse apenas a boca dele. Apenas o corpo dele.

Ele os guiou para a cama e produziu um som entredentes assim que a deitou, uma mão dobrando as cobertas, como um grande gato ao tomar posse.

Rolando sobre Magalie, tirou o suéter, e depois o dela, e então a blusa que vinha por baixo, rindo, triunfante a cada camada, como aquele tipo de pessoa que se deleita com a brincadeira de uma caixa dentro da outra.

Ela estava acostumada a tremer quando se deitava na cama no frio, mas ele se livrou de tudo, seu corpo emanava calor por todos os poros.

Magalie protestou quando ele quis tirar suas botas. Ela as tinha colocado de propósito. Eram sua maestria. Era o que podia usar para controlá-lo, para deixá-lo perdido em *suas* mãos.

Ele agarrou seu sexo através da legging de tricô.

– Você quer que eu a rasgue em duas?

A ameaça casual fez seu sexo fervilhar através do tricô. Será que ele conseguiria? A legging esticava e era firme e... Ele parecia conseguir.

Ela lhe estendeu a perna, parecendo em total submissão, o que a deixou muito excitada e molhada, e ele removeu a longa bota de couro, puxando-a da coxa dela, passando pelos dedos do pé e então para o chão. Fez o mesmo com a outra bota. Depois a legging. A calcinha. Quando ela estava totalmente nua, ele riu de repente, um sorriso que fez todo o corpo dela formigar com aquela deliciosa vulnerabilidade, e

Philippe recolocou as botas em Magalie, nos seus pés e coxas, o couro deslizando contra sua pele nua.

Então, ela pensou com um sentimento de alívio vitorioso, ele *realmente* queria deixar que ela o controlasse. No entanto, quando Magalie tentou levantar-se da cama para cavalgar nele de botas, ele a virou com facilidade, como se fosse um urso de pelúcia, e a apertou contra seu peito.

O pênis pressionava forte o quadril dela. O braço enlaçado a ela, prendendo-a junto ao tórax. Um dos braços estava preso entre o braço dele e a cama, cativo. Ele abraçou o outro bíceps gentilmente, de forma muito íntima.

Os dedos escorregavam para cima e para baixo naquela fissura que se abriu instantaneamente para ele. Ela não tinha como deter sua reação, já não tinha mais nenhum controle sobre aquilo. Ele a tomou.

Philippe não tinha pressa. Ele a explorou. Não que tivesse um objetivo imediato de fazê-la gozar, seus dedos pressionavam e deslizavam por suas curvas e dentro delas, como se quisesse decorar sua forma. Beliscando gentilmente como se quisesse conhecer do que ela era feita, sua consistência.

Conforme Magalie tentou se contorcer, ele a segurou mais firme, puxando-a contra o peito até que ele marcasse as costas dela com seus músculos e os seios roçassem os pelos de seu antebraço. Ele a conteve. Ela mal podia se mexer.

Então Magalie começou a rebolar, e até assim ele sabia o que fazer. Philippe a deixou rebolar contra seu sexo com o rugido de aprovação, e, quando decidiu que queria controlar aquilo também, enfiou dois dedos dentro dela. Ela soluçava e tentava deitar-se sobre seu braço, mas ele a manteve firme contra seu corpo. Todos os músculos internos contraíam-se sobre ele, como se Magalie pudesse forçá-lo de alguma maneira a tocar aquela protuberância, os lábios de seu sexo unindo-se, como se eles pudessem levar seu clitóris na direção dele.

Entretanto, aquilo não era fisicamente possível. Ela sentia o sexo duro contra ela, e como ele gostava daquilo. Philippe, porém, continuava a explorar, a seu tempo. Sem pressa. Aquele homem nunca se apressava.

– Eu não sou uma de suas *pâtisseries* – disse ela.

Ele ria.

Aquela risada a deixava louca. Ela queria odiar aquilo. Queria que seu corpo se fechasse de revolta. E, no entanto, isso só a fazia desabrochar mais, os músculos de sua vagina tremendo no dedo dele, os lábios dela se contorcendo num vão esforço de colocar a mão onde ela queria.

Os dedos ainda dentro dela, girando levemente, pressionando as paredes de seu sexo, ainda testando do que ela era feita. Magalie gemeu.

Seu polegar se dirigiu para a parte de trás da fenda.

De novo ela se contorceu, tentando se apoiar no braço dele, e mais uma vez ele a impediu sem esforço.

O calor que fluía através dela era insuportável.

– Philippe.

O polegar dele a recompensou com uma pressão extra e rápida no clitóris, o sexo dela agarrava com desespero os dedos ainda dentro dela, suas coxas tentavam enlaçar seu braço.

– Você sabe que é a primeira vez que diz meu nome? Gostei.

– Por favor – ela sussurrou. Podia sentir a virilidade dele contra seu corpo, e excitação. Como ele podia fazer isso com ela? Ele também não a desejava da mesma maneira? Ela podia fazê-lo desejá-la. Ela fodia *obrigá-lo*. Mas não tinha o controle enquanto ele a prendia daquele jeito.

Seus dedos se espalharam um pouco dentro de seu sexo. Os gemidos internos do corpo dele reverberavam no dela.

– Sim, implore – ele sussurrava na sua nuca. – Eu gosto. Diz de novo. Diz com o meu nome depois.

– Seu filho da mãe.

Ele tirou os dedos de dentro dela.

– Não, o que você disse antes.

O sexo dela se contorcia no nada, Magalie tentou se inclinar para se pressionar na palma da mão dele. Ele puxou a mão.

– Eu te amo, Magalie. Não lhe disse isso recentemente? Eu quero que você me implore.

As palavras *Je t'aime* a consumiam, parecendo desatar algo dentro dela; por outro lado, deixavam-na mais amedrontada. Combinada com a

declaração clara de que ela deveria implorar, fez um calor incontrolável espalhar-se por todo o seu corpo.

– Por quê? – ela protestou furiosamente.

– Porque eu quero, Magalie – disse ele, não deixando claro se era porque a amava ou porque queria que ela implorasse. – Eu a amo há muito tempo. Desde que a conheço. De verdade.

– Eu *sabia* que você queria que eu lhe implorasse naquela reunião.

– Lá também – concordou ele, e seu corpo cintilava com a confissão dupla. – Você já está implorando com seu corpo, Magalie. – A palma massageava preguiçosa, forte e deliberadamente perto do clitóris. – Você está tão sexy, tão molhada e tão... aberta. – Os dedos agitavam-se arditosamente sobre a parte mais íntima das curvas expostas dela.

O corpo dela agitava-se involuntariamente contra o braço preso.

– Será que você não pode se abrir para mim de outras maneiras também?

Ela tinha feito isso: ele estava em seu quarto agora.

– Se me convidar gentilmente – ele falou de encontro à nuca dela –, prometo que você vai se deliciar.

– Philippe. – Ela tentou arquear-se, mas não conseguia e murmurou um xingamento entredentes.

– Já é um começo. – Seus dedos deslizavam ao longo do sexo dela premiando-a. No entanto, ele não tocou aquela protuberância. Ele desenhava um círculo ao redor, mas não a tocou antes que sua mão continuasse a explorar.

Por que ela era tão teimosa, fechada e orgulhosa? Ela pressionou a parte de trás da cabeça contra o ombro dele.

– Você também pode ter alguma recompensa se parar de fazer esses joguinhos de poder.

– Você quer dizer, se eu desistir e deixá-la tomar o controle.

Pensando em como estava fraca, aquilo parecia uma ironia.

– Além disso, você está sempre reclamando que toda vez me meto onde não devo – ele murmurou de maneira provocativa, a ponta dos dois dedos brincando dentro dela, mas sem ir muito fundo. – Estou tentando respeitar seu território.

– Philippe... – Ela colocou tudo o que uma mulher nua, involuntariamente presa e rebolando poderia colocar numa palavra.

– *Allez*, Magalie. – O queixo áspero roçava o pescoço dela. – Fale – ele suspirou. – Estou lhe implorando para falar. Você me excita muito quando fala.

Philippe estava lhe implorando que implorasse. Como as palavras *Je t'aime* que liberaram algo dentro dela. Ela se sentiu quase protegida, agarrada a ele tão apertado e tão desamparada. Como se a força de seu braço fosse uma promessa: *Liberte-se. Eu te protejo.*

Sou tão vulnerável quanto você. O que ele não podia ser, mas...

– *S'il te plaît.* – Ela nunca tinha pedido nada a ninguém tão desesperadamente em francês antes. Ela se sentiu estranha, uma fagulha de esperança. – *Philippe.*

Ele a mordeu no pescoço como um gato e pressionou a palma com força lá embaixo, massageando o sexo dela contra o púbis. Magalie pulou sobre ele, convulsionando sobre seu abraço, o corpo se rendendo incontrolavelmente, tudo nela se dissolvendo e despedaçando enquanto ele a segurava firme, e, quando ela finalmente começou a mergulhar nele, lágrimas marejavam seus olhos.

A mão a acariciava gentilmente enquanto seu corpo convulsionava, acalmando-a aos poucos, até que ela estivesse tão exausta que quase adormecesse.

Então ele a virou deitada de costas e lambeu as lágrimas de suas têmporas como um animal com fome de sal. Ele tirou seus cabelos da testa úmida e escovou-os para trás com as mãos, segurando a cabeça dela e a beijando por inteiro, todo o rosto, abocanhando a boca repetidas vezes.

Ele colocou os braços embaixo dela e a trouxe de encontro a seu peito enquanto deslizava dentro dela, como se não pudesse ainda estar perto o suficiente. O corpo de Magalie convulsionava novamente ao redor dele, apertando-o involuntariamente no que no início ela pensou serem tremores, e ele urrou baixinho.

Magalie percorreu as costas dele com as mãos, sentindo a rigidez de seus músculos, o arco de sua espinha. Encontrou um quadril firme que se contraía, segurando-se para a estocada conforme ficava mais rígido. Ela

estava para gozar em função daquela movimentação firme e rítmica, pelo uso que ele fazia dela, pela maneira tão clara que ele gostava daquilo tudo, mas achou que ele não havia percebido, pois estava concentrado em algo bem lá embaixo no seu corpo. Ela o agarrou novamente, e seu corpo estocava ainda mais fundo dentro dela, quando ele gozou, agarrando Magalie com força.

Depois, quando Philippe se afastou dela e cada um rolou para um lado, o seu corpo se curvou contra o dele na posição em que haviam começado tudo, e ela sentiu a mão escorregando dentro dela novamente. Os músculos pesavam-lhe, e Magalie pensou que ele estava quase adormecido, aquele seu segundo ápice de prazer escondido como um segredo. No entanto, o polegar dele cooperava, e Philippe deu um beijo em seu ombro quando ela se satisfez.

Ele puxou o edredom cobrindo os dois. Não havia frio na cama nem em todo o quarto.

– Não é tão ruim assim ser invadida, não é mesmo? – ele murmurou provocador.

Ela deu um tapinha no seu antebraço. Ele aninhou a cabeça na cama sobre os cabelos de Magalie e adormeceu.

1. Lady de Shalott refere-se ao poema de Alfred Tennyson (1809-1892) publicado em duas versões, em 1833 e em 1942. Ela teria sido inspirada em Elaine de Astolat, personagem de lendas arturianas. Em resumo, a história fala sobre uma dama que passa a vida fechada numa torre até que se apaixona por Lancelot. (N. T.)

CAPÍTULO 30



QUANDO O CONTATO do Restos du Coeur ligou de volta para dizer que não conseguiria colocar a van na rua, Philippe fez uma careta e guardou o celular no bolso, olhando para a neve lá embaixo em sua loja.

– Pense num desperdício – disse ele. – E tudo que havíamos deixado meio preparado para hoje vai para o lixo também. Mas... – Ele deu de ombros. *O que se pode fazer?*

Magalie se aproximou dele vestindo seu roupão pesado, abraçando Philippe para sentir o calor do seu corpo, o frio da janela diante deles.

– Você devia fazer uma *block party* – ela murmurou.

– O que é isso? – ele perguntou sem expressão.

– É uma tradição norte-americana. É como se fosse uma *fête villageoise*, mas sua vila é sua rua. Quero dizer, todos aqui na Île estão no apartamento olhando para a neve pelas janelas. Você devia simplesmente convidar todo mundo.

Ele a fitou por um segundo antes de um sorriso branco aparecer em seu rosto.

– Seria muito divertido.

Ela devolveu o sorriso, causado pela própria ideia e pelo entusiasmo dele.

– Seria mesmo, não?

– E pensar que muitas pessoas morreriam por uma xícara de chocolate neste momento. Você sabe, é época de chocolate quente.

Ela fez uma careta:

– Nosso espaço não é grande o suficiente para acolher uma multidão.
– Além disso, ela ficava se imaginando ao lado de Philippe divertindo-se durante o evento, não lá embaixo na rua, sentindo-se exilada.

Espere um minuto. E desde quando fazer *chocolate chaud* em sua loja significava exílio?

– Mas, Magalie – ele murmurou –, você sabe que é muito bem-vinda em minhas cozinhas. *Je t'invite*.

Ela titubeou só um pouco, mas achou a ideia irresistível. Sorrindo, eles se encapotaram de novo, batendo na porta das tias ao descerem. Magalie convidando pessoas conhecidas nos diferentes prédios para que começassem a agitar os outros vizinhos: Thierry, Claire-Lucy, Aimée. Na verdade, quando ligou para Claire-Lucy, ela tinha acabado de voltar à casa de madame Fernand, depois de ter levado a cachorra para passear, assegurando-se de que a velha senhora não escorregasse na neve e quebrasse a bacia; ela prometera dar o braço à madame Fernand por todo o caminho até a loja Lyonnais.

Geneviève tinha aplicado as habilidades de uma vida toda para conseguir que Gérard passasse aquela gélida noite na casa da filha, mas ele estava lá fora, tomando conta de Geneviève com aquele olhar grotesco. No entanto, também tinha vindo pela insistência da filha, e Philippe deixou não só ele como também o pastor-alemão ficar.

– Porque... – ele riu para Magalie – ... eu tenho muita afeição por esse cachorro agora.

Magalie cerrou o punho, mas se controlou para não bater nele. Sissi, a poodle, esnobava o pastor-alemão naquele dia, ficando o tempo todo com madame Fernand, deitada sobre as enfeitadas pernas de mármore em forma de botão de rosa da elegante mesa.

Thierry trouxe todas as rosas que sobraram e deu uma para cada mulher solteira ali, fazendo algumas muito felizes. Claire-Lucy conversava animadamente com Aimée, cada uma com uma rosa nas mãos e um doce na outra, endossando seus comentários.

– É uma pena que toda aquela massa nas geladeiras tenha de ser jogada fora – Philippe disse a Magalie. Não consigo fazer todo o *kouign-amann* sozinho.

– Podemos ajudar! – Claire-Lucy exclamou ao escutar. – Apenas nos diga como.

Philippe trocou longos olhares com as cabeças de leões nos cantos do teto. Provavelmente pedindo paciência pela presunção de que qualquer um pudesse fazer os doces com apenas algumas dicas. Então, ele riu de repente, aquela risada que havia sido um dos primeiros sons que Magalie havia ouvido dele, abraçando tudo com o seu brilho.

– *Allez. Pourquoi pas?*

Um grupo em gargalhadas entrou nas cozinhas, a alegria e aventura tinham infectado a todos na festa de neve.

– Você conhece muitas mulheres – ele murmurou para Magalie conforme abria o frigorífico e as prateleiras e prateleiras de massa. – A propósito, o leite está ali. E o chocolate nos armários. Todas elas são solteiras?

Ela empinou o queixo:

– Por que quer saber?

Ele a olhou por um segundo.

– Eu ficaria muito satisfeito com o ciúme se ele não fosse tão bobo. – Pegou o telefone novamente e mandou uma mensagem de texto, e aí mostrou a ela. Era uma mensagem de grupo para *Équipe Labo* que dizia: *Eu não vou fazer ninguém trabalhar hoje, não se preocupem. No entanto, se estiverem curiosos, tem um bando de mulheres solteiras que não sabem cozinhar tentando fazer o kouign-amann nas nossas cozinhas neste exato momento.*

Era incrível, Philippe lhe disse mais tarde, como era possível andar nas ruas quando se tinha um bom motivo para isso. É como se a cidade tivesse um metrô ou algo parecido.

Meia hora mais tarde, os balcões estavam todos alinhados com mulheres e homens curvados sobre eles, alguns rindo, alguns aplicados à tarefa. Um grupo de crianças, em pé sobre banquinhos, brincava com a massa em um balcão florido. Alguém devia ter postado algo no Twitter, porque Christophe, do blog *Le Gourmand*, tinha dado um jeito de ir, muito embora seu apartamento estivesse bem lá longe na Nona Avenida, e ele parecia completamente alheio aos olhares exasperados do dono da loja.

– Olá, Chantal – cumprimentou ele, parando para ficar de pé perto de uma mulher de quem Magalie se lembrava vagamente pela habilidade de jogar o cabelo e, como muitas mulheres que iam a La Maison des Sorcières, pela sua tendência a se subestimar.

Chantal olhou para cima, enrijeceu, e parecia muito estranha, mas muito esperançosa. Alguma história antiga ali, será? Christophe considerou-a por um cuidadoso e pensativo momento.

– Você quer ajuda? – ele finalmente perguntou. – Não digo que eu chegue aos pés de Philippe, mas fiz uma grande pesquisa sobre *kouign-amann* para meu blog.

Chantal correu os dedos pelo cabelo, o que os deixou cobertos de farinha. Um pouco do pó branco acabou na bochecha de Christophe quando ela jogou as madeixas.

– Obrigada – ela disse docemente. – Seria muito bom.

De onde tinha vindo Chantal? Ela não vivia na ilha. Parecia que muitas pessoas haviam atravessado Paris na neve e acabaram ali, e a maioria pedia primeiro por um chocolate quente.

– Nossa – alguém murmurou para outra pessoa ao beber o chocolate, distanciando-se do bule de Magalie, uma coisa gigante, tão grande e pesada, que ela sentiu como se tivesse balbuciando “Problemas duplos, trabalho duplo”. – Acho que estou feliz que aquela loja das Sorcières de que lemos a respeito esteja fechada. Não quero saber o que o blog diz, o chocolate deles não pode ser melhor do que este.

Magalie rangeu os dentes. E então escreveu uma grande mensagem na frente do bule que dizia: *Chocolate fornecido por La Maison de Sorcières*.

Philippe, que ajudava madame Fernand a dobrar os *kouign-amann*, olhou na direção dela e riu bem alto.

Claire-Lucy olhou para cima com farinha no nariz e sorriu para Magalie enquanto Grégory colocava os braços de cada lado dela para ensinar-lhe como dobrar.

– Isto é fantástico – ela disse. – Nunca mais vou esquecer esta tempestade de neve.

Magalie, mexendo o chocolate, cerrou os dentes num protesto indignado. Philippe lhe lançou um sorriso ácido.

Um minuto depois, ele ajudou madame Fernand a colocar seu *kouign-amann* numa panela e depois foi colocar o braço em volta dos ombros de Magalie.

– Deixe-me beber um pouco.

– Você gosta de viver perigosamente, não? – Magalie balbuciou, enchendo a xícara, mas não podia colocar seus encantos nele quando era feito para tantas pessoas.

– Achei que fosse óbvio. – Ele levantou a xícara com os demais. – Um brinde de chocolate – disse, e no mesmo segundo sua voz poderosa trouxe toda a atenção para si. Até a de Claire-Lucy, e olha que ela estava entretida com Grégory ensinando-a dobrar os doces sobre os seios. Philippe puxou Magalie confortavelmente à sua frente com as costas viradas para ele. – À Magalie Chaudron, que teve a brilhante ideia de dar esta festa e tão graciosamente concordou em fazer o chocolate em minhas cozinhas para todos vocês.

Bem, pelo menos, ele apresentou um comportamento digno, Magalie pensou. Dando-lhe crédito pelo que merecia crédito. Ela levou um tempo para perceber a maneira como todos a olhavam: surpresos, divertidos, agradecidos, indulgentes, incrédulos, e pensativa no caso de Aja e ultrajada no caso de Geneviève. Era mesmo uma variedade grande de sentimentos. E então todos olharam para Philippe. Magalie se virou para checar a expressão dele.

Presunçoso. Extremamente presunçoso.

Ele havia anunciado *posse* sobre ela para toda a ilha, era isso? *Pois sim, eu venci a batalha, muito obrigado, e agora ela é minha.*

Philippe acenou com a xícara de chocolate generosamente, mostrando que convidava a todos a continuar comemorando sua vitória.

Ela se virou para ele para que não vissem como havia cerrado os dentes.

– Um dia eu ainda te mato – disse, entredentes.

– Acredite, eu já percebi isso algumas vezes nas últimas vinte e quatro horas. – Ele tomou um gole de chocolate. – Mas um homem tem de morrer um dia, e é difícil imaginar uma melhor maneira de isso acontecer.

E, enquanto Magalie pensava sobre o significado que ele tinha dado à ameaça, enrubescendo e lutando desesperadamente para não derramar todo o caldeirão de chocolate sobre a cabeça dele, Philippe *torceu o nariz dela* de maneira que todos pudessem ver e saiu para se assegurar de que os convidados *deles* estavam se divertindo.



No final, quando todos estavam tontos de tanto doce, tia Aja organizou uma sopa, e as cozinhas de Philippe ficaram cheias de panelas com algo que borbulhava temperado com curry. Ele e Magalie pegaram tigelas de sopa e se sentaram a uma mesa mais recostada, perto de uma das grandes janelas de vidro, levemente protegida do ambiente do restante por um pilar.

A neve havia diminuído, mas a rua lá fora ainda estava linda, apesar ou por causa das pegadas que estavam em todo lugar e mostravam o movimento de parisienses na ilha. As luminárias brilhavam belamente contra o gelo reluzente, ouro rico que aquecia a neve.

– Você prefere dormir na minha casa ou na sua? – perguntou Philippe, e ela colocou as mãos sobre sua tigela numa manifestação involuntária de felicidade. Estranho como algumas das vezes que ele demonstrava arrogância pareciam perfeitas.

E, ainda mais estranho, ela não tinha certeza de que se importava com a resposta. Embora muito ligada a sua casa, ela achou que qualquer uma das opções era boa e disse:

– Sua cama é maior.

Ele riu:

– Isso tem prós e contras.

– Mas a minha é mais perto, melhor para irmos a pé na neve.

– Isso também tem seus prós e contras – ele riu. – Eu gosto de caminhar com você na neve, mas também gosto de ficar enfiado em seu apartamento, olhando a neve.

Ela sorriu, sentindo uma paz, como se estivesse relaxando num colchão macio de felicidade e nenhuma daquelas escolhas fosse errada.

– Vamos ver se a festa não vai acabar muito tarde.
Ele tomou um pouco da sopa, arqueando de prazer.

– Sua tia cozinha assim sempre?

Ela sorriu, tendo uma visão estranha dele na mesa de jantar. Decerto mudaria o funcionamento das coisas. Na realidade, Magalie não sabia se as pernas dele caberiam debaixo da mesa das tias. A cabeça inclinava conforme pensava na cena. Ela estava bastante desconfortável em mudar a dinâmica de sua casa, mas não parecia errado. Lembrava o atraente desconforto causado pela sopa condimentada da tia Aja.

Philippe tomou mais um gole, observando Magalie.

– Sua tia Geneviève disse que você tem dificuldades em confiar nas pessoas.

Magalie piscou:

– Eu não desconfio das pessoas.

– *En fait*, ela disse que você aprendeu com elas a confiar, o que eu considero no mínimo inquietante.

– Não faz sentido – disse Magalie, perplexa. – Confiar nos outros. Quero dizer, confiar neles a respeito de quê?

Philippe a fitou com uma resignação sarcástica:

– Seus sentimentos, por exemplo.

– Por que eu faria isso?

Ele deu de ombros como se ela tivesse entendido o que ele quis dizer, o que a irritou, pois não tinha entendido.

– Meus sentimentos são minha responsabilidade. Não sei o que confiança tem a ver com tudo isso. Eu não posso sair por aí entregando-os às pessoas.

Ele brincou com a colher. A boca fez uma estranha curvatura.

– Eu tentaria cuidar bem deles.

Ela deu uma risada que fez com que a raiva estreitasse a boca dele.

– Não é verdade. Você tentaria dominá-los, fazer o que quisesse com meus sentimentos se eu os entregasse a você.

Agora ele estava tremendamente irritado. Sentia a irritação por cada linha estreita do corpo.

– O que raios faz você pensar dessa forma?

– Você simplesmente *fará* isso. É quem você é. É como a maioria das pessoas é, ponto final, mas você é ainda pior.

– *Não* sou.

Ele ficou tão enraivecido que mal podia permanecer parado. Foi a única vez que Magalie não havia tentado irritá-lo de propósito, só estava tentando se explicar.

– Você é mais forte que a maioria – ela emendou.

– Você também é, Magalie.

Ela se recostou, resignada com o fato de que aquilo era verdade. Seus pais sempre lhe disseram isso. Suas tias sempre deixaram subentendido. Ela mesma sempre se sentiu tão impacientemente competente e com autocontrole, comparando-se a todas as princesas de coração partido que entravam em sua loja procurando consolo em uma xícara de chocolate.

– Mas, quando eu saio pela cidade, quando saio de La Maison, eu sinto como se estivesse indo para um campo de batalha.

Com certeza todos lidavam com aquela situação com mais facilidade. Até as princesas. Em especial as princesas. Será que a necessidade de se proteger com uma armadura não denunciava fraqueza?

– *Vraiment?* – A raiva de Philippe esvaíra-se quando ele foi até a ponta da mesa e entrelaçou a ponta dos dedos nas mãos dela. – Isso explica tudo. – Ele estudou o rosto de Magalie como se estivesse tentando passar por um buraco estreito de uma cerca para tentar descobrir o que estava por trás dela. – Mas mesmo assim você sai – disse ele logo depois. – Você ainda sai para confrontar príncipes arrogantes. – Ele abaixou a cabeça altiva, aceitando de maneira sublime o papel daquele príncipe. – Você ostenta suas curvas em cada deliciosa peça de roupa que usa, você prende o cabelo em um rabo de cavalo e sai correndo. Posso correr com você?

– Não – ela disse instintivamente, pega de surpresa. A boca cerrou-se. A luz de seus olhos diminuiu a intensidade, apagando-se. – Quero esse tempo para mim mesma. – No entanto, na mesma hora que disse aquilo, começou a imaginar os dois correndo juntos, em silêncio, ao nascer do dia, sem falar nada, simplesmente em perfeita harmonia. –

Quem sabe às vezes – ela disse lenta, suave, surpreendentemente. Será que aquilo era algo que podia *compartilhar*?

Philippe levantou a mão de maneira que as palmas tocaram uma na outra e entrelaçou os dedos. A boca suavizou-se. Ela gostava do jeito que a mão dela era tomada pela dele, deixando-a ligeiramente desconfortável. Ela apreciava a maneira com que ia se acostumando àquilo, depois de um dia na neve e fazendo amor e aquela animação que se espalhava por toda parte na sua festa com a vizinhança.

Ela abominava o fato de que, de repente, estava se acostumando àquilo. Era uma das coisas que evitava em relação às pessoas: acostumar-se a elas.

Levou anos para acostumar-se às tias, e, apesar das reclamações de Aja para ganhar espaço, Magalie pensou que na maior parte do tempo as três se davam tão bem porque ninguém fazia joguinhos. Elas eram daquela forma, e azar de quem passava sob o escrutínio de seus olhos aguçados e duros.

Ela jamais havia se aberto a alguém. Nem mesmo ao príncipe que sorria na outra ponta da mesa e havia levantado a mão e beijado seus pulsos ali mesmo.



Estava sendo surpreendentemente quente e confortável passar a noite no apartamento dele, onde acabaram ficando, muito curiosos para ver mais uma vez como havia ficado Paris com a neve antes de irem para a cama. Isso era surpreendente porque apegar-se a um lugar sempre tinha sido importante demais para Magalie.

Philippe parecia extasiado em estar ao lado dela, a felicidade emanava dele, espalhando-se por cada fresta do apartamento como luz. Ele tinha fechado as cortinas caso houvesse muita luminosidade lá dentro e as pessoas comesçassem a querer xeretar. Na intimidade de seu quarto, ele se inclinou sobre Magalie e depois se esparramou de braços como um homem que não está acostumado a dividir a cama. Ela dormiu pouco, acordada pelos movimentos constantes dele, mas foi só depois das três

da manhã que começou a desenvolver de novo aquele sentimento de angústia. Aquela sensação do tipo *O que é que estou fazendo?*

Ela tentou digerir aquilo da melhor maneira possível. Magalie não tinha paciência com pessoas que ficavam se martirizando com coisas da infância e ignoravam a própria vida. E não havia lhe ocorrido que era justamente o que vinha fazendo nos últimos anos.

Finalmente caiu em sono profundo quando Philippe resolveu fazer de seus seios um travesseiro, e então ela dormiu até tarde, embora ele não pudesse se dar a esse luxo. Ela o sentiu beijá-la e acordou para vê-lo sair fechando a porta atrás de si. Magalie se arrastou para casa e saiu para uma corrida lenta e cuidadosa em caminhos cobertos por neve, mas não teve sucesso em clarear a mente.



Mais tarde naquele dia, alguns minutos antes de a loja abrir, Magalie estava arrumando a vitrine quando o timbre de uma voz ecoou contra o vidro e a fez levantar a cabeça e seu coração apertar-se. Na calçada onde haviam jogado sal para derreter a neve, pelo que madame Fernand agradeceria, estavam Philippe e Geneviève conversando muito à vontade. Magalie começou a prestar atenção à conversa, mas Geneviève falava alto, portanto nenhum segredo se escondia ali. Ela se debruçou sobre o vidro para apanhar uma colher cheia de rosas cristalizadas.

– ... falta de autoconfiança... – ela pensou ter ouvido Geneviève dizer.
– *C'est un vrai problème.*

Magalie se retirou, enrugando a testa. De quem Geneviève estava falando?

Philippe olhou para ela pelo vidro sustentando o olhar por um momento sem sorrir. O coração dela disparou, como sempre acontecia quando ele a encarava.

Seus olhos sorriam levemente, apesar da seriedade aparente e ele lhe mandou um beijo.

Ela piscou e deixou cair pétalas de rosa por todo o lugar, o que o fez rir muito. Philippe olhou para a loja como se fosse entrar e beijá-la de

verdade, mas, em vez disso, estendeu a mão à Geneviève, entregando-lhe um pacote, e ela acenou com a cabeça e beijou-o nas duas bochechas.

Philippe passou o dedo sobre uma de suas bochechas enquanto virava para voltar à sua loja, parecendo muito satisfeito.

Quando entrou na loja, Geneviève entregou o pacote à Magalie, um pacote fofinho com o adesivo de um exímio designer Marais no papel de embrulho. A tia parou perto dela e a observou, sacudindo a cabeça.

– É como se eu tivesse criado minha própria filha para se tornar um unicórnio ou algo parecido – ela disse. – É difícil entender, mas ele está crescendo em meu conceito. Acho que não vou me importar muito com isso.

Ruborizada, Magalie se concentrou no pacote.

Era um cachecol. De um azul intenso que combinava com os olhos *dele*, feito de caxemira.

O cartão que acompanhava o pacote continha mais do que apenas seu nome: *Se eu tiver de tirar você dessa torre, farrapo por farrapo, vamos ser obrigados a fazer isso na versão das nossas fantasias sexuais. Philippe.*

Magalie dobrou-o contra a barriga e levantou a cabeça. Geneviève desviou o olhar com culpa, tentando parecer tão completamente desinteressada que, por um momento, a sobrinha pensou que a tia começaria a assobiar. A partir daquele cartão encostado na barriga, surgiu um calor que tomou conta dela, concentrando-se em áreas que preferia que a tia ignorasse.

– Você não se preocupa nem um pouquinho com Philippe Lyonnais? – Magalie perguntou, desejando desesperadamente que a língua não tivesse se curvado ao pronunciar o nome, como se fosse o nome de um rei.

– Tentei lhe oferecer um pouco de chá – tia Aja disse logo atrás dela. Ela varria o chão, um trabalho inicialmente de responsabilidade de Magalie, mas que Aja continuava assumindo não importando quantas vezes a jovem lhe tomasse a vassoura. Ela dizia que era muito gostoso limpar o chão e remover coisas velhas. – Se ele se recusou a bebê-lo, é problema dele. – Seus olhos negros fitaram os de Magalie.

A sobrinha tentou parecer o mais cheia de chá possível. A tia Aja não havia lhe oferecido uma xícara desde que Magalie descartara em segredo o chá no rio Sena um mês antes. Provavelmente porque Aja pensou que uma xícara seria o suficiente, mas podia ser também porque Magalie era agora considerada uma ingrata. Contudo, o que teria acontecido se a bebida a tivesse convencido a permitir que Philippe entrasse em sua vida, por exemplo? Melhor nem pensar.

– Não sou tão altruísta – disse Geneviève. – Se ele tivesse parado aqui, batido na porta gentilmente, pedido licença, quem sabe? Ele, porém, não pode chegar como se fosse dono da ilha e esperar que me preocupe.

Magalie encarou as tias por um momento, completamente confusa. Por fim, percebeu que elas a entenderam mal.

– Não quero dizer para se preocupar com ele como se fosse um filho que toma o rumo errado! Quero dizer preocupar-se com o que tê-lo aqui pode fazer com La Maison des Sorcières.

As tias entreolharam-se preocupadíssimas, o que era claro para *ela*. Então, trocaram um olhar que a fez querer mostrar o boletim da escola e jurar que estava indo muito bem.

– Nossos clientes! – ela gritou.

– Ah, aqueles – Aja deu de ombros. – Eles logo irão embora. Além disso, acho que o influxo é muito mais por sua causa do que por causa de Philippe. Eu disse a você que não precisava fazer seu chocolate para atrair pessoas lá de Tombuctu.

– Quis dizer não ter clientes *suficientes!* – Magalie gritou frustrada.

– Só porque não havia tantos clientes nas primeiras semanas que ele abriu? – Aja acenou com uma mão. – Não precisamos competir com modismos.

Modismo. Magalie riu ao pensar em Philippe cerrando os dentes.

– Além disso, nós não queremos ser tão conhecidas. O divertido é permanecer em segredo.

– E *você* não estava aqui ontem pela manhã – Geneviève disse em tom severo. – As pessoas puxando a maçaneta para entrar em um *dia de neve* por causa daquele blog do Christophe sobre nosso chocolate. Puxando nossa maçaneta. Isso é educado?

– A neve os tornou piores, eu acho. Algo sobre chocolate e neve. Foi muito bonito da parte de Philippe fazer uma festa para entretê-los – tia Aja lembrou à companheira. – E por uma sugestão de Magalie. Como você pode ver, os dois precisavam aprender uma lição.

Magalie ficou maravilhada:

– O blog funcionou? Não precisamos sair do negócio?

As tias a encararam por um bom tempo. Depois trocaram um daqueles olhares que a faziam se sentir como se tivesse treze anos.

– Talvez tenhamos de contar a ela – tia Aja sugeriu.

– Eu *esperava* que ela descobrisse seu poder sozinha – protestou Geneviève.

– Ela é muito nova. Você a está apressando. Se ela continuar a agir assim aos quarenta anos, então saberemos que ela tem um problema.

– Mas aí será tarde demais! – Geneviève parecia uma bruxa que tinha lido muitos livros sobre como criar filhos. – Você não tem como mudar ninguém aos quarenta!

Tia Aja sacudiu a cabeça, pois considerava esse tipo de livro uma bobagem.

– Você sabe quanto cobramos de aluguel pelos apartamentos? – perguntou a sua tia.

Magalie balançou a cabeça:

– Muito dinheiro?

Geneviève lhe deu uma olhada exasperada e contou a ela.

Magalie abriu e fechou a boca inúmeras vezes, como um peixe arfando fora da água.

– Mas isso é duas vezes o meu salário anual.

Por um apartamento! Aquilo explicava por que tia Aja e tia Geneviève só abriam a loja das duas às oito, cinco dias por semana, e fechavam dois meses no verão.

Geneviève deu-lhe um tapinha no ombro.

– Sim, você nos ajuda a manter nossos gastos baixos.

– Posso pedir um aumento? – Embora, continuando a matemática dos aluguéis, seu estúdio devia custar... mais do que seu salário anual. Que belo presente Geneviève tinha ganhado de uma amante quando tinha a idade dela.

Geneviève olhou-a de forma dura:

– Você gastaria tudo em roupas.

Sim, bem...

– E daí?

– Você não vai encontrar autoconfiança em uma loja de roupas, Magalie.

A jovem olhou fixamente, mas sem expressão, para a tia:

– Você deve estar de brincadeira. Estamos em Paris.

Geneviève soberbamente gesticulou com a túnica de algodão. Talvez fosse a diferença entre as gerações, contudo, Magalie não conseguia pensar em um jeito educado de dizer o que pensava sobre usar uma túnica.

– Que história é essa de autoconfiança? Eu tenho muita confiança. As pessoas disseram isso minha vida toda. – Em inglês e francês: *Such a self-confident little girl*, seus professores escreviam nos comentários; *So centered. Si sûre d'elle*. Para crédito dos docentes, eles sempre faziam esse comentário parecer um elogio, e não um desafio à autoridade.

Geneviève bufou:

– Como se soubessem algo sobre autoconfiança.

Em comparação à confiança de tia Geneviève, a da maioria das pessoas caberia numa cabeça de alfinete.

– *Eu* entendo de autoconfiança – Magalie a afrontou.

Desta vez foi a tia Aja que bateu em seu ombro.

– Muito bem. Você é ainda uma aprendiz. Tem muito tempo pela frente para aprender.

– Vá praticar com aquele seu amigo – Geneviève acrescentou. – Você não encontra muita gente com quem possa praticar autoconfiança desse jeito. Os que conseguem são ou muito fracos ou muito fortes. – Seus olhos castanhos cintilaram. – Você acha que ele se enquadra em qual categoria?

CAPÍTULO 31



O PALPITE ERA o de que fraco ele *não* era.

Philippe criou um ritmo imediato. Forte, confiante, sem pedir licença. Em algum momento à tarde, normalmente uma hora depois da abertura da casa de chá, ele dava uma passadinha rápida de dez, quinze minutos. Depois, quando ambos tivessem encerrado as atividades, ele aparecia para levá-la para jantar em algum restaurante e então seguiam para a casa de um dos dois.

Geneviève ficava sempre contente ao vê-lo, pois assim tinha a chance de culpá-lo pela grande quantidade de clientes que a deixavam de mau humor.

– Primeiro você aparece aqui, depois atrai a atenção dos clientes dessa maneira, então seu amigo Sylvain me implora para ajudá-lo com uma das suas vitrines e deixa todo mundo pegar um cartão de visita nosso, e aí o tal do Christophe vai e fala aos quatro ventos sobre a sua paixão pelo chocolate da Magalie. Você é só problema.

– Vai passar – tia Aja acalmou-a. – Com o tempo. Você sabe que vai passar.

– Queria poder assumir toda essa culpa – Philippe disse. – Mas realmente sinto que a maior parte da habilidade de atrair os clientes se deve a vocês três.

Geneviève estreitou os olhos, pois suspeitou de imprudência. Philippe encostou-se no balcão, sua presença competia firmemente com a dela

para dominar a cozinha lotada, até que Magalie se sentiu como o recheio de um sanduíche e lutou bravamente para provar que era a melhor parte.

– E você – Geneviève apontou o dedo para a sobrinha. – Pare de mostrar ao Christophe nossas receitas.

Philippe sorriu:

– Tia Geneviève, acredito que vamos nos dar muito bem juntos.

– *Tão* presunçoso – tia Geneviève comentou, resignada, e seguiu em direção aos clientes que tinham acabado de escutá-la reclamar deles. Ela estava tentando o melhor para fazer com que suas queixas fossem audíveis, mas, em vez de espantar as pessoas, suas reclamações continuavam aparecendo nos novos blogs de gastronomia assim como suas “encantadoras idiossincrasias”. Agora que Christophe tinha falado sobre a loja delas, com nomes como Philippe Lyonnais e Sylvain Marquis para apoiá-lo, todos os outros blogs de gastronomia estavam seguindo seu rastro. Havia um chamado A Taste of Elle que usou tanto ponto de exclamação ao falar sobre elas que Magalie teve de conferir duas vezes as doses de chá da tia Aja. Elas não queriam que ninguém tivesse um ataque do coração.

Magalie ainda não tinha contado para a tia Geneviève que seu comportamento estava sendo rotulado como uma “encantadora idiossincrasia”, porque bem... as coisas podiam ficar feias.

Ao sair, tia Aja também pegou sua bandeja e deixou a cozinha discretamente.

– Tenho certeza de que Christophe está com uma namorada nova – Magalie disse. Eles vieram no dia anterior e sentaram-se a uma das pequenas mesas por um longo tempo, conversando, Christophe e aquela mulher chamada Chantal. Ela não jogava tanto os cabelos quando estava perto dele, como se de alguma maneira ele a tranquilizasse.

Philippe emitiu um som firme de aprovação por Christophe estar namorando outra pessoa.

– Eu também acho que os seus *chefs* podem estar se infiltrando por aqui. Eu vi o Grégory na loja de brinquedo de Claire-Lucy duas vezes e um de seus homens... Olivier? Ele está definitivamente flertando com Aimée. São homens bons?

– Não posso ter a pretensão de acompanhar os hábitos de namoro das pessoas que trabalham para mim, Magalie. Você é uma das pessoas que tem alimentado o meu time com chocolate quente há semanas. Eles provavelmente são o que você fez deles.

Magalie lançou-lhe um olhar irritado. Agora ele estava começando a se parecer com as tias. Como se realmente *acreditasse* que seu chocolate pudesse mudar as pessoas, em vez de, do mesmo modo que ela mesma, só fingir que acreditava.

Philippe sorriu um pouco, deslocando-se facilmente da sua frente quando ela alcançou algo. Ele bebeu uma xícara pequena de chocolate quente, observando-a com olhos afetuosos e com um desejo adormecido, mantido em suspenso naquela hora da tarde.

– O que você desejou para mim desta vez? – ele murmurou, bebendo devagar, como se quisesse saborear o chocolate ou o momento o máximo possível.

Que tardes como aquela, quando ele parava na sua cozinha, e as noites, quando ele voltava, pudessem continuar para sempre. Ela encarou o restante do chocolate na panela, insatisfeita com o seu desejo, porque desejos só poderiam ser algo interno das pessoas. Você não poderia desejar coisas do tempo. Além do quê, aquele parecia um desejo que faria para ela mesma, e Magalie não sabia se seu chocolate funcionava assim. Ela não tinha nem certeza de que seu chocolate funcionava. Era um jogo bom, mas Philippe certamente parecia imune.

– Não me sinto diferente – ele disse. Como sempre dizia. – A menos que... você por acaso me desejou felicidade?

Um brilho transbordou nos olhos dela. Ele sorriu e a beijou, assim Magalie pôde provar o chocolate nos lábios dele, e a felicidade que se desdobrou de dentro dela tentou esticar suas raízes até Philippe.

Ela franziu a testa, imaginando se poderia transformar a felicidade num vaso de planta. Magalie tinha feito um trabalho muito bom antes. Agora a coisa estava agindo como a menta, que, de acordo com sua mãe fitoterapeuta e que lhe havia ensinado a plantar na Provença, sempre acaba escapando e fincando raízes por todo o lugar, não importa o que você faça.

– De onde vem a lavanda? – Philippe perguntou de repente.

Ela piscou. Será que ele tinha *cheirado* o seu pensamento?

– Está na parede do seu quarto. No seu sotaque. Na sua calcinha quando você a coloca. – Ela corou ao pensar nas vezes em que o nariz dele esteve perto de sua calcinha quando a vestiu pela primeira vez. – Quem trouxe essa lavanda?

– Minha mãe. Você não escuta Geneviève falar muito da Provença, pois quando ela veio para Paris tinha dezoito anos. Ela e minha mãe cresceram em campos de lavanda perto de Chamaret.

Ele sorriu, seu olhar correu seu corpo como se tivesse uma visão encantadora.

– E você? Cresceu num campo de lavanda?

Por um tempo – ela disse bruscamente, começando a esvaziar a pequena máquina de lavar louça cheia de copos pequenos e xícaras sem alça. – Sim. Todos os verões.

Os olhos dele brilharam.

– Eu consigo imaginar você pequena num campo roxo. Será que podemos...? – Ele mordeu o lábio inferior abruptamente. Seus olhos se alargaram, como se estivesse chocado consigo mesmo.

– Que foi? – A cabeça de Magalie se inclinou e ela o estudou, farejando algo na expressão dele. O que ele tinha imaginado? O que o fez ficar tão cauteloso?

– Podemos passar umas férias lá? – ele terminou devagar, observando-a com cuidado.

Não era isso o que ele ia falar. As sobrancelhas se entortaram pela incerteza. Na realidade, faltavam poucos meses para o verão. Não muito mais longe do que o clima quente que ele mencionara no outro dia. Mesmo assim, a distância entre o inverno e o verão parecia ser uma eternidade para fazer qualquer plano. Ainda que ela tivesse acabado de desejar que as coisas ficassem daquele jeito para sempre.

Magalie respirou fundo. Ela *queria* dizer sim. Queria relaxar e contar com o verão. No entanto, sentiu-se fisicamente doente quando tentou falar algo. O coração acelerou e as palmas das mãos ficaram úmidas.

– Hum, sim – ela disse rapidamente, recusando-se a deixar seus problemas antigos a derrubarem, mas teve de virar e se concentrar no

chocolate, respirando com cuidado, tentando acalmar o estômago. – Nós podemos ir – ela disse muito alto e com muita certeza.

Houve um momento de silêncio atrás dela. Então, Philippe encostou a xícara na bancada. Envolveu um braço ao redor dela e apertou suas costas contra ele com tanta força que sua respiração ficou presa e seus pés saíram do chão.

– Vejo você à noite.

Ele enrolou algo macio como seda ao redor do pescoço de Magalie, puxando o suficiente para fazê-la se sentir amarrada e um pouco sem fôlego.

– Um avanço – ele murmurou e se foi.

Livre do toque dele, o pano macio escorregou pelos braços e dedos de Magalie: um lenço vermelho-vivo.



– Então de onde é seu pai? – ele perguntou aquela noite no apartamento de Magalie quando veio buscá-la para jantar, encostando na bancada enquanto a observava escolher uma roupa. Uma camada de lenços estava envolta no gancho atrás da porta do armário. Ela estava começando a não saber onde colocar tantos lenços.

– Estados Unidos – Magalie respondeu num tom que mostrava que não estava a fim de conversa.

Claro que Philippe ignorou a porta fechada, como fazia com tudo que o deixava de fora.

– Você é norte-americana? – ele perguntou abismado. – Eu nunca i...

Ele estava dizendo *eu nunca imaginaria*, e ela pôde sentir a confiança crescendo dentro dela com as palavras, aquela confirmação de que, na realidade, pertencia àquele lugar.

No entanto, Philippe interrompeu com aquela sua intrigante inclinação de cabeça.

– Então foi isso que ouvi, um leve sotaque parecido com o de Cade Corey.

Cade Corey realmente não pertencia a Paris. Seu sotaque denunciava que era estrangeira toda vez que ela falava. Ela só estava ali porque Sylvain Marquis a aceitara. Magalie cruzou os braços, contendo as lágrimas e protegendo a sua ilha. O fato de ela pertencer àquele lugar se devia exclusivamente a ela mesma.

– Tenho dupla cidadania – ela explicou, afastando-se. – Norte-americana e francesa. – E andou até sua janela favorita, aquela na qual podia vislumbrar a Torre Eiffel quando brilhava.

– O que o seu pai faz? – perguntou sua alteza, que pensou que todas as portas estivessem abertas para ele poder passar, porém não entendeu que existiam fechaduras e chaves para impedir a entrada.

– Ele é apicultor.

– Abelhas – Philippe riu. – Abelhas e lavanda. *Bon sang*, posso *cheirá*-las em você. Por baixo de todo aquele chocolate. – E, mudando de assunto, disse com outro tom: – Aquele *salaud* do Sylvain. É de lá que vem seu novo chocolate? Do mel de lavanda?

Ela nem sabia que Sylvain tinha lançado um novo chocolate. Magalie se virou e lhe lançou um olhar cético. Intimidade realmente não era com ela. Que Philippe pudesse imaginar que ela estava se envolvendo com mais de uma pessoa ao mesmo tempo, isso era demais para ela.

– Acho que o mais próximo que chegamos um do outro foi trabalhando naquela vitrine do Sylvain.

– Isso já é perto o suficiente – Philippe falou muito bravo. – Ele tem um ótimo olfato.

– Ele também é louco pela Cade Corey, você sabia?

Philippe emitiu o som de um homem que não tinha nascido ontem.

– Ele mudou a data do casamento. Era para ser em março e agora será em junho.

– Isso porque a irmã da Cade está no hospital. Ele me contou enquanto estávamos trabalhando na vitrine. Ela se machucou muito na Costa do Marfim, perto de uma cooperativa de cacau. Acredite em mim, ninguém vai mudar a opinião do Sylvain em relação a Cade.

De novo aquele gemido duvidoso.

– Sylvain reconhece algo de qualidade superior quando vê.

O coração dela deu um pulo e o calor emanou por todo o seu corpo.

– Superior a uma bela bilionária?
– Com certeza – Philippe parecia espantado por ter de admitir.
– Acho que ele se apegou a ela – Magalie disse secamente. – Não sei como eles vão lidar com a questão da distância.
– Que distância?
– Bom, ele com certeza tem de ficar aqui. É o melhor *chocolatier* do mundo.

Philippe deu de ombros:

– Ele não é ruim com os bombons.

Magalie reprimiu um sorriso:

– E ela é a herdeira de uma empresa multinacional com sede nos Estados Unidos. E eu que sempre pensei que *meus pais* tiveram a difícil tarefa de escolher entre lugar e pessoa.

Ele estreitou os olhos, aquele olhar de alerta, o olhar que ele tinha nos restaurantes quando tentava identificar um sabor indescritível.

– Seus pais? Abelhas e lavanda não são a combinação dos céus?

– Com certeza. Mas a carreira acadêmica em Cornell, campos de lavanda em Provença, ir e vir, tentando descobrir uma felicidade que permitisse a ambos ser o que eles queriam ser... Sylvain e Cade não podem fazer isso. Alguém vai ter de desistir de tudo.

– Cade – Philippe falou como se soubesse de algo.

Magalie suspirou aliviada:

– Ah, ainda bem, pois, se Paris perdesse Sylvain para a fábrica de chocolate Corey, eu teria de matá-la. – No entanto, ela se perguntava se desistir de seu lugar por Sylvain magoaria Cade. Ou se ela estava convencida de que podia ter o mundo a seus pés, então não se importava a que parte do mundo pertencia.

Philippe pressionou os lábios:

– Você comeu os chocolates dele todo aquele tempo que desprezou as minhas sobremesas?

– Eu gosto de chocolate.

Ele cruzou os braços:

– Magalie, eu não queria que tivesse me levado a fazer isto, porque você é muito sensível em relação a competição, mas, se quiser chocolate,

posso fazer para você um – ele se inclinou na direção dela, seus dentes pareciam bem afiados – que vai derreter as suas entranhas.

Ela levantou o queixo, sentindo que estava derretendo por dentro só de pensar nele tentando fazer chocolate para ela.

Philippe obviamente levou a boca ao pescoço de Magalie.

Devia haver mais de uma razão para ele continuar comprando tantos lenços.

CAPÍTULO 32



DOIS DIAS DEPOIS, Philippe trouxe uma de suas caixas para Magalie. Ela a abriu com cuidado, com o coração disparado de ansiedade. Era simples. A coisa mais simples que ele já havia trazido para ela. Um *macaron* de chocolate, com a concha brilhante e perfeita e coberto perfeitamente com pó de cacau amargo, que tinha sido assado. Os *pieds*, o babado ao redor da base da concha, estava extraordinário, é claro. Ela o pegou com água na boca, só de sentir a textura em seus dedos. O ganache dentro da concha era pálido, de cor creme, com talvez (ou não) uma pitada de roxo.

Magalie olhou para ele. Philippe estava excitado, ansioso para ver sua reação. No entanto, naquele momento ele não tinha no rosto o olhar de *vá em frente e tire a roupa* de quando lhe entregava alguma de suas invenções. Então, ele não estava convencido de que Magalie teria um orgasmo na primeira mordida. Aquele era um olhar mais suave, intenso.

Ela o mordeu e... Os padrões dele para ter um orgasmo deviam ser muito altos, porque ela teve um leve orgasmo. Uma onda de felicidade surgiu da mordida no *macaron* de chocolate, então o ganache com sabor crocante, perfumado e, de alguma maneira, familiar. Ela abriu os olhos novamente, deixando-o derreter na boca. Deus, ele era muito bom.

– Lavanda?

Ele concordou com a cabeça, os olhos brilharam de prazer. Entretanto, Philippe se inclinou contra a janela, com os braços cruzados.

Ainda esperando.

Ela deu outra mordida. Com mais luxúria. Como ele conseguia ser tão bom? Lavanda e chocolate. Sua herança e seu presente, seu e de sua mãe. Outra mordida no meio e uma camada fina de ganache de cacau se espalhou pelos dentes, e o recheio explodiu na língua, um caramelo de mel que se dissolveu na boca.

Ah! Seu pai estava lá também. Era tudo dela. E era delicioso.

Magalie olhou para Philippe, o leão vivo e quente encostado na janela gelada, tão confiante de que ela gostaria. Quanto tempo será que ele demorou para fazer aquilo? Dois dias? Sonhando com a melhor maneira de misturar aqueles três sabores em sua homenagem?

Seus olhos ardiam. Ela teve de esfregá-los rapidamente.

Philippe saiu da janela, envolvendo-a em seus braços como uma criança, com os olhos maravilhados. Ele a deitou na cama e fez amor devagar e com muito carinho, e eles perderam a reserva para o jantar.



– De quantas idas e voltas estamos falando? – ele perguntou de repente mais tarde naquela noite, ao saírem para pegar um falafel num carrinho em Paris. Ainda havia uma suavidade entre eles, uma gentileza que parecia se estender desde o momento que fizeram amor até a noite. Estavam cruzando a ponte em direção ao Hôtel de Ville, as outras pontes de Paris ficaram para trás no rio escuro como se fossem pulseiras iluminadas, a fachada da sede municipal brilhava na noite. O rинque de patinação tinha sido removido. A primavera estava começando.

Era engraçado o modo como ficara acuada na própria ilha por cinco anos, porém seu sentido de pertença estava se expandindo. Primeiro a corrida, depois a neve, depois andar pelas ruas com Philippe, focando os dois e indiferente a qualquer pessoa ao redor. Às vezes ela sentia que sua alma estava desabrochando, como grandes asas que ficaram presas muito tempo num casulo. Ou talvez pelo tempo necessário até que estivessem prontas para voar?

– Não sei. Você quer que eu tente contar?

– Sim.

Sério, ele *atravessava* as portas como se alguém tivesse de segurá-las abertas para ele. Quantas vezes Magalie teve de bater uma porta na cara de Philippe para que entendesse que as portas dela eram sagradas. No entanto, ela se sentia tranquila. Não sentia que estava lutando para mantê-las fechadas.

– Não me lembro de nada antes dos quatro anos, mas sei que nasci nos Estados Unidos, e acho que *maman* tentou ficar o primeiro ano lá, e aí meu pai mexeu alguns pauzinhos para passar o próximo ano na Provença. Eu me lembro da pré-escola nos Estados Unidos, e o que seria o segundo ano na *l'école primaire* aqui. Em Chamaret, não em Paris. Meu pai vinha nos feriados, nas férias, e Cornell o despediu no começo de maio, então ele passou aquele verão aqui. Depois, *maman* se preparou e tentou voltar, mas só conseguiu ficar até a metade do ano. Estava bem frio em Ítaca naquele ano. Lembro-me de me divertir na neve e de repente estar de volta à França. Isso foi no terceiro ano. Então meu pai ganhou uma bolsa de estudos de dois anos. Isso funcionou muito bem, todos estavam felizes. Mas eu me enganei; achei que fôssemos ficar.

A mão de Philippe segurou a dela, contudo ele não falou nada.

– Estava sempre confundindo essas coisas – Magalie balançou a cabeça com pesar. – Então íamos e vínhamos de novo. Algumas vezes *maman* e eu estávamos aqui; outras, ela ia para os Estados Unidos e tentava ficar por lá. Sempre estávamos na Provença no verão; eles resolviam algo com a minha escola quando era nos Estados Unidos, assim eu podia fazer os trabalhos de maio a distância. Duas vezes eles falaram em divórcio e trataram o assunto como uma separação temporária, mas nunca o fizeram. E, quando eu estava com dezesseis anos, meu pai conseguiu uma bolsa de estudos da Fulbright-Hays por mais dois anos aqui na França.

– Ele não podia conseguir um emprego permanente na universidade aqui?

– Ele estava na Universidade de Cornell.

– Sim. – Aparentemente ele entendia bem que não se pede a um homem para se vender barato. – E ela não poderia plantar lavanda lá?

– Ela tentou. – Magalie estendeu as mãos. Ou uma das mãos. A outra estava com ele. – Não era a mesma coisa.

– Não – ele disse com a voz de quem tinha passado alguns verões na Provença. – Não devia ser mesmo.

Os dois ficaram em silêncio por alguns minutos, esperando no semáforo para atravessar do cais para o Hôtel de Ville.

– A família Lyonnais está em Paris há cinco gerações – ele disse de repente.

Bem, parabéns para você, ela pensou.

– Devo reverenciá-lo ou somente beijar seus pés?

Seus lábios se pressionaram firmemente, os dedos endureceram nas articulações dela.

– Sabe, você não me acharia tão arrogante se parasse de inventar em cima de tudo o que eu falo. Quis dizer que nós tendemos a ficar em um lugar.

As botas de salto deram mais dois passos.

– Para sempre – ele acrescentou. – Nós *somos* Paris.

Mais dois passos sobre os saltos. Lyonnais fazia parte de Paris, aquilo era verdade. Por cinco gerações, eles marcaram a cidade com seus *macarons* e sobremesas. Eles eram tão parte de Paris quanto a Torre Eiffel.

– Eu, por exemplo, nunca vou sair de Paris, nunca. Eu sou Philippe Lyonnais.

– E nem um pouco arrogante a respeito disso.

Ele soltou um suspiro irritado:

– Só estou enfatizando.

Sim, Magalie estava tendo um pressentimento do que ele estava enfatizando. Ela virou a cabeça o suficiente para que pudesse olhá-lo sem que ele percebesse. Andaram no mesmo ritmo por um tempo até ela perceber que Philippe não somente estava ciente de que ela o estava estudando, e mantinha o olhar no horizonte para facilitar, mas sutilmente a desviava dos obstáculos da calçada permitindo-lhe que não se interrompesse.

Príncipes. Ela podia ver por que tinham levado as bruxas tradicionais à loucura.

– Agora que abri aquela loja na Île Saint-Louis, sempre haverá uma loja Lyonnais na Île Saint-Louis. Para sempre. Ou o mais próximo de para sempre que nós conheceremos. Eu vou deixá-la para meus filhos.

Seus dentes se ajustaram, ele reivindicava a ilha. Aquela rua tinha pertencido a *ela* antes. A ela e às tias.

– Se eles estiverem interessados na loja – Philippe acrescentou. – Se tiverem o sangue perverso e rebelde da mãe e isso fizer com que queiram me deixar frustrado o tempo todo sem motivo – ele disse com consideração – e decidam se tornar... se tornar... *qui sait?*... engenheiros ou algo parecido, então com certeza haverá uma sobrinha ou sobrinho que continuará no ramo.

Pelo que ela sabia, qualquer filho do Philippe teria sangue rebelde. Ela se viu imaginando a cena, tangente e deliciosa, e puxou-o de volta em um abraço desesperado, redirecionando o assunto antes que sua mente pudesse apavorá-la de novo com aquilo.

– Você sabia que minhas tias não precisam do dinheiro de La Maison des Sorcières?

Ele deu de ombros. Magalie não podia esquecer como conhecia o corpo dele. Às vezes, quando dava de ombros, como tinha acabado de fazer embaixo do casaco, ela podia vê-los nus e sentia um arrepio.

– Imaginei. Verifiquei quem era o proprietário do edifício antes de comprá-lo, então eu sabia que a tia Geneviève era dona daquele prédio há décadas. Você não paga três salários e os impostos de um lugar como esse com cinco mesas minúsculas e trinta horas de trabalho na semana, dez meses por ano. Eu sempre soube que as preocupações financeiras não eram seu real problema comigo.

– E mesmo assim conseguiu abster-se de qualquer fissura sobre *eu* ser uma princesa privilegiada? – Enquanto ele carregava um negócio importante nos ombros, o nome dele e toda a sua habilidade nunca o impediram de continuar.

Ele olhou para o vazio.

– Todo mundo sabe que as bruxas não trabalham no horário normal. As princesas são as que têm toda a responsabilidade. – Sua boca se curvou um pouco com a pretensão de ter um título da realeza. Provavelmente esperando para ver qual reação podia provocar. – Além do

quê, você é filha de uma produtora de lavanda e de um professor. Não se engane. Você é uma camponesa.

– *Você* é filho de uma professora e de um *chef* confeitoiro – ela disse indignada. – Os meninos não costumavam ser aprendizes de *chefs* confeitoiros quando repetiam de ano? – Embora a família *dele* tivesse ganhado dinheiro suficiente para colocá-los solidamente no décimo *arrondissement* estabelecido há gerações. – Por que *você* não é um camponês?

– Algumas pessoas nascem princesas, outras se transformam em uma – ele disse de forma sublime e lhe lançou um olhar, esperando a próxima retaliação.

Magalie revirou os olhos e se recusou a dar-lhe essa satisfação.

Ele olhou de relance, indicando que ainda procurava algo na história dela:

– Deve ter sido bem difícil para os namorados. – Ela se enrijeceu. Os olhos de Philippe se apertaram como se o enrijecimento dela fosse o anel de metal embaixo da pá. – As idas e vindas.

Ela deu de ombros:

– Eu tentei bastante uma vez quando tinha dezesseis anos. Na verdade quinze, pois foi quando descobri que a mudança estava para acontecer. Fiz aniversário antes de nós realmente nos mudarmos.

Ele parou de andar, no meio da Place Hôtel de Ville, com a fachada brilhante atrás dele como se fosse o seu palácio real.

– Explique o que é “tentar bastante”.

Ela deu de ombros novamente. Que coisa estúpida para fazer seus olhos arderem. Algumas vezes ela queria se sacudir.

– Achei que, se eu amasse alguém o suficiente, poderíamos ficar juntos. Poderia ser algo para sempre. Que pertenceríamos um ao outro. – A mão dela escorregou da dele. Magalie se abraçou instintivamente, um gesto que mostrava bem o que estava tentando fazer. – Eu era uma completa idiota. Nem queria que ele usasse camisinha, assim eu poderia engravidar.

– Meu Deus! – ele disse sem querer.

– Ele era um pouco mais esperto. – Ela fez uma careta ao se lembrar da situação.

As sobancelhas do Philippe arquearam:

– Não foi legal? – ele perguntou, compreensivo.

Ela torceu o nariz:

– Meio que doeu.

– A primeira vez?

– Mais de uma vez... – Ela deu de ombros. – Acho que eu demoro um pouco para me acostumar. A... – Ela deu de ombros mais uma vez.

– Às pessoas – ele sugeriu, retorcendo a boca.

– Não é o que quero dizer.

– Aos lugares?

– Você estava realmente escutando o que eu acabei de dizer?

– Às coisas? – Um sorriso escapou. – Podemos dizer que demora para você se acostumar às coisas?

Ela pressionou os lábios.

– Então... Dói às vezes. E você nunca disse para ele esperar mais, mudar o estilo, ou somente para se ferrar?

Ela piscou com a ameaça de ódio que existia na voz dele. Philippe a estudou por um momento e então colocou as mãos ao redor dos seus ombros, em sinal de aprovação.

– Você cresceu desde então.

Sim, ela crescera. Muito. Na realidade, não precisava mais das pessoas.

Exceto... que havia aquele homem bem na frente dela, naquele exato momento, segurando-a...

Ela deu de ombros desconfortavelmente. As mãos dele a acariciavam sob o casaco como se também pudesse ver seus ombros nus.

– Acho que era mais uma questão de forçar a barra - – ela explicou.

– É como me pareceu.

– Quero dizer... Eu tentando forçar um relacionamento pelos motivos errados. Como se pudesse me apaixonar e criar um *lugar* permanente. E um relacionamento que pudesse *durar*. Que não fosse... – Ela movimentou um pouco a mão, tentando expressar aquele momento que acontecia toda vez que seus pais resolviam ir e vir, os amigos que ela havia feito e os quais ela não veria por um ano, e então estava de volta, mas a amizade já era diferente, interrompida. E, quando começava a

reestabelecer o vínculo ou fazer novos amigos, partia novamente. – E ele, você sabe... era doce e sincero o suficiente, mas no fundo era só um menino de dezessete anos que queria transar.

Philippe ficou quieto por um momento. Quando recomeçou a andar, colocou o braço ao redor do ombro dela em vez de segurar sua mão. E, quando falou, foi com um humor irônico, tirando o peso do assunto.

– Fico pensando se a minha primeira namorada faz essa cara quando se lembra da gente transando.

– Isso é difícil de imaginar – Magalie disse involuntariamente. No fundo, em segredo, só o fato de ele mencionar a primeira namorada a fazia sentir um nó na garganta. Por que eram “ex”? O que causara o rompimento? Ele não havia falado novamente sobre estar apaixonado por ela depois daquele primeiro dia de neve, e, quando neva em Paris, *qualquer coisa* pode ser verdade, porque derrete depois.

Inconsciente daquela dúvida, ele sorriu, e seu braço a apertou um pouco mais.

– *Ma chérie*, sei que você tenta me humilhar, mas não é tão boa nisso quanto acha que é.

CAPÍTULO 33



PHILIPPE FEZ UMA SOBREMESA para ela decorada com placas de chocolate, que lembrava uma toca de um tatu ou de um dragão. No topo, as placas foram destruídas, então, em vez de fechar completamente a sobremesa como se fosse uma carapaça, as últimas placas subiam no que seria, para qualquer outro *pâtissier*, uma espiral impossível, deixando o recheio de dentro ser revelado e vulnerável. Ele a chamava de *Le Ventre du Dragon*, o ventre do dragão. Alguns críticos deram a referência a Tolkien, enquanto outros louvaram o tributo ao Ano-Novo Chinês, e todos falavam como a sobremesa os fizeram salivar.

Magalie estreitou os olhos, entendendo a mensagem original, mas comeu-a assim mesmo. E o doce derreteu-a por dentro.

Philippe percebeu isso porque ela tendia a exagerar o efeito, atacando-o com um riso, empurrando-o até a cama. No entanto, quando Magalie o conduziu, ele se excitou com o toque dela e seu desejo caiu no edredom; quando ela sentou em cima dele e arrancou sua camisa pela cabeça, o riso dela cessou. Seu olhar ficou muito sóbrio. E ela acariciou todo o peito e os ombros dele com mãos gentis, como se estivesse tocando algo precioso. Isso tirou o fôlego de Philippe, deixando o corpo tenso, firme e faminto.

Quando Magalie o empurrou e foi em cima dele, Philippe parecia um conquistador erótico, papel que lhe caía muito bem. Contudo, quanto mais ela o tocava, mais fraca ficava. Seus ossos viraram água sob o

toque dele, até que ela não conseguiu mais ficar reta e se deitou no peito de Philippe, com os lábios beijando-o em todos os lugares. Ele podia ver quanto isso podia incomodar alguém como Magalie, quão mole ela ficava enquanto os músculos dele a engoliam, como se ele roubasse toda a sua força.

Ele não sabia que lhe roubava a força. Sim, sentia-se fortalecido, incrivelmente forte. No entanto, devolvia todo o poder que pegava dela. Só não sabia como fazê-la enxergar aquilo, exceto da maneira como estava fazendo.

Ele teve de assumir o controle do ritmo com as mãos duras no quadril dela, o corpo de Magalie tomado por uma docilidade e lutando para manter a pulsão que ele exigia.

– Mais forte – ela sussurrou no pescoço dele. – Eu g...

Todo o corpo dele se agitou, suas mãos a puxavam de forma irregular, mas Magalie interrompeu as palavras, pressionando-as de volta à boca com beijos em seu pescoço e seus ombros.

Droga, Philippe *sabia* o que ela tinha tentado falar. Não podia ser nada além do que imaginava. *Eu gosto de você*, ainda que entrecortado, não se parece com *eu te amo*.

Com as mãos no corpo dela, com a boca, com o ritmo provocante, ele tentou fazê-la *falar*, entregar-se dizendo *eu te amo*. No entanto, ela sequer murmurou uma palavra.

– Você simplesmente não tem paciência – tia Aja disse a ele um dia. *A ele*. Àquele homem que podia trabalhar no aperfeiçoamento do grão de açúcar para um novo doce *o dia todo*. – Você torna as coisas muito dramáticas. Você não deixou que ela começasse a confiar em você. Isso pode levar alguns anos.

– Dizem que isso acontece com bebês, que eles choram quando a mãe sai do quarto porque não entendem ainda que ela existe. É algo assim, eu acho – disse Geneviève, que nunca teve um filho, mas que podia falar com muita propriedade sobre o assunto. – Bom, exceto quando é o contrário. Magalie costumava pensar que as coisas continuavam existindo quando ela deixava o quarto e teve de aprender que a maioria não existia.



Eles estavam voltando da festa de aniversário de Océane pelas pontes gêmeas atrás da Notre-Dame. Era o primeiro domingo de março quando Philippe começou a sondar novamente. O homem era incansável.

Magalie tinha dado a Océane uma coleção de chapéus: chapéu de bruxa, coroa de princesa, uma coroa de fada, um capacete de bombeiro e um chapéu de apicultor. Ela só queria ter certeza de que a menina tivesse várias opções. O capacete do bombeiro, ela admitiu que tinha sido um pouco ao acaso, mas Magalie soube da festa em cima da hora. Tinha sido uma festa bonita. Pelo menos, todos os convidados tinham gostado, principalmente do seu papel nela, ao lado do Philippe, como se fosse uma medalha de melhor funcionária da França.

Ela sabia vagamente que tinha de se incomodar com aquilo, toda aquela coisa de ficar sob as asas dele, mas teve problema para soltar o braço. Afinal de contas, o homem tinha um bom conhecimento da competição do melhor funcionário da França, o treinamento olímpico e sua intensidade e o que era preciso para ganhar; se a exibia como a um troféu, era difícil não se sentir lisonjeada.

– Então, presumo que a tentativa de criar um lar tentando engravidar aos quinze anos não deu certo? – Philippe perguntou.

O inverno chegava ao fim, e o dia estava prematuramente primaveril, por isso ele vestia uma jaqueta de couro que Magalie o tinha visto usar bastante no outono, aberta, com um suéter de caxemira azul transparente por baixo. Ela tinha comprado o suéter no outro dia e empurrou-o para ele, desafiando-o a reagir.

Claro que Philippe tinha ignorado aquele sinal o máximo possível, e colocou o suéter no corpo nu dela para fazerem amor. Ele lhe tinha dito que não gostava de ir às compras, e ela foi. Philippe queria que ela fosse treinada a associar fazer compras para ele com um grande prazer.

Aquilo significava que ele teria o sorriso maroto mais irritante no rosto quando ela comprasse outro, mas o que mais Magalie deveria fazer quando ele continuava vestindo o mesmo suéter todos os dias?

Sinceramente. Qualquer pessoa pensaria que era a única roupa que tinha.

– Eu não fiquei grávida – Magalie disse irritada. Não graças a ela. Graças a Deus, ela era muito mais forte agora.

– Acredito que ele não se tornou o seu lar também.

Ela suspirou. Aquela era uma história tão constrangedora. Por que havia deixado ele lhe arrancar essa parte de sua vida?

– Bem, eu tive de me adaptar nos primeiros três meses que voltei à Provença, quando meus pais concordaram em me deixar voltar para os Estados Unidos para o Natal e ficar na casa de uma amiga. Eles até estavam considerando fazer acordos com os pais dela para que eu morasse lá, e assim poderia ir à escola até o fim do ano.

As sobrancelhas dele arquearam:

– Isso é muita independência para dar a uma menina de dezesseis anos que não sabe nem como prevenir uma gravidez.

Ela deu de ombros:

– Eu sempre fui muito autossuficiente. – E se Magalie *ficasse* grávida aos dezesseis, teria se saído muito bem, obrigada.

– Também não teve muita opção, né?

– Como?

– Nada. – Ele obviamente estava sendo muito severo em algumas opiniões.

– Enfim – ela disse, falando muito depressa para poder despejar aquela história no lixo e se livrar dela. – Ele já tinha outra namorada, então todos os meus impulsos foram por um motivo estúpido, e voltei para cá depois que terminamos. Infelizmente, tinha comprado a passagem de volta para o último dia das férias na França e tive de ficar na casa da minha amiga até lá, mas... aprendi a lição e tudo mais.

Philippe ficou em silêncio por um longo período. No fim, ele balançou a cabeça admiravelmente.

– Que foi? – ela indagou de forma defensiva.

– Adolescentes são idiotas. Eu acho que teria tido o bom senso de esperar dois meses por você, mesmo naquela idade, mas só Deus sabe. Toda a história da gravidez provavelmente o assustou. E você com

certeza ficou melhor sem ele. Espero que seu namorado depois dele tenha sido melhor.

Os lábios de Magalie se abriram. E se fecharam. Num sorriso lento.

Philippe soltou a mão dela.

– Bem – ele disse de modo rude e irritado. – Aparentemente ele foi. Essa expressão no seu rosto é bem melhor.

Ela olhou para os tristes olhos azuis dele. Philippe pegou seu queixo e disse:

– Não se *atreva* a olhar para mim assim enquanto pensa *nele*.

Ela tossiu. Philippe estava tendo uma ideia muito errada, mas, ao mesmo tempo, a verdade não poderia ser algo bom de contar.

Ele girou, agarrou a mão dela bruscamente, e começou a andar de novo, dando passos duros nas lajotas de pedra.

Magalie pigarreou, inclinou o queixo em direção à fortaleza da catedral, e tentou parecer superficial.

– Eu não quis jogar com o seu ego, Philippe, mas você é um amante melhor do que um adolescente.

Philippe tropeçou. Seu pé pegou a quina da pedra, e ele cambaleou para a frente, largando a mão dela. Ele se viu encostado no corrimão de ferro da ponte, todos os cadeados que amantes e turistas tinham colocado ali ressoavam, então virou-se, ainda segurando-se, para encará-la.

– Você acabou de dizer que... – Ele se levantou e chacoalhou a cabeça com tanta força que balançou todo o corpo, como se um leão estivesse saindo da água. – Devo ter entendido errado.

Ela cruzou os braços abaixo do peito e lhe deu um olhar muito severo e superior.

– Eu sou realmente muito exigente – ela era mesmo. Magalie não queria nenhum homem suado, estúpido e que ronca no seu espaço tentando levar parte dela. Ela gostava de quem era.

E não tinha querido confiar em um homem para criar um espaço para ela que fosse durar. Para valorizá-la da maneira que sabia que merecia.

Philippe soltou o corrimão de metal e andou até ela. Seu peito elevou e abaixou visivelmente sob caxemira azul, e ele balançou a cabeça de novo, devagar desta vez.

– Espere. Você mora em Paris há cinco anos, trabalhando sob o olhar do público, você é linda e nenhum homem se contém para não agarrá-la e devorá-la aqui e agora. Você também passou três desses anos como universitária, no meio de uma multidão de homens com vinte anos que devem ter pedido para emprestar o seu caderno a cada maldita chance que tiveram. E você *nunca* deixou um desses homens desesperados abaixar suas defesas?

– Eu não *gosto* de homens desesperados.

– Ops! – Philippe disse, tão secamente que Magalie sabia que ela não tinha entendido algo.

Ela fez um aceno:

– Quero dizer... carente. Fraco. Eu não gosto de homens fracos. – Será que ele acabou de dizer que ela o deixava desesperado?

– Você tem muitos bloqueios, Magalie.

Ela o olhou com desdém:

– O que é que tem? Eu gosto de quem eu sou.

– Eu também gosto de quem você é, Magalie. Nós estamos em público, então não vamos entrar em detalhes de quanto gosto. Não estou pedindo para você mudar.

– Só para entregar parte de mim.

– Você toda. Mas para mim.

Estava claro que o fato de ser para *ele* deveria fazer toda a diferença. O que, estranhamente, fazia.

– E você pode ser você mesma ao mesmo tempo. É assim que funciona, eu acho. Como se você virasse uma *tarte tatin*. Ou saltasse do desfiladeiro. Se você tentar ser cuidadosa ou se conter, acaba numa bagunça.

– Você acha isso – ela disse em tom de reprovação, mas teve um estalo, que chacoalhou as coisas em seu interior. Lady Godiva. Ela apostava que lady Godiva *não* havia tentado se cobrir com o cabelo uma vez que decidira passear pelada pela cidade. Tinha muita certeza de quem ela era.

Ele deu de ombros:

– Não estou preso no equipamento de segurança aqui, Magalie. Mas *me* parece que, para você, pular do desfiladeiro me torna dez vezes

maior.

Dez vezes maior do que ele *já era*? Meu Deus. Magalie olhou para ele, o queixo forte e perfilado no cenário entre o rio e a Notre-Dame. As árvores no pequeno parque atrás da catedral estavam apenas começando a brotar. O vento vindo da água despenteou seus cabelos. O suéter azul que ela lhe dera realmente fazia maravilhas com os olhos dele.

Magalie enfiou a mão na dobra do seu cotovelo de forma possessiva e voltou a andar. A boca dele começou a se curvar presunçosamente, a curva crescendo cada vez mais, muito contente consigo mesmo. Ela estava surpresa que quem passava por ali não tentasse jogá-lo ponte afora somente para lhe tirar aquele sorriso do rosto.

– Então... somente eu? – ele disse, tentando e não conseguindo manter o sorriso sob controle. – Eu sou o único que você permitiu que fosse mais a fundo? Os outros não conseguiram saltar as barreiras?

– Você não é muito de saltar, Philippe.

– Não mesmo – ele concordou. O próximo sorrisinho era inevitável. – Eu gosto de penetrar.

Ela bateu em seu braço, mas não tão forte como gostaria.

– Você pode ficar quieto?

– Alguma vez brincou de mocinho e bandido quando era pequena e sempre insistiu para ser o bandido para que pudesse fazer a dança da vitória de maneira louca e triunfante?

Ela era filha única sem primos, mas não o interrompeu.

– Se nós não estivéssemos parados em frente à Notre-Dame, na cidade mais civilizada do mundo, acho que estaria fazendo uma dança agora.

– Deve ser muito ruim pertencer à sexta geração parisiense, não? As restrições do principado. Se você começar a tripudiar, vou empurrá-lo da ponte.

– Você? – Ele fez um gesto com as mãos e, bufando, quase trouxe a cabeça para baixo na posição de um touro. Ele estava bem ao lado do corrimão. Se Magalie lhe batesse com força com todo o peso do corpo quando ele menos esperasse... – Não vou tripudiar. Quantos homens você acha que saltariam essas barreiras por você? Centenas? Provavelmente *milhares*.

– Philippe, você me deixa lisonjeada, mas eu não me lembro de ter milhares de homens tentando flertar comigo.

– Você nunca *percebeu*. – Ele jogou a cabeça para trás com um olhar tão feroz e triunfante que ela pensou que soltaria um grito de guerra lá mesmo.

– Você nunca notou a presença *deles*.

Ela suspirou. Magalie nunca deveria ter permitido que ele começasse aquele assunto.

– Sabe, se alguma vez eu o imaginasse no meu futuro, teria tido alguns outros casos só para tirar essa arrogância da sua cara.

Ele lhe deu um olhar rápido e duro:

– Você é perversa, Magalie. Mas, como falei na primeira vez que nos conhecemos, não tenho medo de competição.

Sim, como havia falado, ele não era o único *chef* confeitoiro em Paris, mas, uma vez que as pessoas experimentavam seus doces, os outros não tinham mais importância.

O sorrisinho dele voltou:

– Ainda assim, eu estragaria você para outros homens.

– Você vai fingir uma inocência ferida de novo quando eu mencionar como você é arrogante?

– É triste, mas Sylvain Marquis é a única pessoa que eu conheço que não confunde uma honesta autoavaliação com arrogância. Vá em frente. Faça-me mais humilde. Diga-me por que eu. – Ele fechou a boca, mas deixou um sorriso transparecer. – Isso é por causa da maneira como eu... penetro? – ele riu.

Philippe estava realmente muito cheio de si naquele momento, não estava?

– Vou ter de te matar.

Ele parou de andar e de rir e se posicionou sob um poste de luz bem no começo da segunda ponte, aquela entre a Notre-Dame e a ilha *deles... dela*. Mesmo com o friozinho, as pessoas permaneciam lá, contemplando a catedral. Uma turista escrevia no diário com luvas nas mãos, um grupo de músicos tocava jazz. Magalie sentiu falta do homem que tocava o violino. Os violinistas tendiam a ir para o sul no inverno, e um novo apareceria em algum momento na primavera.

– *Sérieusement*. Por que eu?

Sério? Sério, a resposta honesta ia torná-lo alguém impossível de conviver.

Conviver. Aquilo tinha virado uma opção?

– Não sei se você se lembra, mas, quando eu o vi pela primeira vez, você estava rindo.

– Eu me lembro. Você apareceu como um chicote. – Ele colocou a mão no peito, como se ainda pudesse sentir a chibatada na pele. Será que era lá que a visão dela o tinha ferido? Bem no peito?

– Eu queria aquela risada.

Ele gostava daquilo. Ela podia ver o prazer na elevação de seu peito, na maneira como os cantos de sua boca se suavizavam, o modo como o azul de seus olhos se aqueciam. No entanto, Philippe não sabia interpretar a palavra *querer*, as sobrancelhas dele vibraram.

Magalie fechou o punho na parte inferior do abdômen, ilustrando.

– Eu o cobiçava.

Ele emitiu um som como se tivesse pegado a bola de futebol bem na barriga. Envolvendo-a nos braços, Philippe virou as costas contra o poste de luz e a beijou, longa e cuidadosamente, com a muralha atrás dele e ninguém na ponte dos sonhos fez mais do que olhar para os dois. A banda de jazz começou a tocar uma música romântica.

Finalmente, ele levantou a cabeça. O vento que estava soprando seu cabelo no rosto agora soprava em direção a ela, e alguns cachos não muito compridos atingiram suas bochechas.

– Então, se eu tivesse pegado você, e a levado para o meu escritório e te comido lá mesmo, do jeito que eu queria fazer, você teria *gostado*. E provavelmente teria me dado uma joelhada, batido na minha cabeça com o laptop, me nocauteado e nunca teria deixado eu chegar perto de você.

Ela se lembrou do calor da sala.

– Isso é muito difícil de dizer.

– Agora você está sendo maldosa, Magalie. Eu tenho fantasias sobre aquele encontro *o tempo todo*.

– É difícil me imaginar usando algo tão impessoal como um laptop em você. Eu precisaria das minhas mãos livres para muito do que eu queria fazer.

Ele descansou a testa na dela.

– Algumas das fantasias que tenho sobre aquele encontro são *terríveis*. Acho que, se eu as admitisse em voz alta, toda mulher me repudiaria.

– Bem... – Magalie escorregou a mão embaixo do casaco de Philippe, ao redor da cintura. – Ninguém nunca disse que as botas Givenchy eram baratas.

Ele a envolveu com os braços, apertando-a fortemente, assim Magalie foi encoberta por ele, e o seu casaco conseguiu bloquear todo o vento frio de março.

Quando ele finalmente se afastou, estudou-a e seus olhos se estreitaram.

– Mas você ainda não quer admitir que me ama?

Ela enrijeceu, uma tensão a travou, suas pupilas se contraíram. A boca ficou triste, e ele se endireitou. Eles andaram sem se falar, um *détente* de um momento que havia se quebrado.

CAPÍTULO 34



- EU TE AMO, *MINETTE* – disse Stéphanie Chaudron, e Magalie se encolheu no enorme e barulhento corredor. Ela se esquecera de como a Gare de Lyon podia ser. Fria o suficiente para transformar uma palmeira em um ridículo quiosque do trem TGV. Muitas pessoas partiam, tão rápida e firmemente como se a vida devesse ser daquela maneira. Muitas pessoas passavam por ela sem segundas intenções, raspando as malas no bico de sua bota.

Ela detestava estações de trem.

- Eu também, *maman*. Você não ficou muito em Ítaca desta vez. – Sua mãe estava a caminho da Provença depois de uma visita rápida ao marido nos Estados Unidos. Pouco mais de dois meses.

- Ah, *ma puce*, o inverno lá. E você não estava comigo para eu poder me aconchegar. – Sua mãe, que tinha cabelos pretos e olhos castanhos, sorriu para ela, um sorriso doce, remissente daqueles abraços apertados entre mãe e filha quando tudo ao redor parecia não existir.

Magalie concordou com a cabeça. Ela continuou tentando endireitar os ombros e abrir os braços para dar um abraço de adeus na mãe, mas, em vez disso, esfregou as mãos para cima e para baixo embaixo da manga de couro apertada, tentando se aquecer.

- Como papai está?

- Ah, *pucette*, você sabe como isso é difícil para ele. Eu pelo menos tinha você. – A mãe tocou sua bochecha e sorriu com carinho. – Você

sempre fez tudo certo. Você podia lidar com qualquer coisa.

Magalie não conseguia entender por que seu coração continuava a sufocá-la, porque seus olhos continuavam ardendo. Ela podia lidar com qualquer coisa, e certamente com a eterna relação de Hades e Perséfone de seus pais. Ela não sabia por que continuava vendo o rosto do pai, sua mão acenando até que não pudesse mais distingui-lo.

A menos que fosse porque alguém estava conseguindo manter seu coração aberto. Um horror repentino a fez perceber como a situação era vulnerável.

– Você não quer ficar em Paris por alguns dias? Você não precisa entrar no trem direto do aeroporto.

Sua mãe riu:

– Você é minha pequena parisiense. Eu nunca consegui aguentar esta cidade. Mas venha comigo para a Provença. Tenho certeza de que suas tias poderiam dispensá-la por um tempo.

– Não, elas não podem – Magalie disse tão rapidamente que os olhos da mãe se arregalaram de surpresa. – Elas não podem – ela insistiu.

Sua mãe sorriu de novo, afetuosamente.

– *Pucette*, tenho certeza de que elas poderiam encontrar uma moça para servir os clientes por algumas semanas. Eu mesma falo com Geneviève, se quiser. Ela não precisa tanto assim de você.

Magalie encarou a mãe.

– Sim, ela precisa – a voz soou quase como um chiado.

A mãe acariciou sua bochecha novamente:

– Sei que às vezes as pessoas fazem um drama por causa do adeus e tentam nos impedir de partir, mas você sabe que elas sempre se recuperam depois. Isso é o que significa ter uma vida plena. Você continua vivendo.

A respiração da Magalie estava curta, e isso a deixava enfurecida. Aquilo não podia estar acontecendo, aquele modo direto de sua mãe dizer as coisas. Aquilo *não* era algo que a incomodaria mais. Tinha um lugar agora. Ela o construiu e nunca o abandonou e agora queria mantê-lo. Nada de dança das cadeiras. Ela sabia como funcionava.

– Elas também precisam de mim.

Mas para quê? Para servir os clientes na loja que não precisam manter aberta a não ser para o próprio entretenimento?

– *Pucette!* – A mãe pegou um cacho do seu cabelo com um olhar melancólico. – Você poderia pelo menos perguntar a ela e ver o que diz. Aposto que ela vai lhe falar para vir.

Depois do que ela disse, sua respiração doeu fisicamente. Magalie mordeu o lábio inferior até o nariz começar a arder.

– Acho que aquele é o seu trem, *maman*. Fico feliz que pude vê-la no meio do caminho.

– Ah, *ma petite chérie*. – A mãe atirou os braços ao redor dela e deu-lhe um abraço bem apertado. – Se pelo menos você pudesse vir comigo, poderíamos passar mais tempo juntas. Tenho certeza de que todos aqui poderiam se virar mais sem você do que eu. Eu te amo, você sabe. Minha garota lavanda, que sempre conseguia me fazer sorrir quando eu sentia saudades do seu pai. – Ela começou a agarrar a alça da mala, então atirou as mãos ao redor de Magalie mais uma vez. – Não se preocupe com aquelas duas. Elas têm uma à outra e vão superar sua ausência se decidir se mudar e viver comigo – ela sussurrou no ouvido de Magalie. – Não deixe que a enganem e a façam pensar que precisam de você.

E com um último beijo rápido ela subiu no trem. E ficou na janela acenando para a Magalie, conforme o trem deslizava pela plataforma.

Magalie quase correu para o apartamento, o salto dez da sua bota indo de encontro à sua necessidade, forçando-a a andar rapidamente, a manter o queixo erguido contra todos os pedestres que batiam nela como se não estivesse ali.

Philippe nunca teve de se esquivar de ninguém em nenhuma calçada. As pessoas se desviam dele. Aos poucos, Magalie começou a perceber que a única razão para as pessoas em Paris a respeitarem mais recentemente era que normalmente estava grudada nele. Não porque estivesse crescendo ou merecesse um lugar.

Chegar ao apartamento foi um alívio. Ela subiu as escadas para trocar de sapato, pois estava um pouco atrasada para abrir a loja. Mas esse tipo de coisa não importava, *por que, na realidade, as tias não precisam da loja nem dela para ajudar*, uma voz lhe murmurou.

Ela tentou abrir a porta colocando firmemente a chave na fechadura. A porta não abriu. Magalie enrugou a testa, contorceu-a e tentou de novo.

Ela estava com a chave errada.

O primeiro choque a dominou como uma doença, e Magalie agarrou a maçaneta. Ela olhou para baixo. A maçaneta era nova, e com certeza tinha uma tranca acima que nunca tinha estado lá antes.

Seu coração disparou como se estivesse num pesadelo. Será que algo tinha acontecido? Será que suas tias decidiram expulsá-la de casa?

Não. *Concentre-se*, ela disse para si mesma. *Concentre-se* muito. Não seja idiota. Suas tias não fariam isso. Talvez Geneviève e Aja tivessem decidido trocar todas as fechaduras do prédio e se esqueceram de avisá-la.

Frustrada, sentindo-se caçada, querendo pelo menos dar uma passadinha no quarto para ter certeza de que ele continuava lá, Magalie desceu as escadas para o apartamento das tias. Elas não atenderam à campainha.

Desceu até o térreo e foi até a loja, ofegando com alívio quando a porta se abriu sob suas mãos e ela pôde entrar.

– *Bonjour*, Magalie! – a tia Aja sorriu para ela.

– Você... – Magalie respirou forte, forçando o ar a sair. – Não sabia que vocês estavam trocando a fechadura das portas.

As sobrelhas de Aja arquearam:

– Que fechaduras?

Uma onda de pânico a invadiu de novo.

– A fechadura da minha porta foi trocada.

Aja franziu a testa:

– Você tem certeza? Geneviève não pediu nada disso.

– Onde está a *tata*?

– Ela não disse, mas você conhece o jeito dela. Tenho certeza de que estará de volta logo, logo.

Magalie tomou fôlego, como se estivesse no fim de uma corrida muito longa, como se estivesse tentando fazer os pulmões esfriar. Então, ela teve um insight e uma raiva se apoderou dela no mesmo instante. Magalie se virou e desceu a rua.

No seu *laboratoire*, Philippe estava curvado em uma das bancadas, seus dedos pairavam acima dela. Ele levantou a cabeça quando Magalie entrou e todo o seu rosto se iluminou.

– Magalie! Só um segundo. Aqui. – Ele esfregou a mão em um espaço de mármore vazio ao lado dele sem olhar para ela. – Sente-se ao meu lado.

Magalie parou do outro lado da bancada. A raiva batia nela como se tivesse tocando uma bateria. Ele parecia não sentir, pois estava muito concentrado no que fazia.

– Philippe. Não consigo entrar em casa.

Ele olhou para cima no seu pedestal de cristal *fleur de sel*.

– *Enfin!* Pensei que teria de achar outra pessoa. Toda vez que um dos meus empreiteiros se apaixona, ele se dá mal. É ridículo. Bom saber que ainda consigo fazer as coisas.

Seu coração saltou com o comentário, mas ela reprimiu a raiva com firmeza.

– Você contratou alguém para mudar a fechadura da *minha* porta? – Ele não somente esperava que as portas das pessoas se abrissem para ele como também que tivesse o direito de trancar os donos delas para fora.

– Ele só colocou uma fechadura e um olho mágico. Não foi isso que ele fez?

Magalie colocou as mãos nos quadris. Ela ia ter de assassiná-lo.

– *Minha* porta. Você contratou alguém para trocar a fechadura da *minha* porta.

Ele deu de ombros e voltou para a *fleur de sel*:

– De nada.

Magalie mergulhou as mãos na caixa que estava por perto, as conchas de *macaron* que foram descartadas ao longo do dia porque não estavam perfeitas.

– Ele lhe deu uma cópia da chave? – ela perguntou entre dentes.

– É claro que não! – Philippe falou muito ofendido, ficando claro que estava orgulhoso da sua atitude de não pedir uma cópia. – Mas, se você quiser me oferecê-la... – ele deixou a voz diminuir de maneira sedutora.

Infelizmente, para ele, tudo o que ela queria fazer agora era bater na cabeça dele as conchas do *macaron*.

– Ele também não me deu uma chave.

Por um segundo, ela não achou que aquilo fosse distrair a obsessão dele por alguns grãos de sal. Ele arrastava um pouco os cristais, fazia uma careta de insatisfação, afastando-os para a direção oposta numa única linha espiral.

– Espere – ele disse, numa reação tardia. – Então quem está com a chave?

Ela atirou um *macaron* bem na testa dele, acertando-o. O doce ricocheteou, e com reflexos rápidos o braço de Philippe subiu e bloqueou a sua criação, protegendo o sal marinho.

Todos na cozinha paralisaram.

O estagiário parecia horrorizado. Os *chefs* mais experientes, como Olivier e Grégory, olharam melancolicamente para a caixa de descarte mais próxima.

Philippe pegou a concha do *macaron* que o bombardeou e o pesou na mão reflexivamente.

– Magalie, esta é uma cozinha *profissional*.

Magalie jogou outra concha. Ela não conseguiu evitar. Foi a postura dele de lhe falar o que era uma cozinha profissional. Ele se abaixou para evitar ser atingido no nariz; a concha atingiu a outra bancada e bateu no peito de Grégory.

Philippe revidou e a atingiu bem no queixo. Se fosse uma bola de neve, teria machucado, mas, como era um *macaron* do Philippe e, portanto, mais leve que o ar, só ricocheteou e deixou algumas migalhas pegajosas.

Olivier caiu na gargalhada, pegou um *macaron* descartado e atingiu a lateral do rosto de Grégory, que desviou a cabeça rapidamente. Rindo muito, Olivier tentou fingir que veio da Magalie.

– Estamos dando péssimo exemplo – Philippe informou Magalie, formando um escudo protetor com o corpo sobre a sua criação enquanto ela deu uma saraivada nas suas costas e acertou a cabeça dele.

O estagiário, os funcionários novos e os de escalão mais baixo pareciam muito apavorados para participar, mas Olivier estava pegando mais munição e rapidamente atirou em Grégory, que estava indo na direção de Olivier e da caixa de munições de descarte com um objetivo.

– *Bon, bon, bon, ça suffit!* – Philippe urrou, e Magalie fez uma careta para a última palavra, impressionada, apesar da raiva. Ele realmente podia preencher a cozinha com o seu urro quando queria, e estampou a enorme pata nos rebeldes que carregavam facas e caramelo quente e criações preciosas. Todos continuaram. Olivier mergulhou para evitar a saraivada de Grégory, que parecia arrependido. Grégory jogou mais um para atingir a bochecha direita de Olivier e então, tentando parecer inocente, colocou as mãos para baixo para evitar novas ações.

– Se um dos meus doces estragar, *não* ficarei nada feliz – Philippe avisou toda a cozinha num tom perfeitamente normal. Ele não precisava levantar a voz de novo, porque, depois do rugido, o barulho mais alto que se escutava era o das bolhas da panela de caramelo.

– Magalie. – Ele se virou para ela e baixou a voz para falar no seu ouvido. Ou pelo menos tentou. Como todos na cozinha estavam disfarçando para não ouvir a conversa, essa tentativa de discrição podia ou não ser bem-sucedida.

– Por que você não vem me atacar em particular?

Ele praticamente teve de arrastá-la para o seu escritório. Ela estava obstinada.

– Quero que você pare de se forçar para dentro da minha vida, e quero que *deixe a minha porta em paz*. É o *meu* lugar. É *meu*.

– Essa é a ideia, Magalie. Só o tornei mais seguro.

– Eu não posso nem entrar em casa – ela disse, erguendo a voz. Até mesmo para Magalie, ela estava começando a parecer um pouco histérica. Ela detestava isso.

– *Putain*. – Philippe pegou o celular na mesa, percorreu os números e fez uma ligação. O maxilar se apertou, ela podia ver que ele ia deixar um recado na caixa postal. – Franck, aqui é o Philippe Lyonnais. Preciso que você me retorne imediatamente. É uma emergência.

Ele desligou o telefone, frustrado:

– Isso a está traumatizando, né?

– *Não está* – ela gritou. Magalie não estava traumatizada. Ela normalmente lidava com tudo com muita calma. Ela levou os braços ao estômago com ênfase, tentando se forçar a parecer muito mais calma

diante da situação. – Você não tinha o direito de fazer isso. É meu lugar. Meu.

– Magalie, isso foi só uma medida de segurança e Franck... eu não sabia que ele ia hoje. Estou atrás dele há duas semanas. Ele tinha de lhe dizer o que faria, *em nenhum momento* você deveria ficar para fora do seu apartamento. Tome, pegue as minhas chaves se você quiser, e vá ao meu apartamento até que eu consiga falar com ele. Ou espere aqui e coma alguns *macarons* e volte comigo para casa. Não é o fim do mundo, Magalie.

– O que você sabe sobre o fim do mundo? – ela lhe perguntou furiosa. – Senhor “Sexta Geração em Paris”. O seu mundo já terminou alguma vez?

Ele a encarou profundamente, como se uma luz forte emanasse do seu escudo, transformando-a numa cortina transparente para a alma.

– Não. Sinto muito, Magalie. Eu só fiz isso pois sabia que você não faria, e estava ficando louco. Eu já teria dispensado o Franck por ter demorado muito, mas eu fiquei na sua casa quase todas as noites ou você ficou na minha casa, então não me pareceu tão urgente. Mas qualquer um poderia entrar lá durante o dia!

O queixo de Magalie caiu. Ela tentou ao máximo permanecer calma e forte.

– É o meu apartamento. – Sua voz era muito baixa. Ela não conseguia manter um tom bom e equilibrado. – Você não tem o direito de roubá-lo. Ninguém tem.

– Eu não *roubei*, eu ... – Seu telefone vibrou. Ele o pegou. – Sim, Franck. A chave.

Ele ouviu por um minuto e desligou o telefone.

– Ele disse que deu duas cópias para a sua tia Geneviève, que as colocou debaixo de uma panela na cozinha, onde parece que seria a primeira coisa que você veria.

Magalie se virou depressa antes que pudesse dizer algo de que se arrependesse e se encaminhou para a porta.

– Magalie – ele a chamou. A gaveta da sua escrivaninha estava aberta e ele segurava uma chave. – Esta é a chave do meu apartamento.

Caso você fique trancada para fora de novo por qualquer motivo, ela é sua. Você pode ficar com o meu apartamento também.

Ela desviou o olhar, fechando o punho, caso ele quisesse colocar a chave na mão dela.

– Eu não quero dois apartamentos. Eu quero um só.

– Este não é em outro país, Magalie. Fica a cinco minutos do seu, é na mesma cidade. Considere-o um reserva. Pegue a chave.

Ela apertou os dedos com mais força.

– Você pode trocar a fechadura da sua porta tão facilmente como fez com a minha – ela disse amargamente.

Ele jogou a cabeça para trás. As sobrancelhas arquearam e ele lhe lançou aquele olhar confuso que já lhe dera antes, quando Magalie lhe perguntou por quem ele estava apaixonado.

– Você realmente acha que eu faria isso?

Ela olhou em outra direção. Simplesmente não sabia.

– Se você estivesse louco, ou uma ex-namorada o estivesse perseguindo, ou... você sabe, não existe isso de ter tanto valor a ponto de, quando for embora, não ocuparem o seu lugar.

Philippe olhou para ela sem acreditar no que tinha escutado.

– Sim – ele disse. – Existe.

Aquilo provavelmente era verdade para ele, para o homem que fez sua marca no mundo inteiro. Seu coração ficou apertado, teimoso e hostil. Se ele podia ter o lugar dele, por que *ela* não podia?

– Quero dizer, num nível mais pessoal.

Ele olhou desconfiado, estudando-a como se ambos quisessem e não quisessem saber a resposta.

– Será que o lugar que eu fiz para mim com você, vamos chamá-lo de pequeno recanto, para ser realista, vai acabar tão facilmente assim, Magalie?

De novo o coração dela apertou, mas de uma maneira frenética, tentando não se machucar. Ela se arrepiou como se ele tivesse andado no seu túmulo.

– Não – ela disse logo desviando o olhar. Que boba!

– Seus pais não acharam fácil deixar o lugar de um deles para viver com o outro.

– Teria sido melhor se eles o tivessem feito. Eles passaram vinte e cinco anos despedaçados entre quem eram e com quem queriam estar.

– Eles tinham um dilema lamentável. Sinto muito por eles, mas acho que, de alguma maneira, cresceram com isso ou não persistiriam com a situação.

– Você não os conheceu.

– Isso é verdade. Talvez esteja superestimando a força de vontade deles baseando-me no comportamento da filha.

Força de vontade *dela*? Que força de vontade? Ela sempre fazia as coisas para ele.

– Você está se baseando em você, né?

Ele hesitou e deu um pequeno sorriso.

– Talvez. De qualquer modo, não vejo conflito entre o que você é e com quem quer ficar, Magalie. – Seu sorriso desapareceu, seu rosto ficou bem sério. – Ou talvez você pudesse me explicar o conflito que *você* vê.

Não existia um. Só havia um nó no meio do peito dela, algo que não ousava liberar.

Ele soltou um suspiro agudo e balançou a cabeça.

– Você sabe o que eu realmente ia dizer quando lhe perguntei sobre viajar pelos campos de lavanda? Ia perguntar se seria possível levar nossas famílias lá, por que eu a vi, uma menina de cabelo preto e olhos castanhos, e fiquei imaginando se teríamos uma menina parecida com você. Isso foi um pequeno salto para o futuro, mas esses são os saltos que minha mente dá quando penso em você.

Ela ficou imóvel. Como uma sobremesa de chocolate fundido, com a cobertura dura e o recheio derretendo em uma pegajosa confusão.

Ele andou pelo escritório até se encontrar com ela, olhou para o pulso teimoso de Magalie por um momento, então deslizou a mão na linha do seu pescoço e colocou a chave no sutiã.

– Quero que você fique com ela. Que diabos você quer de mim além de sexo e brigas, eu não sei.

Ela quase chegou à porta, mas Philippe a havia forçado a se abrir com tudo. Ele havia forçado uma *necessidade* nela. A pegajosa confusão em seu interior a estava amedrontando. Ele podia se inserir na vida dela e remodelá-la da maneira que bem quisesse. E Magalie continuava a ver

aquela menina no campo de lavanda. Uma menina orgulhosa. Uma menina forte. Uma menina de que só a mãe realmente precisava. Uma menina que não poderia nunca mais suportar se deixar mudar por pessoas que a esqueceriam.

A chave estava bem quente dentro do seu sutiã. Não deveria ter escorregado tão facilmente. Deveria ter avisado, com sua frieza metálica, o que estava tentando fazer.

Ela se virou rapidamente, como um chicote.

– Não – ela disse baixo e feroz. – Sem crianças. Sem meninas no campo de lavanda. – Sua voz estava muito feia, suprimindo as lágrimas com tanta força que saíram como um carro acelerado. – Não me machuque. Você não *se encaixa* na minha vida, Philippe. Fique fora dela.

CAPÍTULO 35



ELA TATEOU EMBAIXO da panela para encontrar as chaves sem olhar para a tia Aja, abriu a tranca do apartamento, bateu a porta atrás dela e rodou o fecho até não conseguir mais. Então desabou no chão com os braços envoltos na cabeça e chorou.

Não posso fazer isso. Não posso fazer isso. Ele vai cavar um buraco no meu coração e eu não poderei preenchê-lo.

Ela se balançava no chão duro, soluçando baixo porque seu peito doía muito para emitir um som mais alto.

Não posso ser aquela menina no campo de lavanda de novo. Não posso. Tentando brincar. Tentando ficar bem.

Mal posso ser a pessoa que sou aqui. Fingindo com o seu chocolate ridículo que as pessoas precisavam dela, que ela era alguém para o mundo de outra pessoa. Ninguém precisava da loja, muito menos do seu pequeno papel nele. Todos tinham se unido a Philippe assim que ele abriu sua loja sem pensar duas vezes nela. Suas tias nem precisavam da casa de chá. Era somente um brinquedo para elas, nem se importavam se ganhavam dinheiro com o negócio.

E chocolate. Deus, qualquer pessoa podia preparar um chocolate quente. Elas podiam ensinar o primeiro adolescente que encontrassem na rua a fazê-lo se precisassem de ajuda. Não era como se ela fosse Sylvain Marquis ou o próprio Philippe, pessoas que ninguém poderia imitar. Alguém sem o qual ninguém poderia ficar.

Exceto ela. Magalie podia ficar sem ninguém. *Poderia ficar sem Philippe.* Era assim que tinha feito sua vida.

Ou será que ela havia feito sua vida de modo que pudesse continuar sugando os estranhos que passavam pela sua órbita para tomarem seu chocolate ridículo, porque, na verdade, ela não tinha ninguém?

Magalie se levantou de repente, fechando a mão na nova fechadura que a manteria longe de todos. Que irônico. Philippe transformou a porta dela em algo pelo que nem ele podia passar.

A menos que ela permitisse.

Magalie se afastou da porta para se jogar na cama, mas podia ver a loja dele do seu quarto se levantasse a cabeça, então voltou para o chão.

Não posso, não posso, não posso. Ele é muito grande. O que vai restar de mim quando ele, nós, seguirmos a nossa vida?

Alguém bateu na porta com cuidado.

– Magalie? – tia Aja chamou.

– Eu só quero ficar sozinha, tá bem? – Magalie berrou. – Isso é tão ruim? Só quero ficar sozinha!

Então, ela enterrou o rosto nos joelhos e chorou de novo.

Do lado de fora, tia Aja murmurou algo e depois se ouviu a voz de Geneviève, que, como a de Philippe, podia atravessar qualquer bloqueio.

– Deixe-a em paz. Uma mulher deve poder ficar sozinha se quiser.

Ouviu passos na escada e depois elas se foram.

E Magalie chorou. E se enfureceu. Ela não tinha ideia de que possuía tanta raiva dentro de si, uma vez que sempre lidara com tudo. Raiva da menina que olhava por cima dos ombros da mãe em pânico ao ver o pai ficar tão longe. Raiva pelos seus oito anos, quando tentou retornar a um grupo de colegas que mal se lembravam dela. Raiva pelos seus quinze anos, por ter usado o corpo de maneira dolorosa e desajeitada para que pudesse ter uma chance em algum lugar. Pronta para desistir de toda a sua juventude, como sua mãe fez, Magalie teria uma pessoa que sempre estaria com ela, uma pessoa que sempre precisaria dela... até que essa criança crescesse e fosse embora e nunca mais precisasse de ninguém.

Ela tentara não precisar novamente de alguém.

E fracassara. Totalmente. Miseravelmente.

Aquilo também era culpa de Philippe, aquela raiva. Ela estava indo bem até que ele se mordeu furioso quando ela lhe contou sobre seus quinze anos, até que a perspectiva dele, aos trinta anos, sobre aquele caso doloroso a fizesse perceber que ainda nutria uma expectativa antiga sobre a situação agora, e se contorceu de horror e compaixão e raiva. E Magalie não tinha sequer *pensado* em toda essa história havia anos. Bem, na realidade, tinha. Ela *estava bem*. E aquele caso ruim a manteve longe de problemas desde então. Quando um homem se aproximava, ela se lembrava do episódio, enrugava o nariz e o bania da linda vida de integridade que tinha construído para si, a vida que finalmente não se moldava a ninguém.

Magalie enterrou o rosto e chorou novamente ao pensar na vida maravilhosa e perfeita em seu apartamento para uma pessoa, bonito e perfeito, naquela ilha pequena e perfeita. Somente quando penas grudaram no seu rosto e nas mãos molhadas foi que ela percebeu que estava agarrando o travesseiro, e que o golpeará até destruí-lo.

Isso a fez chorar *de novo*, pois... era um travesseiro forte, resistente e caro, e ficou imaginando que outra força poderia ter para golpear algo até aquele estado. Ela pensou em que mais poderia ter quebrado.

Enxugou o rosto devagar, esfregando parte dos cílios, e assim teve de finalmente entrar no chuveiro para tirar todas as penas.

Quando saiu, ficou cara a cara com a sua imagem no espelho e parou, estudando a estranha que tentava forçar o seu jeito na vida dela.

Respirou fundo, levantou o queixo e endireitou os ombros, imitando a arrogância de Philippe. *Sou Philippe Lyonnais*, ela pronunciou num tom como se todos devessem reverenciá-la.

Não, palavras erradas. *Sou Magalie Chaudron*. Assim. Não, assim parecia ridículo. Ninguém ia reverenciá-la. Até Philippe, que tinha feito muita coisa para ela até então, tinha de se ajoelhar a seus pés.

Ela franziu a testa. E seus ombros subiram e desceram de novo, e seu queixo se ergueu. Um gesto natural desta vez. Magalie se conformou. Ela não precisava da arrogância de Philippe, tinha a dela. Não precisava ter a mesma marca no mundo que ele. Ou mesmo marcá-lo como ele tinha feito com ela. Ela precisava ter a sua própria.

Não. Ela pensara naquilo como se ainda não tivesse uma. No entanto, tinha feito a sua marca nele. O homem com certeza estava louco por ela. *Quer dizer, qual é, Magalie? Até você pode ver isso.*

O pensamento a preencheu do mesmo modo que ela queria que o seu chocolate preenchesse as pessoas, quente por dentro, inchando até aquecê-la por inteiro.

Você pode ver isso se quiser. Se tirar essa venda de covardia.

Da mesma maneira que Magalie podia ver como as tias lhe sorriam, ou tentavam direcioná-la para o caminho certo, a maneira como faziam comida o suficiente para ela também, e se preocupavam quando desaparecia no quarto. Do mesmo modo que podia ver que seus antigos clientes tinham voltado bem depressa. Philippe estragou tudo ao forçar o caminho, mas, embora a rotina tivesse se modificado para incluí-lo, as pessoas ainda se encontravam em La Maison des Sorcières, precisando dela. Gostando dela.

Não tinha nada de errado com a maneira que estava agora. Só precisava ser ela mesma. A pessoa que sempre quis ser. A pessoa que ela foi desde que arrumou as malas e se mudou para Paris com as tias e decidiu que seu lugar era ali.

Bem, não tinha nada de errado com a maneira como era, exceto por uma coisa.

Magalie precisava ser ela mesma. Contudo, isso não queria dizer que precisava ser pequena.



Apertando a chave com a qual abriu o apartamento, Magalie andou na ponta dos pés triunfantemente e com muita ansiedade entrou na grande sala de estar de Philippe, iluminada com suavidade pelas luzes da rua. Parou perto do sofá, comprido o suficiente para fazer um striptease com sua lingerie sensual, pois sabia o valor de estar bem vestida para certas ocasiões – e esta ocasião talvez requeresse que compensasse o que tinha feito. Como dizer para Philippe ficar fora de sua vida. Pela primeira vez, Magalie tentou imaginar como seria se ele lhe tivesse dito

isso. E quase se sentiu doente. Parecia que tinha sido atingida no estômago.

Então, sim, ela teria de compensar algumas coisas. Respirou fundo e entrou na maravilhosa caverna que era o quarto dele, direto em sua cama e então parou. As cobertas estavam esticadas, o que fez seu coração, que já estava acelerado com a própria ousadia, bater mais depressa ainda. Pois, se ele não estava na cama, tinha um grande predador solto em algum lugar escuro e ela tinha acabado de invadir o seu território. Quase nua.

Então, Magalie escutou a água do chuveiro. Droga. Olhou muito arrependida para a faixa que carregava na mão. Ela nunca conseguiria amarrá-lo para fazê-lo escutá-la se estivesse acordado.

Ela entrou no banheiro. Ah, que visão bonita era *aquela*. Philippe estava pelado, todo aquele corpo poderoso e longo, brilhando com a água, um braço apoiado no chuveiro, o peso apoiado nele, a água caindo nas costas e na cabeça.

Ele parecia cansado. Parecia que estava debaixo do chuveiro havia muito tempo.

Ele parecia quase derrotado.

O coração dela começou a bater com mais força, machucando-a. Ela não queria que ele se sentisse derrotado. Não combinava. E só tinha um assunto no qual ele poderia estar pronto para admitir a derrota naquele momento.

Magalie respirou fundo e estreitou os olhos, tentando desejar estar com ele, tentando fazê-lo senti-la. Ele fazia isso o tempo todo. Era só deixar a sua presença preencher a sala e...

Philippe levantou a cabeça e se virou.

Ela ergueu a chave.

– Surpresa.

A derrota desapareceu da sua postura em um instante. Foi substituída pela raiva. Intensa.

Philippe desligou o chuveiro e puxou a toalha da prateleira aquecida, enterrando o rosto nela para secar. Aparentemente, era muito mais importante cobrir o rosto do que o restante do corpo, brilhante, grande e

firme. A água escorrendo por todos os lugares que uma mulher gostaria de tocar.

Ela estendeu a mão para seguir uma gota de água do seu abdômen firme. Philippe pegou a mão dela e empurrou-a para longe dele. A toalha se abaixou, e seus olhos azuis a encararam.

– Você quer saber uma coisa, Magalie? Pela primeira vez, eu não estou a fim.

Aquilo doeu. Seu peito ficou apertado de ansiedade e seus dedos apertaram as chaves.

– Você disse que eu... você disse que não ligaria de eu entrar assim.

– Sim, mas eu não prometi que nunca ficaria zangado em toda a minha vida. Vou dormir no maldito sofá.

Ele andou com passos largos ainda se secando de maneira bruta.

Magalie o seguiu até a sala de estar, derretendo-se toda com a combinação do corpo atlético e bravo dele e com o que ele acabara de dizer. *Toda a sua vida.*

– Entrei no seu apartamento sorrateiramente, sem a sua permissão, e ainda fico com a cama?

Isso o deixou mais bravo. Seu punho se apertou na toalha, e ele se virou para ela de repente.

– Não é sem a minha permissão, Magalie, ou você não percebeu que está segurando a chave? Você acha que eu dou uma chave para cada mulher que aparece na minha frente? Mas, neste exato momento, eu não quero *você* no *meu* apartamento. – Ela estremeceu. O corpo todo estremeceu. – Então, vá para a minha cama e me deixe em paz.

Algo quente surgiu depois do estremecimento, acariciando a ferida. Ela inclinou a cabeça.

– Você não me quer no seu apartamento, mas me manda deitar na sua cama?

– Droga, Magalie. – Philippe apertou a toalha e jogou-a com força no chão, dando as costas para ela. O que o deixou completamente nu, em pé, e absolutamente lindo. A luz da cidade que entrava na ampla janela fazia seus músculos brilharem.

– Desculpe-me – ela disse baixinho.

A cabeça dele se levantou um pouco ao ouvir o pedido de desculpa, mas depois se abaixou novamente, sob muita mágoa ou muita raiva, todos os músculos tensos.

– Não quero conversar agora, Magalie.

Ela ficou ali se sentindo inútil, banida. Horrível. Encarando as costas dele. Ela pôde ver a parte inferior do tronco firme e enxuto e as nádegas de um homem que estava sempre de pé, sempre se movimentando, carregando, curvando-se, agachando, sempre com um controle rígido invocando todos os seus músculos. Havia ainda os músculos maiores, visíveis nos seus ombros e braços.

– Por que você faz academia? – ela perguntou, de repente, esperando que falasse.

Por um segundo pensou que ele não responderia, mas as boas maneiras prevaleceram. Sua voz era baixa e fria.

– Eu passo o dia todo muito concentrado. O exercício irracional contribui como um bom... estabilizador. – Um ombro se encolheu, ondulando aqueles músculos. Ele continuou com uma voz mais alta: – Faz com que eu me sinta bem.

Nunca lhe ocorreu quanta tensão devia acumular em seus músculos todos os dias.

– Sabe de uma coisa? Você gostaria se eu andasse em cima dos seus músculos – ela murmurou, tocando a mão nas costas firmes dele. Ela se imaginou deitada sobre o estômago liso dele depois de um dia longo de trabalho, curvando os dedos dos pés nas costas nuas, massageando-o com seu peso.

Ele não disse nada. Magalie achou que ele ia amar, mas não admitiria sob as atuais circunstâncias.

Ela passou a unha do dedão pelas costas dele, desde a nuca até a curva das nádegas com um simples arranhão. Ele estremeceu, começou a arquear, e então se forçou a ficar rígido, não se permitindo flexionar ao toque. Contudo, os músculos do braço tensionaram, conduzindo o olhar dela pelos braços dele até o pulso tenso ao lado das coxas nuas.

– Não – ele disse sem rodeio.

Ela ficou na ponta dos pés e tentou beijar sua nuca, como ele fazia com ela. No entanto, Philippe estava numa posição tão ereta que Magalie

teve de agarrar seus ombros para alcançá-lo. Ela teria de malhar bastante para ter mais força nos braços, pensou ironicamente, se fosse fazer academia com ele. Magali segurou-se até que seus braços começaram a tremer, passando a boca, dentes e rosto pela nuca dele, da mesma maneira que ele fazia. Ela não sabia que podia obter quase os mesmos resultados. Seu rosto era muito macio. No entanto, não conseguia reproduzir tão bem os efeitos devastadores que ele lhe causava quando seu queixo raspava nela.

Parecia que algo estava surtindo efeito, porque a cabeça dele se curvou ao toque, os ombros puxavam as mãos dela a cada respiração pesada.

Magalie finalmente desceu, os braços escorregando em direção à cintura dele, com o abdômen e os seios se arrastando contra as costas de Philippe. A pele macia, tão suave comparada aos pelos encaracolados de seu peito.

– Suas costas parecem uma seda – ela suspirou. Era como se Magalie tivesse descoberto um segredo dele ou de sua masculinidade: calos nas mãos de tanto bater ovos e carregar peso, pelos no peito, braços, pernas e queixo, mas costas macias como as de um bebê.

Todos os músculos das costas eram firmes. Ele sentiu um arrepio.

– Você quer mais do que está disposta a dar, não é verdade? – ele disse amargamente.

Aquilo doeu. Será que para ele aquilo ainda era um jogo de poder, tentando provar que Magalie poderia vencê-lo com o desejo?

– Acho que é como fazer amor quando se é virgem – ela disse tristemente. – Você é maior do que estou preparada para aguentar.

O estômago de Philippe se contraiu com o toque dela. Uma de suas mãos levantou-se e a envolveu.

Ela pressionou os lábios contra as costas dele e deixou-o sentir seu sorriso.

– Em vários aspectos – ela acrescentou maliciosamente.

Ele deixou a mão cair. Ai, ai, ai. Aparentemente, não era hora de brincadeira.

– Você já disse isso antes. Que leva um tempo para que eu me acostume a... às coisas – ela disse.

Magalie descansou o rosto contra o músculo tenso das costas dele, deslizando as mãos pela cintura, onde podia alcançar toda a sua volta.

– Isto é perfeito – ela murmurou. – Estar aqui.

Philippe não respondeu, muito teimoso com os sentimentos feridos, mas virou a cabeça. Ela não podia vê-la, mas sentiu os músculos se retesarem embaixo de seu rosto. Bem, depois de tentar por uma vida toda, repetidas vezes, conquistar um lugar só dela, Magalie certamente poderia se sentir bem naquela casa.

– Não é engraçado que tenha se tornado tudo tão perfeito? Achei que você entraria na minha vida para despedaçá-la. Que destruiria minha torre como uma criança mimada destrói a construção de outra só porque precisa de mais blocos para o próprio castelo.

– De onde vem essa ideia de que eu sou mimado?

Ela baixou a mão acariciando-o até alcançar o sexo dele, e enrolou os dedos ao redor dele para silenciá-lo. Philippe bateu na mão dela. Ainda teimoso, então.

– E foi isso o que você fez, sabe? – ela disse. – Você é muito obstinado. Vai atrás daquilo que quer, e azar de quem aparecer no caminho.

Ele deu de ombros e tentou se afastar, mas os braços dela o apertaram e ele a levou junto ao dar um passo. Philippe parou. A respiração dele se tornou mais profunda no abdômen pressionado contra ela.

Magalie escorregou em sua volta, deixando as mãos caírem, ainda o segurando até ficar inclinada contra o seu peito, a excitação pressionando a barriga dela.

– Isto é perfeito, também – ela disse para seu espanto.

Magalie sabia que ele estava com a cabeça inclinada porque sentia sua respiração no cabelo.

– Então, aqui estou eu, dilacerada. Realmente não queria estar assim. Eu gostava de quem eu era.

– Você gostava da sua torre – ele murmurou, a voz era quase uma desculpa. – Você acha que eu a destruí? Só queria arrumar um lugar para mim dentro dela.

Ela assentiu, sem saber o que fazer, seu rosto deslizava contra o pelo do peito dele.

– Bem, eu provavelmente posso consertá-la. Mas eu gosto daqui.

– Do Marais? De Paris? Fora da sua ilha?

Ela inclinou a cabeça para trás até que seus olhos encontraram os dele, o rosto de Magalie ainda aconchegado no peito dele.

– Aqui, bem aqui.

Essas palavras o fizeram derreter, amolecendo-o como um chocolate ao encontro da pele. Seus braços a envolveram.

– Bem aqui?

Ela amava a maneira como a voz dele vibrava em seu peito e fazia cócegas em seus ouvidos.

– Sou bem forte. Posso defender minha torre.

Philippe soltou o ar em seu cabelo e disse:

– Verdade?

– Posso lutar contra você.

– Não teria tanta certeza disso.

– Mas acho que você me merece.

Ele a apertou nos braços.

– Por que sou eu que sempre sou chamado de arrogante neste casal?

– ele reclamou no quarto vazio, mas sem muito entusiasmo.

Casa! As mãos dela moveram-se ao seu redor.

– Às vezes, até acho que você pode estar em um lugar mesmo quando não está. Que talvez você não seja feito de açúcar – ela comentou.

Philippe pegou uma das mãos dela e começou a escorregá-la pelos seus músculos, tão forte e determinado, acariciando a palma no seu peito, nos seus bíceps.

– Agora, e o que lhe deu uma pista sobre isso?

Ela sorriu contra o peito dele, inclinando a cabeça para que seu olhar pudesse secretamente escorregar debaixo dos cachos do seu cabelo, abaixo do corpo dele. Ele estava tão excitado. Se os dois pudessem fazer as pazes, ele a penetraria e...

– É você que faz o açúcar derreter – ela disse maliciosamente. – O maçarico.

– Não, eu sou a pessoa que controla o maçarico. Você está confusa porque eu sou muito quente.

A mente dela fez uma dessas pequenas confusões que às vezes aconteciam por causa da variação de idioma. *Quente por você*, ele quis dizer. *Muito excitado sexualmente*.

Ele sorriu para ela.

– Se pelo menos você fosse um pouco mais como o açúcar, eu poderia fazer o que quisesse com você.

O corpo dela quente e cristalino girou sob sua mão, moldando-se, porém o que ele queria...

– Você me faz sentir como açúcar às vezes.

O pênis dele ficou ereto com o que ela disse. As mãos de Philippe envolveram seu quadril. Ele a puxou com firmeza.

– Ficar aqui é o meu plano, Magalie. Você achou que eu diria que te amava para tirá-la da sua torre sem me importar com as consequências?

Ela hesitou. Na realidade, não, mas ...

– As pessoas fazem isso.

– Provavelmente foi por isso que eu a levei para conhecer minha família. Minha sobrinha de quatro anos. Minha irmã grávida. Meus pais. Todas essas pessoas.

Ela acariciou o abdômen dele, que se contraiu com o toque, e disse:

– Eu não digo “eu te amo” sem motivo. Eu costumava fazer isso quando era criança, com minha mãe e meu pai para fazê-los se sentir melhor, mas parei quando me tornei adolescente.

Os dedos dele se tensionaram nas nádegas dela, pressionando os músculos doloridos da corrida do dia anterior.

– Isso foi um aviso?

– De certa forma, sim. – Ela deu um passo para trás para que pudesse olhar direto no rosto dele. – Eu te amo. É difícil dizer isso. Ainda estou tentando descobrir como ser eu mesma e ainda assim me entregar. De qualquer maneira, eu te amo. Você abriu meu coração. – Escancarou-o.

Era difícil. No entanto, parecia que Magalie estava rejeitando uma carapaça velha e ultrapassada, algo que a incomodava um pouco. Ela se sentiu *grande*. E percebeu, de súbito, como Philippe podia dominar um

lugar com a sua presença. Ele não estava conseguindo se segurar. Ele controlava suas próprias emoções, mas estavam todas lá, completamente à mostra.

Era difícil. Contudo, Magalie gostava daquilo. A sensação de poder se alongar. Não era a mesma coisa que se agarrar a ele desesperadamente, afinal. Não era assim que acontecia. Era como se estivesse mais forte. Ele mesmo disse: aquilo o fazia se sentir dez vezes maior.

Era difícil; mas o olhar no seu rosto, a maneira como as mãos dele a procuravam, faziam tudo valer a pena.

CAPÍTULO 36



HAVIA CINCO ECHARPES na caixa. As quais Magalie recontou, corando a cada memória registrada em sua mente. Certo. Cinco. E todas as vezes ela havia pensado que os lenços eram recompensas pelos orgasmos *dele*.

– Ele não tem outra ideia para presentes? – tia Geneviève perguntou.
– Você parece ser uma pessoa friorenta para ele ou algo do gênero?

Tia Aja fez um discreto gesto para que Geneviève ficasse quieta.

– Acho que era para você abrir o presente quando estivesse sozinha.

Ótimo. Agora na cabeça das tias ela era amarrada nua e com as pernas abertas por lenços alguns andares acima. Naquele momento, *ela* estava visualizando essa imagem e... Ah! Pelo amor de Deus. Magalie empacotou todos os lenços rapidamente e correu ao pátio para levá-los ao quarto.



– Pare de me enviar lenços, seu pervertido – ela disse a Philippe naquela tarde na cozinha azul.

Ele sutilmente acariciou a xícara e a levou à boca, abaixando os cílios escuros de pontas claras enquanto bebia o chocolate encorpado.

– O que você quer que eu envie então? Um anel?

Os olhos dela arregalaram-se. Os lábios dele estavam curvados, os olhos a provocavam com humor, tudo o que importava estava ali. E ele simplesmente esperou. Esperou para ver o que ela faria com a pergunta.

Magalie olhou para a própria mão, para o dedão se contorcendo em cima do dedo anelar como se estivesse testando o vazio. E olhou para ele de novo.

Uma de suas sobrancelhas arqueou-se. Sua intenção estava clara, a cozinha ficou pequena, e seus músculos estavam dando cambalhotas.

Ela limpou a garganta. Deveria estar repreendendo-o agora. Olhou novamente para o dedo anelar sem anel.

Philippe começou a sorrir. Não debochando, mas de pura felicidade. Os músculos do leão estavam preparados para um ataque. Uma respirada e ele saltaria.

Magalie o encarou, querendo poupá-lo do salto, querendo andar até ele e se aconchegar.

Bem, por que ela não o fez? Já não sabia que se o impedisse de sempre tomar a primeira atitude ela se sentiria mais no controle da situação?

Ela só precisou dar dois passos.

– Isso é bom – ela suspirou no peito dele. – Você está com um perfume muito bom. O que fez hoje? Está cheirando a limão.

Ele colocou a xícara de chocolate na bancada. Os braços dele a envolveram.

– Nunca vou deixar Paris – ele comentou. – Eu a amo na Île Saint-Louis. Venho de uma família muito feliz onde as pessoas têm relacionamentos irritantes que duram para sempre. Eu só puxei o cabelo da minha irmã uma vez quando éramos crianças, e isso aconteceu porque ela derrubou três camadas lindas da *pièce montée* que eu estava fazendo para o aniversário do meu pai. Bem, eu também sequestrei a Barbie dela quando estávamos brincando de polícia e ladrão e a amarrei num formigueiro, mas ela já deve ter superado isso.

Magalie inclinou a cabeça para trás e o beijou, sentindo a resposta dele correr por todo o seu corpo. O que havia de errado com ela, deixando-o guiar todo o relacionamento deles até agora? Seus

sentimentos balançavam conforme prolongava o beijo, por fim encontrando o centro, e ele fazia parte daquilo.

Os dedos dele agarraram o cabelo dela.

– Toda tarde você poderia tomar um pequeno chocolate quente comigo. Ou poderia ir me ver – ele a seduzia – e sentar-se em uma das minhas bancadas, deixando eu alimentá-la de beijinhos enquanto trabalho.

Magalie massageou os dedos no peito dele alegremente. Aquele era um lugar muito bom de ficar.

– E nós poderíamos, bem, não sei se tenho condições de comprar um apartamento grande na Île Saint-Louis, mas, você sabe, talvez seu sentimento de pertença seja pequeno. Talvez esta cidade inteira seja seu lugar. Paris.

Hum! Ela hesitou. Magalie gostava muito do apartamento no alto da ilha. Embora Le Marais fosse bom também. Contudo... Ela hesitou, a necessidade de nunca mais se mudar a emperrava mais uma vez.

– Você está pensando sobre o assunto, certo? – Philippe falou por detrás do cabelo dela.

Ela assentiu com a cabeça encostada no peito dele.

– Então, tudo bem. – Ele levantou a mão dela e beijou a parte interna de cada pulso, como gostava de fazer. Então, escapuliu assim que a tia Aja apareceu no pátio.

Na porta, ele parou e olhou para trás, perguntando:

– O que você está desejando para mim agora?

Que ele a amasse para sempre. Ela levantou as sobrancelhas, concentrando-se nele. Como se pudesse ter uma visão mágica que mostrasse o chocolate correndo por suas veias, tomando conta do corpo dele, fazendo-o pertencer a ela.

Philippe sorriu. O sorriso cresceu por todo o corpo, e, como não havia mais espaço, preencheu toda a cozinha.

– Eu não sinto nada diferente.

CAPÍTULO 37



MAGALIE ESTAVA ATRAVESSANDO a Pont Saint-Louis, entre a catedral e a ilha, quando uma jovem com aparência de estudante sorriu para ela. A ação em si era incomum. As pessoas não sorriam uma para as outras em Paris.

Magalie hesitou, pois ou ela era louca ou a conhecia de fato. Ah, ou talvez só estivesse esperando criar algum tipo de vínculo com Magalie para conseguir alguns trocados, pois logo abriu a capa de um violino e saltou em um palco montado no gradil, no ponto alto do arco da ponte.

O cabelo loiro estava preso num rabo de cavalo, o jeans estava gasto no joelho, e ela segurava aquele violino como se fosse parte de seu corpo, como se, sem ele, fosse perder o equilíbrio e cair no Sena.

Magalie deu um passo na direção dela e perguntou:

– Eu conheço você?

A garota soltou uma gargalhada.

– Você faz um chocolate muito bom – ela disse, abaixando o queixo para o violino.

Era como ficar no centro de milhares de pontos de luz. O céu tocando a terra. Era o som mais bonito que Magalie ouvira na vida.

Todos na ponte pararam. Os garçons no café do outro lado paralisaram e viraram-se na direção dela. As pessoas levantaram-se das mesas para ver melhor.

A jovem sorria, brilhando de alegria. A música tomava conta de todos numa maravilhosa ode à liberdade.

Magalie ficou observando-a, boquiaberta, arrepiada, sentindo calafrios pelo corpo todo. *Que você ame a vida e a aproveite com ambas as mãos.* E um desejo voltou à sua mente. Havia muito tempo, um desejo direcionado a uma jovem que esfregava os tendões entre os dedos enquanto a mãe se deliciava com quanto do mundo tinham visto entre as apresentações.

Apresentações que tinham ocorrido na Nova Zelândia, no Havaí, no Japão e lá em Paris. Ela sabia perfeitamente bem, qualquer pessoa com audição sabia perfeitamente bem, ao ouvir aquele violino, que sua mãe não estava falando de apresentações de rua.

E agora a garota parecia cheia de alegria e liberdade e um jeito travesso profundo e satisfeito por estar se apresentando de improviso bem ali.

Deus do céu, talvez Magalie precisasse ser mais cuidadosa com o chocolate.

Ela ficou ali até a “Ode à Alegria” terminar, com as mãos enfiadas nos bolsos. A princípio havia começado a esfregar os braços, para aliviar os arrepios, mas aquilo parecia tão mundano em vista da música radiante que dominava todo o seu ser.

Assim que a jovem fez uma pausa e relaxou os ombros e abaixou um pouco o violino, o chapéu se encheu de dinheiro. Magalie procurou a carteira.

A garota riu e pulou do palco.

– Nem preciso disso, na verdade, mas talvez seja melhor não acessar minhas contas se puder evitar – ela murmurou para Magalie. – Eu *disse* a minha mãe para me deixar em paz, mas aposto que vão colocar detetives atrás de mim. Mesmo assim, no seu caso, preferia receber em chocolate – ela piscou para Magalie. Sem a alegria da música dominando seu rosto, ela parecia maior, o nariz grande demais, desproporcional, bochechas fortes. Tudo isso lhe dava uma aparência de “não tão bela”, tudo era muito demais.

Magalie abriu e fechou a boca. E abriu novamente, sussurrando:

– Foi o meu chocolate que fez isso?

A garota era apenas um ou dois anos mais nova que Magalie, mas florescia para a vida com sua juventude, como uma flor que finalmente abre os botões após a neve. Ela riu novamente.

– Não, eu fiz isso – disse ela.

Ah. Magalie sentiu um misto de alívio e desapontamento. Ela jogou uma moeda no chapéu e algumas notas mais prosaicas por cima, embora suspeitasse de que a jovem tivesse muito mais dinheiro que ela nas tais contas mencionadas, e começou a ir em direção à ponte.

– Apesar de que o chocolate é realmente muito bom – disse a violinista. – Ainda me lembro do primeiro gole. Faz com que você queira aproveitar a vida com as duas mãos, amando cada gotinha dela.

Magalie parou e olhou para trás.

A outra mulher limpou o rosto, bebeu um longo gole d'água, ficou só de corpete branco e voltou para o palco.



Philippe tinha um balcão de mármore inteiramente para ele, e nos outros balcões seus *chefs* e vários assistentes trabalhavam com afinco. Os aprendizes se levantavam na ponta dos pés para olhar o que Philippe estava fazendo ou passavam um pouco devagar demais com uma panela "*chaud, chaud, chaud!*" que tinham de levar para o *laboratoire*.

Havia uma tentativa de criar um anel de massa *choux* recheada com creme. Havia um *macaron* de chocolate e lavanda cujo centro tinha sido cortado, mas ele não gostou, pois onde colocaria o mel? Havia um lindo Paris-Brest em formato de anel com creme de rosas, e açúcar pulverizado no topo com pedaços de pétalas de rosas, e um pacote de framboesas ao lado, pois ele não conseguia decidir se espalhá-las pelas bordas era uma boa ideia ou não. Havia uma criação densa de chocolate amargo que, no momento, ele estava retirando do molde em formato de anel. Ele tinha farinha no cabelo e uma faixa de chocolate pela bochecha.

E, é claro, ninguém teve a presença de espírito de trancar sua irmã para fora, então ela veio direto para ele. E parou.

– Philippe, *o que* você está ...

Ele lhe lançou um olhar incomodado e disse:

– Não consigo decidir qual dar a ela.

– Ah, meu Deus! – A voz de Noémie ficou estridente como ele não ouvia desde os tempos de brincadeira de índio e vaqueiro. Ela agarrou a barriga como se o bebê tivesse acabado de dar um chute duplo. – Você está... isto é... uh-lá-lá! É a garota que você levou à festa de Océane? A *maman* sabe disso? Uh-lá-lá-lá-lá-lá-lá! Onde está a minha câmera?

Ela pegou o telefone e tirou uma série de fotos do irmão parecendo rabugento e um tanto desesperado, com doces em formato de anel ao redor dele.

– Você não precisa sair e ter um bebê ou algo assim? – ele reclamou.

– Não seja cretino, Philippe. Ela só vai nascer daqui a dois meses. A mulher sempre parece mais gorda na segunda gravidez. Rá. Como você um dia descobrirá! – A irmã gargalhou de triunfo. – É aquela garota, a Magalie? Quando você vai contar a ela? Se a *maman* sabe e não me contou ...

Olivier, passando, sussurrou algo no ouvido dela, o que era uma pena, pois era mesmo difícil encontrar um talento igual ao dele e agora Philippe teria de demiti-lo.

Noémie levou as duas mãos à boca, e então as colocou na barriga novamente.

– Eu sabia! Eu sabia! Eu sabia! *Maman* imprime todas as postagens do blog para o livro de colagens.

Olivier, olhando para ela ao passar pela porta, fez um movimento súbito que esparramou creme inglês da panela sobre ele todo e pela barriga de Noémie. Felizmente, o creme já não estava mais quente, mas, enquanto Olivier se ocupava xingando e se desculpando, Philippe ficou paralisado diante da entrada de Magalie.

– *Bonjour* – ela disse, parecendo surpreendentemente tímida. Talvez não soubesse como fazer uma entrada pacífica no *laboratoire* dele. Ela estava tão acostumada a entradas intempestivas.

Magalie caminhou na direção de Philippe, e Olivier estava tão ocupado limpando a barriga de Noémie que nenhum dos dois conseguiu ser útil bloqueando com o corpo a visão de Magalie, e o estagiário perto da porta não tinha noção de autoridade.

Philippe endireitou o corpo devagar, e suas mãos foram deixando marcas de açúcar no balcão. Sem nada mais para usar além de seu orgulho, ele podia tentar enrolar-se o máximo possível nisso.

Ele a observou se aproximar do balcão. Para o melhor *pâtissier* do mundo, ele estava dando um espetáculo patético.

– Ainda estou trabalhando nisso – ele disse. O que quer que ele inventasse ficaria *perfeito* quando terminado.

Ela ficou parada, olhando para aquilo. Até piscar. Depois, piscou novamente. Então levou a mão à boca e piscou várias vezes em rápidas sucessões.

– Tudo isso é para mim?

Putain, ela estava chorando. Com Noémie e Olivier bloqueando seu caminho na direção dela, ele não tinha muita escolha a não ser pegá-la pelos ombros, fazendo-a saltar pelo balcão, arrastando as calças pretas e lisas no açúcar.

Ela afundou o rosto na jaqueta dele, que... Aquela era *Magalie*. Chorando no peito dele, em público.

Atrás dela, a irmã levantou os dois polegares em sinal de positivo, cheia de energia. Depois, cerrou um punho sobre a palma da outra mão em sinal de vitória. Olivier teve de desviar para não ser pego por um cotovelo. O *chef* estava sorrindo e tentava olhar discretamente na outra direção, mas não conseguia parar de fitá-los.

Magalie ficou na ponta dos pés.

– Eu realmente amo você, sabia? – ela sussurrou em seu ouvido.

– Não diga nada ainda – ele interrompeu com pressa, levando a mão à boca de Magalie. – Ainda não está pronto. Posso fazer bem melhor que isso.

Ela levantou uma caixa marrom-clara com uma bruxa estampada e abriu. Dentro, havia uma bruxa de chocolate com uma vassoura laranja. Presa à vassoura havia uma aliança de casamento masculina.

Philippe caiu para trás e atingiu o balcão. Ele tentou se segurar, tentou fazer o maldito balcão parar de balançar e voltar a ser o mármore sólido que sempre fora.

O anel era largo e forte e parecia ter dois tons de prata, mas provavelmente era de ouro branco – o que ele sabia sobre anéis de metal

precioso? Ele estava se concentrando em dizer aquilo da melhor maneira que sabia, com um doce. Magalie tinha colocado o anel de verdade lá ao moldar a bruxa, de forma que o chocolate havia endurecido em parte dele, assim Philippe teria de comer o chocolate do anel, até mesmo lamber os restos de chocolate para limpá-lo e pegá-lo.

Os olhos castanhos o observaram:

– Acho até que posso confiar em você, se estiver comigo.

Ah, Deus do céu, *ele* ia chorar. Em sua própria cozinha.

Aos poucos, foi ficando consciente de vivas e urras e palmas. E um flash. A irmã e a maldita câmera.

– Mais ou menos – disse Magalie. – Ainda vou ficar de olho em você.

Ela começou a rir um pouco. A felicidade borbulhava nele como gás. Ele tinha de ir para algum lugar. Não ia de jeito nenhum chorar na frente de seus *chefs*.

– Magalie, não consigo conceber como alguém não pode dar espaço a você.

– E vamos morar no meu apartamento até eu me cansar de dividir um espaço tão pequeno com um homem tão arrogante e estiver pronta para mudar.

Ele retorceu o canto da boca:

– Pode não levar muito tempo, Magalie.

– Será no *meu* ritmo – ela disse, severa.

Philippe tirou uma das mãos da caixa e beijou a parte interna de um pulso dela. Depois beijou a do outro, cutucando a caixa um pouco com o queixo para encontrar o ponto mais vulnerável em sua pele. A câmera da irmã soltou um novo flash.

– A resposta é “sim”? – ela perguntou com cautela.

Ele levantou o olhar dos pulsos dela para observar seus olhos, arregalados, que o encaravam.

– Houve um pedido?

De onde estava, a irmã o vaiou. Magalie estreitou os olhos castanhos.

– Deus, sim, Magalie – ele disse. – Já lhe disse uma vez que eu provavelmente daria tudo o que você me pedisse. Você não precisa nem colocar em palavras.

CAPÍTULO 38



PHILIPPE ESTAVA SENTADO na grama, com as pernas cruzadas. Océane o usava como equipamento de ginástica, subindo em seus ombros, apertando os pés com as pernas e pulando de volta na grama, em seguida, subindo novamente para começar tudo mais uma vez. Enquanto as pessoas surgiam de todas as partes. O casamento era grandioso; não podia ser diferente, entre os familiares, os amigos, os contatos profissionais que eram amigos, e a ilha toda, desde o dia daquela festa da vizinhança.

Ele ficou surpreso, dada a impressão de que Magalie era uma pessoa solitária, ao perceber exatamente quantos amigos tinha, mesmo com aquele jeito cheio de barreiras. Madame Fernand estava lá, e Claire-Lucy com Grégory. Aimée e Olivier chegaram separados, mas pareciam estar se dando muito bem. Sylvain tinha feito umas esculturas de chocolate para o casamento de Philippe em retribuição, e Cade veio junto. Muitas pessoas falavam com a artista que tocou o violino para a entrada de Magalie, incentivando-a a pensar em se apresentar de forma profissional. Philippe percebeu que Cade, que provavelmente tinha visto a artista em algum concerto por aí, assim como ele, por ingressos a duzentos euros cada, tinha ficado discretamente calada. A violinista, pelo menos, não tinha vindo acompanhada, algo que Geneviève expressou com grande alívio.

– Magalie estava sublimando tanto com a batalha com você e o chocolate dela que eu estava com medo de que ganhássemos uma reputação de casamenteiras. E é difícil se livrar de algo assim.

Christophe tinha conseguido se ajeitar à sua maneira, a qual Philippe só percebeu quando estava esperando no altar, com o coração batendo acelerado, mal conseguindo ficar em pé, observando a plateia para tentar se manter estável. E não dá para parar o próprio casamento para estrangular um velho rival imaginário, especialmente quando há uma loira bonita pendurada no braço dele, então ele deixou para lá.

Philippe ainda estava assustado em ver como a mãe de Magalie era alta. O tamanho de Geneviève talvez lhe desse uma dica, mas... ele olhou para Magalie novamente. Não era para menos que ela fosse tão obcecada por saltos. A mãe dela era tão alta quanto à dele, apesar de ter os cabelos pretos e os olhos castanhos como os de Magalie. A tia era quase tão alta quanto ele. O pai era alto também. Alto e magro, na verdade.

– Será que ela foi adotada? – ele perguntou a Geneviève discretamente, confuso. – Você é a tia com a conexão biológica, certo? Não a Aja?

– *Maman*. – Geneviève indicou com a cabeça, uma mulher pequena de cabelos pretos, rosto enrugado e olhos castanhos fogosos e que saía da casa segurando uma bandeja de alguma coisa acima da cabeça, aparentemente acreditando que daquela forma ela ficaria ao alcance de todos. – Os pais dela eram italianos e se mudaram para cá para fugir do fascismo. Ela se casou com um soldado norte-americano depois que ele se escondeu dos alemães num canteiro enorme de lavanda, onde eu fui concebida, de acordo com a história dela. Minha irmã morria de ciúme dessa história; ela queria ser a filha concebida na lavanda, ela gostava tanto disso. Nosso pai era um homem grande, e minha irmã e eu cuidamos dele. Ele morreu há dez anos. Então, veja só, não foi inteiramente sem precedente, falando de uma forma romântica, quando minha irmã se apaixonou por Peter no meio de campos de lavanda. Ela nunca imaginou que ele não fosse ficar.

– Gosto da história da sua mãe – Philippe disse, imaginando se Magalie apreciaria fazer amor nos campos de lavanda ou se isso tocava

nos assuntos mal resolvidos da infância. Ele estava sempre pronto a explorar novos perfumes e texturas. Contudo, talvez não na noite em que provavelmente seriam descobertos pela imensidão de convidados do casamento.

– Então, Magalie se parece com a avó – explicou Geneviève. – Embora, pessoalmente, sempre tenha achado que seu corpo quando criança tivesse gastado muita energia criando raízes, somente para arrancá-las e quebrá-las o tempo todo. E, depois, quando ficou um pouco mais velha e percebeu que as raízes não iam funcionar, o corpo canalizou a energia em construir uma alma forte e contida. Lá no fundo, ela nunca teve energia suficiente para fazer o corpo crescer.

Philippe olhou para a esposa, que tinha ido ajudar a avó e agora estava fazendo exatamente a mesma coisa, imaginando que se segurasse a bandeja no alto as pessoas a alcançariam melhor, ela, porém, fazia-o com um vestido decotado, de laços, da Givenchy, com uma saia longa, justa, de cor creme e cheia de plumas, que parecia lingerie ao redor da panturrilha. Que eram exibidas não com botas Givenchy, mas com sandálias Givenchy de tiras brilhantes, uma vez que era junho na Provença.

– Crescer fisicamente – ele acrescentou para ser preciso.

– Claro – concordou Geneviève. – Nós não a teríamos como aprendiz se ela fosse um marshmallow. Apesar de que acho que a alma de Magalie cresceu vinte vezes desde que começou a lutar com você. – A grande mulher fez um círculo com os dois polegares e os dois indicadores, aparentemente indicando o tamanho anterior da alma de Magalie, e depois espalhou os braços até acidentalmente bater no peito de Philippe. – Você é um bom exercício.

Ele retorceu a boca.

– Não me entenda mal, tia Geneviève, mas realmente acho que posso gostar da senhora.

Geneviève deu de ombros, indiferente.

– Você pode gostar de quem quiser. Mas talvez isto lhe dê alguma segurança, *jeune homme*: eu estou começando a gostar de você.

Ele sorriu.

– Você deve isso ao chocolate dela. Não balance a cabeça de desespero por causa de Magalie nem de nada, lembre-se, ela é ainda mais jovem que você, mas eu honestamente acho que ela nem acreditava no chocolate antes. Que pensava ser somente um divertido jogo de “fingimento” quando ficava na panela com aquele sorriso no rosto, desejando a si mesma um lugar na vida das pessoas.

– Era isso o que ela estava fazendo, desejando um lugar para ela?

– É evidente que sim. Não é isso o que você faz ao criar os doces? Não que ela pensasse dessa forma, claro. Dava para perceber, com as costas eretas dela e a recusa em precisar dos outros. Magalie só fingia que estava desejando às pessoas felicidade, liberdade, que endireitassem a cabeça, e que ela nem se importava se a valorizavam ou se precisavam dela. No entanto, quando você apareceu, ela teve de parar todo o fingimento e se jogar de cabeça naquilo.

Ele olhou para a nova tia com uma curiosidade genuína.

– Tia Geneviève, a senhora realmente acredita que vocês três podem fazer magia com as pessoas? Como... transformar homens em feras?

Geneviève deu de ombros:

– Depende de quanta transformação houver. No seu caso...

– Eu sei, eu sei. – O sorriso se espalhou pelo corpo todo quando Magalie atravessou a grama na direção dele. – Não faltava tanto assim.

– Não era o que eu ia dizer – Geneviève disse em tom de reprovação, o mesmo tom que usava para presunçosos. – Você não estava ouvindo quando falei sobre exercício? No *seu* caso, ela teve de usar o poder na potência máxima.

Ele sorriu, gostando daquilo, Magalie tendo de usar força total para chegar aonde queria com ele.

Océane saiu pulando dele e correu na direção da noiva, batendo na saia de plumas.

– Percebi que a humildade não pegou, não é? – Geneviève disse a ele secamente.

Ele se ajoelhou aos pés de Magalie quando ela parou para olhá-lo. Ela estava absolutamente linda naquele vestido. Parecia tão *feliz*. E tinha acabado de se casar com ele. Olhou para baixo, para ele, como se... como se acreditasse nos dois juntos. Como se não somente os sonhos

dele mas também os sonhos mais maravilhosos dela tivessem se tornado realidade.

– Você pode se surpreender – ele murmurou.

NOTAS DA AUTORA

TODAS AS PERSONAGENS deste livro são fictícias, mas a Île Saint-Louis, em Paris, é onde se esconde um pequeno *salon de thé* chamado La Charlotte de I'Isle, um lugar muito incrível e mágico que serviu de inspiração para La Maison des Sorcières. Um lugar com o mesmo nome da original Charlotte de I'Isle ainda existe, mas com o tempo a propriedade mudou de mãos, e todos os chapéus de bruxas e outros chapéus cônicos que se alinhavam na parede não estão mais lá. No entanto, acho que eu, e talvez todos que já passaram pela Île Saint-Louis enquanto aquela lojinha estava lá, têm uma enorme dívida com o proprietário original, Sylvie Langlet, por ter criado aquele lugar mágico. Desde que parei pela primeira vez na frente das vitrines e olhei para os chocolates das bruxas e as tigelas de folhas de menta cristalizadas, as histórias cresceram em minha mente, e imagino que na mente de muitas, muitas pessoas. Não é todo mundo que pode doar tanta magia para tanta gente.

Quanto a outros tipos de magia, os amantes dos doces reconhecerão a inspiração por detrás do *macaron* de rosa em formato de coração. O famoso *Ispahan* do legendário Pierre Hermé tem marcado a produção de doces pelo mundo desde que começou a criá-lo, e eu gostaria de agradecer a ele e a todos os outros surpreendentes *pâtissiers* franceses e *chocolatiers* por terem ajudado a fazer de Paris um mundo de magia.

E gostaria de agradecer particularmente a Laurent Jeannin – *chef* confeito principal no restaurante três estrelas Michelin de Le Bristol e *chef* confeito do ano em Le Chef de 2011 – por seu infinito entusiasmo, sua generosidade e sua paciência comigo, por me deixar pesquisar os trabalhos internos das principais cozinhas de confeitaria do mundo. E por me alimentar com sobremesas surpreendentes e extravagantes.

É realmente um privilégio encontrar pessoas tão excepcionais quando escrevo minhas histórias.

CHOCOLATE DE BRUXA

(Le Chocolat Chaud d'une Sorcière)

Uma receita compartilhada por Magalie Chaudron nos blogs A Taste of Elle e Le Gourmand

De acordo com nossa convidada, Magalie Chaudron, da mágica lojinha na Île Saint-Louis, La Maison des Sorcières, o *chocolat chaud* deve mudar conforme o tempo e a pessoa que o bebe, e nenhuma receita deve ser seguida ao pé da letra, pois por que imitar os outros? Isso soa estranhamente humilde.

Contudo, para começar, Magalie descreveu com generosidade o processo básico para nós, que acrescentamos medidas precisas para ajudar. Ela nunca havia medido os ingredientes antes.

1. Sorria. Só uma suave curva dos lábios.
2. Em duas xícaras (250 ml) de leite integral,¹ faça uma infusão com os seguintes ingredientes por 15 minutos, mantendo a temperatura baixa para que o vapor se eleve de forma suave do líquido sem formar nata (entre 60-65 °C):

1 canela em pau (1 colher de café de canela em pó)
1 semente de baunilha (se você não tem semente de baunilha, provavelmente é melhor não usar)
Noz-moscada ralada na hora (menos de 1 colher de café); se não for ralada na hora, você pode querer adicionar um pouco mais

3. Remova a canela em pau, a semente de baunilha e qualquer nata que tenha aparecido por ter se distraído com alguém como Philippe. Se preferir um sabor ainda mais rico de baunilha, retire as sementes internas da baunilha e as coloque no líquido.
4. Acrescente 225 g de chocolate amargo de boa qualidade. A intensidade do amargo depende da pessoa para quem você está fazendo, mas chocolate da marca Valrhona a 61% é um bom começo.²
5. Deixe o chocolate misturar-se ao leite por mais ou menos 30 segundos, depois bata até ficar cremoso.
6. Mantenha em fogo baixo. Quando estiver pronto para servir, misture três vezes com um sorriso e um desejo. Se você desejar que sonhos se realizem, esteja preparada para a retaliação. Sonhos são como leões: gentis quando estão dormindo.

Obs.: esta receita deixa Philippe louco. A receita *dele* usa uma mistura selecionada de três chocolates e requer um cuidadoso aumento e decréscimo de temperatura tanto do leite quanto do chocolate (separadamente) antes de misturar os dois numa cremosidade inimitável. Todas as vezes que as pessoas preferem o chocolate de Magalie ao dele, ele tem de aprender humildade de novo.

1. Até ½ xícara de creme pode ser substituída por leite se quiser uma textura particularmente rica e sedutora.
2. Ellie, em seu blog *A Taste of Elle*, deixa um recado para leitores não franceses: esta receita de *chocolat chaud* será muito melhor do que chocolate quente, mesmo se você usar pedaços de chocolate comprado em supermercados. No entanto, chocolate é o sabor principal, então use um da melhor qualidade que puder. Gotas de chocolate vão criar uma textura mais granulada do que o chocolate para coberturas, que é feito para derreter suavemente.

